

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO:

Festa de Correntes no Terreiro Fé em Deus



SÃO LUÍS

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO:

Festa de Correntes no Terreiro Fé em Deus

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

Orientadora. Profa. Dra. Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

São Luís

2022

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO:

Festa de Correntes no Terreiro Fé em Deus

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor
(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

RODRIGUES DE SOUZA AIRES, MARIA DO SOCORRO.

SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO: Festa de
Correntes no Terreiro Fé em Deus / MARIA DO SOCORRO
RODRIGUES DE SOUZA AIRES. - 2022.

212 f.

Orientador (a): MUNDICARMO MARIA ROCHA FERRETTI. Tese
(Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/CCH,
Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, MARANHÃO, 2022.

1. Festa do Divino Espírito Santo. 2. Senhora Sant'Ana. 3. Símbolos. 4.
Tambor de Mina. 5. Terreiro Fé em Deus. I. ROCHA

Maria do Socorro Rodrigues de Souza Aires

SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO:
Festa de Correntes no Terreiro Fé em Deus

Orientadora: Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutora em Ciências Sociais.

Aprovada em: 12 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Mundicarmo Maria Rocha Ferretti
Universidade Federal do Maranhão
(Presidenta)

Professor Doutor Carlos Benedito Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Professora Doutora Madian de Jesus Frazão Pereira
Universidade Federal do Maranhão

Professor Doutor Raimundo Inácio Araújo de Souza
COLUN-UFMA

Professora Doutora Ana Socorro Ramos Braga
Universidade Federal do Maranhão

São Luís

Agosto/2022



Dedico esse trabalho à minha avó paterna, Maria do Espírito Santo Lima de Souza (*in memoriam*) e a todas as “Marias” que lutam por uma vida mais digna e justa, em um mundo tão inseguro e desigual. Minha avó foi um exemplo de resistência e superação como lembra a música de Milton Nascimento e assim como eu ela também tinha a “mania de ter fé na vida”, por que:

*É preciso ter força, é preciso ter raça,
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo essa marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria.*

AGRADECIMENTOS

À FAPEMA, pela bolsa concedida durante o curso de Doutorado e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA – PPGCSoc, em sua maioria incentivadores desde a graduação, entre eles os professores Horácio Antunes Sant’Ana, Carlos Benedito da Silva e Marcelo Carneiro Sampaio.

À professora Mundicarmo Maria Rocha Ferretti que desde a graduação e mestrado, tem me guiado no aprendizado do universo afro religioso de uma forma paciente e generosa, orientando-me sempre para o respeito à diversidade e a maneira de ver o outro, o diferente. São muitas experiências compartilhadas e um aprendizado muito rico e humano ao longo dos anos, permeados por admiração e respeito. Além do exemplo, de ética e dedicação incansável a pesquisa sobre religião e cultura popular no Maranhão.

Ao saudoso professor Sérgio Figueiredo Ferretti (*in memoriam*) pelo acolhimento em seu grupo de pesquisa - GPMina - onde recebi muito apoio e incentivo. Por ter aberto às portas de sua casa, como aluna e orientanda ainda no terceiro período do curso de graduação em Ciências Sociais e pela oportunidade de conhecer o universo afro religioso. A minha profunda gratidão ao Mestre que mesmo após o seu desencarne, através de sonhos fez-se presente e colaborativo, sugerindo referências de leitura para esse estudo. *“Leia Geertz e Victor Turner, pois são referências importantes para o seu trabalho”*. (Sérgio Ferretti).

Aos colegas do Grupo de Estudos em Religião e Cultura Popular - GPMina que compartilham as suas experiências de pesquisa, durante as reuniões do grupo, proporcionam conhecimento, descontração e muita amizade, especialmente Raimundo Inácio pelo apoio e atenção. Vocês alimentam e enchem de ânimo o meu espírito nessa jornada de aprendizado e desafios da pesquisa.

À Mãe Elzita Vieira Martins Coêlho, mãe de santo do Terreiro Fé em Deus pelo acolhimento e amor ao longo dos anos, por ter permitido que eu adentrasse à sua casa e observasse o seu tambor de Mina, à sua forma de viver e as homenagens realizadas as entidades espirituais cultuadas no seu sistema de crenças. Foram muitas festas e rituais assistidos. Obrigada, pela tolerância à minha

presença estranha e, por nunca ter respondido às minhas perguntas indiscretas sobre os seus fundamentos e por ter me instigado e permitido continuar a frequentar o seu terreiro, em busca de conhecer, compreender e aprender a respeitar o universo afro religioso. “O tempo foi o meu professor”, conforme as suas palavras, mas no trabalho de campo, a sua contribuição para a realização dessa pesquisa foi fundamental. Eu jamais a esquecerei.

À Mãe Roxa, por ser sempre atenciosa, acolhedora, amiga e fazer sentir-me parte de sua trajetória, como filha de santo de Mãe Elzita e que atualmente é a cuidadora do Terreiro Fé em Deus como mãe-de-santo. Gratidão, pela paciência de sempre e afetos.

À Mãe Dinalva, sempre educada e gentil, conforme aprendeu com a sua mãe Elzita. Agradeço, especialmente por ter compartilhado o seu tempo comigo, a cada visita que fiz ao terreiro.

Ao Grupo dos Nove, que anima a festa com o oferecimento do mastro para Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo que faz desse momento uma ocasião alegre e feliz. O grupo é um exemplo de organização e colaboração com a festa, pois os participantes são motivados por muita fé e compromisso com o Terreiro Fé em Deus. É o mastro mais concorrido das festas de Divino em São Luís.

Ao Geceanderson Amorim, neto de coração de Mãe Elzita, sempre educado e colaborativo com o Terreiro Fé em Deus, com muita assistência e apoio para a realização das festas religiosas e confraternizações com as pessoas ligadas ao terreiro. Gratidão, por suas informações e esclarecimentos sobre a festa e os convites para assistir as Salvas ao Divino realizado em sua casa.

À Ângela Coêlho, filha de Mãe Dinalva e neta de Mãe Elzita que nos tempos em que eu tinha dificuldade em retornar à minha casa depois dos toques de tambor de Mina, dormia no Terreiro fé em Deus, ela sempre me conduzia a descansar no quarto de Mãe Elzita, onde eu sentia-me segura e protegida.

A todas as pessoas que encontrei e conheci no Terreiro Fé em Deus e que de alguma forma contribuíram com o meu aprendizado sobre a religião do tambor de Mina. Estão todos presentes nesse trabalho, em conversas, sorrisos, olhares, surpresas e acolhimento sempre. Dona Assunção, a guia do terreiro e a sua voz forte e grave que ecoa sempre em minhas memórias dos rituais e fez-me aprender muitas doutrinas. Lenilda, Lélia, Concita, Leonice, Leonor, Antônia, Miúda, Emanuel, Manoel, Ribamar, Terezinha, Stênio (*in memoriam*) e tantos outros que conheci.

Aos demais colaboradores pela atenção e confiança, que valorizaram o “mergulho antropológico” e etnográfico, contido nesse trabalho. Gratidão, especialmente, ao amigo José Ribamar de Aquino Filho, ou Pai Junior de Navê do terreiro Ilê Asé Ossum Navê pela amizade e apoio diante de minhas dúvidas e incertezas ao longo desse caminho em busca de aprender sobre o tambor de Mina.

Aos meus pais, Edmar e Belmira que não tiveram a oportunidade de avançar nos estudos, mas buscaram oferecer o melhor que podiam aos seus filhos quando migraram do Maranhão à Brasília, desejando melhorias e mais oportunidades aos seus seis filhos. No entanto, por conta das coisas da vida ou do destino, eis-me aqui de volta à minha terra, onde construí minha família e vivo os melhores anos de minha vida. Meu pai, quando estava de passagem por São Luís, uma vez, foi comigo ao terreiro e não entendeu nada do que viu no lugar, as pessoas e questionou-me muito sobre o que eu fazia ali. Pai, se eu tivesse todas as respostas eu não seria humana. Mas, você pode ter certeza que tudo que vivi durante o contato com o Terreiro Fé em Deus e as pessoas que encontrei por lá, foi muito importante para a pesquisadora que me tornei hoje. Mãe, a senhora estava presente na Universidade Federal do Maranhão, quando eu cursava a disciplina Seminário de Tese, com o professor Paulo Keller e passei pela qualificação do meu projeto de pesquisa. Eu senti muito orgulho em tê-la ao meu lado nesse momento e principalmente, quando a senhora dirigiu-se aos professores: Paulo Keller, Madian Frazão e Mundicarmo Ferretti e os agradeceu emocionada, pelo apoio e incentivo que recebi deles e dos colegas. Obrigada, pela vida e por tudo!

Aos meus irmãos, Sandes, Sandra, Sandro, Sâmia (*in memoriam*) e Suely, gratidão pelo apoio e aprendizado dentro do mesmo núcleo familiar, uns mais pertos e outros mais distantes, mas presentes em memórias e sonhos. Vocês são partes de minha vida, onde estiverem.

Aos meus filhos Saulo, Rafael e Isabelle, o meu mais profundo amor. Por eles eu fiz-me forte e resistente em busca de realizar os nossos sonhos. Saulo, o meu primeiro amor é o homem mais corajoso que eu conheço. Ele não foge à luta e sabe bem o que quer dessa vida: viver! Viva, meu filho e seja muito feliz! Rafael, meu amado companheiro de todas as horas! Você nasceu para grandiosidades. Deus o abençoe e ilumine sempre! Isabelle, minha filha linda, ao seu lado eu me arrisco. Você é uma mulher inteligente e determinada. Você foi muito desejada!

Meus filhos queridos que sigam sendo pessoas que vivem para o bem! Obrigada, por terem me feito mãe!

À Luna, Lara e Beatriz minhas netas amadas, minhas flores e amores.

Ao meu esposo Mário, desde a época que a inscrição do vestibular era feita pessoalmente na Universidade Federal do Maranhão e os candidatos tinham que enfrentar uma fila gigante de muitas horas. Você do seu jeito, às vezes manso, outras vezes desinteressado, quase sempre de mau humor e apressado, apesar do cansaço, esteve sempre presente ao longo dos trinta e seis anos de convivência. Com você, compartilhei até agora muitas emoções juntas e misturadas. Quantas emoções! De todas as experiências vivenciadas, tivemos aprendizados importantes e “o pulso ainda pulsa”. On continue... Obrigada, por tudo!

RESUMO

Esta pesquisa tem como pano de fundo a religião do tambor de Mina, no Terreiro Fé em Deus em São Luís do Maranhão, levando em consideração a sua influência simbólica no contexto da Festa Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo. A partir de um referencial teórico dos estudos antropológicos e sociológicos da religião e cultura. Nessa pesquisa, eu procuro elaborar uma etnografia que possibilite compreender como se processa a “visão de mundo” dos sujeitos responsáveis pela organização e realização da festa, tendo como foco o desempenho de Mãe Dina, Mãe Rôxa e o Grupo dos Nove, analisando os objetos rituais da festa, as práticas desses sujeitos e suas performances simbólicas. Assim, a pesquisa procura apontar como se processa a realização dessa festa que tem uma organização específica e, com efeito, orientada pelo sistema de crença do terreiro, com referência às entidades espirituais que estão em evidência na temática da festa, ou conforme eles dizem no terreiro: “quem está reinando”. Com essa análise, pretendo demonstrar que as pessoas agem em relação às coisas, conforme o significado que essas coisas têm para elas, bem como elaboram significados que dão sentido às suas ações, interações sociais e a força que esses significados exercem, em forma de símbolos, fornece o repertório pelo qual criamos a cultura, ou os modos de pensamento, sentimento e ação que caracterizam a nossa sociedade e tudo que acontece ao nosso redor.

Palavras-chave: Terreiro Fé em Deus; tambor de Mina; Festa do Divino Espírito Santo; Senhora Sant'Ana; símbolos.

SUMMARY

This research has as a background the religion of the drum of Mina, in Terreiro Fé em Deus in São Luís do Maranhão, taking into account its symbolic influence in the context of the Feast of Lady Sant'Ana and Divine Holy Spirit. From a theoretical framework of anthropological and sociological studies of religion and culture, in this research, I try to elaborate an ethnography that makes it possible to understand how the "world view" of the subjects responsible for the organization and realization of the party is processed, focusing on the performance of Dina, Rôxa and the group of Nine, analyzing the ritual objects of the party, the practices of these subjects and their symbolic performances. Thus, the research seeks to point out how this festival is carried out, which has a specific organization and, in fact, is guided by the terreiro's belief system, with reference to the spiritual entities that are in evidence in the theme of the festival, or as they say in the terreiro: "who is reigning". With this analysis, I intend to demonstrate that people act in relation to things, according to the meaning that these things have for them, as well as, they elaborate meanings that give meaning to their actions, social interactions and the force that these meanings exert, in the form of symbols, provide the repertoire by which we create culture, or the modes of thought, feeling and action that characterize our society and everything that happens around us.

Keywords: Terreiro Fé em Deus, drum of Mina, feast of the Holy Spirit, Lady Sant'Ana, Symbols.

SOMMAIRE

Cette recherche a pour toile de fond la religion du tambour de Mina, à Terreiro Fé em Deus à São Luis do Maranhão, en tenant compte de son influence symbolique dans le contexte de la F Fête de Madame Sant'Ana et du Divin Saint-Esprit. À partir d'un cadre théorique d'études anthropologiques et sociologiques de la religion et de la culture, dans cette recherche, j'essaie d'élaborer une ethnographie qui permette de comprendre comment la "vision du monde" des sujets responsables de l'organisation et de la réalisation du parti est traitée, centré sur la performance de Dina, Rôxa et du groupe des Neuf, analysant les objets rituels de la fête, les pratiques de ces sujets et leurs performances symboliques. Ainsi, la recherche vise à indiquer comment se déroule ce festival, qui a une organisation spécifique et, en fait, est guidé par le système de croyances du terreiro en référence aux entités spirituelles qui sont mises en évidence dans le thème du festival, ou comme on dit dans le terreiro: « qui règne ». Avec cette analyse, j'entends démontrer que les gens agissent par rapport aux choses, selon le sens que ces choses ont pour eux, ainsi qu'ils élaborent des significations qui donnent un sens à leurs actions, à leurs interactions sociales et à la force que ces significations exercent. sous forme de symboles, fournissent le répertoire par lequel nous créons la culture, ou les modes de pensée, de sentiment et d'action qui caractérisent notre société et tout ce qui se passe autour de nous.

Mots-clés: Terreiro Fé em Deus ; tambour de Mina ; Fête du Saint-Esprit ; Madame Sant'Ana ; Symboles.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Vela acesa sobre uma pedra ao lado da porta do Peji no Terreiro Fé em Deus.....	17
Figura 2	Desenho do altar do Terreiro Fé em Deus feito por Dila.....	22
Figura 3	Imagem da janela do Terreiro Fé em Deus.....	41
Figura 4	Conceição de Maria Santos ou Concita.....	61
Figura 5	Dona Assunção no Terreiro Fé em Deus.....	63
Figura 6	Terezinha Costa Pereira, membro do Grupo dos Nove.....	70
Figura 7	Dinalva Coêlho.....	75
Figura 8	Mãe Roxa em sua festa de Cura.....	78
Figura 9	Geceanderson Amorim.....	80
Figura 10	Mãe Elzita.....	81
Figura 11	Terreiro Fé em Deus – Sacavém.....	94
Figura 12	Altar do barracão do Terreiro Fé em Deus.....	98
Figura 13	Altar das entidades espirituais femininas.....	99
Figura 14	Altar para entidades indígenas na varanda do terreiro.....	100
Figura 15	Cadeira de Surrupirinha, vela, pedra e Alguidar.....	101
Figura 16	Diquinha.....	103
Figura 17	Mãe Roxa em transe com a entidade espiritual Pedrinho.....	105
Figura 18	Registro e Alvará do Terreiro Fé em Deus.....	107
Figura 19	Distribuição de frutas e manjares de côco e de maracujá na varanda do terreiro.....	109
Figura 20	Tambor das Princesas.....	112
Figura 21	Ritual da Bancada.....	119
Figura 22	Torração da comida de obrigação.....	120
Figura 23	Crianças e adultos formando fila para receber frutas e doces da Bancada.....	122
Figura 24	Imagem de Sant’Ana e Divino Espírito Santo.....	123
Figura 25	“Carta” ou convite para a festa.....	128
Figura 26	Reunião com os festeiros.....	130
Figura 27	Lista de produtos para o cargo de rei e rainha.....	131
Figura 28	Anjos da Corte: Fé, Esperança e Caridade.....	132

Figura 29	Dia da festa de Senhora Sant'Ana Divino Espírito Santo.....	134
Figura 30	Mastro de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo.....	137
Figura 31	Dona Celeste madrinha do Mastaréu).....	141
Figura 32	Dona Cotinha ao lado do mastro em 2019.....	143
Figura 33	Buscamento do mastro.	144
Figura 34	Batismo e Levantamento do mastro do Terreiro Fé em Deus.....	146
Figura 35	Visita da Corte ao Terreiro Fé em Deus.....	148
Figura 36	Recebimento dos animais entregues ao Terreiro Fé em Deus por Geceanderson e recebidos por dona Elzita, as caixeiras, dona Assunção e Lélia.....	151
Figura 37	Almoço da Corte no terreiro.	153
Figura 38	Abertura dos toques de Mina	155
Figura 39	Desenho de procissão feito por Dila.....	155
Figura 40	Almoço da Corte na copa do Terreiro Fé em Deus.....	158
Figura 41	Recolhimento dos roubos em casa do bairro Sacavém.	159
Figura 42	Bandeira de Nossa Senhora Sant'Ana.....	161
Figura 43	Dando voltas no mastro e assentada na Tribuna do altar do barracão.....	163
Figura 44	Caixeiro-régio Madson no comando na festa.....	164
Figura 45	Mesa de bolos e lembranças para Sant'Ana e para o Rei da festa....	169
Figura 46	Lembranças das mesas da rainha e do rei.	171
Figura 47	Imagens do mourão, boi malhado, São João e Caboclo de Pena Branca.....	174
Figura 48	Encerramento da festa com toques de tambor de Mina.....	181
Figura 49	Convite para o lava pratos depois da festa.	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro de entidades espirituais de Mãe Elzita.....	86
----------	----------------------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

FAPEMA	Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.
GPMINA	Grupo de Pesquisa em Religião e Cultura Popular
PPGSoc	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: ACENDA A LUZ	17
1	EXPOSIÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA E SOBRE UMA PESQUISA: “O FILME ACELERADO”	22
1.1	Luzes e cores: do ponto de vista de outras janelas	41
1.2	Você sou eu: eu sou você?.....	59
1.3	Caminhos trilhados	62
1.4	Como foi estar com eles: o Grupo do Nove, Mãe Dina e Mãe Roxa	66
2	MÃE ELZITA: O SEU LEGADO PARA O TAMBOR DE MINA.....	81
2.1	Terreiro Fé em Deus: organização, rituais, mudanças e contextualizações	94
2.2	A reestruturação do terreiro: e o caboclo Pedrinho no comando do Terreiro Fé em Deus	105
3	DANÇAR PRA SENTAR: O TAMBOR DAS PRINCESAS, SENHORAS E VODUNSI.....	112
3.1	A Bancada	119
3.2	Aleluia! “As portas do céu já estão abertas”: as caixeiras do Divino....	123
3.3	Preparar a festa: reuniões com festeiros, devotos, Grupo dos Nove	130
4	FESTA DE SENHORA SANT’ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO: ETNOGRAFIA DE UMA “FESTA DE CORRENTES”	134
4.1	Observando movimentos: O buscameto, batizado e o levantamento do mastro do Divino e Senhora Sant’Ana	137
4.2	Visita da Corte e abertura dos toques de Mina em: 24 de julho	148
4.3	O dia da festa: Missa, Procissão, Almoço, Roubo das Posses: 26 de julho	155
4.4	Resgate das Posses, Derrubamento do Mastro: 27 de julho	159
4.5	O “Sobe e Desce”: fechamento da tribuna e encerramento da festa.....	163
4.6	Distribuição de bolos e lembranças.....	169
4.7	Os bois de Caboclo Velho e Surrupirinha	174
4.8	Encerramento da festa com toques de Mina.....	181
5	CONSIDERAÇÕES	184
	REFERÊNCIAS	189
	ANEXOS.....	195

INTRODUÇÃO: ACENDA A LUZ



Figura 1 – Vela acesa sobre uma pedra ao lado da porta do Peji no Terreiro Fé em Deus.
Fonte: (Arquivo pessoal da autora).

A pesquisa que envolve esse trabalho de Antropologia da Religião dá ênfase ao estudo da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo realizada no Terreiro Fé em Deus – um terreiro de tambor de Mina - em São Luís do Maranhão. Segundo a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p.25) o tambor de Mina é: “a manifestação de religião afro-brasileira mais conhecida no Norte do Brasil, surgiu no Maranhão com a Casa das Minas-jeje e a Casa de Nagô (abertas em São Luís por africanas, em meados do século XIX)”. Por sua vez, o antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p.11) afirma que o termo: “*Mina* deriva do Forte de São João da Mina, na Costa do Ouro, atual República do Gana, um dos mais antigos empórios portugueses de escravos na África Ocidental”. Uma das principais características do tambor de Mina é a relação direta, geralmente em transe, dos adeptos à religião com as entidades espirituais cultuadas no sistema de crença do terreiro e que são

conhecidas como: orixás, voduns, caboclos e encantados. Nos toques de tambor de Mina, estas entidades espirituais são incorporadas pelas dançantes que entram em transe e cantam “doutrinas”, cujos conteúdos revelam uma mitologia que geralmente reporta-se as representações que as pessoas praticantes da religião elaboram sobre as entidades espirituais recebidas no terreiro.

Propõe-se, nesse estudo, descrever e analisar a dinâmica dos bastidores da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo com interesse em conhecer as interações entre os diversos atores sociais que participam de sua organização e realização, dedicando-se a entender, do ponto de vista etnográfico, o significado dos ritos e símbolos presentes nesse fenômeno religioso e também, da cultura popular maranhense, a partir do “ponto de vista do nativo”. Na maioria das referências bibliográficas conhecidas em torno das religiões afro-brasileiras e suas práticas tem-se privilegiado o especialista, muitas vezes, com o interesse em informações mais elaboradas ou exclusivas de um sacerdote mais experiente que um iniciado ou colaborador. Nesse estudo, procura-se apresentar os ritos e símbolos, bem como, como os atores sociais envolvidos na articulação, organização e realização da festa: o Grupo dos Nove¹, Mãe Roxa² e Mãe Dina³, que são pessoas ligadas ao terreiro e dividem esse compromisso com muita responsabilidade. Cada um atua de forma diferente para promover à festa. O Grupo dos Nove é responsável pelas atividades externas do terreiro, a saber, o buscamiento, levantamento e o derrubamento do mastro, enquanto Mãe Roxa e Mãe Dina mobilizam estratégias de organização da festa no âmbito interno do terreiro e compartilham responsabilidades religiosas.

O trabalho analisa as transformações ocorridas no terreiro nos últimos anos e sua implicação dentro do sistema de crenças e os seus rituais, como o processo de mudança de liderança da casa por conta do adoecimento e envelhecimento da mãe de santo Elzita, que resultou na extinção do tambor de Princesas. Esse tambor precedia o ritual da Bancada e tinha uma importância significativa para o desempenho das atividades do calendário religioso do terreiro e o fato desse tambor ser realizado no período do Carnaval foi um dos motivos para a sua extinção, por causa da ausência de homens que tocam os tambores. A maioria deles não tem “obrigação” com a casa por isso, escolhem a folia do momento com suas diversões,

¹ Grupo de homens ligados ao terreiro por parentesco e afinidade que se reuniram para promover apoio à festa.

² Filha-de-santo do terreiro e mãe-de-santo com muitos filhos.

³ Filha-de-santo do terreiro e filha biológica de Mãe Elzita, a dona do Terreiro Fé em Deus.

bebidas e prazeres. No entanto, o ritual da Bancada ainda é realizado na Quarta-feira de Cinzas, com a distribuição de frutas e doces para a comunidade.

Algumas questões, desenvolvidas aqui nesse estudo, surgiram no decorrer do meu trabalho de campo e da elaboração de minha dissertação de mestrado, quando problematizei a minha inserção no grupo do terreiro, quando participei do ciclo festivo, como madrinha da mesa de Senhora Sant'Ana. Naquela ocasião, analisei as estratégias utilizadas pelo pesquisador e suas relações no campo com o objeto de estudo. Escolhi fazer essa etnografia do Terreiro Fé em Deus pelo fato de eu ter uma longa convivência dentro da casa que se iniciou ainda na graduação, em 2004. Acredito, portanto, que as questões que esse trabalho suscita são de grande relevância para o estudo da religião e cultura popular no Maranhão e no âmbito das pesquisas na área de Ciências Sociais. Além disso, foi importante vivenciar essa experiência, porque nos estudos antropológicos, a observação participante é um "método consagrado" e muitas vezes, algumas especificidades desse recurso constituem elementos desafiantes para a realização da pesquisa.

Nesse caminho, pude relacionar autores "clássicos" como Durkheim que tem em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (2003) o ponto de partida para quem estuda religião, com outros autores mais recentes com Clifford Geertz (1989) e estudos sobre mobilização social que agregam muito para compreensão das estratégias dos organizadores da festa, bem como as razões dessas demandas para o crescimento do grupo de madrinhas, padrinhos, promesseiros e festeiros. Mas, a exemplo de Victor Turner (2005), que desvendou nessa obra, os sentimentos e as ideias do povo "ndembu", bem como, a sua organização política e social, a partir dos símbolos, nesse estudo: "a distinção entre as seções não é absoluta, uma vez que a parte teórica contém bastante material descritivo e as descrições são, por sua vez, intercaladas com passagens teóricas." (V. TURNER, 2005). Dessa forma, o trabalho está escrito conforme o calendário de atividades religiosas e os rituais que observei no trabalho de campo, de modo que possa permitir a melhor compreensão da história do terreiro, da vida de Mãe Elzita e das festas religiosas que ela realiza. Apesar do esforço para "enxugar" ao máximo essa etnografia considero os dados aqui expostos, algumas vezes repetidos, importantes para "levantar novos problemas".

Mais que uma pesquisa antropológica, esse trabalho foi, pois, uma grande experiência pessoal que tive quando descobri o Terreiro Fé em Deus, ao conhecer o

professor Sérgio Ferretti⁴, logo no primeiro período da graduação, iniciando o curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Maranhão. O professor Sérgio Ferretti mostrou-me o universo religioso afro-maranhense e a sua diversidade de manifestações, num encontro mediado por sua experiência e longo trabalho de pensador social admirável enquanto viveu, não media esforços para dar exemplos e bons conselhos, um traço marcante do grande mestre que ele foi. Do mesmo modo, ao lado de todo esse movimento, eu pude contar com o apoio da professora Mundicarmo Ferretti, antropóloga, pesquisadora e minha orientadora até aqui. A luz dos seus conhecimentos sobre tambor de Mina, Pajelança e cultura popular iluminaram a minha árdua tarefa de aprender a desconfiar das “piscadelas” (GEERTZ, 1989).

Muito embora, o primeiro contato com o terreiro tenha acontecido, somente um ano depois com a iniciação científica, à maneira descrita por Bachelard (1996, p.12), com “a alma animada pela curiosidade ingênua e cheia de assombro diante do mínimo fenômeno”, o que hoje me faz pensar sobre a importância do zelo pelo ofício.

Expor toda a trajetória de minha experiência antropológica no universo afro religioso do tambor de Mina, uma jornada de luzes e cores, com algumas portas fechadas, pois é uma religião cheia de segredos e mistérios desvendados somente pelos iniciados ao longo dos anos. Aqui, também exponho a minha experiência de vida, através dos meus relatos pessoais, “na esperança de outros, em especial aqueles que estão iniciando um trabalho independente, o tornem menos pessoal através dos fatos de sua própria experiência” Mills (2009, p.21) e também no afã de que não vejam nessa dissociação, apenas o “diletantismo”, mas que vejam o empreendimento enquanto esforço. O “passado influencia e afeta o seu presente e ele que define sua capacidade de experiência futura”. No meu esforço e empreendimento, tive algumas janelas abertas e observei boas vistas que proporcionam-me pontos de partida, abriram caminhos por onde andei e pude encontrar pessoas e, estar com elas. Olhei, ouvi e aqui, vos escrevo, tal qual sugeriu Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 24), busquei realizar com os meus interlocutores um verdadeiro “encontro etnográfico”.

⁴ Falecido em maio de 218.

Assim, conheci Mãe Elzita, o Terreiro Fé em Deus, as festas de sua casa, o seu sistema de crenças do seu tambor de Mina, o seu maracá, a sua devoção ao Divino Espírito Santo e as suas filhas de santo. Assisti muitos toques de tambores em noites úmidas e quentes, nos meses de fevereiro e abril e também, nas noites enluaradas do mês de julho, quando acontece a Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo. Essa é a "festa maior" da casa, pois é uma festa de correntes que destaca a força de uma categoria de entidade espiritual, com a presença da Corte posta na tribuna feita no altar central do terreiro, onde o rei e rainha constituídos por fé, imperam para a honra e devoção dos fiéis, padrinhos e madrinhas, devotos, promesseiros e vizinhança. Mãe Elzita que esteve firme por mais de cinquenta anos no comando dos rituais religiosos, das procissões pelo bairro, sempre acolheu a todos que batem à porta de sua casa e ainda hoje, ela é história viva do tambor de Mina. A sua energia ainda pulsa dentro do Peji e continua a inspirar suas filhas de santo que dão continuidade ao seu legado como a luz das velas que estão sempre acesa dentro do Terreiro Fé em Deus.

1 EXPOSIÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA E SOBRE UMA PESQUISA: “O FILME ACELERADO”



Figura 2 – Desenho do altar do Terreiro Fé em Deus feito por Dila⁵.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021)

Gostaria de apresentar essa pesquisa, a partir do que Pierre Bourdieu (2003, p.19) chama de estado “nascente” e com isso, compartilhar “a intimidade do laboratório” expondo aqui a confusão das ideias, os medos, as incertezas, a construção do objeto, os interesses, os limites e as motivações para a realização desse estudo. Esse trabalho é resultado de minha trajetória pessoal, acadêmica e das experiências vivenciadas no trabalho de campo no universo afro religioso, em um terreiro de tambor de Mina⁶ em São Luís do Maranhão. Essas trajetórias cruzam-se, quando em março do ano de 2003, cheguei à Universidade Federal do Maranhão como aluna da graduação, do curso de Ciências Sociais, motivada pela vontade de estudar a Ciência Política. Eu já havia completado trinta e cinco anos, era mãe de dois adolescentes, uma criança e também, dona de casa. O universo acadêmico trazia-me um mundo novo e a oportunidade de viver a mais fantástica das

⁵ Artista visual e escultora brasileira reconhecida internacionalmente e tem seus trabalhos expostos em museus na Europa, Estados Unidos, Argentina e no Brasil. Dila foi minha vizinha por dezesseis anos e uma grande incentivadora.

⁶ Religião afro brasileira no Maranhão. Ver Sérgio Ferretti (1996) e Mundicarmo Ferretti (2000).

experiências humanas, aquela que somente a educação pode proporcionar - a descoberta do real significado da palavra possibilidade. Ainda que exista a possibilidade de vivenciar experiências em outras dimensões da vida, foi muito importante naquele contexto ter obtido aprovação no vestibular. Eu, filha de um carpinteiro e uma costureira, nascida no interior do Maranhão e crescida na periférica cidade de Ceilândia em Brasília, sempre ouvi dizer desde criança que pobre não nasceu para ser “Doutor”, seria talvez, para muitos, uma absurda pretensão a minha querer romper esses limites e desejar uma possibilidade para vislumbrar novos horizontes. Naquele contexto, um homem nordestino, operário e dito pela elite burguesa, “analfabeto”, foi eleito presidente⁷ do Brasil e para a maioria do povo era um tempo de esperança. No meu caso, era de possibilidade e coragem.

Possibilidade de aprender coisas novas, desconstruir ideias, sentimentos e compreender a vida a partir de um novo olhar sobre as práticas humanas, viver e interagir nesse mundo que é tão “no-fio-da-navalha” que muitas vezes, ou quase sempre, não nos deixa alternativas e o que nos resta é seguir em frente. Como estudante de Ciências Sociais, descobri novos caminhos na universidade, logo no primeiro período da graduação, quando iniciei as aulas de Antropologia I, disciplina ministrada pelo Professor Sérgio Figueiredo Ferretti⁸ que no decorrer do primeiro período do curso, compartilhou generosamente com a turma, além da sua presença, a sua experiência de pesquisa, o seu conhecimento e, sobretudo, a sua sabedoria. Foi quando conheci os autores clássicos da ciência antropológica, como Bronislaw Malinowisk e a rica etnografia realizada no litoral sul da Nova Guiné que resultou na obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922) e também, o trabalho de Franz Boas (2004) com os indígenas norte-americanos e os esquimós, entre outros autores mais recentes, como a obra de Clifford Geertz (1989) e Victor Turner (2005). Conhecer a história da Antropologia foi descobrir que “a vida é uma questão de decidir como

⁷ Luís Ignácio Lula da Silva que coincidentemente foi reeleito no ano 2022 e atualmente ocupa o cargo de presidente do Brasil.

⁸ O Professor Sérgio Ferretti faleceu em 23 de maio, do ano de 2018 em decorrência de problemas cardíacos. Ainda lembro-me bem, quando ele aconselhou-me que seria interessante em minhas apresentações de trabalhos, que eu falasse sobre a minha inserção tardia no mundo acadêmico, em uma fase, “bem mais experiente para a vida”. Ele certamente percebeu que havia em minha trajetória, muitos acontecimentos importantes que impulsionaram o meu caminho até este momento, pois já eu já tinha três filhos e uma família bem movimentada. O fato de eu ser “bem mais experiente pra vida”, conforme o professor Sérgio Ferretti, costumava dizer, fazia-me lembrar de que eu era a aluna mais velha da turma e os colegas mais jovens, de vez em quando, pediam-me remédios para “dor de cabeça”. Certamente eles pensavam que eu já estava sofrendo alguns males da idade. Só que não! Na verdade, a idade a mais que me pesava os ombros e a cabeça ajudou-me a valorizar o espaço acadêmico.

viver e envolve a todo o momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra” (INGOLD, 2019, p.07). Como resultado disso, a vida acadêmica ramificou-me para o mundo afro-religioso do tambor de Mina e eu me vi nesse universo, apresentado pelos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti, logo no começo do curso de Ciências Sociais.

No decorrer da disciplina, a cada experiência com as leituras antropológicas, eram descobertas de outras culturas, modos de vida e formas de organizações sociais. Eu que nunca havia conhecido ou frequentado um terreiro de tambor de Mina ou visto um tambor de Crioula ou acompanhado um buscamento de mastro da festa do Divino e conhecia apenas a brincadeira de Bumba-boi com suas matracas, pandeirões, caboclos de pena agora me via diante de um novo mundo e muitas perguntas saltavam à minha mente, a cada nova descoberta que a disciplina Antropologia proporcionava-me. Em que planeta eu vivia? O planeta mãe, o planeta esposa, no universo doméstico. No entanto, nessa vida é preciso ter coragem para enfrentar novos desafios e eu estava nessa *vibe*. Então, para “construir a minha própria história”, viver outras experiências e aprender o diferente, e estudar Antropologia, com Professor Sérgio Ferretti, no primeiro período do curso de Ciências Sociais, foi o ponto de partida. No decorrer da disciplina, ele resolveu levar os seus alunos para visitar dois museus⁹ no centro histórico de São Luís e avisou com antecedência que após essa visita, na semana seguinte, gostaria de receber um “relatório de campo”. Nesses relatórios, a orientação foi para que cada aluno descrevesse as suas primeiras impressões e percepções das visitas aos museus. Eu não fazia ideia do que significava ir ao museu com o olhar de antropólogo e do empreendimento necessário para perceber os “imponderáveis” impregnados em cada objeto, os significados, a energia, a vida que foi vivida e os fragmentos expostos ali que ainda pulsavam e comunicavam a existência humana e suas idiossincrasias e foi fascinante! O fascínio do primeiro encontro como observou Gaston Bachelard (2003, p.25) “é sempre um obstáculo à cultura científica. De fato a

⁹ Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, mais conhecido como Casa da Festa e o Centro de Pesquisa e História Natural e Arqueologia do Maranhão, ambos localizados na Rua do Giz no Centro Histórico de São Luís. Quando tive a oportunidade de trabalhar como professora substituta de Antropologia pelo Programa Darcy Ribeiro na Universidade Estadual do Maranhão, atuei na região da Baixada Maranhense, no interior do Estado e em dois pólos eu recebi apoio dos coordenadores para trazer os alunos do interior e assim eles puderam conhecer os museus no Centro Histórico de São Luís, trilhando o mesmo exemplo do Professor Sérgio Ferretti.

observação primeira, basta descrevê-la para se ficar encantado”. Foi encantador e, também, a oportunidade de ver os registros materiais de muitas temáticas discutidas em sala de aula e poder sentir um pouco mais de perto a atmosfera e também, a efervescência da vida cultural e histórica da cidade de São Luís.

A primeira parada foi no museu de Arqueologia¹⁰ do Maranhão, onde a época havia uma biblioteca, meio desorganizada em uma sala úmida, estantes de ferro oxidado, livros dentro de caixas velhas, papéis avulsos e cheirando a mofo. No entanto, com um material muito rico e que por lá estava o livro “Desceu na Guma” (2000), da professora Mundicarmo Ferretti¹¹. Foi o meu primeiro encontro com uma obra sobre o tambor de Mina e eu não fazia a menor ideia da importância que essa obra teria para a minha pesquisa e futura inserção no campo afro-religioso. Nesse livro, a professora Mundicarmo Ferretti desenvolve muitas ideias interessantes sobre a presença das entidades caboclas dentro do tambor de Mina e outras práticas rituais, do terreiro Fanti Ashanti localizado no bairro chamado Anil, em São Luís do Maranhão e que foi liderado pelo falecido pai de santo Euclides¹². A visita ao museu de Arqueologia proporcionou-me as primeiras descobertas antropológicas como estudante de Ciências Sociais. No entanto, a visita ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho foi uma experiência marcante, pois visualizar aquelas manifestações culturais materializadas em objetos, maquetes e a própria estrutura do museu, um grande casarão colonial, cujas existências humanas que por lá passaram ainda hoje irradiam muita energia em suas instalações, até mesmo quando se observa o poço que abastecia com água as necessidades dos primeiros moradores. Naquela tarde antropológica, eu tive a sensação que estava embarcando em uma viagem sem volta.

Mas, com o término da disciplina, foi somente no terceiro período do curso que eu retomei o contato com o professor Sérgio Ferretti, quando ele anunciou a turma que o seu grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular - GPMina¹³ - estava

¹⁰ No museu de Arqueologia, fomos recebidos pelos arqueólogos Deusdete e Márcia que mostraram o laboratório e o trabalho que eles desenvolvem com fragmentos de sociedades que um dia precederam a nossa. Os alunos tiveram uma excelente aula sobre como funcionava o museu e o que é ser arqueólogo. Anos depois, como professora substituta de Antropologia da Universidade Estadual do Maranhão, também levei os meus alunos para conhecer esse museu, a exemplo do professor Sérgio Ferretti.

¹¹ O Professor Sérgio Ferretti apresentou o livro de sua esposa com muito orgulho.

¹² Atualmente, o terreiro Fanti Ashanti é liderado por Mãe Kabeca.

¹³ O GPMina é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão e atualmente é coordenado pela Professora Mundicarmo Ferretti.

aberto para quem tivesse interesse em fazer a iniciação científica nessa temática de estudo. A esta altura, a maioria dos meus colegas já estava engajada em vários grupos de pesquisas e eu entendi que o meu interesse em Ciência Política já havia ficado para trás. À época, eu ainda não tinha a “noção de campo” para perceber que todo objeto de estudo está inserido em um conjunto das relações de onde retira “o essencial de suas propriedades”, conforme observa Pierre Bourdieu (2003 p.27-28). Segundo esse autor, é preciso “*pensar racionalmente*” e ainda, pela inexperiência e falta de habilidade, não tinha a dimensão do que Marcel Mauss (2003, p.187) pontuou com o conceito de *fato social total* quando afirma que, na vida social, “tudo se mistura, tudo que constitui a vida propriamente social”. Foi através da Antropologia e a complexidade dos seus temas que percebi a multiplicidade de coisas em movimento no mundo social, inclusive, a Ciência Política. Apesar de ainda não ter a menor ideia do que eu poderia descobrir com a minha inserção no grupo de estudos - GPMina - muito desajeitada, eu fiz um subprojeto de pesquisa e então, comecei a iniciação científica com o professor Sérgio Ferretti e também com a professora Mundicarmo Ferretti.

Assim, foi a partir da minha inclusão no grupo de estudo GPMina no ano de 2004, logo no início da graduação que tive a oportunidade de conhecer a festa do Divino, o tambor de Mina e outras temáticas relacionadas à religião e a cultura popular. No grupo de pesquisa, pude estabelecer o primeiro contato com a leitura de textos de autores da Antropologia da religião afro-brasileira, como: Sérgio Ferretti, Vagner da Silva, Mundicarmo Ferretti, Reginaldo Prandi e outros. No GPMina, conheci os trabalhos de pesquisas de estudantes de graduação e pós-graduação, através das leituras de relatórios¹⁴ de seus trabalhos de campo, textos antropológicos e atividades acadêmicas, a partir dos informes de eventos nacionais, internacionais e sobretudo, locais. Os informes sobre eventos locais geralmente falavam das festas que seriam realizadas em algum terreiro da cidade e o professor Sérgio Ferretti gostava muito de escolher algum terreiro para visitar em dia de festa. Ele também costumava convidar os alunos a irem com ele aos terreiros assistir toques de tambor de Mina. A maioria dos alunos do grupo de estudo gosta de ir ao campo com Mestre, ainda mais os que tinham interesse em assistir algum ritual relacionado ao seu tema de pesquisa ou quisessem conhecer um terreiro diferente.

¹⁴ As observações dos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti eram sempre de incentivo ao aluno que trazia novas informações ao grupo de estudo, com as leituras desses relatórios.

O professor Sérgio Ferretti ainda oferecia uma carona. Hoje eu percebo com muita clareza a importância dessa disponibilidade do mestre no desempenho de seu ofício e o cuidado que isso representava com o processo de iniciação científica e interação do aluno novato dentro do próprio grupo de estudo e ainda mais na inserção no trabalho de campo, o laboratório onde se pode empreender um *modus operandi*. Essa seria a postura, tal como afirma Pierre Bourdieu (1989, p.22) ao explicar que:

O ensino de um ofício, ou para dizer como Durkheim de uma “arte”, como se vê bem nas sociedades sem escritas e sem escolas - mas também é verdadeiro quanto ao que se ensina nas sociedades com escola e nas próprias escolas - numerosas modos de pensamentos e de ação - e muitas vezes os mais vitais - transmitem-se de prática a prática, por modos e transmissão totais e práticos, firmados no contato direto e duradouro entre aquele que ensina e aquele que aprende (“faz como eu”). Os historiadores e os filósofos das ciências - têm frequentemente observado que uma parte importante da profissão de cientista se obtém por modos de aquisição inteiramente práticos - a parte da pedagogia do silêncio, dando lugar à explicitação não só dos esquemas transmitidos como também dos esquemas empregados na transmissão é sem dúvida tanto maior numa ciência quanto nela são menos explícitos e menos codificados os próprios conteúdos, saberes, modos de pensamento e ação.

Pierre Bourdieu (1989) pontua que transmitir um *habitus* científico faz o sociólogo assemelhar-se mais a um treinador desportivo de alto nível do que com um professor da Sorbonne. Ele procede por indicações práticas, assemelhando-se nisso ao treinador que imita um movimento ou por correções feitas à prática em curso e concebidas no próprio espírito da prática “faz como eu”. Marcel Mauss (2003, p.405), no ensaio “*As técnicas do Corpo*” afirmou que em todos os elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominavam e a noção de educação podia sobrepor-se à de imitação, pois o ato de educar se impõe de fora, do alto por alguém que detém autoridade e prestígio. A minha inserção no grupo de pesquisa GPMina e o contato, com os professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti foi decisiva para a continuidade dessa pesquisa pois as correções e orientações dos mestres foram muitas do começo ao fim¹⁵. A minha participação no grupo de pesquisa e o contato direto com estudiosos também me proporcionou a

¹⁵ Uma das últimas orientações que recebi do Professor Sérgio Ferretti foi para realizar a leitura do Livro “O Culto ao Divino” do antropólogo português João Leal e fazer a resenha do livro. Ele estava escrevendo a apresentação da obra para ler no lançamento e falou-me que certamente haveria nesse texto muitas informações que eu poderia usar para melhorar minha resenha, pois ele já havia feito a leitura do livro muitas vezes e queria que o trabalho ficasse o mais informativo possível. Assim, o professor enviou-me o seu texto por e-mail. No entanto, lamentavelmente não pude participar do lançamento do livro por ter sido hospitalizado e vindo a falecer depois de alguns dias.

possibilidade de manter conhecer diversos pesquisadores oriundos da Europa e dos Estados Unidos que tinham as suas pesquisas relacionadas à religião e a cultura afro brasileira em São Luís e contavam com o apoio e colaboração do GPMina. Entre esses pesquisadores, conheci o professor João Leal, um antropólogo português estudioso de festas que mantinha estreita relação com os professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti enquanto realizava a sua pesquisa sobre festa do Divino, em terreiros de tambor de Mina, em São Luís. A pesquisa do Professor João Leal resultou no ano de 2017, publicação da obra: “O Culto ao Divino: *migrações e transformações*” e a partir da orientação do professor Sérgio Ferretti fiz a leitura dessa obra e produzi a resenha intitulada: “A Festa do Espírito Santo: *rituais e movimentos além-mar de Portugal*¹⁶” publicada no ano de 2018 na Revista de Pós de Ciência Sociais/Universidade Federal do Maranhão.

O contato, com o professor Leal foi decisivo para eu começar a interessar-me pela festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, quando a pedido do professor Sérgio Ferretti tive a oportunidade de compartilhar com esse pesquisador momentos de seu trabalho de campo¹⁷ realizado em alguns terreiros de tambor de Mina em São Luís, inclusive, no Terreiro Fé em Deus. As visitas aos terreiros eram constantes e no campo, pude observar o seu modo de interação junto aos pais e mães de santo, com as caixeiras e festeiros, os devotos, os padrinhos, as madrinhas e o mais interessante e enriquecedor foram os conselhos sugeridos a partir de longas conversas durante os percursos e itinerários aos vários terreiros pesquisados.

Foi marcante para mim quando o professor João Leal observou que a maioria dos estudos sobre as religiões afro brasileira sempre dá ênfase a “*visão de mundo*” dos especialistas e pontuou que é necessário olhar para os outros atores sociais envolvidos com a festa e conhecer o que eles pensam, qual o seu papel na estrutura e organização e o que importa para eles nesse movimento todo. Por exemplo, o que motiva as cozinheiras da festa do Divino que são as senhoras responsáveis por preparar o almoço, o jantar e o lanche servido aos convidados, no decorrer do ciclo festivo? É interessante, conhecer como elas pensam a sua

¹⁶ Publicada em: www.periodicoseletronicos.ufma.br Repocs, v.15, n.30, jul./dez.2018. Revista Pós de Ciências Sociais/Universidade Federal do Maranhão.

¹⁷ O terreiro de Mina que mais visitei com o Professor João Leal, além do Terreiro Fé em Deus, foi o terreiro do Pai Edmilson, localizado na zona rural de São Luís, em um povoado chamado Igaráú. Nesse terreiro, a festa do Divino é realizada com setenta e dois impérios, entre outras particularidades, como a dança com espadas.

participação dentro da estrutura da festa e qual a importância disso para elas. O que fazem com as lembranças recebidas no dia da festa? Desviar o foco do papel dos especialistas como informantes privilegiados e dar voz aos atores sociais envolvidos com a organização da festa é redirecionar o olhar para novos “horizontes antropológicos”, descobrir um novo universo e conhecer o que esses atores sociais pensam de si mesmo e como materializam a religião. O professor João Leal foi um grande colaborador para germinar muitas ideias contidas neste estudo e os seus ensinamentos antropológicos foram importantes pontos de partida, principalmente no trabalho de campo, quando tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas ligadas aos diversos terreiros que ele pesquisou.

No campo, quando comecei a “falar com as pessoas” eu acredito que foi quando mais prosperei, pois observei, esperei, participei, celebrei, cantei, dancei e pude perceber novos caminhos para essa pesquisa. Estudar com as pessoas e não “fazer estudos” sobre elas, no trabalho de campo, foi uma forma de compromisso, a partir de relações que foram construídas e fundamentadas na confiança ao longo dos anos de contato com o Terreiro Fé em Deus. O objeto de estudo não deve objetificar às pessoas e sim, prestar atenção nelas, isso é um fundamento essencial da antropologia. Um dos conselhos sugeridos por Pierre Bourdieu (1989 p.26) sobre a construção do objeto leva em conta que:

A pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o *rigor*, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apetecia-me dizer: “É proibido proibir” ou “livrai-nos dos cães de guardas metodológicos”.

No grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular - (GPMina), tive a oportunidade de conhecer alguns terreiros de tambor de Mina, em companhia dos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti em diversos bairros de São Luís. Entre tantos terreiros, conheci as centenárias Casa das Minas e a Casa de Nagô, ambas localizadas no centro da cidade. A Casa das Minas é um terreiro mais fechado, embora receba muito bem as pessoas, conforme pude constatar quando fiz algumas visitas a esse terreiro e pude assistir alguns rituais, entre eles o levantamento de mastro para o Divino no mês de maio. Mas, em especial, presenciei na companhia

dos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti dois rituais de “*tambor de choro*”¹⁸ realizados em um único dia, um pela manhã e o outro durante à tarde, após o almoço ser servido. Conheci a centenária Casa de Nagô que tem um modelo de culto mais difundido e muitos terreiros de São Luís são originários dessa casa, conforme mostra a pesquisa de Maria do Rosário Carvalho Santos e Manoel dos Santos Neto (1989, p.35) que elaborou a árvore genealógica de muitos terreiros, identificando a suas raízes:

Estes chamados terreiros de raiz, em sua maioria Nagô, gentil, cambinda, tapa, fulupa e outros, fundados no século passado e início deste tiveram uma importância marcante no universo afro-religioso de São Luís, uma vez que deram origem a dezenas de terreiros.

Além desses dois terreiros citados, os professores Ferrettis levaram-me ao Terreiro do Justino na Vila Embratel, a casa de Mãe Mariinha no Angelim, o Terreiro de Mãe Venina na Vila Zumbi dos Palmares e a casa de Pai Leopoldo no bairro Cohab. Mas foi o contato longo e duradouro com o Terreiro Fé em Deus, casa de Mãe Elzita, onde realizei a pesquisa de graduação (AIRES, 2008), que permitiu-me obter dados e informações sobre as atividades da casa, os toques de Mina, outros rituais¹⁹ e a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Quando realizei essa pesquisa, o meu interesse voltou-se para as relações do tambor de Mina com rituais considerados não africanos, como o ritual de Cura e tambor de Borá. Nesse estudo, utilizei as referências antropológicas de autores como Clifford Geertz, Victor Turner, Durkheim e os estudos sobre religiões afro-brasileiras, sobretudo no Maranhão, com a obra de Mundicarmo Ferretti e Sérgio Ferretti.

O tambor de Borá foi extinto no Terreiro Fé em Deus no ano de 2018 e era um ritual realizado no mês de setembro para receber as entidades espirituais indígenas e, ao mesmo tempo, homenagear São Miguel Arcanjo. Este ritual caracterizava-se como uma abertura do sistema de crença do tambor de Mina do

¹⁸ Conforme descreveu o antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p.162/163) quando morre uma pessoa que tenha sido dançante ou tocador na Casa das Minas, como nos outros terreiros, realiza-se a cerimônia denominada tambor de choro, também chamada *Zelim* ou *Zeli* entre os jeje. Considera-se que o tambor de choro é para despachar o espírito do morto, para que ele tome consciência de que já morreu. Em 15/04/2004 foi realizado o tambor de choro para dona Roxinha que tinha função na casa e para seu Sebastião que era abatazeiro (tocador de tambor) e também irmão de dona Deni que hoje também é falecida, mas, a época era uma das líderes da Casa e para o almoço serviram arroz branco, peixe frito e caruru.

¹⁹ O ritual de Cura que é realizado no mês de maio e o tambor de Borá que foi extinto em 2018, mas que era realizado no mês de Setembro. Sobre o ritual de Cura ver Mundicarmo Ferretti (2000, p. 226). O tambor de Borá era um ritual realizado para homenagear entidades espirituais indígenas.

Terreiro Fé em Deus. Com esse estudo foi possível compreender a junção de diversos elementos que compõem o sistema de crença do terreiro que se manifesta fora do modelo tradicional e caracteriza uma dimensão agregadora do tambor de Mina ali praticado, com a presença de aspectos religiosos “não africanos”. A extinção do tambor de Borá foi causada por um “desentendimento” entre as entidades espirituais Caboclo Ita²⁰ e Surrupirinha que é o guia do terreiro. No entanto, dizem por lá que a insatisfação das pessoas não tem relação com o mundo espiritual e o que aconteceu já era previsível. Dona Assunção que é a guia²¹ da casa, contou-me como aconteceu essa situação:

Não foi briga! O caso é que ele (Caboclo Ita) já queria que encostasse o tambor. Aí Surrupirinha disse é? Ele é meu pai²², então eu vou levar o tambor de Borá. Aí ele cantou a doutrina que tem que ser e foi saindo de costa, de costa, fazendo aceno pra todo mundo sair. Só que pra mim, ele (Caboclo Ita) não gostou muito. Ele e o dono (Caboclo Velho) da casa. Eles todos viviam dentro da corrente e Surrupirinha achou que devia terminar o tambor. A gente saiu mesmo! Quando a gente começou a dar conta da gente, estava todo mundo ali sentado na cadeira²³, porque quando ele mudou, ele mudou de uma vez. Ele disse: “nós vamos ficar ali nessa cadeira, até cada um se retirar”. Assim foi! Tinha muita gente, tava todo mundo atuado! Foi só assim! Mas, encantado quando se aborrece, ele se aborrece! Oh, mas é tanta roupa do Borá! É cheinha de roupa de Borá! Tudo perdida! Não pode aproveitar não, porque as que são com miçangas elas vão tudinho, vai ser na despedida. (ENTREVISTA EM: 22/05/2022).

No curso de mestrado (AIRES, 2014), o meu objetivo foi dar continuidade aos estudos sobre o tambor de Mina no Terreiro Fé em Deus e a pesquisa buscou analisar as relações do pesquisador no campo, com ênfase para as situações humanas que envolvem o pesquisador e suas estratégias de interações com o objeto de estudo, a partir de minha participação como madrinha da mesa de bolo na festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Nesse trabalho, constatei que alguns aspectos da experiência humana vivenciados pelo pesquisador, na realização do trabalho de campo, são relações de poder permeadas por dinâmicas, contradições e uma boa dose de conflitos. Esse estudo teve como base teórica a noção de *fato social total* de Marcel Mauss (2003), que afirma existir nesses “fenômenos sociais totais” um enorme conjunto de fatos que misturam tudo que constitui a vida social. Constatei que as *prestações* e *contraprestações* entre

²⁰ Chefe da corrente do tambor de Borá até 2018 no Terreiro Fé em Deus.

²¹ Segunda pessoa depois da mãe de santo Elzita.

²² Caboclo Ita era o guia de Mãe Denira, a mãe de santo de Mãe Elzita.

²³ No tambor de Borá as dançantes sentavam-se no chão da varanda, como fazem os índios.

pesquisador e objeto de estudo são formas de interações, sobretudo pela doação material relacionada ao desempenho de funções ou práticas que se processam dentro de um determinado espaço social, e nesse caso, um terreiro de tambor de Mina.

Para o trabalho de doutorado, continuei com a pesquisa no Terreiro Fé em Deus, nos termos do projeto “A Festa do Divino Espírito Santo como espaço simbólico: *uma etnografia da economia, circulação e consumo de objetos rituais*”. Ele envolveu trabalho de campo realizado entre maio de 2017, 2018, 2019, 2020²⁴, 2021 2022. A princípio, pareceu-me interessante conhecer a economia da festa e problematizar as estratégias elaboradas pela mãe de santo do terreiro e suas filhas de santo, colaboradores e devotos, para o desempenho da festa, planejando ainda discutir a questão dos símbolos e os seus significados nos diversos contextos rituais que envolvem a comunidade do bairro Sacavém e o Terreiro Fé em Deus. No entanto, com o decorrer das disciplinas, principalmente “Seminário de Tese”, quando se realiza a qualificação do projeto com a participação e colaboração de professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGC Soc) e também do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão. Discutem-se novos termos e caminhos para pensar a pesquisa e outras ideias e interesses foram surgindo (sobre o mesmo interesse, mas com um novo olhar) e foram pouco a pouco sendo delineados nesse estudo. Foi um momento de refletir sobre as minhas relações no campo e o que eu poderia descobrir e aprender, principalmente, sobre a minha produção acadêmica. No decorrer de minhas relações com as pessoas ligadas ao Terreiro Fé em Deus que muito contribuíram com a construção de trabalhos anteriores (AIRES, 2008; AIRES 2014) algumas situações de pesquisa não foram levadas em consideração e hoje chamam-me à atenção. Então, segui o conselho da professora Mundicarmo Ferretti de que seria mais interessante centralizar a análise simbólica desse estudo a partir da “visão do nativo”, ou seja, compreender o que seria a “visão de mundo” dos responsáveis²⁵ pela realização da festa. Para o antropólogo Clifford Geertz (1997, p.107) é possível:

²⁴ O ano de 2020 foi o auge da pandemia no mundo e as atividades religiosas do Terreiro Fé em Deus foram parcialmente suspensas.

²⁵ Os responsáveis pela festa são: dona Maria Auxiliadora, conhecida como Mãe Roxa; Dinalva, que é filha carnal de mãe Elzita; e o Grupo dos Nove que em sua origem, era composto por nove homens ligados ao terreiro, por meio de parentesco com filhas de santo e responsável por fazer o buscamento, levantamento e derrubamento do mastro. Atualmente, o grupo é aberto para quem quiser colaborar com as despesas inerentes a essa fase da festa.

Entender a forma e a força da vida interior de nativos - para usar uma vez mais essa palavra perigosa - parece-se mais com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada - ou como sugerir acima interpretar um poema do que conseguir uma comunhão de espíritos.

Desse modo, encarando o empreendimento metodológico para “entender a piada” (DARTON, 2001), continuei com as questões observadas anteriormente, como: tambor de Mina, dádivas, festa, símbolos e ritual. É um debate que remete do particular ao geral, tendo em vista que, partindo da “visão do nativo” sobre a simbologia da festa, ou seja, dos responsáveis pela organização e realização da festa é possível romper limites locais e perceber a “visão de mundo” desses atores sociais, a partir de caminhos que apontem novos horizontes, considerando que a vida em sociedade é dinâmica e pequenos grupos possuem relações que influenciam e são influenciados por grupos maiores. No campo, observei a prática ritualística do tambor de Mina do terreiro, a decoração do espaço e os objetos rituais relacionados à festa, suas falas e uma rede de relações que perpassa todas as etapas desse fenômeno social, principalmente as suas estratégias para mobilizar pessoas, recursos, pois conforme eles dizem: “a festa é feita por nós”!

Assim, essa pesquisa tem como pano de fundo a religião do tambor de Mina, levando em consideração a sua influência simbólica no processo social, no contexto da festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus. Mas, a partir de um referencial teórico dos estudos antropológicos e sociológicos da religião e cultura. Nessa pesquisa, eu procuro **elaborar uma etnografia que possibilite compreender como se processa a “visão de mundo” dos sujeitos responsáveis pela organização e realização da festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus - terreiro de Mina - em São Luís do Maranhão, tendo como foco o desempenho de Mãe Dina, Mãe Roxa e o Grupo dos Nove, analisando os objetos rituais da festa, as práticas desses sujeitos e suas performances simbólicas.** Para Max Weber (1992, p.124):

Todo conhecimento da realidade infinita, realizado pelo espírito humano finito, baseia-se na premissa tácita de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto de compreensão científica e de que só ele será “essencial” no sentido digno de ser conhecido.

Esse estudo procura apontar como se processa a realização dessa festa que tem uma organização específica e, com efeito, orientada pelo sistema de crença do terreiro, com referência às entidades espirituais que estão em evidência na temática da festa, ou conforme eles dizem no terreiro: “quem está reinando”. Com essa análise pretendo demonstrar que as pessoas agem em relação às coisas conforme o significado que essas coisas têm para elas, bem como elaboram significados que dão sentido às suas ações, interações sociais e a força que esses significados exercem, em forma de símbolos, fornecem o repertório pelo qual criamos a cultura, ou os modos de pensamento, sentimento e ação que caracterizam a nossa sociedade e tudo que acontece ao nosso redor. Desta forma, chamo atenção para a implicação dos símbolos como forma de fazer referência aos acontecimentos mais importantes de tudo que se passa na vida social, tendo a ordem social como ordem simbólica.

Centrado no domínio da Antropologia e pondo em diálogo o campo das Ciências Sociais, o presente estudo tem por objetivo geral descrever a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, essa manifestação da cultura e religião popular brasileira, vivenciada pela comunidade do Terreiro Fé em Deus, tendo como foco, a “visão de mundo” de Mãe Roxa, Mãe Dina e o chamado Grupo dos Nove. A festa é um *ritual simbólico* - realizado em ciclo, dentro de um terreiro de tambor de Mina, e que é parte importante da história do bairro Sacavém, há mais de cinquenta anos em São Luís do Maranhão. Envolve a comunidade do bairro com realização de procissões, missa e a participação de vários atores sociais, por meio de apadrinhamento, colaboração de recursos materiais e devoção. Nesse sentido, essa manifestação da religião e cultura popular proporciona formas de sociabilidades, estimulando as relações entre os envolvidos com a festa e a comunidade do bairro Sacavém, amplia o seu espaço em contextos diversos e públicos. Mancur Olson (2009, p. 49), afirma que para os grupos ou organizações não inseridas no contexto de mercado que visam um benefício coletivo, quanto maior o número dos membros disponíveis para partilhar os benefícios e custos, mais favorável é o resultado. Para o autor, o comportamento de um grupo pode ser tanto “inclusivo” quanto “exclusivo”, pois depende da natureza do objetivo em vista e não de alguma característica de seu corpo de integrantes.

A festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo é uma festa “inclusiva” e mobiliza uma rede de relações que é muito importante para o seu bom

desempenho e ocorrência, pois há muitos elementos que dão notoriedade a festa. Mas, a vitalidade e ingrediente essencial desse fenômeno está na fé e devoção à Senhora Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo, para a maioria dos participantes da festa. A participação da comunidade do bairro, dos padrinhos e colaboradores, possibilita interações entre o grupo religioso do Terreiro Fé em Deus e o bairro Sacavém com outras localidades da cidade e até mesmo, com outros estados do Brasil, como o Rio de Janeiro, onde mora Ildenir Freitas e nessa cidade, atua como participante na Casa do Maranhão e faz festa do Divino, oficina de caixas e atividades culturais. A importância da rede de relações do grupo do terreiro com outras categorias reflete-se no desempenho e mobilização de muitos elementos que dão notoriedade à festa.

O alcance dessas interações é marcado por afetividades e por significações que se processam por meio de sentimentos. Percebe-se, desta forma, que à festa objetiva valores através de elementos simbólicos que servem de referências, tanto para a comunidade do bairro Sacavém quanto para o grupo religioso do Terreiro Fé em Deus. Nesse sentido, a dinâmica da festa é sempre entre os sentimentos e as simbolizações. Conforme afirma Duarte Jr. (1991, p.18-19) a consciência reflexiva humana dá-se através dos símbolos, que ordenam, classificam e representam o mundo, exatamente o que afirmaram Durkheim e Mauss (2001, p.444) ao falarem sobre a história da lógica, ou seja, da faculdade humana de conceituar, classificar. Utilizaram o argumento sociológico para argumentar que nenhuma sociedade é igual à outra e mesmo dentro de uma sociedade, ocorrem mudanças e particularidades que discriminam os grupos sociais. Para esses autores: “a classificação tinha como objetivo, sobretudo regulamentar a conduta dos homens”, ou seja, “a classificação das coisas pressupõe a classificação dos homens”.

O Terreiro Fé em Deus, contexto dessa pesquisa, está localizado no bairro Sacavém, em São Luís do Maranhão, um bairro popular. Fundado por Mãe Elzita Vieira Martins Coelho, foi registrado em um cartório no centro da cidade de São Luís, como Associação Cultural Folclórica de Amparo Sócio Assistencial Casa Fé em Deus. Segundo nos informou²⁶ Mãe Rôxa (filha de santo de Mãe Elzita), o registro do terreiro foi feito com esse nome devido às festas tradicionais da cultura

²⁶ O registro do terreiro é relativamente recente e foi feito em 18 de Março de 2011 depois de mais de dois anos de um processo para reconhecer e tirar o CNPJ. Essa informação foi obtida em conversa com Mãe Rôxa (EM: 25/08/14) e está registrada em minha dissertação de Mestrado.

maranhense que são realizadas na casa, como: o Bumba-boi, o tambor de Crioula, o Pastor e a festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo. No ano de 2020, por conta da pandemia do **corona vírus**, algumas atividades foram suspensas e a festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo não foi realizada. No entanto, no mês de dezembro, foi realizada no terreiro a festa de Nossa Senhora da Conceição, mas de forma bem discreta e com poucos participantes, apenas para cumprir algumas obrigações, pois dezembro é o mês em que celebram o aniversário de fundação do terreiro e, conforme me foi falado por Mãe Dina, filha carnal de Mãe Elzita, essa data “não pode passar em branco”.

Desse modo, essa pesquisa resultou do interesse intelectual por um objeto múltiplo e contextual dentro das Ciências Sociais e da Antropologia das religiões afro-brasileiras, além do acolhimento que tive ao longo do contato com o terreiro de Mãe Elzita, com as pessoas do bairro e a inserção nesse campo, sem deixar de lembrar o incentivo e orientação que recebi no grupo de estudos - GPMina - através dos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti. Estudar a festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo realizada dentro de um terreiro de tambor de Mina, sendo esta a “festa maior” (LEAL, 2017) do terreiro é importante para conhecer e compreender elementos que compõem e fazem parte da vida social do bairro Sacavém, na cidade de São Luís do Maranhão. Nessa ocasião é quando podemos ver os arranjos de grupos que formam-se cada um com seus interesses, conflitos, associações e laços que surgem, numa movimentação de uma sociabilidade mais intensa por conta do ciclo da festa e seus variados contextos. É um período alegre e emotivo para todos os envolvidos e isso propicia ressignificações de valores e práticas que muitas vezes, são permeadas por mudanças²⁷ de estratégias como é o caso do buscamto do mastro que é responsabilidades do Grupo dos Nove e também é a fase mais concorrida da festa.

O meu interesse por esse universo, “à qual podem ligar-me laços afetivos, positivos ou negativos produtos dos meus investimentos anteriores, não passam na realidade de um ponto num espaço de relações objetivas” (BOURDIEU, 2003, P.30) que considero muito importante e necessário compreender para estabelecer um diálogo entre esses atores sociais responsáveis pela realização e organização da festa, dessa manifestação cultural e religiosa tão característica do Maranhão. Tenho

²⁷ Ao longo dos anos de contato com o terreiro, o buscamto do mastro já foi realizado em três endereços: no bairro Santo Antônio, Radional e atualmente, bairro Sacavém.

a pretensão de aguçar o meu olhar sobre esse fenômeno com o qual me deparo a partir de minha incursão ao Terreiro Fé em Deus, desde a minha graduação, e buscar conhecer ainda mais a estrutura do sistema de crença que é cultuado dentro do terreiro. Assim, continuo com algumas referências teóricas que foram bases fundamentais, no decorrer do processo de amadurecimento dessa pesquisa e compreensão desse fenômeno social, tais como a noção de “*fato social total*”, para pensar a diversidade de temas dentro da festa que é uma “multiplicidade de coisas em movimento”. No decorrer do trabalho, serão apresentados como ponto de partida, os conceitos de “*sociabilidade*”, “*arte*”, “*cultura*” e “*religião*”, que permearão as discussões sobre os estudos dos *símbolos* referentes à festa, com ênfase na “visão de mundo” de Mãe Rôxa, Mãe Dina e alguns participantes do Grupo dos Nove, de modo a conhecer as suas práticas e singularidades dentro do espaço em discussão. Com efeito, faz-se necessário uma caracterização social dos responsáveis pela organização da festa, pois conhecer a composição de determinado “segmento social” pode trazer à luz novos entendimentos sobre esse fenômeno social.

A maioria dos participantes da festa tem uma história de vivência dentro do tambor de Mina, com suas famílias e muitos estão “herdando” a função de festeiro do pai ou da mãe, cumprindo uma promessa a Senhora Sant’Ana ou ao Divino Espírito Santo, e como dizem dentro da casa: fazendo às suas “obrigações”. Dessa forma, parto do entendimento de que a festa Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo é realizada em um terreiro de tambor de Mina, pode ser interpretada, por meio dos “*símbolos rituais*”, como uma “*festa de correntes*²⁸”, tendo em vista que os responsáveis pela festa são orientados pelas entidades espirituais cultuadas no sistema de crença do terreiro. A relevância dessa pesquisa, realizada em um terreiro de tambor de Mina - Terreiro Fé em Deus - com interesse *nos símbolos*, presentes na “*visão de mundo*” dos responsáveis pela realização da festa é percebida pela sua contribuição aos muitos debates acerca da mobilização dos arranjos que se estabelecem e evidenciam as relações entre grupos sociais e suas tomadas de posições, dentro desse processo social e permite compreender aspectos de um processo histórico e social no Maranhão. A ênfase nas ações desses atores sociais

²⁸ *Corrente* é um termo utilizado pelos pertencentes do tambor de Mina do Terreiro Fé em Deus para designar as diversas entidades espirituais que são cultuadas no sistema de crença do terreiro. Assim, quando realizam toque de Mina em fevereiro é para a corrente das Princesas, Moças e Senhoras.

justifica-se pela importância do que Turner (2005, p. 49) destacou ao afirmar que os símbolos são essencialmente envolvidos com o processo social e que é preciso compreender as suas fases distintas, quando os grupos ajustam-se, fazem mudanças e adaptam-se ao meio ambiente. Instiga também, o interesse e a realização de pesquisas sobre a religião afro-brasileira e suas particularidades contextuais, mas também disponibiliza elementos gerais da cultura popular no Maranhão. É importante compreender como funciona esse universo, isto é, conhecer e analisar a organização da festa, os interesses que impulsionam esses atores sociais e as interações que acontecem no interior desse fenômeno social.

Esse estudo contribuirá para compreender um fenômeno social de extrema importância para a construção da identidade social maranhense, sobretudo, proporciona uma grande contribuição para os estudiosos de festas, da cultura popular, para a antropologia da religião, pois colabora para a explicação deste fenômeno e a diversidade de ideias que são inerentes às conexões entre pessoas e grupos. Considerando a capacidade que a festa tem para mobilizar redes sociais mais precisas, com a disposição para construir coletivos que operam as relações entre as pessoas e promovem o sentimento de pertencimento, destaco a importância da festa, como elemento na construção da ordem social. Assim, é necessário entender como o “símbolo ritual” converte-se em fator de ação social, em energia num determinado campo de atividade. A noção de *símbolo* que utilizo na proposta desse estudo é utilizada por Victor Turner (2005), sob uma perspectiva continuamente ajustável às dinâmicas sociais e materializações nomeadamente no domínio da Antropologia, tal como afirma Turner:

Como antropólogos sociais, somos potencialmente capazes de analisar o aspecto social dessa relação. Podemos, por exemplo, examinar as relações de dependência e independência entre a sociedade total e suas partes da mesma natureza. Podemos ver como o mesmo símbolo dominante, em certo tipo de ritual, representa determinado grupo ou princípio da organização social, e, em outro, representa um grupo ou princípio social diferente, e que, no seu conjunto de significados representa a unidade e a continuidade da sociedade (TURNER, 2005, p.80).

O conceito de “símbolo” foi trabalhado por Victor Turner em sua obra *“Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu”* (2005) em sua pesquisa entre os Ndembu da Zâmbia para referir-se às atividades e ao comportamento dos aldeões que tinham a vida marcada por rituais. A partir desse pressuposto, Turner

(2005, p.49) afirma que um “*símbolo*” é uma coisa que o consenso geral define como referência e memória de algo, “através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos”. Ao falar de “*símbolo*” Turner (2005, p. 50) afirma o potencial que este possui para associar-se aos interesses, objetivos, fins e meios humanos, quer sejam “explicitamente formulados, quer tenham que ser inferidos a partir do comportamento observado”. Em suas análises, Turner (2005, p.49) afirma que os símbolos relacionam-se a “objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais, em uma situação ritual” que tomo como ponto de partida nesse estudo e proponho ampliar esse entendimento para pensar as estratégias e redes de relações de um grupo religioso com diversos atores sociais que se articula e contribui para sua organização e realização da festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, como uma festa religiosa e popular, realizada em um terreiro de tambor de Mina.

Nesse sentido, percebe-se que o símbolo é performático, produz ação e fornece o mecanismo pelo qual se cria e se adquire a cultura, ou os modos de pensamentos, sentimentos e ações que caracterizam as sociedades. Entendo que uma importante implicação dos símbolos é o fato deles fornecerem modelos para classificar as experiências humanas e dispô-las dentro de uma estrutura de referência mais ampla e dar forma significativa àquilo que acontece ao redor das pessoas e compreender melhor o mundo, com mais qualidade. O homem combina e agrupa símbolos para formar os conceitos e utilizá-los com a finalidade de classificar suas experiências sensoriais em categorias sociais ordenadas. Essas categorias com frequência tomam a forma de nomes - nomes que possuem significados compartilhados pelos membros de uma cultura. O mastro da festa carrega essa virtude, por ser o símbolo anunciador, convidativo e acolhedor da festa, pois é referência do Divino e de Sant’Ana, das pessoas que participam, da vizinhança que colabora e por ser morada de Deus e a forma como se percebe o mundo e a própria existência dos que estão participando da festa.

A problematização está relacionada com a perspectiva geertziana que pressupõe a necessidade de entender como o símbolo condensa a “*visão de mundo*” que são os valores que o povo conserva em um quadro de coisas elaborado e reflete a realidade da natureza, dos homens, da sociedade e os valores que estes possuem em relação às ideias mais gerais sobre a ordem social. Nesse sentido, conhecer as características particulares da festa de Senhora Sant’Ana e Divino

Espírito Santo realizada no Terreiro Fé em Deus significou compreender como são estabelecidas essas redes de relações entre as diferentes categorias sociais que se formam para a realização da festa e como se dá a dinâmica de aproximação entre esses atores sociais. Assim, a “*visão de mundo*” descreve o *ethos* implícito no estado de coisas reais do qual esse tipo de vida é expressão autêntica, pois o *símbolo* armazena todos esses significados, “existencial e normativo”. Dessa forma, destaco um argumento antropológico interpretativo para elaborar uma etnografia da festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus - terreiro de Mina - em São Luís do Maranhão, analisando os objetos rituais, em relação ao desempenho dos sujeitos responsáveis pela organização da festa - Mãe Dina, Mãe Roxa e o Grupo dos Nove. Por símbolos religiosos, Clifford Geertz (1989, p.93 - 94) pontua que:

Os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade: seu poder peculiar provém de sua capacidade de identificar o fato com o valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma, seria apenas real. O número desses símbolos sintetizadores é limitado em qualquer cultura e, embora em teoria se possa pensar que um povo poderia construir todo um sistema de valores, independente de qualquer referente metafísico, uma ética sem ontologia, na verdade ainda não encontramos tal povo. A tendência a sintetizar a visão de mundo e o *ethos* em algum nível, embora não necessária logicamente, é pelo menos empiricamente coerciva.

Segundo Charles Mills (1975, p.139) a comunicação sobre os diversos estudos realizados na área das ciências sociais contribui para fundamentar o nosso trabalho porque:

Cada modo de trabalhar nos estudos sociais, cada escola de estudos e de métodos de realiza-los, implica uma “teoria do progresso científico”. Suponho que todos concordarão que o progresso científico é cumulativo: que não é criação do homem, mas, o trabalho de muitos, revendo e criticando, acrescentando e subtraindo da totalidade dos esforços. Para que o nosso trabalho conte, devemos relacioná-lo com o que foi feito antes e parta do que está sendo feito no momento. Isso é necessário a fim de haver comunicação e “objetividade”. Devemos apresentar o que fizemos de forma que os outros possam comprová-lo.

1.1 Luzes e cores: do ponto de vista de outras janelas

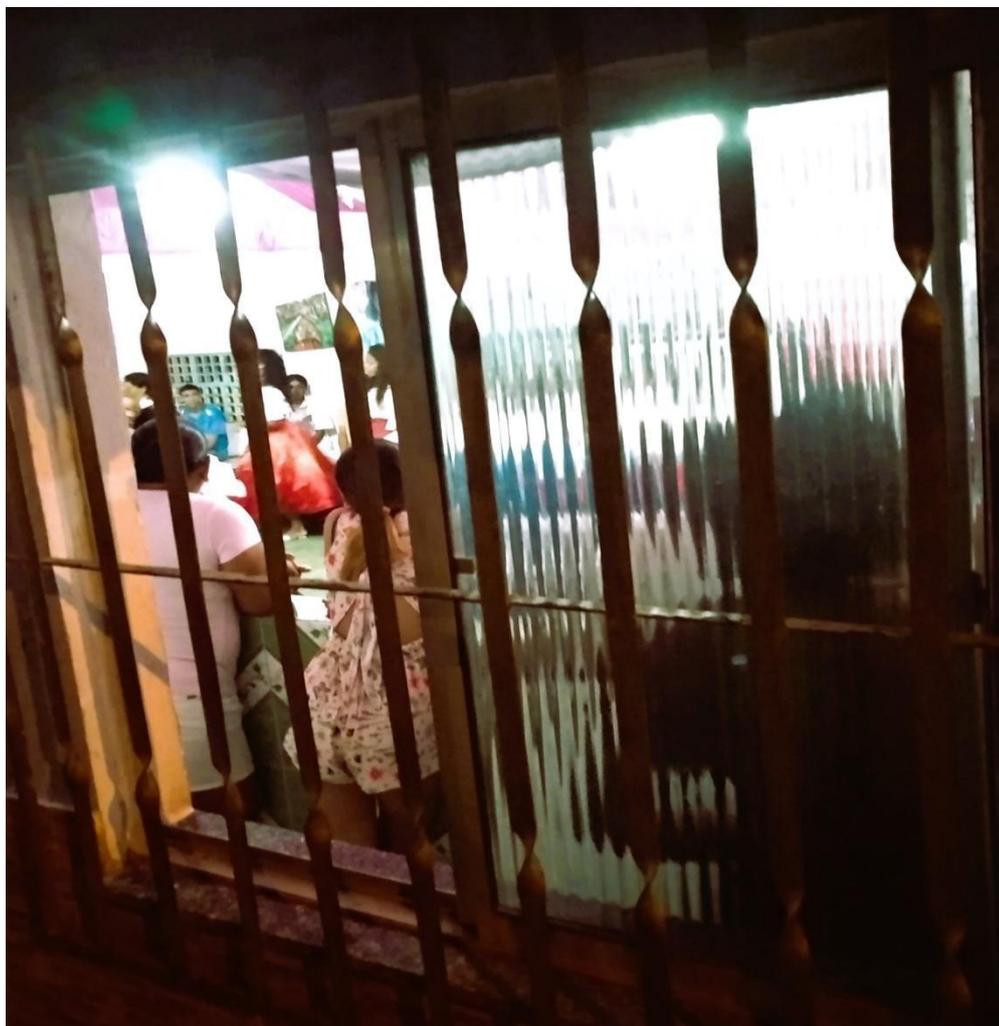


Figura 3 – Imagem da janela do Terreiro Fé em Deus.

A festa do Divino Espírito Santo, em São Luís do Maranhão, como eu apresento a seguir, já foi objeto de estudo de muitos pesquisadores e inúmeros trabalhos. Muitos autores dedicaram-se a tratar sobre diversos temas, como: Sérgio Ferretti, (1995, 1996), Mudicarmo Ferretti, (2000), Leal (2017), Lindoso, (2007), Santos e Santos Neto, (1989), Pavão, (1999, 2003), Oliveira, (1989), e entre tantos, destaque as pesquisas de: Marise Barbosa (2006), realizada em dezesseis municípios do Maranhão, em alguns terreiros de tambor de Mina. Nesse trabalho, a autora destaca a importância do papel das caixeiras do Divino, que são mulheres que tocam os tambores rituais e conduzem todo o culto. Do mesmo modo, Gouveia (2001), deu ênfase a participação das caixeiras e o grande reconhecimento social que elas possuem, justamente por serem detentoras de grandes conhecimentos e

responsáveis por toda a ritualística da festa. Além de pontuar que essa festa foi incluída no calendário das casas de culto afro maranhenses, sendo em São Luís organizada especificamente pelos grupos de tambor de Mina ou pessoas ligadas a essa religião, estando a festa diretamente relacionada com as divindades espirituais cultuadas nesses locais sagrados.

O trabalho do antropólogo João Leal (2017) é o mais recente sobre o tema e, em seu livro, o autor afirma que a origem das festas do Espírito Santo na América do Norte deu-se em virtude da emigração açoriana para regiões do Canadá, Estados Unidos, Havai e nas Bermudas. Além de outros contextos, como o Brasil, Angola, Madeira e em Cabo Verde, as festas do Espírito Santo constituem uma referência marcante de Portugal mundo a fora. Em São Luís, esse autor realizou pesquisa em terreiros de tambor de Mina, com destaque para o Terreiro Fé em Deus no bairro Sacavém - casa de Mãe Elzita - onde ele afirma ter percebido uma maior proximidade com a ideia de sincretismo entre religiões afro maranhenses e o catolicismo.

É importante notar que os trabalhos desses pesquisadores sobre festa do Divino, mesmo realizando estudos de campo em terreiros de tambor de Mina, em relação a minha pesquisa, eu busco mostrar outros elementos e um novo olhar sobre a festa. Nesse estudo, afirmo que as diferentes etapas do ciclo festivo são fases de um mesmo fenômeno social e, nesse sentido, essa pesquisa relaciona diferentes campos temáticos sobre a Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus: pela ênfase dada à razão simbólica, a partir da explicação, interpretação da função ao significado e o poder do símbolo ritual (EVANS-PRICHARD, 1976, 1978), (TURNER, 2005, 1974), (BOURDIEU, 2003, 1987), (GEERTZ, 1989, 2003). Pela tentativa de compreender a “visão do nativo” as representações e práticas sociais.

Aqui destaco que a categoria *símbolo* constitui o principal instrumento deste estudo (TURNER, 2005), por ser entendido aqui como linguagem social a respeito de um grupo religioso praticante de tambor de Mina, tendo em vista que, essa linguagem transmite “informações sociais” sobre um espaço social, no seu atributo de ser uma verificação dos mitos, normas e valores com uma cosmologia e fundamentos da religião e da organização social. Com essa abordagem, pretendo analisar a dinâmica do Terreiro Fé em Deus, enquanto espaço religioso vinculado ao bairro Sacavém e a relação dos elementos simbólicos da festa de Senhora Sant'Ana

e Divino Espírito Santo. Como outros fenômenos da vida social, a religião e as atitudes coletivas referentes a esse processo podem ser vivenciadas de diferentes formas, de acordo com os significados compartilhados por essa experiência entre os sujeitos. Conforme os sentidos atribuídos a esse processo, ocorrem variações nas concepções sobre a religião, segundo as transformações históricas e culturais.

A religião é uma das dimensões sociais que expressa as ideias principais de uma sociedade e Max Weber afirma que para compreender uma sociedade ou uma existência humana é necessário identificar à sua lógica implícita, a partir das suas concepções metafísicas e religiosas (ARON, 2002, p.794). Para Max Weber, a religião é um instrumento de transformação social, tendo em vista que contribui para definir determinadas condutas e revela aspectos específicos do *ethos* de um grupo ou sociedade. Marcel Mauss (2003, p.187), incluiu o fenômeno religioso entre os “fenômenos sociais totais”, que se mistura a tudo que constitui a vida social e nessa perspectiva, o tema da religião foi inserido por Mauss no âmbito antropológico. Complementando esse debate, Clifford Geertz (1989, p.65) pondera que os antropólogos da religião dedicaram-se mais ao estudo de “proposições²⁹ já estabelecidas” o que fatalmente levou a comprovação do “indubitável”. A sua análise da religião advém dos aspectos culturais das sociedades que ele considera: “tão públicos como o casamento e tão observáveis como agricultura” (GEERTZ 1989, p.68). De todo modo, penso que todos os sistemas culturais, em suas diversidades de trato com a religião, encontram formas de conhecê-la e defini-la nas suas redes de significantes. A sugestão deste autor é que essa tradição intelectual deve ser o “ponto de partida para qualquer teoria antropológica da religião que seja útil” e que os conceitos herdados desta “tradição intelectual” possam ser ampliados nas suas possibilidades de uso, transportando-os³⁰, para um “contexto muito mais amplo do pensamento contemporâneo”.

Por buscar entender as motivações e as razões dos grupos sociais mobilizarem-se o estudo desses autores em muito contribuíram para essa pesquisa (MELUCCI, 2001), (THOMPSON, 1998), (TARROW, 2009), (OLSON, 1999). O elemento emocional é um ingrediente de muita importância para elaborar estratégias

²⁹ Segundo Geertz (1989) estas proposições são: o culto aos ancestrais apoia a autoridade dos mais velhos, de que os ritos de iniciação são meios de estabelecer a identidade sexual e a posição de adulto, de que os grupos rituais refletem oposição políticas, etc.

³⁰ Para Geertz (1989) os riscos e perigos deste procedimento são óbvios: um ecletismo arbitrário, uma traficância teórica superficial e a simples confusão intelectual.

de coerção e incentivo para a “inclusão” de novas categorias de participantes ou colaboradores da festa, com objetivo de promover as demandas econômicas inerentes ao desempenho e manutenção do ciclo festivo e conseguir custear as despesas onerosas da “festa maior” do terreiro. Dessa forma, os estudos acerca da ação coletiva constituem instrumentos pelos quais eu pude perceber como os organizadores da festa elaboram diversas estratégias para a manutenção do ciclo festivo. Cada um com sua abordagem específica contribuem com um olhar próprio sobre a relevância da ação coletiva, como elemento marcante de identidade, associativismo, transformações e conquistas de demandas para determinados grupos sociais. Além de refletir a importância e a diversidade das formas que configuram a ação coletiva, enquanto fenômeno social, com características peculiares, objetivos e particularidades.

Nesse sentido, o estudo de Alberto Melucci (2001, p.29) caracteriza um movimento social, como: “um fenômeno coletivo que têm significados, formas de ação, modo de organização muito diferenciado e que investe uma parte das suas energias para manter unidas as diferenças”. Para ele, um movimento social configura-se, a partir de “três condições indicadas”, necessárias para que se possa falar de movimento social em sentido estrito do termo, as quais são: a *“solidariedade, o conflito, e a ruptura dos limites de compatibilidade”*. O autor destaca que a emoção é um componente importante, pois se relaciona com a identidade que mobiliza a ação coletiva através da “solidariedade”, isto é, da capacidade que os autores possuem para reconhecerem-se como parte de uma mesma unidade social. Nesse sentido, o mesmo acontece com os atores sociais inseridos na organização e realização da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, o sentimento de fé é um dos ingredientes principais de toda a movimentação do grupo, para realizar a festa. Em conversa com mãe Rôxa sobre a sua motivação para organizar e participar da festa, bem como os padrinhos e as madrinhas das crianças do Império, ela afirma que antes de tudo é preciso ter fé:

As pessoas que participam da festa são pessoas que acreditam e têm fé, porque só vai fazer festa que tem fé, quem acredita. Não são pessoas convidadas. As pessoas se oferecem, fazem promessa de colocar o filho para homenagear Sant’Ana e fazem todo aquele ritual, aceito por eles e

recebem³¹ de bom grado. As pessoas assumem as responsabilidades (ENTREVISTA EM: 28/04/2021).

De igual maneira Sidney Tarrow (2009, p.40-41; 145) destaca que na ação coletiva a “mobilização do consenso e identidades” depende da confiança e da cooperação gerada entre os participantes do grupo. Ele destaca que a terminologia para descrever o que leva as pessoas à ação coletiva não é mais a ideologia, considerada um termo seco e automático e afirma que os estudos mais recentes utilizam termos variados como: “quadro interpretativo, pacotes ideológicos e discursos culturais, para descrever os significados compartilhados que inspiram as pessoas a uma ação coletiva” e as demandas são mais amplas e vibrantes.

Um dos aspectos mais recorrentes na temática dos movimentos sociais evidencia a importância do componente emocional como fonte de força e ânimo na ação coletiva. Certamente os autores que mencionam a dimensão emocional da “ação coletiva” operam uma lista abrangente de observações e práticas que fundamentam esse elemento e Sidney Tarrow (2009) utiliza a categoria “*quadro interpretativo*” para explicar o apelo que “*justifica, dignifica e anima*” a ação coletiva e dá um lugar estratégico ao elemento emocional, pois é necessário usar o apelo no processo de alinhamento do “quadro interpretativo” e que “nenhuma transformação significativa de reivindicações em ação pode ocorrer sem que se estimule ou se crie energia emocional”. Conforme o autor esclarece, algumas emoções são mais mobilizadoras que outras, como o “amor, a lealdade” e que com o passar do tempo, os empreendedores de movimentos sociais utilizam “esses eixos emocionais” como recurso ou estratégia para promover a participação dos indivíduos nas organizações, a partir das emoções evocadas por meios de rituais, símbolos e lugares.

De modo geral, os organizadores da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo falam da importância da fé e o amor para conseguirem suportar as demandas que exigem a realização da festa, principalmente, sacrifícios financeiros e desgastes físicos causados pelo trabalho. Não desmerecendo a criatividade e a capacidade dos organizadores de articularem suas ideias de maneira racionalizada mas, o ponto de partida para a movimentação é a emoção de poder participar da festa. Sidney Tarrow (2009, p.146) sublinha que o aspecto emocional constitui fonte de confiança e mostra a relação da religião com os movimentos sociais:

³¹ Cada pai, mãe, madrinha ou padrinho recebe uma lista de despesas com mantimentos, roupas e determinada quantia de dinheiro que é necessário para fazer a participação na festa.

Por ser tão confiável como geradora de emoção, a religião é uma fonte recorrente para o enquadramento interpretativo de movimentos sociais. A religião fornece símbolos, rituais e solidariedades já prontos e que podem ser acessados e apropriados pelos líderes dos movimentos. (...) Mais do que qualquer outro movimento recente, foi o feminismo que levou ao reconhecimento da força da emotividade nos movimentos sociais.

Por sua vez, para Mancur Olson (1999, p.17), “o ponto lógico para iniciar qualquer estudo sobre organizações é o seu propósito”, ou seja, é necessário perceber o que incita e quais interesses estão em jogo e os mecanismos postos em prática no desempenho da ação coletiva. Olson afirma que apesar dos membros de um grande grupo almejem racionalmente a maximização de seu bem-estar pessoal, eles não agirão, ao menos que haja uma coerção, para forçá-los a tanto, ou um incentivo à parte, mesmo diante de um acordo de um bem comum e de um método para obtê-lo. Nesse sentido, a partir da abertura da Tribuna, quando todos os envolvidos com a festa recebem as suas orientações sobre como será a temática do evento e as demandas inerentes as suas responsabilidades, é fixado no espaço da varanda do terreiro um aviso indicando certo valor em dinheiro que deve ser oferecido por quem tem condições de colaborar ou quer participar de alguma forma com as despesas da festa. O aviso fixado à parede é bem direto em sua mensagem e diz: “*cota para o boi*” e embaixo desse lembrete, há o valor estipulado para ser doado que é obrigatório para os filhos de santos da casa e para os visitantes amigos é “sugestivo”.

A organização da festa usa várias estratégias para incentivar, motivar e animar o grupo a obter recursos para que o seu objetivo seja alcançado de forma satisfatória e o aviso sobre a necessidade de “colaborar” com algum dinheiro coage a participação de todos. Nesse sentido, Mancur Olson (1999, p.25) destaca que as organizações tem em sua base uma dimensão emocional ou “ideológica”, capaz de pôr em jogo muitas coisas por ser fonte de unidade e forças extras que funcionam como “motivação não econômica para a lealdade organizacional do grupo e uma poderosa arma para angariar apoio”. Olson menciona, como exemplo de elemento emocional ou ideológico, a religião, a linguagem ou herança cultural comum aos indivíduos, como fonte de forças extras para fortalecer a ação coletiva. Nesse sentido, a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus, só é possível porque é organizada em fases que possibilita o cumprimento do calendário anual das atividades do terreiro. Dessa forma, há tempo

para mobilizar e agregar novos colaboradores que são motivados por razões diversas, mas que também compartilham interesses similares aos indivíduos inseridos no sistema de crença cultuado no terreiro. A fé, devoção promessa e amizade, são sentimentos que “juntos e misturados” motivam a colaboração para a realização da festa de alguma forma. A mobilização de recursos tem uma dimensão “inclusiva”, pois abre o sistema da organização da festa, para fora e para além do grupo religioso, cujo objetivo geral do grupo é “levar a custos mais baixos” a onerosa despesa inerente a esse ciclo festivo. Desse modo, a festa pode ser entendida aqui como ação coletiva de um grupo religioso praticante de tambor de Mina, tendo em vista que, no decorrer do ciclo festivo transmitem-se “informações sociais” sobre um grupo social e faz-se compreender a dinâmica de sua continuidade e a dimensão de suas diferentes etapas, bem como o seu desempenho, em face de situação de pandemia e todas as dificuldades inerentes aos novos desafios atuais.

Posso dizer que o trabalho também aborda o enfoque da arte e cultura nas Ciências Sociais, em perspectivas antropológicas e sociológicas que tem grande relevância como suporte para análise da realidade social, (DURKHEIM, 2003) (GODBOUT E CAILLÉ, 1999), (GEERTZ, 2003), (EAGLETON, 2011), (BASTIDE, 1979). Uma das referências clássicas nesse campo é o sociólogo francês Émile Durkheim (2003, p.32) e seu estudo sobre religião *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912). Conforme ele pontuou sobre esse fenômeno social, a religião é:

“Um sistema de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada de igreja, todos aqueles que a eles aderem”.

Para esse autor, o estudo da religião possibilita compreender o fundamento moral das relações sociais e é um meio pelo qual o homem se expõe, por que: “é uma manifestação natural da atividade humana, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor esse aspecto de nossa natureza” (DURKHEIM 2003, p.04). Uma das contribuições de Durkheim foi fornecer um esquema teórico cujos conceitos (representações, ritos, etc.) engendram a construção da sociologia do conhecimento e põe em evidência a importância de dois tipos de fenômenos sociais: os símbolos e os ritos (ARON 2003, p.514). Durkheim (2003, p.416) afirma que a religião não seria o que é se não concedesse um lugar às livres combinações do pensamento e da atividade, ao jogo, à arte, a tudo que diverte o espírito fatigado com o que há de sujeição excessiva no trabalho cotidiano: as

próprias causas que a fizeram existir faz disso uma necessidade. O autor afirma que a arte não é somente um objeto ornamental exterior com que o culto dissimula o que pode ter de demasiado austero e rude: por si mesmo, o culto tem algo de estético e muitas das condutas sociais são dirigidas não para as coisas em si mesmas, mas para seus símbolos (DURKHEIM, 2003).

Por sua vez, Roger Bastide (1979, p.38) destaca que a origem da arte tem como referência a organização da vida em clãs que de certo modo, “impunha ao primitivo uma forma comunitária de trabalho, a música e o canto nasceram da comunhão dos esforços, por conta da necessidade de que não se aborreçam”. Segundo esse autor, nessa teoria: “as primeiras formas de arte são os cantos de ofício” que divertiam e motivavam o grupo durante o trabalho. Assim, como as “toadas de caixas” das caixeiras que ecoam e revigoram os espíritos dos participantes inseridos na organização e realização da festa, animando-os, para desempenhar as suas responsabilidades e funções dentro do ciclo festivo, a começar desde a abertura da Tribuna até o encerramento da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Roger Bastide (1979, p.42-43), menciona que para Durkheim a arte deriva da religião e afirma que: “o desenho nasceu da necessidade de representar sobre a terra, sobre a madeira, sobre a tenda, o totem da tribo; a dança da excitação coletiva que brota da cerimônia pela comunhão coletiva. Essa teoria parece fortalecida pelos fatos.” Ao elencar as diversas teorias sobre a origem da arte, Bastide (1979) destacou, por exemplo, que em algumas teorias, o trabalho, o sexo, a religião resultavam em explicações sobre a origem da arte. No entanto, a conclusão do autor é que todas as teorias concordavam em um ponto que: a “arte só poderia ter nascido da colaboração de indivíduos”.

Nesse sentido, a participação das caixeiras no ciclo festivo com a arte de tocar caixas e cantar “toadas de caixas” para Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, no desempenho da festa durante o ciclo festivo, inserem igualmente todos os presentes na festa e expressam uma solidariedade social, reforçando os vínculos que unem uns aos outros, reafirmando a natureza social dos homens. Desperta a *efervescência* que é uma das características que Durkheim (2003, p.417-418) destacou como traço comum entre religião e festa, quando diz que:

O homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observa-se em ambos os casos, as

mesmas manifestações: gritos cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulante que elevem o nível vital, etc.

A discussão sobre a origem da sociologia da arte parece uma eterna questão, principalmente em torno do seu lugar, como ressalta Zolberg (2006, p.31), pois conforme a autora é:

desnecessário voltar a afirmar ou analisar aqui as muitas discordâncias que dividem as escolas de pensamento sociológico, salvo quando isso ajuda a esclarecer porque a sociologia da arte, ainda não encontrou nicho confortável, seja nas ciências sociais, seja nas disciplinas humanísticas.

A autora afirma que há uma falta de consenso em torno da sociologia da arte porém, essa situação gerou oportunidades para o desenvolvimento de um campo intelectual, pois de certo modo, “obrigou” os cientistas sociais a refletirem sobre suas ideias a respeito da estética, resultando em boas formulações teóricas e inovações. Zolberg pontua que essas disciplinas estão separadas por barreiras intelectuais e institucionais que impedem o entendimento. Dessa forma, Zolberg (2006, p.38-39) salienta que:

Do ponto de vista sociológico, a obra de arte é um momento num processo que envolve a colaboração de mais um ator, trabalhando por meio de certas instituições sociais e seguindo tendências historicamente observáveis. Se os estudiosos e críticos humanistas aceitam uma definição convencional da arte, muitos sociólogos não o fazem, pois têm consciência de que ela é de natureza socialmente construída.

A arte reflete a cultura de uma sociedade. Denys Cuche (2002, p.11-12) afirma que a noção de cultura remete ao simbolismo, ao sentido, isto é, ao ponto mais polêmico, sobre o qual é mais difícil de entrar em acordo. O autor enfatiza que a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais que sempre suscitou debates acalorados, com desacordos sobre sua aplicação a esta ou aquela realidade e aponta que:

As ciências sociais, apesar do seu desejo de autonomia epistemológica, nunca foram completamente independentes dos contextos intelectuais linguísticos em que elaboram seus esquemas teóricos e conceituais. Esta é a razão pela qual o exame do conceito de cultura implica o estudo de sua evolução histórica, diretamente ligada à gênese social da ideia moderna de cultura.

A obra de arte é uma atividade técnica e coletiva, a ritualística é que tem que ser compreendida em sua forma e estética. Compreender a técnica é compreender um modo de vida: a cultura. O antropólogo Clifford Geertz (2003, p.142) em estudo mais recente sobre arte e cultura, também pontua sobre a dificuldade de falar sobre arte e observa que: “a arte parece existir em um mundo próprio que o discurso não pode alcançar, pois a arte fala por si mesma”. Para Geertz (2003, p.165) a cultura reflete a arte de uma sociedade:

A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. Uma teoria da arte, portanto, é, ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo. E, sobretudo se nos referirmos a uma teoria semiótica da arte, esta deverá descobrir a existência desses sinais na própria sociedade, e não em um mundo fictício de dualidades, transformações e equivalências.

Como é notório, Geertz é uma referência importante para o estudo da cultura. O seu grande interesse foi voltado para a compreensão do significado do simbolismo contido nas ações dos atores sociais, uma vez que a partir de Max Weber, Geertz concebe a cultura como uma “teia de significados” em que os atores sociais dão sentido à vida social e individual. Segundo Geertz, a cultura é um conjunto de textos, com exemplares variáveis, portanto, compreender o significado do texto exige o movimento que parte do texto para o contexto e vice-versa. Para compreender os acontecimentos, o etnógrafo deve mergulhar no cotidiano dos atores sociais que tecem a “teia de significados” e dão sentido às suas vidas e ao texto cultural, como por exemplo, a experiência da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo ocasião em que ocorre a transmissão de várias mensagens e “códigos culturais”, inseridos nos objetos manipulados pelos participantes da festa. Conforme este autor, em etnografia, o dever da teoria é fornecer vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 1989, p.19). Sendo assim, a perspectiva geertziana é importante no estudo da arte e cultura nas ciências sociais ao contribuir com elementos teóricos e metodológicos inerentes à compreensão desses fenômenos sociais. Geertz (2003, p.181) oferece um horizonte ao estudo da arte ao afirmar que: “para estudar a arte de forma eficaz, a semiótica terá que ir além do estudo de sinais como meios de comunicação, como um código a ser decifrado, e

considerá-los como forma de pensamento, um idioma a ser interpretado.” Para Geertz (2003, p. 149) a vida social tem bases tão profundas e amplas que se reflete em atos, gestos, objetos simbólicos e para o etnógrafo compreender esta realidade é preciso ser capaz de desvendar uma sensibilidade que é essencialmente de formação coletiva. Nesse sentido, a obra de Geertz é importante para esse trabalho, tendo em vista que fornece uma ampla reflexão sobre variadas formas de perceber a importância da relação entre arte e cultura nas ciências sociais, além de um método de pesquisa para compreender a simbologia dos objetos rituais que circulam na festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus.

Na literatura brasileira sobre essa temática, o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva (2008), ao estudar arte religiosa nas religiões afro-brasileiras, menciona sobre a dificuldade de definição nesse campo, por conta das múltiplas influências. No entanto, o autor destacou dois pólos: a arte negra e sua pluralidade contextualizada no Brasil e a arte portuguesa, com certo desenvolvimento autônomo. Dessa forma, as religiões afro-brasileiras e as artes a elas associadas, transitam entre o catolicismo e cultos africanos, possibilitando o desenvolvimento de confluências de ritos e visão de mundo, no qual o artístico e o religioso fundem-se, revelando múltiplas faces. Para o autor, há muito das “igrejas” nos “terreiros”, do mesmo modo que há uma ressonância nas igrejas de um jeito de sentir o mundo, elaborado pelas experiências dos terreiros. Nesse sentido, Silva (2008, p.98) destaca que na arte sacra das igrejas, os modelos e estilos de origem europeia sofreram influência da “mão-afro-brasileira”, assim como os terreiros e menciona que:

Podemos citar Aleijadinho, Mestre Valentim, Chagas ou Frei Jesuíno do Monte Carmelo, entre outros, com seus anjos de pele escura, Madonas negras e deformações expressivas. E há também exemplos mais contundentes e ainda polêmicos, como o da Igreja de Santa Efigênia, em Ouro Preto, na qual pode-se encontrar em seus altares entalhes tido como representações de búzios e figuras de animais (em geral relacionados às oferendas aos deuses africanos). Na arte religiosa dos terreiros o *continuum* é mais amplo, pois os objetos litúrgicos podem derivar de uma influência da herança africana ou da tradição católica.

Vagner da Silva (2008) afirma que os mais diversos arranjos foram elaborados por inúmeros terreiros e expressam a influência desse trânsito. Portanto, seriam enganosas as “noções valorativas” de pureza e tradição. Na festa de

Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus, observa-se que na procissão que sai pelas ruas do bairro Sacavém para fazer o “*recolhimento do roubo*”³², o andor com a imagem de Sant'Ana é carregado por pessoas do terreiro. Esse andor é feito de madeira coberto com tecidos de cetim na cor referente à “*marcação da festa*” e cuidadosamente ornamentado com flores para receber a imagem de Nossa Senhora Sant'Ana é disposta no centro do andor durante a procissão. Do mesmo modo, é rezada a ladainha em *latim* diante do altar do terreiro com santos católicos, antes dos toques de Mina. Percebe-se a forma de interação de um contexto artístico e religioso na religião do tambor de Mina com o catolicismo que reflete todo um processo histórico e social que envolve essas práticas religiosas. O altar do terreiro tem uma estética católica com as imagens dos santos dispostas no espaço, conforme a ritualística da homenagem às entidades espirituais. Mas, também existem as fitas coloridas amarradas aos santos, indicando de quem é realmente a festa e o que anima as pessoas a fazerem parte desse movimento. Sobre esse processo de sincretismo religioso, João Leal (2017, p.249) menciona que:

O caráter singular desta articulação entre terreiro de tambor de mina e festa do Divino deve ser sublinhado. Desde logo, sob o ponto de vista das festas no Brasil: só no Maranhão estas surgem articuladas com religiões de matriz afro-brasileira. Mas também sob o ponto de vista das religiões afro-brasileiras, onde é raro encontrar um tão grande protagonismo concedido a um ritual de matriz católica. A história dessa relação entre festas do Divino e tambor de mina remonta ao século XIX. De fato, a informação disponível aponta para a possibilidade relativamente segura de as primeiras festas de terreiro terem sido fundadas entre finais do século XIX (Casas das Minas) e as primeiras décadas do século XX (Casa de Nagô).

Outro viés deste estudo é o enfoque dado à relação entre natureza e cultura nas ciências sociais com grande relevância como suporte para análise da realidade social, dentro das perspectivas antropológicas e sociológicas. Segundo Descola (2011), uma referência clássica nesse campo é o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss que utiliza a “oposição contrastiva” entre esse “par conceitual” em contextos tão diversos e com finalidades tão numerosas que para muitos, ela chegou a encarnar uma das características de sua maneira de pensar. Conforme esse autor, Lévi-Strauss afirma que, entre os princípios propostos pelos percussores da sociologia, nenhum foi repudiado com tanta firmeza, quanto ao que diz respeito à

³² O recolhimento do roubo será descrito no capítulo 4.

distinção entre estado de natureza e estado de sociedade. O autor ainda pontua que não há referência possível a um período da humanidade, durante o qual a mesma não apresentava nenhuma organização social, mas que nem por isso, deixou de desenvolver formas de atividades que são partes integrantes da cultura. Philippe Descola (2011, p.35) ao estudar a obra de Lévi-Strauss constata que o status do “par conceitual”, natureza e cultura foi revestido pelo autor de uma pluralidade de significados, “às vezes contraditórios, que tornam a sua utilização altamente produtiva e sua interpretação difícil”. No entanto, ressalta a importância das ideias do autor, em suas reflexões e atividades profissionais, comenta que para construir conhecimento com bases sólidas é preciso: “sondar os alicerces, fazer um plano, “rearrumar” às vezes, sua distribuição”. Philippe Descola (2011, p.36) pontua que Lévi-Strauss nunca abandonou a convicção de que a natureza condiciona as operações intelectuais, graças às quais a cultura recebe um conteúdo empírico, e analisando a obra do autor ele constata que:

A natureza torna-se um gigantesco reservatório de propriedades observáveis dentro do qual o espírito terá toda a possibilidade de vir a colher objetos para convertê-los em signos. Essa natureza enciclopédica é, sobretudo, “boa pra pensar”, trampolim de onde a imaginação taxinômica toma impulso, pretexto para as estranhas combinações que fazem a trama dos mitos, vasto e fecundo pressuposto da objetivação do mundo em enunciados codificados. (P. DESCOLA, 2011, p.38)

Ao mesmo tempo, Philippe Descola (2011, p.37) constata em Lévi-Strauss que: “é imperativo conhecer bem a ecologia de uma sociedade se há a intenção de analisar suas produções ideológicas, pois elas são a prova de um compromisso entre certos traços do meio e as leis que organizam o pensamento simbólico”. Manuela C. da Cunha (2009, p. 288) ao constatar que o conservacionismo também tem relação com práticas culturais, elenca diversos aspectos que refletem argumentos relativos às populações tradicionais e a manutenção do meio ambiente. Segundo a autora, “podemos pensar em populações que embora sem uma ideologia explicitamente conservacionista, seguem regras culturais para o uso dos recursos naturais que dada à densidade populacional e o território em que se aplicam, são sustentáveis”. De acordo com Manuela C. da Cunha (2009) o termo cultura é usado por muitos estudiosos para designar práticas humanas e características de grupos sociais e sociedades e constata que esse termo tem uma história e o modo como concebemos “os direitos intelectuais” dos interlocutores, tem forte relação com o que

se entende por “cultura”. Ela afirma que muitos pesquisadores já demonstraram de forma convincente o quanto as noções de cultura e de propriedade intelectual, sustentadas por alguns estudiosos, são inadequadas para entender a Melanésia. Manuela C. da Cunha (2009 p.354-5), pontua que:

Como se sabe, o termo “cultura”, e seu uso antropológico, surgiu na Alemanha setecentista e de início estava relacionado à noção de alguma qualidade original, um espírito ou essência que aglutinaria as pessoas em nações e separaria as nações uma das outras. Relacionava-se também a ideia de essa originalidade nasceria das distintas visões de mundo de diferentes povos. Concebia-se que os povos seriam os “autores” dessas visões de mundo. Esse sentido de autoria coletiva e endógena permanece até hoje.

Nos termos de Gaston Bachelard (1996, p.18) para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Assim, a partir dessa premissa elaborei algumas questões no sentido de esclarecer melhor a problematização desse estudo. Segundo esse autor:

se não há pergunta não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. O conhecimento adquirido pelo esforço científico pode declinar. A pergunta abstrata se desgasta: a resposta concreta fica (BACHELARD, 1996).

A festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo realizada dentro de um terreiro de tambor de Mina possibilita pensar sobre: quais as relações existentes entre as diferentes categorias sociais e suas disposições para participarem da festa? Como se processam as mudanças mais gerais desse fenômeno social e a sua estruturação na ordem social? Como é definida a participação dos atores sociais e colaboradores com a realização da festa? Quais estratégias orientam a mobilização desses atores sociais dentro do terreiro, nesse universo simbólico e prático? O que significa esse objeto no altar do terreiro? Qual é o sentido do que fazem esses homens? Não tenho as respostas. Mas, farei o exercício de tentar esclarecer essas questões a partir da observação etnográfica fundamentada em conceitos antropológicos, levando em consideração a minha experiência de convívio com as pessoas ligadas ao Terreiro Fé em Deus e no que aprendi com elas.

É importante lembrar que esse trabalho é uma etnografia da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo realizado em um terreiro de tambor de Mina, o Terreiro Fé em Deus cujo objeto resultou de uma problematização acerca da

simbologia dos objetos rituais da festa. Mãe Rôxa, Mãe Dina e o Grupo dos Nove, são o foco dessa discussão, à medida que elaboram estratégias para desempenhar às suas responsabilidades pela realização da festa expressam as suas “visões de mundo”. É, portanto, uma investigação antropológica, uma narrativa etnográfica que busca elucidar o *modus operandi* dos responsáveis pela realização da festa, dentro um movimento histórico e social da cultura popular no Maranhão. A etnografia é a prática consagrada nos estudos antropológicos e nas Ciências Sociais desde os tempos de Bronislaw Malinowisk que consolidou o método etnográfico, quando sem “roteiro nem pessoa que o ajudasse nesse ponto, considerava importante mostrar que nativos reais (“de carne e osso”) exigem etnógrafos reais e próximos (também de carne e osso”) (SILVA, 2000, p.24). Mais recentemente, o antropólogo Geertz (1989, p.04) afirmou que o fazer etnográfico não é uma questão de métodos, conforme a opinião dos “livros-textos” que elencam numerosas tarefas a serem desempenhadas pelo pesquisador como: “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Conforme o autor, a etnografia não é definida “por essas coisas” as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento, um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado por uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989).

Para Geertz (1989, p. 07) o fazer etnográfico é quando o pesquisador escolhe exemplos transitórios de comportamento modelados, isto é, uma estrutura de significação, um código e determina a sua base social, fazendo a diferença entre os “ingredientes da situação” e questiona qual a importância disso, o que está sendo transmitido com a sua ocorrência, através de sua agência. Segundo o autor, uma boa interpretação antropológica exige descobrir toda a trama que é essencialmente um discurso social, mesmo que tenha sido feito em “diversos idiomas”. Interpretar é traçar uma curva nesse discurso social e fixá-lo numa forma inspecionável, quando o pesquisador realiza o empreendimento orientado através dos atos dos agentes e aprende essa estrutura de significação, os seus códigos, a sua cultura, se situa entre os “nativos” e conversa com eles. Nos termos de Roberto C. Oliveira (2006, p.24) para que os horizontes semânticos em confronto – o do pesquisador e o do nativo – abram-se um ao outro de maneira que transforme tal encontro em um verdadeiro “encontro etnográfico”. Então, a partir desse empreendimento, o pesquisador poderá

ser capaz de compreender o sentido das ações dos agentes e elaborar as suas próprias formulações dos sistemas simbólicos.

Esses trabalhos são referências fundamentais para a minha pesquisa, pois à medida que tenho como foco Mãe Rôxa, Mãe Dina e o Grupo dos Nove e as estratégias que eles utilizam para desempenharem às suas responsabilidades pela realização da festa e suas simbologias, dentro de um contexto que é descrito no Terreiro Fé em Deus, no bairro Sacavém. É uma parte da história de um grupo religioso que vivencia o tambor de Mina e suas práticas há 54 anos e compartilham lembranças, afetos, dores, lutas e acima de tudo, resiste às diversas formas de dificuldades, por meio da fé e devoção aos seus santos, guias, caboclos e orixás. O preconceito religioso e a discriminação aos adeptos das religiões de matriz africana, ainda é muito forte e essa questão merece muita atenção, respeito e estudo sobre essa temática. Entre tantas, a presença da intolerância religiosa permeada inclusive, de muitos casos de violência³³ ocorrida em muitos terreiros da cidade.

É importante frisar que, para esse estudo, também utilizei outras fontes e instrumentos de pesquisa que se somam: conversas informais com moradores do bairro Sacavém, além de entrevistas com padrinhos e madrinhas inseridos no Grupo dos Nove, com pais e mães das crianças que ocupam cargos rituais no Corte. Entre os interlocutores dessa pesquisa foi interessante o depoimento do senhor Jornandes Paixão Viana, o pai da rainha da festa. Ele afirmou que: “quando era criança, participei e fui o rei da festa, eu e o meu irmão! Depois de um tempo foi o meu sobrinho e esse ano de 2021, a minha filha completa o ciclo de cinco anos de participação de anjo a rainha”. Conversar com os pais das crianças possibilitou-me perceber as motivações e os interesses de cada um e surpreendeu-me quando perguntei ao senhor Jornandes se ele era devoto do Divino ou de Senhora Sant’Ana e ele então, falou-me: “que não tinha relação com a fé, mas só estava cumprindo a “tradição da família”, já que ele é sobrinho de Chiquinha³⁴ que quando tinha menos idade e mais saúde era uma das organizadoras do Império da festa. O pai da rainha ainda informou-me sobre as despesas inerentes ao cargo ritual e o compromisso

³³ Quando iniciei a minha pesquisa no Terreiro Fé em Deus, dona Elzita contou-me que teve a sua casa invadida por um grupo de evangélicos fanáticos e que eles tentaram destruir os seus santos no altar. No entanto, os invasores foram dominados e expulsos do terreiro e ainda levaram uma boa surra.

³⁴ Francisca é filha de santo de mãe Elzita e tem parte na linha de Cura e atuava como organizadora da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Nas últimas festas ela não participa mais por conta de algumas doenças que adquiriu.

que é feito com o terreiro desde o primeiro ano da participação de sua filha na festa. Outro depoimento interessante foi o da mãe da rainha de promessa, a dona Euzenira³⁵, que, conforme ela contou-me, estava pagando uma promessa que fez ao Divino por ter conseguido arrumar um trabalho. Então, segundo ela prometeu ao Divino que se fosse abençoada com um “meio de vida”, colocaria a sua filha como rainha de promessa no Império da festa em 2021. Dona Euzenira conseguiu um trabalho e considera que foi uma bênção do Divino e dessa forma, pagou a sua promessa. Também usei análise de material já produzido por outro estudioso no Terreiro Fé em Deus (AMORIM, 1996).

Destaco também a obra *Guia para Pesquisa de Campo produzir e analisar dados etnográficos* de autoria dos estudiosos Stéphane Beaud e Florence Weber (2007, p.95) ambos franceses, é importante para esse trabalho na medida em que oferece boas orientações em todas as fases do processo de pesquisa, com questões que enfatizam sobre a observação que exige do observador a consciência de um conjunto de deveres, na prática de trabalho de campo. Esses deveres exigem manter vigilância sobre determinado “protocolo” de comportamento, para que não ocorram embaraços durante a observação e cause obstáculos ao processo de interação, no decorrer da pesquisa. Stéphane Beaud e Florence Weber (2007, p.95), afirmam que a observação é um triplo trabalho de percepção, de memorização e de anotação e relaciona ao saber-fazer e a técnica. Os autores pontuam que em toda interação de pesquisa, o “mal entendido” é parte do processo de pesquisa, pois que serve ao mesmo tempo de revelador e de controle das interpretações imediatas do pesquisador. É importante analisar posteriormente as relações de pesquisa para poder perceber e localizar tais mal-entendidos e daí transformá-los em ferramentas de conhecimento. O “mal entendido” leva a uma necessidade de se fazer uma negociação que não se pode deixar de lado. É necessária a negociação de um posto de observador, para não correr o risco de contra-senso.

Nesse sentido, quando estive no bairro Vila Embratel para assistir ao tambor de Borá em casa da Ana Maria, que deixou de frequentar o Terreiro Fé em Deus no

³⁵ Dona Euzenira que não é a primeira vez que fez promessa. Segundo ela: tinha muita dificuldade para engravidar e a sua mãe que se chama Alice, tem um terreiro de Mina em Santa Rita - município localizado no interior do Estado, mas bem próximo a São Luís - e tem como senhora a entidade espiritual Andreлина. Dona Euzenira afirmou que esta entidade espiritual um dia lhe perguntou que se ela engravidasse e o bebê fosse uma menina, ela colocaria o nome dela na criança. Caso ela aceitasse batizar a criança com o nome da entidade ela seria mãe em breve. Então, depois de dois meses ela engravidou e cumpriu à sua promessa com entidade espiritual e sua menina chama-se Tayla Andreлина.

ano de 2018, ela foi bem categórica ao dizer-me que eu não poderia fotografar uma oferenda feita no quintal, pois era parte dos seus fundamentos que geralmente é mantido em segredo e somente os pertencentes do seu grupo, tem acesso. Eu ainda pedi-lhe para olhar e argumentei que apenas observaria, mas ela já havia tomado uma posição sobre o assunto e restava-me apenas, a inferência, o que é perfeitamente legítimo quando chegamos ao limite de nossa competência (TURNER, 2005). Vagner da Silva (2000, p.134) chamou atenção para essa situação vivida pelo pesquisador de religião afro-brasileira e afirma que:

A questão do segredo nas religiões afro-brasileiras faz, assim, com que o antropólogo tenha de se posicionar de forma diferenciada diante dos registros obtidos durante o trabalho de campo. Iconografias, fotos e filmes de ritos privados, dos assentamentos das entidades ou de certos espaços do terreiro (quarto de Exu, de Egum, etc.) ou transcrições de entrevistas e diálogos, não são apenas uma documentação primária útil para a construção da interpretação da religião; a natureza desses registros ou a forma como as pessoas da religião se posicionam diante deles e de sua divulgação fazem parte da própria representação etnográfica.

No entanto, apesar e não ter fotografado a oferenda no quintal eu pude fotografar os instrumentos musicais, as vestimentas, as imagens de santos dispostas sobre o altar e percebi que esses objetos também falam, pois cada objeto tem o seu significado, faz referência a uma prática, destaca a temática ritual e a sua posição ou status dentro da casa. Observar a fotografia é ter a oportunidade de rever um momento congelado sem a velocidade do movimento que envolve o pesquisador no trabalho de campo, quando muitas vezes, as distrações surgem inesperadamente e fatos importantes dentro do contexto da pesquisa não são percebidos ou registrados. Assim, a fotografia é um documento, um recurso que pode trazer a luz informações importantes para o conhecimento, mas as condições de sua realização há de ser uma postura do pesquisador no trabalho de campo. Nem tudo deve ser registrado, conforme apontam Stéphane Beaud e Florence Weber (2007, p.104), a questão das fotografias:

Muitas vezes poderá tirar fotos. No entanto, não carregue sistematicamente máquina fotográfica (por exemplo, não se tira fotos de enterro. Pergunte-se por quê?). Saiba porém, que o ato de tirar fotos lhe garante um lugar. Enquanto anotar o evento faz de você um censor, porta-voz ou jornalista, fotografar faz de você um simples fotógrafo, isto é, expectador ao quadrado, caixa de ressonância do espetáculo. Suporão que tiram as fotos “para si” ou para os outros. Há o risco de lhe pedirem ou de lhe comprarem suas fotos. Todos esses detalhes em torno das próprias ferramentas de seu trabalho

(tomar notas, fotografar) são indícios extremamente importantes da natureza mesma do evento que você observa e sobre o espaço que, sem querer e, por vezes, sem o saber, você ocupa ali.

Negociar a possibilidade de fotografar é o mais seguro e evita ser surpreendido por uma censura imprevista. Sem a negociação, você não diz nada, não exprime nada, contenta-se com observar e os observados têm, portanto, poucas chances de ouvi-los mal ou de ouvi-los responder; e se o etnógrafo os escutar sem lhes responder ou questionar não haverá nada que possa deixá-los com a pulga atrás da orelha ou atrapalhá-los (BEAUD e WEBER, 2007). Refletir sobre o desafio da ação antropológica é de fundamental importância para as relações humanas inerente à pesquisa e o pesquisador é antes um sujeito que também se expõe em busca de conhecer mais o outro e a si e nessa busca, experimenta sensações, estabelece acordos e constrói novos rumos e ideias (AIRES, 2014). De acordo com Alba Zaluar (1986, p.112-13) o pesquisador pode passar a ser:

De líder a mero catalisador, o pesquisador participante atravessa muitas passagens, encruzilhadas e armadilhas. Tem como todos os outros pesquisadores que tomar decisões e estabelecer estratégias que levem em conta o lugar que ocupa enquanto estranho diferente, superior, ou distribuidor de recursos. Sua presença, como de qualquer pesquisador cria um novo campo de relações ou um espaço público que devem ser eles mesmos, objeto de reflexão, porque históricos datados e marcados pela alteridade.

1.2 Você sou eu: eu sou você?

Outro ponto interessante é sobre a posição do observador junto ao grupo pesquisado, pois é importante pensar como o pesquisador é visto ou recebido pelo grupo. O que o grupo pensa em relação à presença constante do antropólogo dentro do terreiro? O pesquisador Vagner da Silva estudou a relação entre os antropólogos da religião e os terreiros de candomblé em algumas localidades da Bahia e também em São Luís com os terreiros de Mina e fez menção aos pesquisadores Roger Bastide e Pierre Verger como autores que foram seduzidos pelo universo afro-religioso. No caso de Bastide, esse antropólogo, conforme afirma Silva (2000, p.95):

Essa sedução levou-o a defender uma metodologia de trabalho de campo na qual o pesquisador deveria não se colocar do lado de fora da experiência social de seus pesquisados, mas vivê-la como se fosse sua. E no contexto dessa experiência social a iniciação ocupava um lugar de destaque.

No decorrer dos anos em contato com o Terreiro Fé em Deus, por muitas vezes eu tive a oportunidade de encontrar Mãe Elzita com visitas de representantes de alguma instituição pública, pesquisadores de outros lugares que vinham ao Maranhão para conhecer a cultura e religiosidade da cidade de São Luís e o seu tambor de Mina e quase sempre, ela pedia-me para responder as perguntas que lhes faziam sobre a sua casa e costumava dizer que: “ela sabe mais que as filhas de santo”. Era como se ela estivesse nomeando-me para um tipo de cargo ou função dentro do terreiro. A porta-voz! Por muitas vezes, eu sentia-me incluída ao grupo e reconhecida em meu trabalho, assim como o aluno na faculdade quando faz uma avaliação e o professor lhe dá uma boa nota. Mas, eu sabia que ela sabia que eu não sabia! Acontece que Mãe Elzita não é dada a responder perguntas e diante destas, conta uma estória, um evento ou canta alguma coisa. Uma forma de dizer que: “é preciso olhar para entender” e que “o tempo é o melhor professor.” Quando o antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p. 43) pesquisou a Casa das Minas escreveu que:

É necessário uma atitude equilibrada e cautelosa para não ferir susceptibilidades. A curiosidade e as perguntas insistentes, não são de modo geral, bem recebidas nos ambientes religiosos dos terreiros, especialmente no decorrer das cerimônias. O conhecimento religioso, é considerado um mistério transmitido a poucos iniciados, por isso muitas religiões possuem um domínio reservado de segredos. No tambor de Mina, como nas religiões afro-brasileiras há invocações ou palavras rituais que são secretas.

Nesse sentido, aprendi que “os caminhos se fazem ao andar” e eu caminhei muito em direção ao Terreiro Fé em Deus, ao longo desses anos de estudo e pesquisa. O meu objetivo principal não era descrever o que as pessoas faziam, ou os rituais religiosos. Mas antes, eu busquei estabelecer diálogos com as pessoas ligadas ao tambor de Mina de Mãe Elzita e acima de tudo, conhecer a forma como elas vivem a sua religiosidade. Tendo em vista que as minhas perguntas não seriam respondidas, eu busquei unir-me as pessoas do terreiro, na tarefa de aprender as suas formas de viver e redimensionar a minha própria vida.



Figura 4 – Conceição de Maria Santos ou Concita.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

Nesse percurso, elaborei o título desse estudo, “*Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo: Festa de Correntes no Terreiro Fé em Deus*” que surgiu a partir da frase de Conceição de Maria Santos, sessenta anos, mais conhecida como Concita que é assistente do terreiro durante as atividades religiosas e participa de todos os eventos ligados ao Terreiro Fé em Deus. Ela mora na vizinhança do bairro Sacavém, tem convivência desde jovem com mãe Elzita que sempre afirmou que: “Concita tem uma boa memória”, pois observa tudo que se passa dentro do terreiro e por isso, quando ela tem alguma dúvida sobre qualquer coisa que aconteceu enquanto estava em transe com suas entidades espirituais, Concita sempre lhe esclarece tudo.

Quando eu cheguei ao terreiro no início do mês de julho do ano 2018 para fazer observações de campo, pois estavam em reunião os padrinhos e madrinhas da festa, entrei pela porta da frente e dentro do barracão e vi que havia um grupo de pessoas conversando. Eu cumprimentei os presentes, perguntei por mãe Elzita e sentei-me um pouco afastada do grupo, tentando não atrapalhar a conversa. Mas, consciente que a minha presença, por mais que fosse familiar, era a de alguém que estava sendo inconveniente. Logo, eu ouvi Concita pronunciar a frase: “a Festa de Sant’Ana é uma festa de correntes e por isso é um sobe e desce de entidades”. Nesse momento, Concita estava a conversar com uma senhora que demonstrava ser responsável por parte da decoração do altar, frisou sobre a importância das cores e a relação que essas têm com as entidades espirituais e com o espaço do terreiro. Segundo ela, tudo deve ser preparado conforme “a corrente” que reinará na festa e todo ano muda tudo, porque é um “sobe e desce de corrente”. Concita comentava que cada festa é única e por mais que ela já tenha visto muitas festas, a cada ano,

acontece algo desafiador e diferente para conhecer e aprender. As cores da festa fazem referência às entidades espirituais que comandam a corrente que está reinando, cada uma tem seu modo de expressão que pode ser observada através de muitas formas e a cor da festa é a mais notável.

A arte de Dila³⁶ (Dileusa Dinis Rodrigues) ilustra a capa deste trabalho e representa a presença dela e de seu filho Sidney Rodrigues Dinis em minha trajetória, quando eles ainda eram moradores do meu bairro e meus vizinhos. Eu convivi com Dila, essa brilhante artista visual, por mais de dezesseis anos e pude acompanhar a realização de muitas de suas obras. A arte de Dila reproduz os costumes populares, as festas, a devoção, a fé e o cotidiano dos homens simples, a maioria no interior do Maranhão. Quando conversávamos sobre a minha pesquisa e a respeito da festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo em um terreiro de tambor de Mina, ela sempre demonstrou muito interesse em ouvir as minhas ideias e incentivava-me a fazer desenhos, a pintar os rituais, as procissões, as danças e toda a minha experiência de pesquisa. Dila conseguiu converter-me em uma pretensa artista, através de sua generosidade e paciência comigo. Os desenhos de Dila evocam a simbologia da festa do Divino, da religião do tambor de Mina e a sua relação com catolicismo como expressão do modo de vida e da fé (o altar do terreiro com seus santos, a procissão depois da missa), da sociabilidade (com o buscamiento do mastro que sinaliza o lugar e convida à festa), da cultura (com a presença das caixeiras em todas as fases rituais da festa e seus cânticos ao Divino) e comunhão (com a distribuição de alimentos durante o ciclo festivo, os almoços, os jantares, a troca de lembranças). Dila afirma que: “Um artista é um ser que vem a terra para cumprir uma missão, caminha por uma longa estrada e seus rastros são obras que ele deixa para a história.”

1.3 Caminhos trilhados

Dessa forma, o trabalho etnográfico permitiu-me realizar a caracterização geral da festa e fazer observações detalhadas das suas principais fases rituais que foram realizadas durante a pesquisa. No entanto, a descrição não é realizada de forma linear, até porque no tambor de Mina, o encerramento de um ritual é inerente

³⁶ Dila faleceu aos 82 anos no ano 2022 e seu único filho vive em uma Instituição de longa permanência, o Solar do Outono localizado no bairro Cohab em São Luís, Maranhão.

ao início de outro e as atividades são interligadas como se fossem elos de uma corrente que faz acontecer uma multiplicidade de eventos dentro de uma lógica do sistema de crenças do terreiro que inclui diversas narrativas. Encerrar um tambor de Mina, ou “fechar o tambor”, conforme dizem lá no terreiro, exige que seja feita a “virada” da corrente das entidades espirituais da Mina para a festa seguinte. A exemplo dos toques de Mina realizados durante o ciclo da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito que, em seu último dia, realizava a “virada” da Mina, para os tambores da mata até o ano de 2018, quando anunciavam que a temática do próximo ritual era para homenagear as entidades espirituais indígenas com toques do tambor de Borá.

Por isso, escolhi ordenar o trabalho a partir do calendário de atividades rituais e festivas realizadas no terreiro, que começa com a etnografia dos toques de tambor de Mina realizados em mês de fevereiro durante o Carnaval, quando tocam os tambores para reverenciar as entidades espirituais femininas recebidas na corrente astral que tem a princesa Doralice como chefe. Esse tambor faz homenagens para as princesas, senhoras, vodunsas que vem realizar a Bancada e encerrar as atividades do terreiro durante a Quaresma³⁷. Conforme dona Assunção - a guia do terreiro - explicou-me, no período do Carnaval eles tocam para “sentar” e fazer a Bancada³⁸.



Figura 5 – Dona Assunção no Terreiro Fé em Deus.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

³⁷ Período de quarenta dias, após a Quarta-feira de cinzas em que os católicos e algumas outras comunidades cristãs se dedicam à penitência em preparação para a Páscoa.

³⁸ Conforme, Sérgio Ferretti (1996, p. 290), em Casa das Minas esse ritual é chamado Arrambã é a cerimônia de fechamento anual dos terreiros antes da Quaresma.

Assim, “*tocar pra sentar*” em fevereiro significa fazer a apresentação pública da “marcação” da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo em mês de julho. O ritual da Bancada apresenta a categoria de entidade espiritual que reinará na temática da festa, nos toques de Mina, realizados no período do Carnaval. É nessa ocasião que também acontece a “girada da corrente” da Mina para a linha de Cura, da entidade espiritual Princesa Doralice que é “dona da cabeça” de Mãe Elzita e vem como Rainha Troirinha para realizar o Brinquedo de Cura, no mês de maio. O encerramento das atividades com realização dos toques de Mina e Bancada durante os dias de Carnaval, no Terreiro Fé em Deus, também representa o início de outras atividades, pois todos os responsáveis pela festa começam a fazer articulações para realizar o ciclo festivo que começa no mês de abril no sábado de Aleluia. Nesse dia, ainda pela manhã é feita a Abertura da Tribuna, cerimônia feita ao meio-dia pelas caixeiras, e que é o ponto de partida para a movimentação dos festeiros ao longo de um período que se estende até o mês de julho, quando acontece: o buscamto e levantamento do mastro; a visita dos Impérios; a missa no dia 26 de julho, o dia da festa e cortejos; o almoço; derrubamento do mastro; cerimônia das posses; o fechamento da tribuna e a brincadeira do boi dos encantados Surrupirinha³⁹ e o Caboclo Velho⁴⁰. Ainda no sábado à noite, fazem a abertura dos toques de Mina para receberem as entidades espirituais Surrupiras. Essas entidades espirituais aparecem como uma categoria de caboclo recebida no tambor de Mina do Maranhão, conforme apresenta o estudo da antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p.147) em um terreiro de São Luís onde:

Os Surrupiras são conhecidos na Mina maranhense como entidades selvagens (indígenas), com força equivalente à de Legba, daí os rituais dessa corrente serem “pesados” e “primitivos”. São chefiados por Rei Surrupira, também conhecido com Surrupira do Gangá, Surrupira Mata Zombana, Seu Surrupira Velho, que tem como esposa Dona Surrupira. Os Surrupiras são às vezes, também chamados de Curupira ou Curupiro. Segundo Mãe Elzita, hoje os Surrupiras são recebidos em quase todos os terreiros de Mina de São Luís, inclusive a Casa de Nagô.

Além disso, realizei entrevistas e observações rituais que compreendem um conjunto de dados etnográficos sobre outras manifestações da cultura popular em

³⁹ Surrupirinha é a entidade espiritual cabocla e guia do Terreiro Fé em Deus. Ele comparece e faz as determinações necessárias e comanda uma parte das atividades da casa.

⁴⁰ Essa entidade Espiritual é a dona do terreiro e comparece em Mãe Elzita em alguns rituais de tambor de Mina.

São Luís do Maranhão que estão inseridas no contexto do tambor de Mina e com a festa do Divino, realizada no Terreiro Fé em Deus, como a brincadeira do Boi-de-encantado. Ainda observei outros rituais realizados dentro do calendário de atividades do terreiro, como rituais de Cura ou Pajelança⁴¹ e o tambor de Borá. Segundo Marilyn Strathern (2017, p. 311-313) “a prática etnográfica ocorreu sempre em dois lugares, tanto naquilo que há um século chamamos de “campo” como no gabinete, na escrivaninha ou no próprio colo”. Assim, a escrita etnográfica constitui o desafio de encontrar uma estratégia que possa criar pontes entre esses dois campos para que um reflita no outro as suas complexidades e o pesquisador possa “encontrar o que não foi procurado”.

Dessa forma, o trabalho apresenta os seguintes pontos:

O capítulo um, nomeado “Exposição de uma Trajetória de Pesquisa: o *filme acelerado*” apresenta a fundamentação teórica desse estudo como um trabalho antropológico sobre a religião do tambor de Mina no Terreiro Fé em Deus, com as suas particularidades. Partindo inicialmente de uma trajetória pessoal e acadêmica, pela construção do objeto, o seu desempenho cultural, inserindo-me nesse universo simbólico e prático, interagindo com meus interlocutores, o Grupo dos Nove, Mãe Dina e Mãe Roxa e com o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa e relatos da experiência vivida ao longo dos anos em que frequento o terreiro e o bairro Sacavém.

O segundo capítulo, “Mãe Elzita: o seu legado no tambor de Mina” desenvolve a sua trajetória no tambor de Mina, enquanto filha de santo de Mãe Denira e seu esposo Biná. A fundação do Terreiro Fé em Deus, seus rituais, sua festas, as mudanças e reestruturações com a inserção de Mãe Roxa como mãe de santo e seu guia, a entidade espiritual Pedrinho no comando do terreiro e suas influências nos rituais.

No terceiro capítulo, sob o título de “Dançar pra Sentar”, descrevo os toques de Mina durante o período do Carnaval, chamado de tambor das Princesas com a realização da Bancada, Abertura da Tribuna e os preparativos para a realização da festa, a partir da mobilização de Mãe Roxa, Mãe Dina e o Grupo dos Nove. Busco descrever e analisar a “visão de mundo” de cada organizador da festa por meio de

⁴¹ No Terreiro Fé em Deus esse ritual é realizado duas vezes por ano. No mês de maio para homenagear a entidade espiritual Rainha Troirinha e no mês de outubro para celebrar o aniversário do guia espiritual de dona Rôxa, a entidade Pedrinho. Ver Mundicarmo Ferretti (2000).

depoimentos coletados em entrevistas. Veremos como se organizam cada categoria para desempenhar o seu papel na realização da festa.

No quarto capítulo, Festa do Divino Espírito Santo e Senhora Sant'Ana: etnografia de uma festa de correntes”, apresento o trabalho etnográfico e mais antropológico centrando-me nas festas realizadas a partir do ano de 2017 até o ano de 2021 e 2022. Neste capítulo, descrevo a festa através do trabalho etnográfico, faço uma descrição densa dos rituais que envolvem a festa no bairro Sacavém com a comunidade e suas redes de relações familiares, parentesco, os festeiros, colaboradores, padrinhos e madrinhas.

Nas considerações finais, aponto os aspectos específicos de cada fase da festa, mostro as limitações encontradas nessa pesquisa, e aponto a figura de Mãe Elzita como elemento aglutinador da festa, tendo em vista o seu carisma e qualidades religiosas e pessoais.

1.4 Como foi estar com eles: o Grupo do Nove, Mãe Dina e Mãe Roxa

Nessa parte do trabalho, o objetivo é abordar o desafio metodológico dessa pesquisa e descrever o modo como se processou a coleta e obtenção dos dados, a inserção no campo, as interações e a construção do objeto.

O meu primeiro contato com o Terreiro Fé em Deus, conforme já relatei anteriormente, foi no início da graduação em Ciências Sociais, em agosto de 2004, quando eu já estava sob a orientação dos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti e frequentando as reuniões do grupo de pesquisa, o GPMina. Em todos os terreiros que conheci, levada pelos professores, sempre que chegávamos éramos bem recebidos e no Terreiro Fé em Deus não foi diferente. Quando você visita um terreiro de tambor de Mina, as pessoas são acolhedoras e atenciosas, mesmo que você seja um “invasor profissional” e o seu objetivo seja encontrar caminhos que lhe façam avançar na pesquisa, o tratamento recebido é caloroso e simpático. Mas, não significa que será fácil “cruzar a fronteira de sombra moral e metafísica” (GEERTZ, 1989), do sistema de crenças do terreiro, com as suas normas, ser aceito e todas as portas irão abrir-se facilmente a você⁴². No campo,

⁴² Em 2021, o grupo de filhas de santo estava articulando para a realização de ensaios do Auto, chamado Pastor e apresentam esse ritual no terreiro, durante o mês de dezembro e começo do mês de janeiro. Elas estavam fazendo uma lista de integrantes para iniciarem os primeiros ensaios e percebi que estavam reclamando a falta de muitas pessoas que participavam

o etnógrafo menos que tentar se fundir na sociedade em estudo, desempenha o seu papel de estrangeiro. Um amigável, mas determinado estranho, pressionando constantemente contra as interdições dos costumes (CLIFFORD, 2011, p.193).

No entanto, o trabalho de campo exige o esforço para o máximo de aprendizado de aspectos introspectivos do lugar, da mentalidade das pessoas, suas ideias, emoções e sentimentos. Aprender a intimidade do ambiente é colocar-se em contato direto com os acontecimentos e situações vividas no campo e isso requer, também, sensibilidade do pesquisador.

Ao longo dos anos que frequentei o terreiro, não criei vínculos com todas as filhas de santo, nem com toda a vizinhança e de certo modo, muitas vezes, diante de muitas pessoas que eu encontrava sempre por lá, tive a sensação de ser de outro planeta e por mais que eu tentasse uma conversa mais aberta, havia sempre uma atmosfera de desconfiança, talvez por minha falta de habilidade e esforço. Ser bem recebido em um terreiro não significa que tudo estará ao seu alcance e que as pessoas serão voluntárias e disponíveis ao seu tempo para conversar com você. O estabelecimento de uma confiança mútua com determinados interlocutores leva vários anos. Mas, o fato de o terreiro ser uma casa matriarcal, com a presença predominante de mulheres de minha faixa etária, foi um ponto favorável para muitas conversas com algumas das filhas de santo. A maioria delas são mães, esposas, avós e vivem dramas existenciais, como qualquer ser humano, e, muitas vezes, um pequeno gesto de atenção, um sorriso ou um olhar pode indicar uma possibilidade de ter uma aproximação. As mais “experientes para a vida” são as mais fechadas quando o assunto é a religião, as “menos experientes”, dizem que não sabem explicar ou responder o que a gente quer saber. De todo modo, ser mulher pesquisadora foi uma condição de abertura e permanência ao longo dos anos de contato com as pessoas do terreiro. O antropólogo Sergio Ferretti (1996, p. 44) escreveu sobre as dificuldades a serem superadas por pesquisadores homens que estudam as religiões afro-brasileiras. Certa ocasião, um colega que precisava fazer uma entrevista com Mãe Elzita sobre intolerância religiosa, pediu-me que o ajudasse a ter acesso ao terreiro e mediasse a entrevista, pois sentia que seria mais bem recebido se eu estivesse com ele:

antigamente. Então, ofereci-me para compor o grupo e participar dos ensaios e do Auto. Todos me olharam surpresos e alguém até comentou que eu já tinha saia adequada para vestir. No entanto, depois fui informada de que eu não ia ensaiar, porque não conhecia o texto e não tinha experiência nisso.

Na Casa das Minas, como em geral nas religiões afro-brasileiras, o papel da mulher é predominante na maior parte dos rituais. Parece-nos que pesquisadora mulher talvez tenha maiores oportunidade de aprofundar o conhecimento de determinados aspectos do comportamento, relacionados, por exemplo, como forma de liderança feminina e sua importância na transmissão da cultura, ou com pequenos detalhes de comunicação, como sinais de olhar e gestos.

O Terreiro Fé em Deus é um lugar considerado tradicional em seu sistema de crença, os seus rituais, a sua organização e suas festas, já foram observados por muitos pesquisadores. Cada um ao seu modo, contou um pouco de sua história e presença no bairro Sacavém, com trabalhos que examinaram aspectos do tambor de Mina, a sua prática e a importância desse espaço no cenário da religião afro brasileira e maranhense. Entretanto, a festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, apesar de ser considerada "a festa maior" do terreiro, ainda não foi devidamente examinada do ponto de vista dos organizadores da festa, o que faz sentir a ausência de compreender o que realmente seja um festeiro, um devoto, tendo em vista que "a festa é feita por todos nós", conforme ouvi de Mãe Roxa. Pelo menos é o que a parte pública demonstra, quando na verdade, todos obedecem às orientações das entidades espirituais ou "correntes de entidades que estão reinando" na temática da festa.

À época da seleção e aprovação no doutorado apresentei um projeto de pesquisa que tinha como objetivo dar continuidade a aspectos do meu trabalho desenvolvido no mestrado, no qual problematizei as relações do pesquisador com seu objeto de estudo e as implicações humanas no trabalho de campo em um terreiro de tambor de Mina - Terreiro Fé em Deus, ao etnografar a minha experiência como madrinha de mesa de bolo da festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo em um terreiro de tambor de Mina, a partir das *dádivas* inerentes a realização da festa. Eu busquei compreender a dinâmica de interações entre pesquisador e sujeitos pesquisados e a partir dessa experiência, constatei que a inserção do pesquisador no campo por meio de apoio material ou *dádivas* é indispensável, tendo em vista que são sociabilidades que afloram e possibilitam as relações necessárias para o avanço do processo de pesquisa. É importante pensar sobre a constante presença do antropólogo junto ao grupo do terreiro, como este é inserido na estrutura das relações de poder que se estabelecem em virtude do que, nem sempre é possível desenvolver o tema de seu projeto, apenas considerando os interesses inerentes a este (SILVA, 2000).

Ser madrinha da mesa mais representativa da festa, oferecer o bolo de Senhora Sant'Ana chamou-me à atenção para o aspecto econômico da festa e fez-me perceber o valor dos recursos financeiros e materiais necessários para sua realização e em termos gerais, compreendi que era muito importante conhecer como os atores sociais envolvidos nesse evento, elaboram as suas estratégias econômicas para custear cada fase do ciclo festivo, a partir das funções que estes ocupam dentro da estrutura e organização da festa. É um período em que o consumo de objetos⁴³ rituais, mobiliza o comércio no centro da cidade, os artesãos, as costureiras, doceiras e todos os envolvidos nesse evento. Assim, pensei sobre a importância de discutir a questão econômica dos objetos rituais e explorar as “teias” de significados existentes nas concepções e práticas do tambor de Mina, no contexto da festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo, no Terreiro Fé em Deus. Porém, no decorrer dos debates das disciplinas no curso de doutorado e, ao mesmo tempo, com a minha longa vivência no terreiro, junto às filhas de santo, a vizinhança do bairro Sacavém, eu percebi que poderia analisar o simbolismo contido nos objetos rituais associados à festa a partir da “visão de mundo” dos organizadores e responsáveis por ela e também, abordar o viés econômico. Durante os anos de convivência junto ao Terreiro Fé em Deus sempre foi muito marcante, para todos os envolvidos, a importância de poder participar da festa, porque é uma ocasião que todos convivem mais, compartilham esforços, renovam as esperanças e a fé, mas também rivalizam e enfrentam conflitos em muitas situações no decorrer das fases da festa.

Assim, ao final do primeiro ano de doutorado reelaborei os objetivos do meu projeto, apesar de manter discussões presentes nos trabalhos anteriores como: religião, entidades espirituais, tambor de Mina, percebi que era necessária a continuidade desses debates para melhor entender: “a maquinaria que os indivíduos ou grupo de indivíduos empregam para orientar a si mesmo num mundo que de outra forma seria obscuro. Conforme escreve Clifford Geertz (1989, p.150-1) o mundo cotidiano é habitado por homens personalizados, classe concretas de pessoas determinadas, os sistemas de símbolos que definem essas classes não

⁴³ Há em todo o ciclo da festa uma diversidade de objetos rituais que mobilizam o grupo religioso do terreiro, os festeiros, os devotos e todos que participam da festa. Por exemplo, o buscamento do mastro mobiliza o “grupo dos nove” que elabora recursos para “dar conta” das despesas e demandas no dia do evento.

são dados pela natureza das coisas – eles são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente.

A organização da festa começa desde o mês de janeiro quando o Grupo dos Nove, Mãe Dina e Mãe Roxa, cada um com suas responsabilidades, articulam-se com grupos de pessoas ligadas ao terreiro, planejam um programa de atividades que compreende encontros e reuniões para decidirem sobre todas as demandas inerentes aos dias festivos no mês de julho. As estratégias que cada grupo vai desempenhar para angariar recursos é mais debatida entre todos e não é algo simples, pois a divisão das responsabilidades é muito importante para que tudo ocorra segundo as entidades espirituais determinaram. Além disso, é muito importante que tudo ocorra dentro das expectativas de quem comanda a organização festa, porque também é um momento de expressão dos mais profundos desejos e sentimentos de fé, força e vitalidade de um grupo social. A festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo promove o fortalecimento da identidade social dos frequentadores do terreiro com a vizinhança que faz referência ao bairro Sacavém como lugar de vitalidade cultural e religiosa de São Luís. Nesse sentido, é importante lembrar que o pano de fundo dessa pesquisa é a religião do tambor de Mina e suas práticas, levando em consideração a sua influência simbólica no processo social no contexto da festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus.

O Grupo dos Nove



Figura 6 – Terezinha Costa Pereira, membro do Grupo dos Nove.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

O *Grupo dos Nove* surgiu como uma estratégia elaborada por algumas pessoas ligadas ao Terreiro Fé em Deus, no ano de 2001. É formado por pessoas que decidiram efetivar a criação de um grupo de apoio à Mãe Elzita para que ela pudesse realizar a festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, com menos preocupação. A festa é muito onerosa e Mãe Elzita antigamente, assim como Mãe Denira, realizava festas de reggae, como forma de angariar mais recursos para suprir as demandas, pois uma das maiores despesas da festa é com o mastro. Mas, com o avanço da idade, ela foi restringindo as festas de reggae e as dificuldades surgiram e, assim, nove pessoas (homens originalmente), ligados às filhas de santo do terreiro, fundaram o Grupo dos Nove. O senhor William Fernandes Nascimento, mais conhecido como "Xuíla" que é filho adotivo de dona Diquinha e participou da fundação do grupo, relatou-me que:

Tenho mais de cinquenta anos que faço parte desse festejo. O Grupo dos Nove é responsável pelo mastro. A gente tira o mastro, "pela"⁴⁴ ele todinho e de lá a gente leva para casa onde ele é decorado. A gente depois traz o mastro pra cá e depois dele em pé, entrega pra casa. Ai no dia 27, a gente é responsável pelo derrubamento do mastro que é hoje. Cada membro ajuda com uma quantia na conta que é depositado um valor de cinquenta reais por mês. Aí quando chega o mês da festa, ai soma aquele valor todinho e a gente vai comprar murta, côco, cana-de-açúcar, bebida, o jantar. Mas, tudo isso é o Grupo dos Nove que é responsável. O padrinho é do grupo e a madrinha é da casa, assim que funciona. No dia do derrubamento do mastro é escolhido o padrinho para o próximo ano. Mas, todo mundo é padrinho. Esse período todinho eu já venho fazendo parte. Esse grupo surgiu porque teve um ano que o festejo deu uma caída, ai Etevaldo, foi ideia dele. Então, começou com o pessoal só daqui, e o que acontece? Deu uma animada e o grupo cresceu e tem mais de trinta pessoas, só o nome que é Grupo dos Nove (ENTREVISTA EM: 27/07/2022).

A maioria dos membros do grupo não mora no bairro Sacavém e alguns vêm de outros bairros, como o Maiobão. É de dentro do grupo que é eleito o padrinho e a madrinha oficial para batizar o mastro e fazem isso por sorteio. Mas, todos que colaboraram são considerados padrinhos, madrinhas e quando algum devoto de Senhora Sant'ana ou Divino Espírito Santo faz promessa ou deseja participar como padrinho, o grupo aceita a colaboração de bom grado, como foi o caso de dona Lula Pires Rodrigues, de 69 anos, aposentada e moradora de São Luís. Segundo o seu relato:

⁴⁴ Pelar é fazer a limpeza dos galhos e folhas da árvore que foi derrubada para ser o mastro.

Quando eu vi o mastro pela primeira vez, eu morava em Cururupu e foi na casa de dona Filadélfia. Eu tinha treze anos e isso chamou à minha atenção, mas eu não sei explicar. Eu pensei: ó Divino é tão lindo, a tua festa! Algum dia eu vou lhe dá um mastro todo enfeitado. Mas, me ajude a ir embora daqui para o Rio de Janeiro e morar com meu irmão! (ENTREVISTA EM: 10/07/2021).

Conforme, dona lula relatou-me, quando ela tinha dezenove anos, o seu irmão a convidou para ir morar com ele no Rio de Janeiro e ela morou na cidade por dez anos. Mas, ela retornou a São Luís, casou-se com um antigo namorado, o senhor José Viegas, teve três filhos com ele e viveram juntos por vinte anos. O casamento acabou e ela acredita que foi por não ter cumprido a promessa, assim que chegou ao Rio de Janeiro, conforme havia pedido essa graça ao Divino. Além disso, ela contou que em 1999 teve uma visão do Divino, pois viu uma Pomba “dentro de um material prateado”. Dona lula entendeu que já era tempo de acertar as contas com o Divino e decidiu pedir ao Grupo dos Nove que a deixasse participar como madrinha do mastro, pois já era hora de pagar a promessa que fez ainda criança e colaborou com certa quantia de dinheiro⁴⁵ que ela pediu que fosse gasto com a compra das frutas para enfeitar o mastro e assim o grupo fez.

Alguns fundadores do grupo já faleceram, mas deixaram filhos em seus lugares que continuam a colaborar com festa. A responsabilidade do grupo é o oferecimento do mastro com todas as despesas inerentes a essa fase do ciclo festivo. Para tanto, o grupo faz a retirada do mastro dentro da mata, cobre-o com murta para o cortejo de entrega ao terreiro, enfeita-o com frutas para realizar o batismo e levantamento, por fim, o derruba para fechar o ciclo do Divino dentro da festa de Senhora Sant’Ana. O *Grupo dos Nove* tem esse nome por conta de sua formação inicial que era composta por nove pessoas. Porém, é um grupo aberto e busca incluir o máximo de colaboradores, pois é preciso obter recursos suficientes para pagar todas as despesas que o mastro exige. Cada participante do grupo colabora voluntariamente com uma quantia em dinheiro, por isso, fazem uma poupança e cada membro deposita certo valor que somado ao longo do ano, chega até cinco mil reais. Com bastante antecedência, o grupo faz reuniões ocasionais para deliberar as atividades que serão realizadas durante o ciclo festivo e cuidar de todos os detalhes que demanda o buscamento. Uma das atividades do grupo é realizar a escolha da árvore que será retirada de dentro da mata e isso envolve

⁴⁵ Dona lula não quis compartilhar o valor doado ao grupo para o pagamento de sua promessa. Mas, disse que era o suficiente para deixar o mastro muito bonito.

chamar muita gente para ajudar a carregar e transportar até o local onde ela será ornamentada e transformada em mastro, ou “vestido” para ser entregue ao cortejo de buscamto que é realizado pela Corte da festa, juntamente com as caixeiras. Quem comanda essa parte das atividades do grupo é a entidade espiritual *Itaité* que é o guia espiritual de dona Maria Rosa, mais conhecida como Miúda, filha de santo de mãe Elzita e filha biológica de Seu Kleber, um dos fundadores do grupo. Sobre a participação de seu guia espiritual nas atividades do mastro, dona Maria Rosa falou-me que:

Eu não sei nem falar assim. Mas, quando meu pai recebeu o convite para ser o padrinho do Mastro, o primeiro ano. Aí ele começou a ir. Aí, as meninas começaram a falar: “teu encantado, ele veio falou uma poção de coisa, porque vira porque torna”. Eu digo agora ele que se meter aonde não é chamado. É desse jeito! Então, uma vez ele veio e disse que sabia o que estava fazendo e que era pra “mim” não dizer nunca mais que ele tava se metendo onde não era chamado, né? Aí, uma vez meu pai disse: “é minha filha, ele sabe o que tá fazendo, a gente é que não sabe”. Eu digo é! Vamos ver até onde ele vai. Então, meu pai faleceu e eu pensei que ele fosse se afastar. Mas, ele continua e participa de tudo do mastro. Ele escolhe a árvore que vai ser tirada do mato. Eu vou pra dentro do mato pra tirar a árvore. Tudo do mastro ele participa. (ENTREVISTA EM: 13/01/2022).

Por sua vez, a entidade espiritual *Itaité* incorporado em dona Maria Rosa contou-me sobre como foi o começo de sua participação no buscamto do mastro:

O mastro começou assim. Eu comecei quando o pai dela entrou ai no Grupo dos Nove e quando ele veio pra cá. Aí foi indo, foi indo, fiquei, fiquei! Depois que ele morreu, ai eu fiquei direto. Eu nunca perdi um ano! Eu nunca perdi um ano. Todo ano eu tô aqui! Sou devoto de Sant’Ana e do Divino! Cada um tem um interesse. (ENTREVISTA EM: 17/07/2022).

Durante o cortejo de buscamto do mastro, o Grupo dos Nove serve muita bebida alcoólica para os homens que o carregam e também, para amigos e convidados e isso faz parte das despesas do grupo, bem como pagar os músicos da banda que tocam marchinhas de Carnaval e animam o cortejo. Nos últimos anos, o Grupo dos Nove reativou a radiola de reggae, faz a venda de cerveja ao lado do terreiro e com isso, ganham mais recursos para promover mais animação da festa e outras despesas com o mastro. Outra estratégia do grupo que também tem a participação de um neto de coração de Mãe Elzita é trazer show de cantores populares para animar a rua e promover a venda de bebidas e alimentos. Cada atividade relacionada ao mastro tem um responsável pela sua execução. Por

exemplo, a feijoada e o refrigerante que é servido para todos os presentes, antes do cortejo são de responsabilidade de Terezinha Costa Pereira e seu marido Marcelo que moram vizinhos do Terreiro Fé em Deus. Para Terezinha o mastro representa “santidade e fé” e a sua participação no Grupo dos Nove tem relação com a sua mãe biológica Conceição, conhecida como “Concissão” e que era filha de santo de mãe Elzita. Segundo Terezinha: “se o Império é bonito, o mastro também precisa ser bonito”. Mas, rivalidades à parte, ela contou-me que participa do grupo por questões religiosas relativas à vida de sua mãe biológica que foi filha de santo de Mãe Elzita e que fez opção por outra religião⁴⁶ sem encerrar “obrigações” com as entidades espirituais que recebia. Ela colabora com o mastro porque teme ser cobrada pela entidades espirituais pela dívida de sua mãe. Conforme o seu relato:

Nos últimos anos de vida, a minha mãe abandonou a Mina e foi para igreja evangélica e lá, o pastor destruiu todas as suas saias e guias. A única coisa que sobrou foi uma fita vermelha e depois que ela morreu, não teve como fazer o “despacho” dela. A entidade de mãe Elzita fez um trabalho com a fita. Mas, mesmo assim eu tenho medo que as entidades⁴⁷ dela venham para mim. Por isso, eu decidi colaborar com a casa servindo feijoada e refrigerante para as pessoas como forma de fazer o a obrigação de minha mãe. (ENTREVISTA EM: 08/12/2021).

A filha substituiu a mãe como forma de sanar a ausência da energia que sustenta o movimento do terreiro. No entanto, percebe-se que a força do grupo social é muito forte e movimenta as pessoas para aderirem as regras do sistema de relações. Por outro lado, a inclusão de novos “colaboradores”, na organização da festa, principalmente de pessoas consideradas detentoras de algum tipo de “*capital*” é muito utilizado como forma de manutenção das despesas e fazer uma “festa maior” no terreiro. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (2005, p. 201) destaca que as motivações possuem:

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, dessas orientações comumente descritas como “escolhas” da “vocaçã”, não é outra coisa senão o *habitus*, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas.

⁴⁶ Dona Conceição, assim como sua irmã biológica Diquinha converteu-se ao evangelho da Igreja Adventista do sétimo dia e abandonou, o tambor de Mina.

⁴⁷ Conceição, a mãe de Terezinha recebia Surrupira que vinha como Seu Pindaré e Princesa Leonor.

O Grupo dos Nove é essencial para a realização dessa fase da festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo pela estrutura que ele promove para oferecer o mastro ao Terreiro Fé em Deus. Além disso, o mastro é um dos símbolos da festa que mais mobiliza pessoas, porque promove outras atividades ao seu redor como o buscamto, batizado, levantamento e derrubamento. O seu desempenho simbólico consiste em destacar a presença das caixeiras como categoria social, pois são elas que tocam os tambores sagrados e celebram a presença do Divino entre os homens, mulheres, crianças e na vida do terreiro.

Mãe Dina



Figura 7 – Dinalva Coêlho.
Fonte. Arquivo pessoal de (Dinalva Coêlho, 2022).

Dinalva Ângela Vieira Coelho de Oliveira, é filha carnal primogênita de Mãe Elzita e também filha de santo do Terreiro Fé em Deus. Todos a chamam de Mãe Dina e é muito conhecida por sua mansidão, equilíbrio e respeito no trato com quem convive com ela. Mãe Dina faz parte do grupo de filhas de santo do terreiro e, nos toques de tambor de Mina, recebe em transe espiritual, o seu guia de frente e dono de sua crôa ou cabeça, o caboclo Tucueiro com quem teve o seu primeiro transe espiritual. Essa entidade é filho do Rei Surrupira e irmão do caboclo Surrupirinha, conforme ela contou-me, ele é: “um filho da casa que virou pai.” Essa afirmação, fundamenta-se no fato de aos poucos ela ter assumido no cotidiano do terreiro, as funções de Mãe Elzita⁴⁸, tanto no atendimento as pessoas da vizinhança quanto da comunidade. Mãe Dina também recebe em transe espiritual, a sua senhora, a

⁴⁸ O adoecimento de Mãe Elzita, aos poucos restringiu à sua presença dentro do barracão e sua filha Dina precisou cuidar de suas “obrigações” com as entidades espirituais e dá assistência às pessoas que frequentam o terreiro.

princesa Florípes que é filha do Rei da Turquia, irmã do caboclo Jariordama e que apesar de transitar em “varias partes”, como guerreira, princesa, cabocla ela é mais notada nos toques de tambor de Mina para receber as entidades espirituais femininas que pertencem a corrente astral. Mãe Dina é benzedeira como sua Mãe Elzita, ela também atende as pessoas que vão ao terreiro em busca de um “passe” de energia para curar alguma doença, ou “mau olhado”. Quando ela incorpora as suas entidades espirituais que comparecem nos toques de tambor de Mina, elas costumam cantar doutrinas que fazem referência aos lugares de onde vivem:

De lá eu vim
 Pra lá eu vou (bis)
 Vou subir nos alvoredos
 Vou voar como um beija-flor
 (Florípes)

Sou caboclo da mata
 Sou morador do Tucun á
 O meu pai é matalinheiro
 Ele é caboclo da mata Gangá
 (Tucueiro)

Segundo Mãe Dina contou-me, ela foi criada em outro bairro, pois Mãe Elzita tinha uma grande preocupação com o seu futuro e por isso, a entregou para que fosse morar com a sua madrinha⁴⁹ que podia proporcionar-lhe mais oportunidade para estudar em boas escolas. No entanto, ela atualmente analisa que a maior preocupação de Mãe Elzita era evitar que ela fosse “olhada por caboclo”, pois não queria que ela tivesse o mesmo destino que ela. Disse também que antigamente Mãe Elzita não deixava criança assistir tambor, “pra não cair⁵⁰ e hoje criança fica ali junto com todos dentro do terreiro, mas porque tudo muda sempre.”

No entanto, afirmou que não foi fácil ficar longe do seu bairro, de sua vida no terreiro, das festas da casa e das pessoas que amava e que de vez em quando, fugia da casa da madrinha e ia ao terreiro pedindo para ficar, mas tudo que ela conseguia era apenas “levar uma surra” e em seguida, o seu pai a levava de volta à casa da madrinha, com quem conviveu muitos anos, até adolescência. Apesar de sua mãe não gostar da ideia de vê-la no terreiro, retornou a convivência com a sua família de origem, mas por pouco tempo, porque aos dezessete anos, ela foi embora para São Paulo. Nessa cidade, conheceu o seu primeiro marido, Celso de

⁴⁹ Segundo Mãe Dina o nome dela era Maria do Socorro.

⁵⁰ Termo usado lá no terreiro para referir-se ao transe com entidade espiritual.

Oliveira, trabalhador da construção civil e por lá teve a sua primeira filha, Ângela. À época do nascimento de Ângela, Mãe Elzita, ainda jovem e saudável, foi ao seu encontro em São Paulo para apoiá-la, durante o resguardo ou pós-parto. Eu ouvi essa memória do caboclo Surrupirinha, quando em uma de suas passagens pelo terreiro com Mãe Elzita em transe, a entidade espiritual fez referência a esse fato, ao dizer que: “eu já fui a São Paulo com Elzita, ver a menina que nasceu.”

Em São Paulo, Mãe Dina tem alguns irmãos por parte de pai, trabalhou em uma fábrica de giz e viveu por lá durante nove anos. Depois desse período, ela retornou ao Maranhão e aqui nasceu o seu segundo filho, o Emanuel, que nos dias de toques de Mina, toca o tambor ou como afirmam lá no terreiro, ele é um “abatazeiro”. Desde que nasceu ele conhece bem os ritmos e as formas de bater o tambor, conforme as doutrinas ou cânticos puxados pelas entidades espirituais. Ângela, a sua filha, é casada com Manuel, que faz parte do Grupo dos Nove, mora em outro bairro, trabalha na área da saúde e sempre que pode está presente no terreiro para colaborar e apoiar sua mãe Dina, Mãe Elzita e as outras dançantes. O seu filho mais novo é o Alex, filho do segundo marido⁵¹ e também participa das atividades realizadas no terreiro, sempre que é solicitado.

A vida de Mãe Dina dentro do terreiro era restrita a dar assistência as filhas de santo de Mãe Elzita, durante os toques de tambor de Mina, fazia café e chá de cidreira, tocava cabaça e entregava as toalhas para as entidades quando incorporavam as dançantes. Mas, apesar de não dançar ela contou-me que “sentia as vibrações de sua entidade espiritual e passava muito mal, ficava alterada e brigava muito facilmente com as pessoas. Nos toques de tambor de Mina, quando pegava a cabaça para tocar ela disse-me que: “extravasava e a minha corrente era da cabaça já que mamãe não aceitava que eu incorporasse.” Com o passar do tempo, ela disse que não tinha boa saúde e que a “entidade foi se aproximando cada vez mais” e sua mãe depois de muito resistência lhe deu o “banho de crôa” e logo ela começou a dançar e a entidade revelou-se. Mãe Dina disse-me que começou a dançar somente aos 40 anos e que “a minha mãe carregava aquela carga por mim.”

Mãe Dina possui graduação em Administração de Empresas, é funcionária pública aposentada e mora com o seu atual marido e filhos ao lado do terreiro. Ela

⁵¹ Alexandre.

juntamente com o Grupo dos Nove e Mãe Roxa tomam conta das “obrigações” de Mãe Elzita em relação a festa e segundo relatou-me:

A festa é uma obrigação de minha mãe. Agora nós tomamos conta pra ajudar. Chiquinha⁵² entregou a parte de joia, da cozinha e com a morte de Stênio⁵³ perdemos mais uma ajuda e a festa toda em si passou ser responsabilidade minha e de dona Roxa. Então nós temos que preservar a cultura, deixar uma história, um legado e enquanto a minha mãe for viva eu vou fazer como se fosse ela porque eu venho desde criança acompanhando essa festa e eu estou nessa pra ajudar a levar essa coisa adiante. A minha preocupação é fazer tudo como minha mãe me ensinou. Com a participação de Dona Florípes e Seu Tucueiro (entidades espirituais de Dinalva), mas de frente Surrupirinha e Dona Doralice. Surrupirinha e Seu Tucueiro são irmãos. Mas, aqui Seu Tucueiro é filho. Tudo aqui é feito conforme a condição dela (Mãe Elzita), pois a saúde dela não pode mais fazer como era antes. Na verdade, a festa tem as correntes de todas as dançantes. Roxa tá como representante da casa, então ela tá de frente. (ENTREVISTA EM: 08/05/2021)

Mãe Roxa



Figura 8 – Mãe Roxa em sua festa de Cura.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2018).

Dona Maria Auxiliadora Amaral Pinto⁵⁴, sessenta e seis anos, autônoma, mais conhecida como Mãe Rôxa é a filha de santo de Mãe Elzita mais ativa, dentro e

⁵² Chiquinha era a responsável por dividir tarefas e mobilizar pessoas para ser madrinha, padrinho ou colaboradores com as despesas relativas aos alimentos ou às joias.

⁵³ Stênio foi o único filho de santo de Mãe Elzita com uma efetiva participação dentro da casa nos rituais de Cura e Pajelança. Ele faleceu com menos de 40 anos em 2018. Nos toques de Mina ele tocava ferro, cabaça e participava da Bancada servindo alimentos e da organização da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo.

⁵⁴ Filha de Maria Natividade, conhecida por Dadá e que foi filha de santo de dona Denira. Dona Dadá quando era dançante de Mina, recebia o caboclo João de Una.

fora da religião. Atualmente, por conta das limitações de saúde de Mãe Elzita e também de dona Assunção, que é a guia do terreiro, é ela quem comanda as atividades religiosas da casa. Ao longo dos anos de contato com Mãe Elzita e suas filhas de santo, ela sempre fez observações sobre Mãe Roxa e dizia que ela: “já era formada em tudo”. Mãe Elzita estava querendo dizer que sua filha já estava pronta e preparada para assumir as responsabilidades e realizar as suas obrigações com as entidades espirituais, pois passou por anos de aprendizado dentro de seu terreiro. Ela sabia que a sua filha de santo aprendeu com o tempo e a vivência ao seu lado, pois segundo Mãe Roxa: “a Mina é olhar, observar e calar”. Olhar para conhecer o que é necessário entender sobre a espiritualidade, os traços específicos de cada entidade espiritual, a sua manifestação e expressão quando incorpora o seu “cavalo”⁵⁵. Observar para perceber a forma como as entidades espirituais expressam suas qualidades e fazem conexões com o mundo material, um cântico, uma guia, uma cor, marca e identifica famílias, lugares e qualidades específicas das entidades espirituais. E por sua vez, é importante calar diante do que não se tem conhecimento, daquilo que não se pode ter o controle e compreensão, por ser mais que valor e fundamento ancestral. Mãe Roxa tem como guia de crôa o Rei Surrupira Mata Zombana, dono de sua cabeça e o seu mensageiro é Pedrinho de Oliveira do Alecrim e ainda, a princesa Joaquina, filha do rei Camundá.

Com essa premissa, Mãe Roxa aceitou a responsabilidade para “tomar conta” dessa tradição que é a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, pois “quem recebe ordem se levanta” e ela recebeu essa missão, primeiro das mãos de Chiquinha que era quem comandava todas as etapas que envolvem a Corte da festa. Chiquinha é filha de santo de Mãe Elzita e dançava no ritual da Pajelança ou Brinquedo de Cura, mas por causa dos problemas de saúde que adquiriu, não pode mais fazer a festa e entregou essa responsabilidade para Mãe Roxa, Mãe Dina e Stênio⁵⁶. No entanto, com a morte de Stênio, Mãe Roxa e Mãe Dina recebem apoio de Geceanderson, que é neto do coração de Mãe Elzita e seu grande apoiador, pois nasceu dentro da casa e conhece todas as etapas da festa e participa ativamente de tudo que é feito dentro do terreiro. Mãe Roxa também conta com o apoio de seus

⁵⁵ Nome dado à pessoa que entra em transe ou incorpora entidade espiritual. Muitas vezes, durante os toques de tambor de Mina ou em momentos ordinários.

⁵⁶ Único filho de santo de dona Elzita falecido em 2018. Stênio tinha um terreiro na Vila Olímpica e realizava festa para o Divino Espírito Santo, ritual de Cura e tambor de Mina.

familiares, a filha-neta Carolina e mais dois filhos que ajudam a tocar os tambores e também, oferecem assistência dentro do terreiro, durante as atividades religiosas.



Figura 9 – Geceanderson Amorim.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

A responsabilidade de Mãe Roxa como sacerdotisa do Terreiro Fé em Deus e cuidadora das entidades espirituais, a partir do ano de 2021, aumentou, pois ela agregou ao grupo de irmãs de santo, as suas seu filhas de santo e com isso, o número de pessoas sob o seu comando é bem maior. São mais colaboradores para ajudar nas tarefas inerentes ao festejo, mais apoio pessoal e material. No entanto, vieram “outras preocupações” além da preservação da cultura e reconfiguração das práticas religiosas e festivas dentro do tambor de Mina do terreiro.

A caracterização social dos organizadores da festa é importante para conhecer elementos e aspectos da festa que podem trazer a luz: a) as mudanças gerais da festa ao longo dos anos dentro do espaço do terreiro e do bairro Sacavém, bem como a estrutura da configuração social em que ela fundamenta-se; b) perceber dentro desse universo simbólico e prático as normas, as regras, os papéis sociais, as estratégias que cada categoria utiliza para desempenhar as suas funções.

2 MÃE ELZITA: O SEU LEGADO PARA O TAMBOR DE MINA



Figura 10 – Mãe Elzita
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2018).

Conhecida no mundo afro-religioso maranhense como uma importante sacerdotisa, especialmente no tambor de Mina e ritual de Cura ou Pajelança, Mãe Elzita Vieira Martins Coelho é tida como uma referência de amor e acolhimento no Terreiro Fé em Deus. Ela nasceu em São Luís do Maranhão, no bairro Monte Castelo, Rua da Glória, em 16 de janeiro do ano de 1934 e conforme Amorim (1996) é filha de Elias Vieira Martins e Vintura Costa Leite⁵⁷. Com apenas oito anos de idade, ficou órfã de mãe e foi criada por dona Cota que era sua tia e segundo ela, essa senhora foi muito boa mãe e deu-lhe: “todo carinho que uma criança precisa pra ser feliz”. Muitas das falas de mãe Elzita diluídas nesse trabalho estão registradas em meus cadernos de campo, acumulados a partir de minha imersão em seu terreiro, como aspirante a pesquisadora desde a graduação. Tendo em vista que, nos últimos anos, a doença⁵⁸ tem avançado sobre a sua consciência, considero essas falas importantes fontes como forma de preservar a sua memória, pois o que Mãe Elzita tem em sua casa é um tambor de Mina que recebeu dos seus

⁵⁷ Conversei com a irmã de dona Elzita, a dona Maria José, que mora com ela há alguns anos. Dona Maria José tem 92 anos, é lúcida e lembra que seu pai a registrou, juntamente com dona Elzita só com o nome dele. Ela disse que: “parece que a gente só tem pai”.

⁵⁸ Mãe Elzita sofre do mal de Alzheimer em nível avançado.

antepassados aqui do Maranhão, precisamente do terreiro do Egito⁵⁹ de onde é descendente direta por conta de sua mãe de santo Denira⁶⁰ que tinha como guias caboclo Ita e Vó Missã. Nos rituais realizados em seu terreiro, ainda observamos a alma de dona Denira, a força de seu Biná⁶¹, a sabedoria de dona Anastácia⁶² e dona Maria dos Remédios⁶³ de Juracema lá do Terreiro da Turquia. Desse modo, gostaria de destacar que nesse tópico eu reúno algumas informações sobre o seu pensamento e sua trajetória no tambor de Mina, expressão da religião afro-brasileira no Maranhão. Essas informações foram obtidas em conversas, entrevistas e observações diretas dos rituais em seu terreiro registradas em caderno de campo, no decorrer dos anos de contato que tive com ela e que também guardo claramente em minha memória.

A vida religiosa de Mãe Elzita e a sua inserção na religião do tambor de Mina está relacionada com a sua mediunidade que se manifestou primeiramente em um ritual de Cura, quando ela ainda era criança. Segundo os seus relatos, ela sentiu as primeiras “sensações” da presença de sua senhora, a entidade espiritual Rainha Troirinha, aos dez anos de idade, quando ela foi com a sua tia Filomena visitar o terreiro de dona Maria Domingas, onde⁶⁴ realizavam um ritual de Cura e no qual ela teve o seu primeiro transe. Dona Maria Domingas, como nos informou Mãe Elzita, teve uma participação em sua iniciação religiosa na parte da Cura, pelo fato dela ter “caído⁶⁵” em sua casa. Durante o período que esteve vinculada a dona Maria Domingas, ela afirma que também entrou em transe com a entidade espiritual que considera o dono da sua cabeça ou “crôa”, o Caboclo Velho (AMORIM, 1996, p. 22). No entanto, foi somente na adolescência que ela pode fazer a sua iniciação na Mina,

⁵⁹ Terreiro de Mãe Maria Pia.

⁶⁰ Dona Denira Ferreira de Jesus foi a mãe de santo de dona Elzita, sua cabeça foi banhada por Mãe Maria Pia do Terreiro do Egito, situado nas proximidades do Itaqui. Mãe Denira esteve ligada ao Terreiro do Egito até decidir-se abrir o seu terreiro em 1945. (SANTOS e SANTOSS NETO, 1989, p.65).

⁶¹ Marido de Denira e pai de santo de dona Elzita na parte da Pajelança.

⁶² Anastácia foi a fundadora do terreiro da Turquia e “assentou o Terreiro Fé em Deus. O Terreiro da Turquia, como é mais conhecido o Terreiro Fé em Deus (Nifé Olorum), fundado em junho de 1889, por Anastácia Lúcia dos Santos, é localizado atualmente no Outeiro da Cruz, à Rua Nossa Senhora da Vitória, n. 22. Nos dias de hoje, o terreiro não tem mais a expressividade que tinha na época de mãe Anastácia, que morreu com 103 anos, no dia 09 de março de 1971 (SANTOS; SANTOS NETO, 1989).

⁶³ Dona Maria dos Remédios era a guia do Terreiro da Turquia e acompanhou dona Anastácia no ritual de assentamento do Terreiro Fé em Deus.

⁶⁴ O terreiro de dona Maria Domingas de acordo com Amorim (1996) ficava localizado no bairro João Paulo em São Luís.

⁶⁵ Essa expressão é muito utilizada no Terreiro Fé em Deus, para se referir ao primeiro contato que a pessoa teve com o seu guia espiritual. Dizem assim: eu “caí”.

através de Mãe Denira Ferreira de Jesus⁶⁶ que, segundo Santos e Santos Neto (1989, p.65), era sua vizinha e conforme ela relatou-me, entrou em transe com o caboclo que é o guia espiritual do seu terreiro: “com 15 a 16 anos que veio Surrupirinha, lá no terreiro do Engenho, mas dona Denira já tinha um terreiro” (AIRES, 2008). Mãe Denira pertencia à entidade espiritual, Vó Missã, para quem fazia festa em seu terreiro, o Nanã Borokô, a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Conforme Mãe Elzita contou-me, foi a entidade espiritual Vó Missã quem pediu para Mãe Denira fazer esta festa. Além de Vó Missã, outra entidade espiritual que comparecia na “crôa” de Mãe Denira era o caboclo Ita que também era homenageado com o tambor de Borá no mês de setembro, juntamente com São Miguel Arcanjo.

Mãe Denira era casada com o seu Biná, que era pajé, e conforme ouvi dizer de Mãe Roxa, ele: “recebia vários caboclos e os mais conhecidos são: o Seu Serrano e o caboclo Acarajú”. Seu Biná e Mãe Denira, pelo fato de serem marido e mulher, cuidavam juntos do terreiro, apesar de desempenharem funções diferentes. Mas foi através de Seu Biná que Mãe Elzita recebeu a preparação e os conhecimentos na Pajelança ou Cura, com ele pode fazer o seu “encruzo”⁶⁷. Cura é um ritual realizado em muitos terreiros de tambor de Mina no Maranhão, conforme registra o estudo da antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p. 226) sobre o tema e afirma que: “Cura é um ritual público e festivo da pajelança cabocla do Norte realizado em muitos terreiros de São Luís, onde o Pajé (ou Curador) incorporando entidades espirituais de diversas linhas canta, dança e toca maracá durante a noite toda”. Mãe Elzita contou-me que seu Biná “era pajé mineiro” porque ajudava a sua mãe de santo e ele tinha muita experiência com as atividades do terreiro e também, mediunidade, porque eles dois vieram da casa do finado Zacarias. “Ele era abatazeiro e ela era de lá” (AIRES, 2008). Lélia Maria dos Santos, filha de santo de Mãe Elzita que mora ao lado do Terreiro Fé em Deus, recebe em transe espiritual, o caboclo Serrano quando fazem os rituais com toques de Mina e conforme o seu relato, essa entidade espiritual é o dono de sua “crôa”, segundo ela:

O pai de santo de Rainha Troirinha e Princesa Doralice é o seu Serrano. Ele que fez. Ele e Seu Acarajú que fizeram. Acarajú é uma entidade que era de

⁶⁶ Falecida aos quarenta e poucos anos (47?) no ano de 1965.

⁶⁷ Segundo o estudo de Mundicarmo Ferretti (2000), o encruzo é um: “ritual de iniciação ou de preparação de curador realizado nos terreiro de mina de São Luís, geralmente durante uma Cura”.

Seu Biná também. Preparou ela para ser essa curadeira que hoje ela é. Ai Denira era mineira e Biná curador. Denira ajeitou a Mina e Biná a fez pra Cura porque, diz o povo que ele era um curador indo e vindo, o Serrano⁶⁸ ele era curador. Em mim, ele já ficou na Mina porque só tinha ele e dona Rosinha. (ENTREVISTA EM: 15/02/2022).

Desta forma, a iniciação religiosa de Mãe Elzita, decorreu desses dois pólos distintos de conhecimentos e enquanto foi filha de santo de Mãe Denira e de seu Biná, pode desenvolver, ao mesmo tempo, a sua mediunidade tanto na Mina quanto na Cura e chegou a ser guia⁶⁹ do terreiro da sua mãe de santo. No entanto, após a morte de Mãe Denira, por meio de seu guia espiritual, o caboclo Surrupirinha, ela assumiu a responsabilidade ou “obrigação” com as entidades espirituais, tornou-se mãe de santo e fundou o Terreiro Fé em Deus⁷⁰ no bairro Sacavém que, em dezembro de 2025, completará 57 anos de existência.

Em seu terreiro, Mãe Elzita deu continuidade às festas da casa de Mãe Denira e a importância da sua atividade religiosa, também está relacionada ao seu atendimento a comunidade do bairro, como benzedeira e principalmente de práticas curativas. Enquanto líder religiosa, ela consegue chegar onde a medicina oficial não chega, através dos seus saberes que servem de apoio as pessoas que recorrem ao seu conhecimento religioso e buscam soluções para questões emocionais, psicológicas e espirituais. A comunidade do bairro e a vizinhança confiam que as suas palavras e gestos possuem o dom de curar. No entanto, a Mãe Elzita enfatiza que o poder é de Deus e que é preciso ter fé e acreditar que tudo vai ser resolvido. A sua religiosidade e devoção aos santos dão sentido à sua vida e também a todos os que convivem com ela, que é um exemplo de amor fraternal e acolhimento em seu terreiro. Uma de suas preocupações é atender com atenção e respeito quem busca a sua casa. Ela não faz diferença de tratamento entre os visitantes, pesquisadores, políticos e até mesmo, pessoas de outras religiões e há sempre na varanda do barracão uma garrafa de café quentinho para oferecer aos amigos. Desta forma, a presença de Mãe Elzita e as atividades religiosas realizadas em seu terreiro tem uma forte relação com a vizinhança, que participa e colabora com a preservação da vitalidade do espaço, que é referência de religiosidade e identidade cultural em São

⁶⁸ Dona Roxa disse-me que o caboclo Serrano em Seu Biná era muito temido.

⁶⁹ De acordo com Amorim (1999), guia é a pessoa que desempenha o segundo cargo mais importante do terreiro; está abaixo apenas da mãe-de-santo; corresponde ao cargo de mãe-pequena no Candomblé.

⁷⁰ Segundo me informou dona Elzita ao longo de nossas conversas, o seu terreiro foi assentado por Anastácia Lúcia dos Santos do Terreiro da Turquia.

Luís. De acordo com Maria Salete Joaquim (2001, p. 15-39) a liderança da mulher mãe de santo, no cotidiano das pessoas constitui um fato que:

Historicamente, a mulher negra teve um papel significativo dado à dimensão que mães de santo tiveram nos terreiros de tradição feminina. O papel de mãe é identificado com a *África*, onde existe a terra fértil de valores culturais, tradições, passando aos afro-brasileiros uma maneira negra de viver. A mãe-de-santo é uma liderança carismática dentro de um universo simbólico concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais.

A vizinhança de Mãe Elzita é muito interativa e apoia as atividades e festas religiosas realizadas no terreiro. Eu conversei com dona Deusalina mais conhecida como “Deusa” que mora no bairro há 38 anos, frequenta a casa e participa das festas e ela contou-me que o seu filho caçula tem duas filhas com uma neta de dona Elzita, a Mayara. Segundo, ela: “o movimento no terreiro é todo dia e eu não me sinto só, porque vem gente visitar e eu fico aqui vendo tudo isso. É muito bom quando fazem festa, porque tem sempre fartura de comida, bolo e eu fico é feliz!” (ENTREVISTA EM: 08/12/2021). Por sua vez, dona Francisca das Chagas Marques Lima, que também é vizinha do terreiro de Mãe Elzita e moradora do bairro Sacavém há 52 anos, tem a sua trajetória de vida ligada a presença do terreiro e conforme ela falou-me:

O terreiro de dona Elzita atrai muita gente pro bairro. Aqui em casa, todo ano eu guardo “roubo” da festa do Senhora Sant’Ana, porque eles oferecem e eu me sinto bem em ser escolhida para guardar as “coisas”. Os meus filhos tudinho já foram anjo da festa de Conceição em mês de dezembro. Quando o meu marido morreu eu percebi que esse movimento era bom e comecei a vender bebida, ganhei dinheiro e abri o meu bar que é de onde eu tiro o meu sustento. O melhor é que eu tenho a companhia das pessoas e toda hora vem um, vem outro e a vida melhorou. (ENTREVISTA EM: 08/12/2021).

Cada terreiro tem um repertório de entidades espirituais que se manifesta conforme a trajetória religiosa do seu pai ou mãe de santo e essas entidades espirituais organizam-se hierarquicamente em um sistema de crenças cultuado dentro do terreiro, através das homenagens aos santos e guias espirituais, com vários rituais realizados durante o ano. Cada casa possui um calendário de atividades único, pois as entidades espirituais recebem homenagens diferentes em cada lugar onde são cultuadas. Algumas são donas da casa e tem um status maior. Por exemplo, o Caboclo Ita foi o guia do terreiro Nanã Borokô, de Mãe Denira, mas,

quando veio para o Terreiro Fé em Deus ele era recebido por Ana Maria filha biológica de Mãe Denira e participava como irmão de santo das outras entidades espirituais e nas noites de toques de Mina ele incorporava em Ana Maria e cantava:

Quem manda no munda é Deus
É bom prestar atenção
Ontem eu fui pai
Hoje sou irmão.

As práticas rituais realizadas no Terreiro Fé em Deus fazem desse terreiro um espaço único, dentro da religião do tambor de Mina, em São Luís do Maranhão, pois segundo Mãe Elzita, ela segue os ensinamentos que recebeu de sua mãe de santo e mantém muitos costumes antigos em seu terreiro, como o fato de homens não dançarem junto com as mulheres barracão, quando fazem os toques de Mina. Em seu terreiro, conheci apenas dois homens⁷¹ que foram seus filhos de santo, ambos já falecidos. Um deles já tinha uma casa de Mina e muitos filhos de santo, o outro era médico e funcionário público. Quando estavam no terreiro em noite de toques de Mina, se eles tivessem alguma manifestação de transe espiritual, eram conduzidos à varanda e tinham assistência fora do salão. No caso de Stênio ele podia tocar ferro, cabaça e ajudar na cozinha, na festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo. Como ele era pai de santo e fazia Pajelança ou Cura em seu terreiro, também era permitido que ele participasse da festa de rainha Troirinha. A predominância feminina dentro do terreiro segue uma tradição que Mãe Elzita fez questão de preservar, pois reflete em suas práticas religiosas e nas relações com as suas entidades espirituais cultuadas no sistema de crença da casa. As entidades espirituais com as quais Mãe Elzita entra em transe durante os rituais religiosos realizados no Terreiro Fé em Deus, são:

Quadro 1 – Quadro de entidades espirituais de Mãe Elzita.

Entidade espiritual	Mina	Cura	Rituais
Caboclo Velho Dono da casa	Presente	Presente	É mais observado em rituais de Cura, mas está presente em todas as atividades da casa.

⁷¹ Sant'Ana era o nome do médico que foi filho de santo de Mãe Elzita e Stênio era pai de santo.

Entidade espiritual	Mina	Cura	Rituais
Rainha Troirinha Chefe da linha de Cura, encantada nas águas do mar, na “pedra fina” ou pedra de Itacolomi.	Princesa Doralice Dona do terreiro	Rainha Troirinha	Aniversário de rainha Troirinha é comemorado em 22 de maio com um ritual de Cura.
Princesa Doralice Guia de frente das entidades espirituais femininas chamadas de Princesas ou “Tobóssas”. Apesar de ser uma princesa, essa entidade espiritual não é uma nobre europeia ou gentil. Ela vem pela corrente astral e tem uma parte de caboclo.	Presente	Presente	Tambor das Princesas, Festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo e Festa de Nossa Senhora da Conceição.
Surrupirinha Filho do Rei Surrupira, irmão de Seu Tucueiro, guia do terreiro e mensageiro de Caboclo Velho. Em suas doutrinas ou cânticos sempre faz referências à mata Gangá e mata Zombana.	Presente	Presente	Por ser o guia espiritual de mãe Elzita essa entidade comparece a todos os rituais realizados dentro do terreiro.

Mãe Elzita afirma que o Terreiro Fé em Deus é de Mina Nagô e essa denominação é uma referência às raízes africanas que ela herdou através de sua mãe de santo e do terreiro Nanã Borokô, na qual fundamenta-se a sua prática. O discurso de Mãe Elzita sobre a “raiz” da sua crença é esclarecido por Santos e Santos (2004, p. 225). Estes autores afirmaram que:

os Nagôs trouxeram para o Brasil suas tradições e seus costumes, suas estruturas hierárquicas no plano secular e religioso, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua língua sua música, literatura oral e mitologia, mas, acima de tudo, trouxeram para o Brasil sua religião.

O termo nagô⁷² foi analisado por Dantas (1988, p.33) em terreiros de Alagoas, no qual, ela diz existir uma “oposição entre terreiro de nagô e terreiro de caboclo”, considerando que o primeiro busca enfatizar o culto para as entidades africanas, enquanto que o segundo cultua entidades brasileiras e por isso, são desprestigiados. Em São Luís do Maranhão, Mundicarmo Ferretti (2000), constatou

⁷² Segundo Beatriz Dantas (1988), o termo Nagô no Brasil foi aplicado coletivamente a diversos grupos vinculados por uma língua comum e que teriam chegado ao Brasil nos fins do século XVIII e início do XIX, concentrando-se nos Estados do Norte e Nordeste, particularmente em Salvador e Recife.

que as entidades caboclas ocupam posições inferiorizadas dentro do sistema de crenças dos terreiros de tambor de Mina e ainda há muita discriminação com essas entidades por conta do comportamento delas. Conforme Mãe Roxa, uma vez ela foi acompanhada de uma amiga a um terreiro de Mina que é localizado em um bairro próximo ao centro da cidade e que estava realizando toques de Mina. Chegando lá, o pai de santo, que já é falecido, tinha conhecimento de que ela recebia o rei Surrupira que é um caboclo e temia que ela o incorporasse, enquanto assistia ao tambor em seu terreiro, pois sabia que essas entidades espirituais antigamente, quando “bradavam” em terreiros de Mina, não eram muito aceitas, porque são brabos, arrumam briga e muita confusão. Conforme as suas memórias ela afirma que:

Eu fui com uma amiga pra assistir o tambor no terreiro dele (pai-de-santo). Ficamos em pé do lado de fora, vendo da janela por um bom tempo, quando minha amiga ficou reclamando, dizendo que estava querendo descansar as pernas e sentar. Eu não queria entrar. Mas, ela insistiu muito. Então, entramos e fiquei bem quieta lá em um canto. Assim que ele (pai-de-santo) me olhou dentro do terreiro, passava por mim e me batia com a espada⁷³ em minha testa, dizendo: “Imba fora Surrupira! Imba fora guerreiro!” Quem não sabe, nem imagina que ele estava me mandando embora! Ele fez isso várias vezes e minha testa chegou a doer. Mas, de repente eu não sei o que aconteceu que ele surtou! Não sei quem pegou ele! Foi uma correria dentro daquele terreiro, ele (o pai de santo) quebrou todas as guias e tirou a roupa. Ele estava vestido em com uma túnica e ficou só de cueca, querendo pular a janela. Foi preciso muita gente pra segurar esse homem. Minha amiga ficou me chamando pra gente ir embora dali. Mas, eu dizia que agora eu ia ficar até o final. (ENTREVISTA EM: 08/06/2022).

No Terreiro Fé em Deus, esta é a principal categoria de entidade espiritual recebida pelas dançantes em transe durante os rituais de toques de tambor de Mina (AIRES, 2008). Mãe Roxa afirmou que os Surrupiras gostavam de aplicar castigos quando se sentiam contrariados com alguma coisa feita por quem os recebia. Mas, a entidade espiritual princesa Doralice, que também é a dona do terreiro, determinou que os castigos e as camas de espinhos fossem abolidos, porque: “o ser humano já sofre muito e ainda tem que passar por castigo de entidade. A cama de espinho era tão alta que eu afundava nela e ficava lá o tempo que ele queria”. Mãe Roxa diz que no passado cortou o cabelo bem curto e que por isso, sofreu um castigo tão violento do Rei Surrupira: “ele bateu tanto as minhas mãos na pedra que eu perdi todas as minhas unhas. Você imagina isso?” Ela afirma que nunca se submeteu ao regime

⁷³ Refere-se a um lenço de tecido, usado por dançantes de tambor de Mina.

das entidades espirituais ao “pé da letra” e que à época de sua iniciação na Pajelança, Mãe Elzita estava com um trabalho preparado para finalizar “a sua formatura” e ela passaria a ser a segunda pessoa na casa, depois de Mãe Elzita. Tudo estava pronto para acontecer no mês de maio, durante a festa da “chefa” de linha de Cura de Mãe Elzita, a Rainha Troirinha. No entanto, ela não compareceu ao terreiro para “certificar” a sua nova condição de “formada”, porque preferiu viajar para o interior do Maranhão e casar-se e quem recebeu o trabalho em seu lugar foi outra filha de santo da casa, a falecida Isabel. Mãe Roxa lembra que passou maus momentos no começo de seu casamento e acredita que foi em razão de não ter seguido com as regras das entidades espirituais (ENTREVISTA EM: 08/06/2022). Outro relato importante é sobre a experiência de Antônia Freitas, irmã de Osana, ambas filhas biológica da falecida Oséas Freitas Santos⁷⁴ contou-me que, no passado, “não acreditava em entidades e só depois de levar umas “pisas no tempo”, passou a acreditar e ter mais fé. Só depois disso, a minha vida melhorou”. Os castigos sofridos pelas filhas de santo, lá no Terreiro Fé em Deus, atribuídos as entidades espirituais, consistem geralmente, em situações que trazem dor física e emocional. De certo, é uma estratégia para controlar o comportamento da pessoa e servir de exemplo para as demais. Na Casa das Minas, o pesquisador Sérgio Ferretti (1996, p.198) registrou que:

As filhas lembram diversos casos de dançantes que foram castigadas por não cumprirem esta ou outras obrigações. Dona Neusa e dona Amância, que foram castigadas por gostarem muito de bebidas. Quando uma filha está sendo castigada pelo seu vodum, as outras lhe pedem perdão junto com crianças inocentes, repetindo com elas o cântico de pedir perdão: “Abiéé! Abiéé! Para vodum sereni sua dual!”

No Terreiro Fé em Deus, o caboclo Surrupinha como guia da casa, ocasionalmente, chama à atenção das filhas de santo sobre alguma desobediência ou situação de conflito dentro do grupo. Certa vez, ao final dos toques de Mina, Surrupirinha, reclamou com algumas dançantes, porque elas não incorporaram às suas entidades espirituais e as mesmas dançaram “puras”, termo que usado por lá para falar quando a entidade espiritual não comparece durante os toques de tambor de Mina, realizados no terreiro. O guia do terreiro alertou que elas poderiam “adoecer” por causa disso e que era um aviso para nunca mais acontecer

⁷⁴ Oséas Freitas Santos foi filha de santo de Mãe Denira e acompanhou Mãe Elzita quando ela fundou o Terreiro Fé em Deus.

novamente. Para ele é “obrigação” tanto da entidade espiritual quanto da dançante ir aos toques de tambor de Mina e participar, pois ele “nunca falha” na casa e não aceita falta de compromisso.

Em minhas incursões ao Terreiro Fé em Deus, seja para assistir aos rituais do calendário festivo ou observar algumas atividades do grupo, a presença do caboclo Surrupirinha era constante e geralmente, ele apenas cumprimentava-me. Mas, sempre busquei uma oportunidade de conversar e tirar dúvidas diretamente com ele, pois Mãe Elzita não respondia minhas perguntas e quando falava, era mais por enigmas. Muitas vezes, após o término dos toques de tambor de Mina, ele continuava incorporado em Mãe Elzita e mandava recados a ela. Uma vez, o ouvi ele dizer pra falarem a ela que: “diga pra Elzita não abrir a boca, pois se ela falar alguma coisa eu venho amordaçar ela aqui”. No terreiro, quase todas as filhas de santo tem uma estória ou situação de motivos variados que faz referência a uma punição. O castigo é essencialmente religioso e sempre fez parte das relações entre as filhas de santos e suas entidades espirituais, manifesto de forma física, psicológica ou emocional é uma estratégia de controle do comportamento das pessoas. Quando alguém deixa de cumprir com as obrigações, é certo que logo será castigado ou terá algum atrapalho em seus planos.

No dia onze de fevereiro do ano de 2022, eu estive no Terreiro Fé em Deus para participar de uma ladainha e almoço, em homenagem ao dia de São Lázaro⁷⁵. Mãe Elzita estava em transe com o seu caboclo e guia espiritual e, Surrupirinha em certo momento, cantou:

Quem quer vai, não manda caboclo
Surrupira ronda pra banda de lá
Na mata Gangá eu ipei bandeira
Fiz uma trincheira pra guerrear.

Depois de ter cantado essa doutrina, Surrupirinha ficou sentado em sua cadeira ao lado do Peji, na varanda e algumas pessoas passavam por ali aleatoriamente sem interesse e por um momento eu percebi a oportunidade de conversar com a entidade incorporada em Mãe Elzita. Então, aproximei-me e lhe fiz

⁷⁵ Enquanto Mãe Elzita estava no comando do no Terreiro Fé em Deus São Lázaro era homenageado no dia 13 de dezembro, dentro da festa de Nossa Senhora da Conceição, quando fazia o “Banquete para os cachorros” e alguns filhos de santo recebiam os Acóssis, que são entidades espirituais consideradas “entidades enfermas” pelas pessoas do terreiro. No entanto, Mãe Roxa disse que Mãe Elzita nunca explicou o por quê desse ritual em mês de dezembro e por isso ela prefere rezar ladainha no dia do santo, conforme a indicação do calendário.

algumas questões sobre as quais eu tinha dúvidas, pois ao longo dos anos que observei essa entidade espiritual incorporada nessa mã de santo, eu não consegui entender a diferença entre dois termos que eram tão familiares e ao mesmo tempo confusos para mim. (EM: 15/02/2022). Nos toques de tambor de Mina é comum nas doutrinas cantadas pelas entidades, alguns termos que não faz sentido, ou compreendermos o significado, a exemplo da mata Zombana e mata Gangá e Mãe Elzita não estava “autorizada” a conversar sobre esse assunto. Então, investi na oportunidade que tive e perguntei ao caboclo Surrupirinha e ele respondeu-me:

PESQUISADORA: Seu Surrupirinha o que é a mata Zombana e onde fica?

SURRUPIRINHA: É o meio da mata, dentro dos tucueiros, lá longe!

PESQUISADORA: E a mata Gangá?

SURRUPIRINHA: É por cima de tudo. É o corpo das pessoas.

Mãe Roxa recebe, o Rei Surrupira em transe espiritual, e quando essa entidade espiritual comparece nos toques de tambor Mina, no mês de abril, na abertura das atividades da casa, quando fazem o tambor de Aleluia, ele canta uma “doutrina” que faz referência aos termos Gangá e Zombana.

Caboclo da mata desce
Desce pra Mina Gangá
Caboclo da mata Zombana
Tomba na mata real
Aê êá bandeira já me deu sinal
Surrupira na mata tomba
Tomba na Mina Gangá
Caboclo da mata Zombana
Tomba na mata real
Aê êá bandeira já me deu sinal.

Se a Mata Zombana é “lá longe, dentro dos tucueiros” e a mata Gangá é “por cima de tudo, o corpos das pessoas” conforme as informações da entidade espiritual Surrupirinha, a doutrina de seu pai, o Rei Surrupira confirma, pois que “o caboclo da mata Zombana, tomba na Mina Gangá e tomba na mata real” quando incorpora nos corpos das dançantes durante os toques de tambor de Mina dentro do barracão. O entendimento desses termos, segundo a explicação do caboclo Surrupirinha e a doutrina do Rei Surrupira é relativo ao contexto dessas entidades espirituais recebidas no Terreiro Fé em Deus e as suas manifestações públicas, nos toques de tambor de Mina em rituais dentro do calendário de atividades da casa. No entanto, a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p.152-153), ao fazer uma

pesquisa sobre a presença dos Surrupiras em terreiro de tambor de Mina em São Luís, escreveu que:

Embora o termo Mata Zombana seja usado como espécie de sobrenome de Rei Surrupira, é mais empregado nos terreiros de São Luís para qualificar a linha da mata de Codó, de Légua-Boji. A interpretação do termo Gangá, como nome da mata onde mora o Surrupira, é bastante encontrada em terreiro de Mina de São Luís, apesar deste termo não designar nenhuma região conhecida ou não ser identificada no Maranhão – onde acredita-se que ele tenha surgido pela primeira vez como encantado.

Quando as dançantes incorporam os seus caboclos nos toques de tambor de Mina, lá no Terreiro Fé em Deus, não se ouve as pessoas falarem que pertencem a determinado orixá. Mas, é comum referirem-se as “suas senhoras, rainhas, princesas” e falam mais das entidades femininas pelo nome de cada uma. Por isso, falam dona Florípes, senhora Conceição, rainha Rosa, princesa Andreлина e dona Joaquina são nomes mais conhecidos das pessoas, além de princesa Doralice, a dona da casa. São entidades espirituais diferentes que no terreiro são recebidas na “correntes astral”, a exemplo de dona Conceição que é recebida por dona Assunção que é guia da casa. Para receber as entidades espirituais femininas, as dançantes costumam cuidar melhor do visual e algumas usam maquiagem, perfume e enfeitam-se mais. Na incorporação, a postura dessas entidades espirituais é bem mais calma e elas dançam com os seus calçados, amarram as suas toalhas sob o peitoral da dançante e pedem para beber refrigerante em taças de vidro. Porém, o caboclo é a entidade espiritual mais presente no cotidiano do terreiro, geralmente por ocupar a posição de guia ou mensageiro, é ele quem vem para resolver questões e demandas das pessoas que os recebem em transe e mesmo para quem busca algum tipo de ajuda espiritual. Mãe Roxa afirma que Mãe Elzita sempre falou que a sua casa é Jeje-Nagô, pois até o ano de 2020⁷⁶, elas recebiam em transe espiritual, nos toques de Mina, as entidades espirituais femininas chamadas de tobóssis que vinham no Carnaval. Segundo Mãe Roxa: “as “*tobóssas*”⁷⁷ pertencem a corrente do *Tremendá*, e isso é a parte da raiz Jeje”. Em São Luís, um dos terreiros mais antigos, a Casa das Minas, antigamente realizava festa para as

⁷⁶ Segundo Mãe Roxa como representante do terreiro não vai mais tocar esse tambor no período do Carnaval. Mas, vai continuar a fazer a Bancada que é uma tradição do terreiro.

⁷⁷ Pronúncia de Mãe Roxa. Eu falei tobóssis conforme lendo o livro do professor Sérgio Ferretti (1986) e ela corrigiu-me para escrever à maneira dela, “tobóssas”.

tobóssis. Conforme a pesquisa do antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p.145-146) nesse terreiro:

As *tobóssis* chegavam na noite de domingo para segunda-feira e sentavam-se em esteiras que forravam o chão. Acordavam pelas quatro da manhã, tomavam café, banhavam-se pelas nove horas e às dez dançavam na varanda. Se os voduns nunca comem, as *tobóssis* comiam e repartiam a comida entre os visitantes e amigos, sentadas nas esteiras da Sala Grande. Elas gostavam de brincar com pó e confete. Usavam saias coloridas e cobriam o dorso nu com um panos-das costas de listas coloridas. Sobre os ombros usavam uma manta colorida, bordada em malha de miçangas coloridas. Usavam diversos rosários e pulseiras, colares, bolsinhas miçangas ou coral. As *tobóssis* tinham fala e comportamento infantil. Gostavam de brincar com brinquedos que recebiam de presente. Cada boneca tinha um nome.

No Terreiro Fé em Deus, as “*tobóssas*” comparecem na quarta-feira de Cinzas, quando realizam o ritual da Bancada. Nesse dia, a varanda do terreiro é preparada com assentos onde essas entidades espirituais sentam-se para distribuir a “comida de obrigação” ou comida de santo, frutas, doces e em seguida encerrarem as atividades religiosas antes da Quaresma. Sobre esse alimento falarei mais adiante, no tópico sobre o ritual da Bancada. Assim, vimos como o legado de Mãe Elzita para a religião do tambor de Mina preserva os costumes que ela aprendeu com os seus antepassados e é visível que por muito tempo em sua memória ecoaram os ensinamentos de Mãe Denira:

Pois é minha filha! Agora nem todo mundo fala uma palavra certa. Tem gente que é de um jeito e tem gente que é de outro. Então eu tenho a minha palavra da Mina e do terreiro onde eu fui criada, porque só botei Terreiro depois de dois anos que ela morreu (dona Denira) e ainda estou aprendendo. Eu não visito ninguém. Eu tenho o maior defeito, porque ela também não visitava ninguém. Eu fiquei com a “resma”. Eu não saio! Tenho vontade de ir na Casa das Minas e isso e aquilo outro, mas não acho jeito de visitar. Eu sei que é uma falta de educação. Mas, eu digo assim: eu aprendi com ela! Aqui tem cada coisa que me botam na mente! O outro diz assim: “Eu nasci na mata. A mata me criou. Eu aprendi na mata com o passarinho e canário cantador. No meio da mata o vento zoou. Trouxe à minha memória, também não levou. Eu aprendi com o tempo. E o tempo foi o meu professor”. Eu me lembro de quem foi a minha professora. Eu aprendi com ela. Se foi um passarinho cantador ele aprendeu com ela. É porque ele canta essas coisas. Eu fui criada num colégio, mas lá não tinha essas coisas. (AIRES, 2014).

Esse fragmento revela como Mãe Elzita demonstra aceitação de suas responsabilidades e compromissos com os ensinamentos de sua mãe de santo, a Mãe Denira. Dentro de seu terreiro, ela construiu a sua própria história no tambor de

Mina do Maranhão e o seu legado vai além do bairro Sacavém, marcando de alguma forma a vida das pessoas que moram em São Luís e frequentam o Terreiro Fé em Deus. Por múltiplas razões, seja pela devoção a Nossa Senhora Sant'Ana, Virgem da Conceição, ao Divino Espírito Santo e as entidades espirituais cultuadas no seu sistema de crença. Atualmente, o Terreiro Fé em Deus está em processo de adaptação em sua liderança religiosa, possui um calendário de atividades religiosas que está sendo reconfigurado para continuar a realizar a maioria dos rituais conforme veremos a seguir.

2.1 Terreiro Fé em Deus: organização, rituais, mudanças e contextualizações



Figura 11 – Terreiro Fé em Deus – Sacavém
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2021).

Vamos caboclos
Formar trincheiras
Em uma aldeia que eu formei
Lá tem uma bandeira
Quem içou fui eu
Naquela morada de Fé em Deus

Eu saí convidando assim:

Eu fui no céu
Eu fui no mar
Pedir licença
Pra mandar rufar tambor
Ô mina nagô.
(Surrupirinha dos Espinhos- Terreiro Fé em Deus).

Podemos chegar ao Terreiro Fé em Deus por duas vias: a primeira, através da Avenida dos Franceses, onde depois de passar pela Avenida dos Africanos, avista-se um posto de gasolina construído debaixo de uma “ribanceira”, em frente a uma parada de ônibus que fica ao lado de uma rua com ladeira que leva ao bairro

Coheb, poucos quilômetros antes de chegar a rodoviária de São Luís. Essa ladeira dá acesso ao bairro Coheb-Sacavém e pode-se caminhar pelas ruas asfaltadas e observar as casas, algumas com boa reforma e aparência acolhedora, construídas em lotes separados por muros e com tamanhos similares, característico de um conjunto habitacional. Quem sobe a ladeira a pé, de carro, ônibus ou qualquer meio de transporte e segue em direção ao lado esquerdo da rua, logo avista uma grande escadaria por onde descem os moradores do bairro Sacavém que usam esse itinerário, para chegar às suas casas. A segunda via, é a Avenida dos Africanos com os seus diversos comércios e fachadas que, do mesmo modo, tem várias entradas para o bairro Sacavém. O bairro mostra-se uma periferia como tantas outras, em espaços urbanos e possui construções habitacionais densas, aglomeradas com ruas estreitas, sendo a grande maioria com problemas de saneamento como é comum em bairros populares de São Luís.

O Terreiro Fé em Deus, em relação as demais construções do bairro, possui uma área maior, mas não tão grande como em relação a outros terreiros localizados em outros bairros de São Luís, ou aqueles que são localizados em área de sítio ou rural. É uma casa matriarcal, semelhante às duas casas-mães de São Luís, a Casa das Minas e a Casa de Nagô. Surgiu com o bairro Sacavém no primeiro momento, como Irmandade e conforme as informações de Mãe Elzita, a fundação de sua casa foi feita em 08 de dezembro de 1968, inaugurado com a festa de Nossa Senhora da Conceição. Conforme dona Elzita contou-me em conversas durante as minhas incursões em sua casa: “Inaugurei aqui eu estava grávida. Fiz todas as obrigações e a menina nasceu dia 18 de dezembro”. A menina era a sua filha caçula, Maria da Graça e no ano 2017, eu a encontrei no terreiro, durante a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo e conversamos sobre o seu nascimento que é uma referência para a data da fundação da casa. Nessa ocasião ela confirmou que nasceu em 18 de dezembro de 1968. Portanto, o Terreiro Fé em Deus completou, no ano de 2024, 56 anos de existência e com a fundadora viva, participando das atividades religiosas, embora de forma contida e amparada por suas filhas de santo em virtude das doenças.

O Terreiro Fé e Deus foi assentado por mãe Anastácia Lúcia dos Santos, líder do Terreiro da Turquia. Esse terreiro, atualmente, é cuidado por pessoas que saíram do grupo de filhos de santo do falecido Pai Euclides, fundador da Casa Fanti Ashanti. No entanto, o Terreiro Fé em Deus é representante da terceira geração do

terreiro do Egito⁷⁸, pois a mãe de santo de Mãe Elzita, a Mãe Denira “caiu no santo⁷⁹” por volta de 1939 quando assistia um tambor de Mina, em companhia de seu esposo Biná, que era abatazeiro na casa de Pai Zacarias, localizado na Maioba Grande. Mãe Denira teve a sua cabeça banhada por Mãe Maria Pia, líder espiritual do terreiro do Egito que fica situado nas proximidades do Itaqui e recentemente, por decreto assinado pelo governador Flávio Dino, passou a ser Patrimônio Cultural e Imaterial do Maranhão. Conforme apresenta Santos e Santos Neto (1989) o Terreiro do Egito⁸⁰ é considerado um “terreiro de raiz” de muitos outros terreiros, pois de lá originou-se, o terreiro de Zacarias que era localizado na Maioba e desse modo, deu origem ao terreiro Nanã Borokô⁸¹ de Mãe Denira, que existiu no bairro de Fátima. Certa vez, em conversa com dona Diquinha⁸² sobre as suas memórias do tambor de Mina e o terreiro do Egito, ela nos relatou que:

A dona Denira, o pai de santo dela era meu tio Zacarias. Foi onde ela caiu. Só que ele não pôde banhar a cabeça dela. Disse, olha. Isso eu digo, porque ela conversava e eu nunca me esqueci do que ela conversou comigo: “Seu Zacarias, seu tio não banhou minha cabeça, porque ele disse que eu tinha uma pessoa que ele não podia botar a mão encima de mim. Eu tinha que procurar uma pessoa antiga e que tivesse conhecimento que era a Vó Missã”. A velha Missã. Então, assim foi. Ai, dona Denira procurou a Pia, agora não sei através de quem. (MEMÓRIAS DE DIQUINHA EM: 27/10/2015).

Após a morte de sua mãe de santo, a Mãe Denira, o seu guia espiritual, o caboclo Surrupirinha que segundo Mãe Elzita: “não dava a entender que ele era o segundo da casa”, decidiu que ele iria fazer um terreiro para acolher as irmãs de santo que tivessem interesse em acompanhá-lo. Conforme, os relatos de Mãe Elzita, depois de: “dois anos de minha mãe de santo morta, já tinham feito todas as obrigações e tudo foi encerrado, quando um dia Surrupirinha chegou dando ordem pra reunir todo mundo que ele ia fazer um lugar pra acolher quem quisesse ir com

⁷⁸ O terreiro do Egito está localizado na comunidade rural de Cajueiro, às margens da baía de São Marcos, em São Luís do Maranhão, na poção sudoeste da ilha do Maranhão que desde 1980 tem sido ameaçado pela expansão do Complexo Portuário de São Luís e por atividades industriais.

⁷⁹ Maneira que o povo de santo usa para referir-se ao seu primeiro transe com uma entidade espiritual.

⁸⁰ O estudo de Santos e Santos Neto (1989, p. 34) registra que o terreiro do Egito, foi fundado no século de XIX, assim como a Casa das Minas e de Nagô.

⁸¹ A fundação do Terreiro Nanã Borokô (SANTOS; SANTOS NETO, 1989) foi em 1945 próximo ao o porto do embarque do Piranhenga.

⁸² Dona Diquinha foi fundadora do Terreiro Fé em Deus junto com mãe Elzita e permaneceu como guia da casa até o ano de 2005, quando decidiu converter-se a religião evangélica.

ele”. No entanto, essa tarefa não era o desejo de Mãe Elzita, conforme escreveu o antropólogo Cleides Amorim (1996, p.25) que fez pesquisa em seu terreiro:

Primeiro, porque as dançantes separam-se, algumas acompanham ‘mãe’ Elzita, outras abrem seus próprios terreiros, como Zenaide e Maria dos Remédios. Esta última casa com o viúvo de sua mãe de santo, seu Biná. Segundo, porque ‘mãe’ Elzita sabia que ser mãe de santo tomaria todo o seu tempo, além da responsabilidade que esse cargo exige. Não houve alternativa, seu guia exigia e ela acabou assumindo o cargo e se tornando mãe de santo.

Localizado na Rua Nossa Senhora da Conceição n.180, aos pés da escadaria que desce do bairro Coheb, avista-se o terreiro e a sua fachada, com uma única porta de entrada e mais cinco janelas. Na parte interna do terreiro, os espaços são bem marcados e os objetos religiosos ocupam posições e lugares, em diferentes espaços que revelam a ritualística cultuada no sistema de crença do tambor de Mina de Mãe Elzita. Então, logo à entrada, há uma sala que é a maior do ambiente e é chamada pelas pessoas da casa de: “barracão”. É um espaço simples, o chão é de cimento pintado, e como toda a construção do terreiro, a cobertura do telhado e de telha feita estilo colonial, sendo forrado no período de festas com TNT colorido, um tipo de material descartável. Dentro do barracão, há um altar feito de tijolos cimentados, onde há algumas imagens de santos⁸³ católicos de devoção de Mãe Elzita, e recebe em dias de festas uma decoração feita com tecidos de cetim e muitos ornamentos para os objetos rituais. É o lugar onde é feita a parte pública dos rituais religiosos em noites de toque de tambor Mina, por isso, o ambiente é todo preparado conforme as entidades espirituais que serão recebidas.

⁸³ Nossa Senhora Sant’Ana, Conceição, São João Batista, São Pedro que dispõem-se juntamente com outras imagens de santo e o pombo do Divino.



Figura 12 – Altar do barracão do Terreiro Fé em Deus.
Fonte: arquivo pessoal autora (Socorro, 2021).

O altar é enfeitado conforme, a cor da “marcação”⁸⁴ da entidade espiritual que está no comando das atividades e, geralmente simbolizada por uma fita colorida amarrada a um santo. Em conversas com Mãe Elzita à sua casa ela nos contou sobre o que é “marcação” (AIRES, 2014):

Quando Surrupirinha fez o terreiro ele ganhou um pé de rosa. Primeiro ele cantou rosa por causa da Tribuna. Ai ele cantou branca, azul que foi pra Nossa Senhora da Conceição. Ai ele cantou amarelo por causa de São Miguel Arcanjo. Ai ele cantou verde que é por dona Doralice e vermelha que é por ele mesmo. Quando ele fez o terreiro ele ganhou um pé de rosa que foi a ordem que ele recebeu. Ele plantou a rosa que virou jardim. O jardim forma as entidades e cada uma tem uma cor. Uma “marcação”. (EM: 19/08/2014).

Ao lado do barracão, há uma sala que é chamada de “varanda” e apesar de ser bem menor que a sala principal, ela agrega dois altares e o “quarto das obrigações” também chamado de Peji⁸⁵. O primeiro altar é mais visível, pois é composto por bonecas brancas e loiras que são vestidas com roupas elaboradas com tecidos brilhantes, do tipo cetim e rendas que fazem referência a roupas usadas por nobres de uma época passada. As bonecas possuem cabelos penteados e algumas usam uma coroa para enfeitar a cabeça, pulseiras nos braços e colares nos

⁸⁴ “Marcação” é como chamada, lá no Terreiro Fé em Deus, a categoria entidades espirituais que comanda as ações e as atividades em dias de toque de Mina. Em conversa com dona Elzita ao longo dos anos de pesquisa (AIRES 2014).

⁸⁵ O estudo de Sérgio Ferretti (1996, p. 303) mostra que o Peji também é chamado de quarto dos santos, quarto privado, quarto dos segredos, ou *comé*, em Jeje. Lugar onde se localizam rituais reservados, onde se conservam importantes objetos nas casas de culto afro barsileiros, e onde ficam os *assentamentos* das divindades cultuadas.

pescoços que imitam joias e junto às bonecas ficam, por vezes, até duas coroas de latão dourado, para simbolizar a nobreza das entidades espirituais homenageadas, com esse altar na varanda. As bonecas, paramentadas de princesas, são postas a sentarem-se em cadeiras de plástico que são preparadas com almofadas cobertas com tecidos brilhantes que imitam tronos e ficam encostadas na parede ao lado do Peji. É um altar para as entidades espirituais femininas cultuadas no terreiro que comparecem nos toques de tambor de Mina, no período do Carnaval, o chamado tambor de senhoras, rainhas, princesas e tobóssis.⁸⁶ Segundo Lélia⁸⁷ contou-me: “esse altar é para as princesas, meninas senhoras, rainhas e tobóssis que comparecem através da corrente da princesa Doralice que é uma criança. Ela vem mais como criança, por isso gosta de bonecas e nós aqui acompanhamos em tudo”. Assim, cada dançante tem uma boneca que, à época dos toques de tambor de Mina para as entidades femininas, são levadas para esse altar.



Figura 13 – Altar das entidades espirituais femininas.
Fonte. Arquivo pessoal da autora. (Socorro, 2019).

O outro altar fica disposto em um canto da varanda, ao lado da porta que leva à copa do terreiro, onde são postas as imagens que fazem referência às entidades espirituais indígenas é bem discreto. É um altar para os caboclos e sobre a presença dessas entidades espirituais, no tambor de Mina, a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p.27) registra que: “na religião afro brasileira refere-se também a encantado ou guia espiritual que é geralmente encarado nos terreiros como personificação e

⁸⁶ Nesse período eles tocam na Quarta-feira de Cinzas para fazer a Bancada ou Arramban (FERRETTI, 1996). No entanto, no Terreiro Fé em Deus, Mãe Roxa diz que esse tambor é: “pra levantar correntes”, porque é para encerrar as atividades da casa, antes da Quaresma.

⁸⁷ Lélia é filha de santo de Mãe Elzita e mora ao lado do Terreiro Fé em Deus.

divinização de tribos indígenas”. É interessante registrar que o trabalho da Professora Mundicarmo Ferretti (2000) é a primeira pesquisa que teve como objeto de estudo a presença dessas entidades espirituais, em um terreiro de tambor de Mina no Maranhão.



Figura 14 – Altar para entidades indígenas na varanda do terreiro.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2018).

No Peji, guardam os fundamentos religiosos e objetos sagrados e, até onde eu sei e ouvi dizer, não é qualquer um que pode entrar nesse espaço, pois ali estão: as *guias* dos santos e da casa ou colares que as filhas de santo usam durante os rituais de toques de Mina, os *banhos* de purificação que cada um precisa tomar antes das atividades religiosas. Estão também os *assentamentos* da casa que são as energias que movem os rituais e outras particularidades de fundamentos ou “*segredos da Mina*”. Dentro do Peji dona Elzita guarda as bandeiras da Corte do Divino e todos os trabalhos acadêmicos que foram feitos em sua casa que e antes de adoecer, lia todos e sem usar óculos. Quando se olha de frente para o Peji, nota-se um crucifixo e uma fita vermelha, fixado à porta de madeira rústica. Ao lado direito da porta há um alguidar com água de ervas, uma pedra⁸⁸ de aproximadamente trinta por quarenta centímetros de tamanho, uma vela que está sempre acesa e o fogareiro de incenso, usado para purificar o ambiente, antes e

⁸⁸ Uma vez presenciei uma filha de santo sendo castigada por seu caboclo, nessa pedra. Ela estava em transe com o seu guia espiritual e ajoelhada, batia na pedra com as mãos abertas, enquanto a entidade lhe repreendia por alguma insatisfação. Essa filha de santo, atualmente não frequenta mais o Terreiro Fé em Deus, pois resolveu fazer sua própria casa de Mina.

durante os rituais. Ainda ao lado esquerdo do Peji, fica disposta a cadeira do guia da casa, o caboclo Surrupirinha.



Figura 15 – Cadeira de Surrupirinha, vela, pedra e Alguidar.
Fonte: arquivo pessoal da autora. (Socorro, 2018).

Passam pela varanda todas as pessoas que chegam ao terreiro e por isso, há algumas cadeiras de plástico para acomodar as visitas e uma garrafa de café sobre uma mesa simples que é sempre oferecido a quem chega ao local. A estrutura do terreiro conta uma copa grande, uma cozinha interna com fogão, geladeira, mesa e utensílios domésticos para preparar alimentos em dias de festa e toques de Mina. Mas, quando fazem a festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo, é utilizada uma cozinha de apoio⁸⁹ que fica no quintal e cozinham em fogão à lenha grande quantidade de comida em caldeirões de ferro. Na área do terreiro, há mais duas salas onde guardam os tambores de Mina e outros instrumentos, roupas ritualísticas e objetos usados em rituais. Além de cinco quartos que são ocupados por filhas de santos que ficam no local após o fim dos toques de tambor de Mina. Na verdade, elas usam os quartos para guardar os seus objetos pessoais que trazem de casa para passar os dias necessários para fazer as atividades dentro do terreiro. Mas, quando encerram os toques de tambor de Mina, elas dormem dentro do barracão durante as noites que fazem os rituais, porque segundo dizem por lá: “é para

⁸⁹ No ano 2023, foi feita uma reforma nessa cozinha pelo neto de coração de Mãe Elzita, o Geceanderson mandou fazer uma cozinha com melhor estrutura para o preparo dos alimentos. A nova cozinha no quintal adquiriu, pia, bancada, fogão a gás e oferece mais conforto para quem prepara os alimentos.

receber a energia do chão, do piso das entidades espirituais”. Nos últimos tempos, o espaço recebeu algumas melhorias na estrutura como um todo, pois fizeram reforma no telhado e um novo piso de cimento pelo quintal que facilita mais a limpeza e, principalmente, em festas movimentadas como a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo (AIRES, 2014), o ambiente ficou mais higiênico e acolhedor.

Quando comecei a pesquisar o Terreiro Fé em Deus no ano de 2004, no começo da graduação em Ciências Sociais, Mãe Elzita liderava a sua casa com quase vinte filhas de santo e todas participavam das atividades religiosas e culturais realizadas no terreiro. A casa era sempre cheia, pois cada dançante era acompanhada por um parente, filho, marido e, todos se juntavam nos dias de toque de tambor de Mina e o movimento dentro do terreiro era mais constante. Porém, com o decorrer dos anos, algumas filhas de santo foram embora para outros estados, outras⁹⁰ simplesmente deixaram de comparecer ao terreiro, cada uma com a sua trajetória e história de vida. Duas faleceram, como foi o caso de Isabel que vivia no terreiro e era cuidada por Mãe Elzita e sua família e a outra era a irmã de Diquinha que se chamava Conceição⁹¹.

Com o passar dos anos, um número de filhas de santo diminuiu e por muitas vezes, havia menos de dez dançantes participando dos rituais de tambor de Mina. No entanto, a ausência mais sentida por Mãe Elzita foi a de dona Diquinha que, no decorrer de mais de sessenta anos, vivenciou com ela o seu tambor de Mina e foi a sua maior apoiadora, em todos os sentidos. Ela ajudou a fundar o Terreiro Fé em Deus e era a segunda pessoa na hierarquia da casa, juntamente com o seu guia espiritual, o caboclo Jariodama, Além disso, Diquinha era solteira, não teve filhos⁹², tinha uma vida independente financeiramente, pois sempre trabalhou e ajudou Mãe Elzita a cuidar de suas filhas biológicas com apoio material e muito amor. Atualmente dona Diquinha vive os seus noventa e três anos e preserva uma memória invejável sobre o tambor de Mina. Apesar de não ser mais praticante da religião, ela mantém a amizade com as pessoas do terreiro e faz visitas a Mãe Elzita.

⁹⁰ Márcia, Miúda e Lélis.

⁹¹ Conceição era irmã de Diquinha e morava com sua filha Terezinha que pertence ao Grupo dos Nove. Após a sua saída do terreiro ela converteu-se a religião evangélica.

⁹² Conforme os seus relatos ela “criou muita gente”, entre afilhados e sobrinhos, foram mais de vinte pessoas. Hoje ela mora sozinha em sua casa que é localizada ao lado da casa de mãe Elzita e tem apoio de muitos.



Figura 16 – Diquinha.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Dona Diquinha sempre quis ser evangélica e foi para a Igreja Adventista. Conforme ela declarou depois de sair do grupo que: “foi Deus quem me chamou e eu não pude continuar”. A sua última participação em atividades realizadas no Terreiro Fé em Deus foi ao dia 31 de agosto, do ano de 2005, quando celebrou o aniversário da entidade espiritual, o seu guia espiritual e caboclo Jariodama. A festa para essa entidade espiritual era feita com toques de tambor de Crioula com referência a São Raimundo Nonato, mas, antes rezavam a ladainha ao meio-dia e em seguida serviam o almoço para todos os presentes. Com a saída de Diquinha a festa de São Raimundo Nonato foi extinta do calendário de atividades do terreiro e a partir dessa data, Mãe Elzita passou a oferecer um almoço e a rezar uma ladainha ao meio-dia para o santo, mas sem tocar tambor de Crioula. No entanto, dona Diquinha contou-me que mesmo afastada do terreiro, ainda tem contato com a entidade espiritual Jariodama porque ele nunca a deixou, sempre comparece em sua vida e conversa com ela através das doutrinas ou cânticos. Uma forma das entidades espirituais apresentarem-se e fazerem-se conhecidas dentro da casa.

Em conversa com dona Diquinha ela disse-me que: “tudo que ele canta é só dele. Não tem nada de ninguém. É como Surrupirinha e pessoa do tempo de Denira não pega nada dos outros”. O repertório de suas entidades espirituais era composto pelo, o caboclo Jariodama, dona Vitorinha⁹³ e Indaim que vinham na mesma

⁹³ Dona Vitorinha é entidade espiritual da corrente astral recebida no terreiro, é uma rainha que também vinha como princesa, senhora, vodunsa no tambor de Carnaval. Em 2022, com o reinado da rainha Rosa na tribuna da festa, Diquinha contou-me que essa entidade espiritual vem todos os dias e canta muitas doutrinas para ela. Quando ela veio visitar o altar da Tribuna do terreiro que

corrente; o rei Surrupira e um filho de Acóssi Abatá que ela recebia no “Banquete dos Cachorros ou Obrigação de São Lázaro”. Maria do Rosário Santos e Manuel Santos (1989, p.75-76) registraram esse ritual no terreiro de Mãe Elzita e descreveram sobre a importância dessa obrigação:

é uma obrigação dedicada à corrente de Acóssi, que é formada por espíritos geralmente pouco desenvolvidos. Na maioria das vezes eles não falam, não dançam, nem se levantam e quase sempre, são doentes. Tremem como se fossem epiléticos encaracolam os pés e as mãos sendo necessário cobri-los com uma toalha (AIRES, 2014).

Essa “obrigação” era realizada no terreiro no dia treze de dezembro, dia de Santa Luzia, mas, segundo a Mãe Roxa, que atualmente está no comando do terreiro como representante de Mãe Elzita: “não há mais ninguém que receba essa corrente de entidades espirituais, pois além de Diquinha que não pertence mais a casa, os outros que recebiam já morreram”. Por isso, ela fará mudanças em relação a esse ritual da casa.

Com a saída de dona Diquinha, a guia do terreiro passou a ser a dona Assunção. Cargo que ela ocupa de forma protocolar, tendo em vista, o respeito à tradição da religião que valoriza os mais idosos e dentro do grupo de Mãe Elzita, ela faz questão de manter os costumes, conforme foi ensinada por sua mãe de santo. Dona Assunção que mora ao lado do terreiro, comparece diariamente ao barracão para auxiliar Mãe Elzita dentro da casa e, por muitas vezes, a observei retirar água do Peji em uma “cuia⁹⁴” e despejar na porta do terreiro em horários pontuais como: às dezoito horas. Quando perguntada sobre esse costume, ela explicou-me que é importante fazer: “para afastar as coisas ruins e purificar o espaço”. Ela faz esse ritual diariamente, apesar de sua idade avançada e seus problemas de saúde, não deixa de cumprir suas obrigações. Dona Assunção ocupa a função de guia do terreiro. Mas, quem desempenha o papel de mãe de santo e líder religiosa da casa é Mãe Roxa ou como diz Mãe Dina: “Roxa agora é a representante da casa”.

Além da fragilidade de Mãe Elzita, outro aspecto importante para a continuidade da casa é o fato de que Mãe Rôxa é a mãe de santo e tem seu grupo de muitos filhos que somam mais de trinta membros. Então, Mãe Dina que é filha

foi decorada com muitas flores, a entidade cantou assim: “Fui correr o mundo/ Fui passear/ Fui ao fundo d’água/ Vê a veia d’água/Trouxe à minha rosa/ E deixei a minha roseira lá”. Dona Diquinha não incorpora mais essas entidades espirituais, mas ainda mantém contato com elas.

⁹⁴ Uma espécie de tigela feita de uma fruta que tem a casca dura, muito conhecida como cabaça.

carnal de Mãe Elzita e também filha de santo desta, articulou uma reunião com as suas irmãs de santo e colocou a questão sobre a representação do terreiro, a continuidade das festas e as obrigações religiosas, em relação à falta cada vez maior de pessoas dentro da casa. Havia cada vez menos filhas de santo e na iminência de ver a casa acabar, houve um consenso entre as irmãs de santo de que Mãe Rôxa seria a nova “representante” de Mãe Elzita no Terreiro Fé em Deus. Mãe Roxa, ao aceitar o desafio de cuidar do terreiro sentiu o aumento de suas responsabilidades como sacerdotisa e trouxe as suas filhas de santo para juntarem-se as suas irmãs de santo e o grupo atual conta com mais de trinta dançantes. As festas e os rituais religiosos, ganharam uma nova configuração principalmente a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Com essa reorganização do comando⁹⁵ da casa e as novas formas de fazer os rituais religiosos, o Terreiro Fé em Deus permanece como uma casa de culto afro atuante e frequentada pela comunidade do bairro e simpatizantes.

2.2 A reestruturação do terreiro: e o caboclo Pedrinho no comando do Terreiro Fé em Deus



Figura 17 – Mãe Roxa em transe com a entidade espiritual Pedrinho.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2022; 2021).

⁹⁵ A troca de liderança de um pai ou mãe de santo normalmente é feita por morte do sacerdote da casa e segue uma ritualística específica que exige anos de luto, no caso do Terreiro Fé em Deus, Mãe Elzita foi sendo substituída aos poucos em face do seu adoecimento. Mas, ela está sempre presente dentro do barracão e participa das coisas da casa, conforme as condições de sua saúde.

“A dona da casa ainda está viva”! Foi o que Leonice⁹⁶ falou na copa do Terreiro Fé em Deus, durante a realização da ceia no início de 2022, quando uma parte do grupo de dançantes da casa estava a falar sobre a ausência de outras pessoas que deveriam participar de uma atividade que é uma tradição dentro da casa. Não é nada fácil reunir todos em torno das obrigações da casa, ainda mais no começo de um ano pandêmico, com parentes adoecendo e a maioria com doenças relativas à idade, como é o caso de Mãe Elzita que tem muitas dificuldades de lidar com as limitações que se instalaram em seu corpo, quando se vive oitenta e sete anos. Mãe Elzita hoje é representada por sua filha de santo, Maria Auxiliadora, a Mãe Roxa, que é a única dançante do Terreiro Fé em Deus que passou por todas as etapas de preparação para desempenhar com conhecimento e responsabilidade todas as “obrigações” e comandar os rituais realizados dentro do terreiro. Além disso, o grupo de filhas de santos e dançantes do terreiro diminuiu nos últimos anos e está cada vez menor. Algumas dançantes foram para a religião evangélica, outras não frequentam mais a casa porque foram embora da cidade e as que permaneceram são moradoras da vizinhança do terreiro e possuem vínculos mais enraizados nele e por isso, não desistiram de continuar cumprindo a missão de Mãe Elzita. Na iminência de não ter mais dançantes no terreiro, houve uma mudança de direção da casa. O grupo de dançantes que ainda resistia, orientado por Mãe Dina, filha biológica de Mãe Elzita e que também é dançante, concordou que Mãe Roxa deveria assumir o comando da casa, para não deixar que o terreiro fechasse as portas. Sendo assim, com a concordância de todos, Mãe Roxa foi declarada a representante de Mãe Elzita no comando das atividades religiosas do terreiro, a partir do ano de 2021.

Assim, no mês de janeiro de 2021, Mãe Roxa reuniu as suas filhas de santo em sua casa, no bairro Coroadinho e comunicou que assumiu a liderança do Terreiro Fé em Deus e nessa reunião, ela passou as normas da casa para as suas filhas de santo e lembrou que para poder assumir essa responsabilidade ela precisa da colaboração de todos. Principalmente, no sentido de apoio financeiro, pois sem ajuda não é fácil conseguir manter as atividades do terreiro. Mãe Roxa anunciou as várias mudanças que serão efetivadas em relação às festas dentro de sua gestão como representante de Mãe Elzita no Terreiro Fé em Deus. A começar por fazer o

⁹⁶ Filha caçula de Conceição ou “Concita” e toca tambor e cabaça.

registro do terreiro junto à Federação de Umbanda e Culto Afro brasileiro do Maranhão. O terreiro, não era registrado na Federação e Mãe Roxa procurou os seus amigos para que a ajudassem nesse sentido, pois é importante participar das atividades que os terreiros fazem em conjunto, sem contar que o registro é importante para que o Terreiro Fé em Deus seja inserido em uma rede de relações que promove apoio aos adeptos da religião.



Figura 18 – Registro e Alvará do Terreiro Fé em Deus.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

Quando é feito o registro de um terreiro junto a Federação de Umbanda e Cultos Afro brasileiro do Maranhão, é necessário indicar o nome de uma entidade espiritual que seja “gentil” que é uma categoria de entidade espiritual considerada nobre, como rei, rainha ou princesa europeia. Por isso, o Alvará do terreiro foi feito em nome de princesa Doralice, que não é uma entidade espiritual “gentil”, mas tem o status de princesa e dona da casa. De acordo com Mãe Roxa, a princípio, o sistema religioso do terreiro será mantido à maneira como Mãe Elzita sempre fez e que: “nada vai mudar”! No entanto, ela anunciou que a festa das princesas, senhoras e vodunsas realizada durante o Carnaval será suspensa devido à dificuldade de encontrar abatazeiros ou quem toque os tambores de Mina. Além disso, Mãe Roxa nesse período trabalha como costureira para escolas de samba, quando tem oportunidade de trabalho e adquirir mais recursos financeiros. Assim, durante o período do Carnaval do ano de 2022, não tocaram Mina, mas na Quarta-feira de Cinzas, dentro da varanda do terreiro, ao lado do Peji, houve a distribuição de frutas, doces e manjares. A Quarta-feira de Cinzas é muito aguardada no Terreiro

Fé em Deus, pois muitas pessoas de outros terreiros gostam de visitar a casa nesse dia para receber frutas e bênçãos que envolvem esses alimentos, sendo, portanto, importante manter essa parte da festa que é uma tradição do terreiro. No ano de 2022, não foi feita a realização da Bancada, mas segundo Mãe Roxa ela vai fazer esse ritual a partir do próximo ano, porque ela já sabe quem vai “sentar”:

Eu não vou fazer tambor. Mas, vou fazer a Bancada com princesa, com trono, com tudo que tem direito, porque eu já sei quem é que vai sentar. Eu não vou vestir todo mundo de palhaço e deixar lá. Se eu sei de onde vem! Isso é uma corrente do Tremedá. Eu não posso pegar um pessoal todinho e sentar ali no trono, sem saber o que vai fazer. O Tremedá faz parte da corrente das Tobóssas, são as princesas. Então, o Tremedá é a abertura! É como se o Tremedá fosse o local das princesas, onde elas se reúnem. Por isso que mãe cantava no começo e a gente vai continuar cantando isso aí que ela cantava. Mas, eu não vou botar pessoas numa coisa que não sabem o que significa. Ali tinha algumas que iam à Bancada mais não era como componente da casa. Agora eu já sei quem vai entrar. Vai todo mundo, mas eu já sei quem vai receber. É assim, eu não faço coisa à toa. (ENTREVISTA EM: 08/ 06/2022).

Nesse dia, algumas entidades espirituais compareceram em suas dançantes em transe e compartilharam do momento, distribuíram frutas e manjares para todos os presentes. O calendário de atividades da casa terá início com: a abertura do tambor de Mina no sábado de Aleluia no mês de abril, com três dias de toque de tambor de Mina. Nesse tambor, também era realizada a Abertura da tribuna da festa da Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. No entanto, Mãe Roxa não vai mais abrir a Tribuna no mês de abril, porque considera um tempo muito longo para a Tribuna ficar aberta e esse ritual será feito no dia do buscamiento do mastro. Ela relatou-me que:

Tá fechado pode acontecer o que acontecer, pode morrer quem morrer, tá tudo fechado. Mas, depois da Tribuna aberta já é uma coisa a mais. Se morrer alguém com a Tribuna aberta, aí você tem que fazer a festa encima do defunto? Porque tem que fazer! Se morrer uma pessoa no intervalo de abril até julho, essa festa não pode ser impedida de fazer porque a Tribuna da festa está aberta. O luto de mãe Elzita é de um ano de terreiro e se morre alguém nesse intervalo como é que nós vamos fazer a festa? Eu sempre fui contra deixar Tribuna aberta muito tempo, por causa disso aí. (ENTREVISTA EM 08/06/2020).

O Brinquedo de Cura é realizado no mês de maio⁹⁷ para comemorar o aniversário da rainha Troirinha; a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo

⁹⁷ Conforme Mãe Roxa essa festa será realizada enquanto Mãe Elzita viver.

no mês de julho, com a brincadeira de boi de encantado de Caboclo Velho e Surrupirinha; a brincadeira de Cura no mês de Outubro de seu guia espiritual, Pedrinho e; a festa de Nossa Senhora da Conceição no mês de dezembro.

Desse modo, para iniciar as atividades dentro do Terreiro Fé em Deus, como mãe de santo, Mãe Roxa decidiu levar suas filhas de santo ao bairro Maracanã na zona rural de São Luís e prepará-las para as atividades dentro do terreiro com um banho de “crôa” ou banho de cabeça e firmar as energias de suas entidades espirituais para a realização do tambor de Aleluia. Por conta do alto índice de contaminação pelo *corona vírus* eu não fui assistir a esse tambor que foi realizado no dia 03/04/2021 e tocaram por três dias. Como de costume, no sábado de Aleluia também realizam a abertura da Tribuna e conforme me foi informado por uma pessoa da casa, esse ritual não foi feito porque as caixeiras são todas idosas e ficou decidido que será feito no dia do buscamento do mastro.



Figura 19 – Distribuição de frutas e manjares de côco e de maracujá na varanda do terreiro.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2022).

Mãe Roxa comunicou as novas regras às suas filhas de santo para fazer as festas no terreiro de Mãe Elzita e questionou se todas estavam de acordo com a nova fase do grupo. Todas apoiaram a decisão de mãe Roxa e ela acertou a data para realizar a apresentação de suas filhas de santo às suas irmãs de santo, no Terreiro Fé em Deus que aconteceu no mês de março, alguns dias antes da abertura dos toques de Mina, no mês de abril. Nesse encontro, foram acertadas as regras de convivência dentro do terreiro e tudo indicou que as boas relações foram estabelecidas nesse primeiro encontro. Uma semana depois Mãe Roxa levou suas

filhas de santo a um sítio localizado no Maracanã⁹⁸ para fazer “um banho de crôa⁹⁹”, como parte da preparação para iniciar as atividades no Terreiro Fé em Deus. Segundo Mãe Roxa o banho de “crôa” é feito todo ano, para fortalecer e renovar as energias de cada uma de suas filhas de santo e para ela é importante: “preparar o espírito e o corpo para não fraquejar em nada durante o ano de obrigações”. Mãe Roxa assim como Mãe Elzita também tem filhos de santo, mas eles não fazem parte da roda nos toques de Mina e desempenham funções de abatazeiros e tocam os tambores durante os rituais.

As novas relações dentro do terreiro foram estabelecidas e a família de santo, agora maior, compartilha as responsabilidades com as entidades espirituais que cultuam no sistema de crença. Não tenho muitas informações sobre as filhas de santo de Mãe Roxa, com exceção de algumas que conheci desde que comecei a frequentar o terreiro, como a Drielle e a Antônia que viviam nas proximidades da casa. Essas novas relações estabelecidas dentro do Terreiro Fé em Deus, ao mesmo tempo em que anunciam novas configurações e transformações do modo de fazer os rituais religiosos, percebe-se também que não significam rupturas com o legado de mãe Elzita, mas apresentam um ponto de partida para novas trajetórias e formas de construir sociabilidades para resignificar as práticas religiosas existentes ali, mesmo que apresentem maneiras diferentes de sentir e reconhecer-se nesse mundo.

A história do Terreiro Fé em Deus começou com a realização da festa de Nossa Senhora da Conceição, há cinquenta e quatro anos, que tem na trajetória de Mãe Elzita, enquanto sacerdotisa do tambor de Mina, os elementos rituais para expressar um sistema de ideias sobre o culto de entidades espirituais, naquele espaço. No entanto, a sua energia vital vem das “raízes” do legado de Mãe Denira, através dos rituais e festas que realizam ainda hoje nesse espaço, como a esta de Sant’Ana e Divino Espírito Santo, com todo o roteiro ou “script” ritual que ela aprendeu com sua “professora”, mas que nesse mais de meio século, ganhou novas personagens, como o Grupo dos Nove e outros elementos que compõem a festa. Do mesmo modo, Mãe Roxa é inserida nesse movimento com suas entidades espirituais e suas festas e estabelece novas bases rituais dentro do sistema de crença do terreiro.

⁹⁸ Zona rural de São Luís.

⁹⁹ Também chamado por Mãe Roxa de “banho de firmeza” e “banho de cabeça”.

Com relação aos aspectos religiosos relativos às entidades espirituais de Mãe Elzita presentes nessa experiência de mudança de práticas do tambor de Mina, algumas observações podem ser feitas. A primeira dela é sobre ambiguidade da religião que ao mesmo tempo exerceu o fechamento e o controle da vida de Mãe Elzita, principalmente no que diz respeito aos fundamentos religiosos preservados em segredos, agora promove a abertura de uma relativa aceitação da liderança de Mãe Roxa, como sacerdotisa e cuidadora dos santos, pelas pessoas pertencentes ao grupo religioso do terreiro. Essa aceitação com caráter de necessidade, expressa as ideias de Durkheim, (2003, p.21) sobre a religião ele afirma que:

Mesmo diante de seus deuses, o homem nem sempre se encontra numa posição de inferioridade, pois muitas vezes exerce uma verdadeira coerção física para obter o que deseja. Aliás, se é verdade que o homem depende de seus deuses, dependência é recíproca. Também os deuses têm necessidades do homem: sem as oferendas e os sacrifícios eles morreriam.

3 DANÇAR PRA SENTAR: O TAMBOR DAS PRINCESAS, SENHORAS E VODUNISIS



Figura 20 – Tambor das Princesas.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2019).

Ao analisar as interações inerentes ao processo social e os acontecimentos que dão origem aos pensamentos e formas culturais, Victor Turner (1974, p.36) elaborou um percurso metodológico em busca de compreender a estrutura da religião “ndembu”. Nesse capítulo, recorreremos à obra desse autor para compreender como:

Temos que proceder esmiuçadamente e pouco a pouco, de “marca” a “marca”, de “baliza” a “baliza”, se quisermos seguir adequadamente o modo nativo de pensar. Somente quando o caminho simbólico do desconhecido para o conhecido estiver completo é que poderemos olhar para trás e compreender a sua forma final.

A partir das premissas desse autor farei a descrição “esmiuçadamente” dos toques de Mina realizados no Terreiro Fé em Deus durante o período do Carnaval, o chamado tambor das Princesas, para homenagear as entidades espirituais femininas que são chamadas pelas pessoas do terreiro de “senhoras ou rainha, princesas ou moças e vodunsis” e que tem a entidade espiritual princesa Doralice como chefe dessa corrente. Percorreremos o itinerário desse ritual, pois são práticas de atividades ordenadas que determinam o “script ritual” para a realização da festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo.

Os toques de tambor de Mina, realizados no período do Carnaval com a Bancada na Quarta-feira de Cinzas, conforme esclarece M. Ferretti (2000) “geralmente é para suspender as atividades religiosas do terreiro durante a Quaresma”. Por sua vez, o antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p.158-159) escreveu sobre à Casa das Minas que na: “Quarta-feira de Cinzas os voduns levantam a carga, isto é, são despachados, pois normalmente não costumam vir no período da Quaresma, em que não se organizam festas”.

No período do Carnaval, é quando as pessoas têm mais contato com as entidades femininas no Terreiro Fé em Deus. Elas comparecem para serem homenageadas e interagirem e deixar suas “marcas” no espaço e nas pessoas presentes, pois a presença dessas entidades espirituais é para anunciar os desejos dos deuses e dos homens ao longo do ano. O antropólogo Sérgio Ferretti (1996) diz que na Casa das Minas essas divindades exclusivamente femininas foram recebidas até meados da década de 1960, eram as meninas tobóssis. Elas só eram recebidas por vodúnsis-gonjaís – as que haviam se submetido ao processo especial de iniciação, o último realizado em 1914. Cada tobóssi só vinha em uma gonjaí e quando esta morria ela não voltava mais, pois a missão dela se encerrava ali. No Maranhão, afirma-se que havia meninas ou princesas, que se assemelham as tobóssis em alguns terreiros antigos, como ainda há em alguns atuais.

No Terreiro Fé em Deus, a representação desta categoria de entidade espiritual manifesta-se na segunda noite de toque de Mina durante o Carnaval, quando as dançantes entram em transe espiritual e recebem essas entidades, porque na abertura dos toques de Mina, quem comparece são os caboclos e ficam até a meia-noite. Eles cantam e anunciam que o barracão agora é um “jardim cheio de rosas” e fazem referências às entidades espirituais femininas como: as “roseiras”. Surrupirinha, o caboclo guia espiritual de Mãe Elzita, nessa ocasião costuma cantar para anunciar que:

Eu ganhei um pé de rosa
A rosa virou jardim
Tem rosa branca
Tem rosa verde
Tem rosa amarela
Que Vó Missã deixou pra mim.

Em conversas que tive com Mãe Elzita sobre a história do seu terreiro, quando ela ainda podia interagir em 2014, ela explicou-me sobre o sentido dessa doutrina, naquele ano:

Primeiro ele cantou rosa por causa da Tribuna. Ai, ele cantou branca, azul que foi Nossa Senhora da Conceição. Ai, ele cantou amarelo por causa de São Miguel Arcanjo. Ai, ele cantou verde que foi dona Doralice e vermelho que é ele Surrupirinha. Quando ele fez o terreiro, ele ganhou um pé de rosas que foi a ordem que ele recebeu. Ele plantou a rosa que virou jardim. O jardim forma as entidades e cada entidade tem uma cor. Isso é a marcação. (CONVERSA EM: 19/08/2014).

A decoração do espaço é decorado de forma mais elaborada com atenção especial à varanda do barracão porque é o lugar onde as entidades espirituais vão descansar e tomar chá de cidreira, refrigerante e conversar com as pessoas presentes no terreiro. O ambiente é todo preparado para recebê-las com o máximo de empenho e as pessoas enfeitam as paredes que são cobertas com cortinas brancas, o chão é forrado com tapetes, muitas rosas são colhidas para misturar as pétalas na água que as entidades pedem para beber e enfeitar o lugar. Várias cadeiras são colocadas na varanda, cobertas com tecidos finos e delicados, nas quais são postas algumas almofadas e bonecas que, em determinado momento do ritual, serão entregues às entidades espirituais que brincam como meninas e princesas. As “princesas, moças, rainhas, senhoras” pouco falam. Elas são discretas, falam baixo e quando querem alguma coisa, gesticulam para a assistência da casa ou alguém familiar ligado ao terreiro.

No “tambor das princesas” tocam três noites de toques de Mina, ao contrário dos toques para receber os caboclos quando dançam cinco noites. Mãe Elzita disse-me que, há muitos anos, tocava sete noites, era uma: “obrigação muito cansativa.” Segundo ela o tempo foi mudando as coisas e as entidades espirituais tiveram que compreender que: “as pessoas são de carne e osso e a carne vai ficando fraca, com o tempo.” Nesse tambor, conforme já citei anteriormente, além do ambiente mais decorado, as dançantes usam o máximo de enfeites, para montar um visual agradável para que as suas entidades espirituais encontrem tudo como elas gostam. Ao entrarem no barracão elas estão com os cabelos bem penteados, com pulseiras nos braços, calçam sapatos com saltinho, usam muito perfume e quando elas incorporam as entidades espirituais recebem uma toalha branca de tecido brocado

ou bordado que amarram por cima da blusa, na altura das axilas e dançam na pontinha dos pés.

As atividades realizadas no Terreiro Fé em Deus durante o período do Carnaval têm como tema principal determinar três atribuições que Mãe Elzita denomina de “obrigações” da casa com a sua entidade espiritual, a princesa Doralice, que é chefe da corrente astral e traz as entidades espirituais femininas nesse período. Das atribuições, duas são correlacionadas e desempenhadas pela entidade espiritual princesa Doralice dentro da Mina e consiste em apresentar a “*marcação*”, uma das suas representações para realizar o ritual da Bancada, na Quarta-feira de Cinzas. No Terreiro Fé em Deus, segundo nos informou dona Assunção, a atual guia da casa, a Bancada é realizada antecedida por toques de Mina durante três anos consecutivos, quando as entidades espirituais femininas, vêm “*dançar pra sentar*” e após esse período, no ano seguinte as dançantes “passam livres” no terreiro e não há toques de Mina e nem Bancada. A cada três anos é feito um intervalo nesse tambor e as dançantes podem fazer uma distribuição de frutas se elas receberem ordens das entidades espirituais, mas sem compromisso. Há um intervalo a cada três anos dos toques de tambor de Mina para a corrente das princesas e a suspensão do ritual e do tempo constitui uma ruptura das “obrigações” e das normas que organizam a vida religiosa do terreiro. Sobre a Bancada este ritual foi analisado por Mundicarmo Ferretti (2000, p. 202-203) que o observou em um terreiro de Mina em São Luís e afirma que:

Nesse ritual, os terreiros de Mina, distribuem grande quantidade de doces, frutas, pipocas, coco e feijão torrado que atrai muitas crianças. A Bancada é precedida pela torração – ritual de preparação de alimentos que após a permanência no quarto de santo (Peji) por várias horas, são distribuídas as crianças, às pessoas da casa e a todos os presentes.

“Dançar pra sentar” significa fazer apresentação pública da categoria de entidade espiritual que vai sentar para realizar a Bancada e “reinar” ou “marcar” a Tribuna da festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo, sob o comando da princesa Doralice. Nesse sentido, é preciso fazer a mudança de contexto da princesa Doralice para o próximo evento do terreiro em que ela vai comparecer. Essa mudança é feita na última noite de toques de Mina e dizem lá no terreiro que é a: “girada da corrente” ou “virada da corrente das moças”. Isso ocorre quando a assistente do terreiro

entrega uma boneca à Mãe Elzita que está em transe com essa entidade espiritual e em seguida, a boneca é colocada sobre o altar do barracão.

A boneca simboliza a representação da entidade espiritual que vai apresentar-se para realizar a Bancada e pode ser como: meninas, tobóssis, princesa, rainha ou senhora. Mas, apenas uma delas vai destacar-se para comparecer à Bancada na Quarta-feira de Cinzas e marcar a tribuna da festa, no mês de julho. A segunda atribuição diz respeito à “virada da corrente” astral, sob o comando da princesa Doralice e acontece quando as dançantes fazem uma roda no meio do barracão com Mãe Elzita em transe com essa entidade espiritual, recebe uma vela acesa e canta uma doutrina que diz:

Eu pedi forças
Pra meu bom Jesus do ar
No céu tem estrela
No céu tem Lua
No céu tem Sol
Que irradia no meio do mar.

A “virada da corrente” é feita a meia-noite quando a princesa Doralice faz o “balanço” para a chegada dos caboclos e nesse momento, as princesas desincorporam algumas dançantes que em seguida, incorporam os seus caboclos . Mas, algumas princesas permanecem na varanda por algum tempo, tomando refrigerante e conversando com as pessoas da assistência. A terceira atribuição para a entidade espiritual princesa Doralice nos toques de Mina, nesse período de Carnaval, refere-se a sua mudança de contexto religioso ou como afirma Mãe Elzita: “acontece também a girada da entidade para a linha de Cura”, quando ela faz a “girada” de contexto da entidade espiritual princesa Doralice, que comanda a corrente astral cultuada dentro do tambor de Mina, no sistema de crença do terreiro, para o comando da linha de Cura, como Rainha Troirinha. Isso acontece na terceira noite de toque de Mina quando esta entidade recebe da auxiliar do culto o maracá (um dos objetos usados no ritual de Cura) e começa a cantar várias doutrinas diante das dançantes em transe com as entidades espirituais. Entre tantas doutrinas, destaco uma que revela essa mudança de contexto da princesa Doralice da Mina para a Cura, como Rainha Troirinha.

Águas do mar tão leve
Faz o povo trabalhar

Eu vou subir com a estrela do Oriente
Quando eu chegar lá
Vou girar o meu maracá

A “virada” da princesa Doralice da Mina para chefe da linha de Cura na última noite de toque de tambor de Mina é simbolizada pelo maracá que a transforma em Rainha Troirinha. O maracá, manipulado por Mãe Elzita em transe com a entidade espiritual princesa Doralice simbolicamente abre o espaço do barracão e faz a “girada” da entidade espiritual de um contexto religioso para outro, dos toques de tambor de Mina para o ritual de Cura e manifesta esse estado de relações entre os seus agentes espirituais dentro do terreiro. O uso do maracá como elemento simbólico dessa mudança de contexto não implica explicar as diferenças entre Mina e Cura em um terreiro de tambor de Mina, mas, a proximidade dessas práticas religiosas. Do mesmo modo, quando o ritual de Cura é realizado a entidade espiritual, Rainha Troirinha, Mãe Elzita em transe com essa entidade, canta uma doutrina que faz referência ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora:

Coroa, Coroa
Coroa já rompeu aurora
Coroa do Espírito Santo
Coroa de Nossa Senhora.

Ao cantar essa doutrina, a entidade espiritual recebe uma coroa de latão dourado e segura-a junto ao maracá no meio do barracão e em seguida, a coloca sobre o altar do terreiro. Victor Turner (1974, p.71), que escreveu sobre as propriedades dos símbolos rituais, afirma que os símbolos “unem a ordem orgânica com a ordem sóciomoral, proclamando a unidade religiosa suprema de ambos, acima dos conflitos entre essas ordens e o interior delas. Os símbolos são tanto os resultados quanto os instigadores desse processo e englobam sua propriedade”. Neste sentido, os toques de Mina realizados no período do Carnaval, com o desfecho da Bancada na Quarta-feira de Cinzas, definem o desempenho da entidade espiritual princesa Doralice, em eventos posteriores, como o ritual de Cura realizado no mês de maio e a “marcação” da tribuna da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, no mês de julho. Bem como, a entidade espiritual Rainha Troirinha faz referência a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, através da manipulação da coroa do Divino em sua festa de aniversário, no ritual da Cura.

Com o envelhecimento e adoecimento de Mãe Elzita, colocam-se algumas questões: como ficam as relações de suas entidades espirituais, nos rituais do terreiro e nos toques de tambor de Mina, principalmente, no contexto do tambor das princesas ou “tobóssas durante o carnaval”? Como compreender o processo de desaparecimento de suas energias e a vitalidade religiosa de sua “marca” que juntamente com sua entidade espiritual Princesa Doralice, estrutura e organiza os significados dos toques de tambor de Mina durante o Carnaval? Acredito que essa temática pode ser explorada com mais atenção pela importância da história e trajetória dessa mãe de santo. Inclusive, porque penso que há um vazio bibliográfico nesse assunto. No contexto desse ritual, os toques de tambor de Mina nesse período do ano quase tudo são para “marcar” e fazer referências ao desempenho da entidade espiritual princesa Doralice em outras práticas religiosas, no decorrer do calendário de atividades do terreiro. O espaço decorado faz referência às cores, às danças, aos cânticos, a bebida de água de rosas, “marcam” e destacam as características do desempenho das “tobóssas” e a importância desse ritual, como elemento de ligação com outros eventos ocorridos dentro do sistema de crenças do terreiro. O tambor das princesas era realizado para suspender durante a Quaresma as atividades religiosas do terreiro, mas prescrevia o desempenho da entidade espiritual princesa Doralice. Esse ritual foi extinto no ano 2022, no Terreiro Fé em Deus, e a forma como eram anunciadas uma série de “marcas” que o tambor de Mina de Mãe Elzita comunicava. Segundo Mãe Roxa, a princesa Doralice será homenageada em todas as festas realizadas dentro do Terreiro Fé em Deus, mas o movimento da casa, agora manifesta-se de outros modos.

Mãe Roxa disse-me que quando Mãe Elzita realizava o “tambor de virada do ano”, ela recebia das entidades, a “marcação da Bancada” que também já sinalizava para a festa de Sant’Ana e Divino Espírito Santo. A Bancada realizada na Quarta-feira de Cinzas é somente a apresentação pública da “marcação” da festa realizada no mês de julho. Nesse sentido, o tambor das princesas, com toda a sua dinâmica e múltiplos significados é um ritual que faz revelações sobre outros universos de saber concebidos pela religião do tambor de Mina. Com a extinção do “tambor da virada de ano”, dona Roxa afirmou que a festa de Nossa Senhora da Conceição, realizada no terreiro, no mês de dezembro, será a ocasião para a definição das atividades do terreiro, para o ano seguinte.

3.1 A Bancada



Figura 21 – Ritual da Bancada.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2020).

No Terreiro Fé em Deus como alguns terreiros de tambor de Mina de São Luís, é feito o ritual da Bancada para encerrar as atividades religiosas antes do início da Quaresma. No Terreiro Fé em Deus, no ano de 2020, no dia 25/02/20 houve a realização da Bancada na Quarta-feira de Cinzas e também houve toques de tambor Mina para encerrar as atividades da casa, no dia 26/02/20, quinta-feira. No estudo da antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000, p.203) em um terreiro de tambor de Mina em São Luís, a autora diz que “nesse ritual, os terreiros de Mina distribuem grande quantidade de doces, frutas, pipoca, coco e feijão torrados, o que atrai muitas crianças. A Bancada é precedida pela “torração” – ritual de preparação dos alimentos que a permanência no quarto de santo por várias horas, são distribuídos às crianças, às pessoas da casa e a todos os presentes”. Mãe Roxa diz que a Bancada é feita: “para levantar as correntes” e os toques de tambor de Mina que começam no sábado de Carnaval, seguem no domingo, na segunda-feira e na terça-feira, são suspensos para a realização da “torração” que é o preparo de “*comida de obrigação*”, que é o alimento oferecido para as entidades espirituais, mas que também é servido para todos os presentes.

A preparação dos “alimentos” exige o cumprimento de certos preceitos religiosos que se relacionam com a pureza do corpo da pessoa que vai manipulá-lo e prepará-lo. A pessoa não pode ter tido contato sexual, deve cobrir a cabeça com um lenço branco e o corpo precisa estar puro. Geralmente, são as filhas de santo

mais jovens do terreiro que fazem a “torração”. Elas são escolhidas pela habilidade e energia para o trabalho braçal, pois o serviço é cansativo e leva tempo. Uma vez, cheguei ao terreiro e quis interagir com as pessoas que estavam preparando a “torração” prontificando-me a ajudar no trabalho, mas logo me advertiram que eu não poderia tocar nos alimentos sem estar preparada. Na Casa das Minas, Sérgio Ferretti (1996, p.159-160) observou que:

Quem estiver usando alguma peça de roupa de cor preta não pode ajudar nesses serviços, como em qualquer outro feito na Casa, como por exemplo, tocar cabaça. Quando se está preparando comida de santo, quem estiver com roupa escura não deve nem permanecer na Casa, como, por exemplo, tocar cabaça.

A “comida de obrigação” é feita com milho de pipoca e paçoca, côco da praia seco, feijão branco cozido e manjar de côco e de maracujá. O côco é cortado em tiras fininhas e torrado dentro de uma panela de ferro que é posta no fogão a lenha que fica no fundo do quintal do terreiro. Na mesma panela, é feita a pipoca, torram o milho que é reservado para ser batido no pilão e virar paçoca. No ritual da Bancada, a “comida de obrigação” é o primeiro alimento a ser distribuído para as pessoas presentes no barracão e, servem em um prato de plástico e em seguida, distribuem as frutas como: banana, laranja, pitomba, uvas, cajazinho, maçã, castanha-do-Pará e doces de cocada.



Figura 22 – Torração da comida de obrigação.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2020).

Com tudo preparado no dia anterior, na Quarta-feira de Cinzas, as filhas de santo que participam do ritual da Bancada, pela manhã, cuidam em preparar o barracão para esse momento. A começar pela limpeza do espaço que deve ser bem limpo. Os tambores de Mina são levados para fora do barracão e ficam guardados em um quarto ao lado da copa do terreiro durante o recesso das entidades espirituais, no período da Quaresma. Há também um cuidado especial com as vestimentas e as guias usadas no ritual e as dançantes mais idosas usam mantas feitas de miçangas coloridas. O chão do barracão é forrado com esteiras de palhas de babaçu e tapetes para que as filhas de santo possam arrumar as frutas e a “comida de obrigação”. O espaço é todo dividido e enfeitado com flores e plantas naturais. Cada uma tem um lugar definido para “sentar” dentro do barracão e participar da Bancada e cada lugar tem relação com o status da pessoa dentro do grupo de filhas de santo do terreiro. Assim, Mãe Elzita senta mais próximo do altar e ao seu lado é reservado para a guia da casa que é a dona Assunção.

A parte pública do ritual da Bancada começa no final da tarde quando Mãe Elzita entra no Peji acompanhada de suas filhas de santo, devidamente paramentadas com roupas na cor que indica a “marcação da corrente”¹⁰⁰ da entidade espiritual que reinará na tribuna da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo no mês de julho. Dentro do Peji, Mãe Elzita e suas filhas de santo entoam um cântico para saudar todas as entidades espirituais que vieram nos toques de Mina, durante o Carnaval e canta:

No Tremendá (bis).
 Ô senhora mãe, no Tremedá aum.
 No Tremedá (bis).
 Ô senhoras princesas, no Tremedá.

Quando saem do Peji, elas estão todas em transe espiritual com as suas princesas e dirigem-se ao barracão para entoar mais cânticos e começarem a distribuição dos alimentos para as pessoas presentes. Cada dançante em transe com sua entidade espiritual recebe assistência de uma pessoa da casa para dividir os alimentos, durante o ritual. Do lado de fora do terreiro, uma fila enorme forma-se

¹⁰⁰ Que pode ser da corrente astral da Princesa Doralice que é entidade guia de dona Elzita nos toques de Mina e que vem como Rainha Troirinha, chefe da linha de linha de Cura que é um ritual realizado em mês de maio.

com crianças ansiosas, segurando sacolas de plástico que esperam encher com os doces e as frutas.



Figura 23 – Crianças e adultos formando fila para receber frutas e doces da Bancada.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).

Quando finalizam a distribuição dos alimentos, as entidades espirituais ficam de pé e entoam várias doutrinas dentro do barracão, antes de irem para a varanda do terreiro, onde brincam com as bonecas e permanecem durante algum tempo antes de partirem. Algumas tomam chá de erva-cidreira e outras gostam de beber refrigerante. Todas as frutas são distribuídas e não costuma sobrar nada. Em seguida, as pessoas da assistência retiram do barracão as esteiras de palhas de babaçu e limpam o espaço, passando pano de chão com a mão, pois não é permitido usar vassoura para varrer o barracão depois do ritual da Bancada. Mãe Roxa afirma que:

vassoura é uma coisa muito suja para limpar um ambiente onde estiveram entidades espirituais que deixam as suas energias no piso. Elas vieram para celebrar e confraternizar. Antigamente, Mãe Elzita tinha uma vassoura dentro o Peji, só pra varrer o barracão (ENTREVISTA EM: 17/07/2022).

Nesse sentido, o “tambor das Princesas” distingue uma categoria de entidade espiritual e põe em evidência a sua participação na festa, através da apresentação pública da “marcação da corrente” da entidade espiritual que vai “reinar” no mês de julho, na Tribuna da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. No entanto, a “marcação” é coletiva, compartilhada pelas entidades espirituais que “sobem” ao altar, porque a Tribuna, como afirma Mãe Roxa: “é um espaço aberto” e representa as relações entre os filhos de santo e suas entidades

espirituais, cultuadas dentro do terreiro. A corrente do “Tremendá” sai do Peji e confraterniza com as outras entidades espirituais e marca na Tribuna do altar do barracão, o local do reencontro para homenagear Vó Missã na figura de Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, o próprio Deus. Conforme o estudo de Victor Turner (1974, p.35), pode-se pensar que: “os ritos abrangem referências simbólicas a todas essas influências. Tem a finalidade de efetuar uma reconciliação entre as partes em jogo, visíveis e invisíveis”. O período da Quaresma também é o momento marcante para as pessoas que fazem a festa, pois começam as articulações para “nutrir” as demandas das próximas atividades realizadas no terreiro.

3.2 Aleluia! “As portas do céu já estão abertas”: as caixeiros do Divino



Figura 24 – Imagem de Sant’Ana e Divino Espírito Santo
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2022).

O retorno às atividades religiosas no Terreiro Fé em Deus acontece após a Quaresma com os toques de tambor de Mina ou como chamam no terreiro “o tambor de Aleluia”, sempre a partir das vinte e duas horas e nessa ocasião, até o ano de 2019¹⁰¹, também acontecia no período da manhã a abertura da Tribuna para dar início à fase preparatória da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. No

¹⁰¹ A partir do ano 2021, a abertura da Tribuna passou a ser realizada no dia do buscamento do mastro.

sábado de Aleluia tem muita movimentação no terreiro porque três rituais são realizados nesse dia: a começar com a abertura da tribuna ao meio-dia para dar início a fase preparatória da festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo e no final da tarde é feita uma "obrigação"¹⁰² para as entidades espirituais Surrupiras que serão recebidas à noite, na abertura dos toques de tambor de Mina. Abrir a tribuna significa fazer a apresentação pública das crianças que compõem a Corte sob o comando da caixeira-régia¹⁰³ que recebe da dona da casa a responsabilidade de fazer esse ritual com as demais caixeiras e tocar caixas em homenagem a Senhora Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo, além de demonstrar todo o seu repertório de conhecimento no desempenho e comando da festa que somente as caixeiras mais experientes conhecem, pois nem tudo é improvisado e algumas partes das toadas de caixas precisam seguir uma lógica para invocar a "abertura das portas do céu" por meio de versos ao Divino Espírito Santo. Em primeiro lugar, para que ele venha interceder a favor de todos os que estão de alguma forma inseridos na organização e realização da festa, e depois, para agradecer pelas graças recebidas. No Maranhão, em um passado recente, somente as caixeiras com a força das batidas das "baquetas" nos coros das caixas, juntamente com os pedidos ao Divino, através dos versos cantados, comandavam¹⁰⁴ esse ritual. No entanto, atualmente temos notícias de que os homens estão desempenhando a função de caixeiro-régio cada vez mais, pela falta das velhas caixeiras que estão ficando impossibilitadas de acompanharem as fases que são inerentes ao festejo. Muitas estão doentes, outras morreram e as moças jovens não estão interessadas em aprender a "tocar caixas para o Divino Espírito Santo", há um espaço vazio que aos poucos vem sendo ocupado por homens, é o que acontece no Terreiro Fé em Deus. Os caixeiros foram chegando aos poucos a cada ano, uma caixeira era substituída por um caixeiro e atualmente a festa é comandada por um caixeiro. Mãe Dina disse que "foram às caixeiras que trouxeram os caixeiros para dentro da festa." No grupo de caixeiras ou caixeiros há hierarquia e a caixeira-régia é considerada a mais preparada. Mas,

¹⁰² É uma "obrigação" chamada de "Furá" que é um alimento preparado à base de abóbora Taqueiro que tem a casca na cor verde escura que depois de cozida é misturada com açúcar e leite de côco e é servida em alguidar meio do barracão. Mãe Roxa disse que em 2022 não fizeram essa "obrigação", mas no próximo ano será feita porque os Surrupiras são a força da casa.

¹⁰³ Dona Luzia é a caixeira-régia, juntamente com dona Jaci que é a caixeira-mór que lhe dá todo apoio.

¹⁰⁴ Com a diminuição cada vez maior das caixeiras, muitos homens estão aprendendo a tocar caixa e alguns já são responsáveis por muitas festas.

quando acontece algum imprevisto, o caixeiro ou a caixeira-mór¹⁰⁵ pode assumir as atividades, pois segundo falam no terreiro: “tocar caixa tem toda uma ciência” e as caixeiras precisam saber. Cláudia Gouveia (2003, p.175) afirma que:

As caixeiras são formadas por grupos de senhoras com mais de 40 anos, são geralmente, mulheres negras, moram em bairros periféricos da cidade e muitas não são alfabetizadas. Algumas são filhas de santo e tocam caixa como parte da obrigação para alguma entidade espiritual que é devota do Divino.

As caixeiras fazem a abertura da tribuna quando todos estão presentes na varanda do terreiro, em frente a um altar ao lado do Peji e a caixeira-régia dá início às toadas de caixas que esse momento do ritual exige. São os toques que chamam de *Divino Espírito Santo Dobrado* e segundo o estudo de Marise Barbosa (2006, p.29) esses toques também são chamados de: “Espírito Santo Três Pancadas”, pois abre o “Tempo do Divino” no instrumento e marca o espaço-tempo da celebração ritual que possui um conjunto de versos que devem ser cantados interligados, ou seja, um verso precisa dar sentido ao outro, como se fosse um elo de uma corrente. Quando cantados pela caixeira-régia deve ser respondidos pelas outras caixeiras que acompanham o ritual e as pessoas presentes, caso queiram, podem participar. Mas, em cada casa de culto ou lugar onde realizam esse ritual, há uma particularidade e a caixeira-régia, ao ser requisitada a comandar uma festa, deve conhecer à maneira de fazer do dono da casa. No Terreiro Fé em Deus quando dona Luzia¹⁰⁶ abria tribuna, sempre perguntava a Mãe Elzita: “é com o Divino e Sant’Ana”? Ela fazia isso há muito tempo, mas sempre perguntava para ter certeza que ia fazer conforme o costume da dona da casa. Os versos do “Espírito Santo Dobrado” são muitos, mas os fragmentos abaixo são cantados pela caixeira-régia e dão início ao momento da abertura da tribuna:

Dai-me forças e resistência
Para abrir essa Tribuna
Nas horas de Deus amém
Nas horas de Deus será
Vamos todos pedir fazendo pelo sinal
Nas horas de Deus eu canto
Fazendo pelo sinal
Ao Divino Espírito Santo

¹⁰⁵ Dona Jaci é a caixeira-mór e ajuda a caixeira-régia.

¹⁰⁶ Falecida.

O ritual de abertura começa quando a Corte é conduzida, sob o comando do Mestre-Sala, até a porta do Peji para receber os objetos rituais que fazem parte da simbologia da festa e que subirão à tribuna preparada no altar do barracão. Esses objetos saem do Peji e vão “marcar” a sua representação pública da corrente de entidades espirituais em destaque na tribuna. Esses objetos são entregues a cada membro da Corte pela guia do terreiro, dona Assunção. Desse modo, o rei recebe a Pomba¹⁰⁷ branca que simboliza o Divino Espírito Santo, a rainha a imagem de Senhora Sant’Ana, a coroa para a dama, a Bandeira Real para o bandeireiro e as bandeirinhas nas cores rosa, verde e branco, para os anjos e as outras bandeirinhas que fazem parte da Corte, também são entregues para algumas crianças. No contexto da festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, o simbolismo das cores dos objetos rituais, organiza o tempo e o espaço de cada membro da Corte, pois que a bandeira branca é o ponto de partida para a menina que vai transitar hierarquicamente até alcançar o posto de rainha e, do mesmo modo, para o vassalo o cargo de rei. A classificação das cores dentro do sistema de crença do terreiro comunica sobre as relações de gênero, poder, status e muito do sagrado. José Pinto que é caixeiro-régio e acompanha o grupo de caixeira de dona Luzia também faz festa para o Divino em sua casa. Ele diz que na abertura da tribuna é muito importante porque usar o a roupa branca:

Tem que cantar para abrir a porta do céu! Quem abre a porta do céu é São Pedro, ele que tem a chave na mão. Ele abre a porta do céu para vim a Santa Crôa do sacrário e ela vem junto com o Espírito Santo. Aí que abre a Tribuna. O sacrário é onde que é guardado a Santa Crôa no céu (ENTREVISTA EM: 17/07/2022).

Fragmentos dos versos do “Espírito Santo Dobrado” nos momentos finais da abertura da tribuna:

Vinde meu Senhor São Pedro
Com a sua chave de ouro na mão
Vim abrir vosso Sacrário
É chegada a ocasião

A porta do céu se abriu
Santa Crôa vem surgindo
O Divino Espírito Santo

¹⁰⁷ Marise Barbosa (2006, p.41) escreveu que: as qualidades do feminino e do masculino se expressam nas denominações que recebe. O Divino Espírito Santo celebrado nos festejos populares é chamado de Pombinha, Pombinho, Pomba e Pombo branco.

Sua festa vem surgindo

Vem surgindo a Santa Crôa
Com Divino Espírito Santo
A porta do céu se abre
O coro dos seus anjos
Com Divino Espírito Santo

Vamos dá graças a Deus
Graças a Deus vamos dá
O Divino Espírito Santo
Vossa Tribuna aberta está

Nossa Senhora Sant'Ana
Ela é mãe é soberana
É flor de todo dia
Roseiral de todo ano

Nossa Senhora Sant'Ana
Sua Tribuna está aberta
Venha ver e festejar a sua festa
O Divino na capela

Senhora dona da casa
Venha dá graças e louvor
Adorai Santa Crôa
Sua festa começou

Enquanto as caixeiras realizam o ritual na varanda, o barracão é purificado com incenso para aguardar a chegada da Corte que é conduzida pelo Bandeireiro que vai a frente do cortejo. Logo que o ritual acaba, o Mestre-sala faz o “*assentamento*” da Corte em frente ao altar do terreiro, ao mesmo tempo, as caixeiras tocam as toadas de caixas para Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo e fazem reverências a Corte com danças, consagrando-a no altar.

Abrir a tribuna é o momento preparatório para a grande festa e apesar de acontecer algumas ausências é necessário à presença de todos os participantes responsáveis pela festa, pois nesse momento, são tomadas as decisões sobre a elaboração das lembranças que são postas nas mesas de bolos que cada participante da Corte vai oferecer aos convidados, colaboradores e devotos no dia da festa. Ao término da abertura da Tribuna as pessoas presentes, sob o comando de Mãe Dina e Mãe Roxa, rezam a ladainha e fazem orações e, em seguida, servem o almoço na copa do terreiro para a Corte e todos os presentes na casa. Durante o almoço, as caixeiras não tocam suas toadas de caixas e todos compartilham os alimentos que são à base de frango assado, arroz, salada de maionese, torta de carne, camarão, macarrão, carne de boi e vatapá. Após o almoço, todos os que

estão envolvidos na organização da festa recebem uma lista com itens¹⁰⁸ que serão necessários comprar para ajudar com as despesas com alimentos. Nessa lista, há também, um valor¹⁰⁹ em dinheiro de “cota” que todos os membros da Corte terão que doar para fazer o pagamento da compra de um boi que servirá para alimentar os participantes e convidados da festa.



Figura 25 – “Carta” ou convite para a festa.
Fonte: (Amorim, 2022).

Os convites elaborados para a festa ou como falam por lá, as “*cartas*”, com a programação do ciclo festivo, são confeccionados e distribuídos a comunidade em geral e também, as várias pessoas que frequentam o terreiro, amigos e conhecidos da casa. No convite, há toda a programação católica do ciclo festivo como as datas do buscamiento do mastro, visita dos Impérios, o dia da missa e ainda a brincadeira do boi de encantado. Mas, as “*cartas*” não mencionam as datas dos toques de tambor de Mina que são realizados dentro da mesma programação. Quando perguntei a Mãe Roxa sobre a ausência das datas dos dias de toques de Mina, ela

¹⁰⁸ Essa lista é composta de certa quantidade de alimentos como: fardo de arroz, frangos, macarrão, óleo, vinagre, e temperos. Além de refrigerantes, todos recebem um valor em dinheiro que deve ser doado para cobrir o pagamento do boi e de um porco que são comprados na zona rural de São Luís. Esses animais são para alimentação durante o festejo.

¹⁰⁹ Quando se aproxima o mês de julho é fixado um cartaz na parede da varanda do terreiro com um valor chamado de “cota do boi” que serve para lembrar aos visitantes e frequentadores a colaboração que deve ser feita em dinheiro, para as despesas da festa. Esse valor é feito a partir do orçamento para comprar um boi e um porco na zona rural e da última vez que observamos, em 2019, era de cento e cinquenta reais. É obrigatório para a Corte fazer a doação da “cota”. No entanto, os anjos podem “doar” um valor menor.

disse que: “é esse o costume da casa e não vejo problema¹¹⁰ nisso, pois sempre foi assim.” (ENTREVISTA EM: 29/06/2022).

No Terreiro Fé em Deus, a tribuna para a Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo é de responsabilidade de uma madrinha que providencia o material necessário no comércio e pode ser confeccionada de papel ou de tecido de cetim. A tribuna é feita no altar pelo senhor Chiquinho que tem com a casa de mãe Elzita, essa “obrigação” e também de amizade o que significa que ele realiza esse trabalho por ter vínculo com a religião do tambor de Mina. A grande maioria das pessoas ligadas ao terreiro usa a expressão “obrigação” para referir-se à sua dedicação às entidades espirituais que, na prática, são movidas pela fé e confiança em seus guias.

Desse modo, o dia da abertura da tribuna é um momento muito esperado por todos os colaboradores e festeiros, porque são estabelecidas as determinações para a realização da festa no mês de julho, quando fazem o buscamento, levantamento e derrubamento do Mastro que é feito geralmente ao toque de caixas com a realização de Alvoradas, nove dias antes do dia da festa e assim encerra-se a fase preparatória. A partir daí a missa e cerimônia dos Impérios acontece no dia 26 de julho quando distribuem comida, bolos, doces e lembranças. No derrubamento do Mastro há o repasse das posses e o Fechamento da tribuna e finaliza com o Carimbó das caixeiros ou o “lava pratos do Divino”.

¹¹⁰ Essa é uma questão à parte e merece atenção especial, pois tem forte relação com as dificuldades históricas enfrentadas pelos praticantes das religiões afro-brasileiras, a intolerância religiosa que ainda permeia as relações entre os grupos sociais e tem como base, a violência e o preconceito. Na história do terreiro de mãe Elzita, ela nos disse que no passado, houve uma invasão ao seu barracão por parte de evangélicos que fizeram um grande estrago no altar. Isso ainda hoje é uma realidade, pois os atos de intolerantes religiosos continuam a fazer ofensas ao povo de santo que sofre com o racismo e o preconceito à sua condição humana e também, aos seus rituais religiosos.

3.3 Preparar a festa: reuniões com festeiros, devotos, Grupo dos Nove



Figura 26 – Reunião com os festeiros.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2021).

“Antes de festejar é preciso preparar tudo, pra poder dar certo!” Essa é a frase mais falada por todos os envolvidos com a festa, quando começam os preparativos desse evento, no Terreiro Fé em Deus. A festa possui uma organização e estrutura que se processa em fases e tudo começa alguns meses antes da data oficial. O ponto de partida é a fase preparatória, que é a mais complexa, pois são definidas todas as demandas necessárias ao desempenho de cada participante, pois é feita a distribuição de tarefas entre os organizadores e são chamados mais colaboradores por meio de escolhas e estes podem ter ou não relações com a religião do tambor de Mina ou simplesmente, podem ser devotos¹¹¹, amigos da casa.

A preparação e organização da festa tem um roteiro específico, característico das práticas rituais do terreiro tendo em vista, a sua estrutura e funcionamento que ocorre da seguinte maneira: em janeiro, todos que estão ligados ao terreiro, como as filhas de santo, devotos, padrinhos, madrinhas e festeiros, reúnem-se, sob o comando de Mãe Roxa, Mãe Dina e o Grupo dos Nove. A partir dessa data, ocorre a definição do calendário da festa, conforme foi descrito anteriormente, que possui uma estrutura organizada para realizar os eventos dentro e fora do terreiro. Essa estrutura pode variar em outros terreiros, conforme observa o estudo de Sérgio Ferretti (1996, p. 134-167) realizado na Casa das Minas sobre a Festa do Divino Espírito Santo, “podemos subdividir esse ritual em seis etapas: a

¹¹¹ Os devotos, geralmente, são pessoas que fazem promessas para o Divino Espírito Santo e Senhora Sant’Ana.

abertura da tribuna, o buscamiento e o levantamento do mastro que são fases preparatórias, e, ainda o dia da festa, a derrubada do mastro e o encerramento”.

No Terreiro Fé em Deus, Mãe Roxa e Mãe Dina são as responsáveis pela Corte da festa, elas organizam as reuniões com os padrinhos e madrinhas das crianças que formam a Corte e apresentam as normas da casa e dizem como será a maneira do ritual. Nas reuniões, ficam estabelecidas as colaborações referentes às despesas e o valor em dinheiro que cada membro participante da Corte deve contribuir em forma de cota. Além disso, é distribuída uma lista com alimentos para cada um que ocupa cargo. As listas contêm quantidades diferentes de produtos para cada participante, pois a colaboração é conforme o cargo que será ocupado dentro da Corte. Quanto mais alto for o cargo, maior será o valor da lista de produtos. Cada ocupante de cargo dentro da Corte possui um padrinho ou uma madrinha que podem ser os pais das crianças, algum parente ou algum amigo que deve ser indicado para receber a lista com os produtos e assumir a responsabilidade em providenciar a entrega até o dia da visita da Corte ao terreiro, dois dias antes da festa. A quantidade de alimentos define a participação nos cargos de cada membro da Corte e os cargos de rei e de rainha são os que exigem mais gastos, pois lhes são pedidos: fardos de arroz, vinte e cinco quilos de farinha, um porco e a cota em dinheiro.

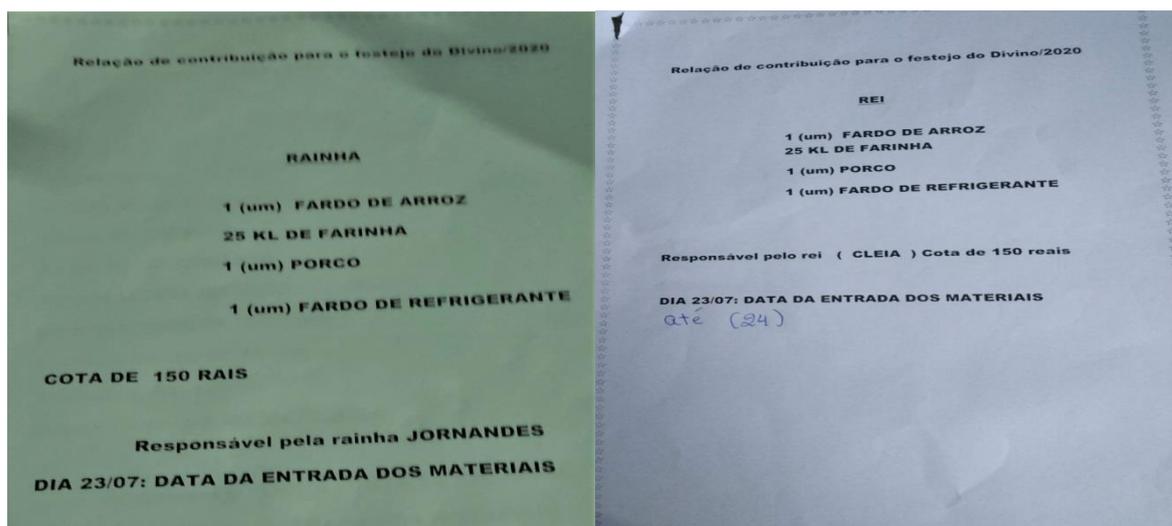


Figura 27 – Lista de produtos para o cargo de rei e rainha.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Os outros participantes da Corte recebem as listas com produtos diferentes. O Vassalo e a Dama que serão rei e rainha na festa do ano seguinte contribuem cada um com: dez galinhas, três quilos de feijão, um fardo de macarrão, dois quilos de camarões, uma cartela de ovos e três vidros de maionese. Além de temperos: uma caixa de óleo, uma caixa de vinagre, uma caixa de massa de tomate, cebola, tomate e pimentas, dois quilos de sal e alho. Há também na lista, algumas verduras para preparar salada e a cota em dinheiro¹¹².



Figura 28 – Anjos da Corte: Fé, Esperança e Caridade.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Os três anjos Fé, Esperança e Caridade são considerados mistérios da festa. Eles representam a iniciação da menina que leva cinco anos para chegar ao cargo de rainha. A criança começa a participar representando a Fé vestida de anjo branco, no ano seguinte, ela vem de Esperança, no terceiro ano, apresenta-se, de anjo Caridade e no quarto ano, ela sobe ao altar como Dama e por fim, no quinto ano é coroada rainha da festa. A Fé é renovada todo ano e uma criança nova é inserida na Corte para cumprir o ciclo. Os mistérios da festa colaboram igualmente com os mesmos alimentos e recebem uma lista com ingredientes mais baratos que são: temperos secos, corantes, alguns litros de óleo, alho e limão. Além de verduras e legumes para fazer salada, o valor¹¹³ da cota para o pagamento do boi é menor.

Durante as reuniões preparatórias, Mãe Dina e Mãe Roxa orientam os pais das crianças que formam a Corte e todos os detalhes são conversados com os padrinhos e madrinhas que estão presentes, principalmente sobre a data da entrega

¹¹² No ano de 2019, a cota para o pagamento do boi era de cento e cinquenta reais.

¹¹³ Os três anjos contribuem com cem reais de cota para o pagamento do boi.

dos alimentos e da cota para o pagamento do boi. Cada participante de cargo também precisa oferecer uma mesa de bolo com lembranças e mandar fazer ou alugar as roupas para usar durante as fases da festa. O Grupo dos Nove faz a sua reunião preparatória em uma data diferente e tem a sua própria organização para oferecer o mastro, conforme falaremos mais adiante. Assim, a preparação e organização da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus mobiliza muita gente, tendo em vista à sua estrutura e funcionamento. No entanto, a festa é realizada nos moldes aprendido por Mãe Elzita que ainda preserva os conhecimentos herdados de sua mãe de santo – a dona Denira.

4 FESTA DE SENHORA SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO: ETNOGRAFIA DE UMA “FESTA DE CORRENTES”



Figura 29 – Dia da festa de Senhora Sant'Ana Divino Espírito Santo.
Fonte: arquivo pessoa da autora (Socorro Aires, 2021).

Senhora Sant'Ana
Mãe de Deus amada
Vós tivestes uma filha
Maria chamada
Que andava em oração
(...)

Senhora Sant'Ana
Preparai cueiro
Que já é nascido Jesus
Jesus verdadeiro
Senhora Sant'Ana
Preparai mantel
Para o vosso neto
Bom Jesus do céu

(Cânticos das caixeiros em homenagem a Sant'Ana).

As origens da festa do Divino Espírito Santo, segundo o antropólogo João Leal (2017, p.26) possuem várias narrativas e: “três têm sido propostas com mais insistência. Uma delas situa essa origem em Alenquer - uma cidade situada a 60 quilômetros de Lisboa – e defende que a sua criação resulta da iniciativa da rainha Santa Isabel (1271 – 1336)”. O autor nomeia essa proposta de “isabelina” e diz que essa proposta é permeada de “várias versões” que diferem tanto em relação às razões para a realização da festa, quanto em relação ao conteúdo ritual das

primeiras festas. De todo modo, no Maranhão, quando o assunto é festa do Divino Espírito Santo, a narrativa “isabelina” é a mais popular e gira em torno do pagamento de promessa da rainha Santa Isabel que desejava obter paz de sua família e do reino de seu marido, conforme afirma o estudo de Barbosa e Oliveira (2017, p. 36) sobre essa festa:

Poucos documentos, uns mais, outros menos, concordam que na origem da festa se encontram: o Rei D. Dinis e a Rainha Santa Isabel (tendo este papel mais destacado), a Vila de Alenquer, a figura do imperador, a celebração do Espírito Santo, a caridade nas esmolas de comida aos pobres, a grande difusão da festa. As referências falam de desavenças entre Afonso, filho legítimo de Dom Dinis, e Afonso Sanches, filho bastardo, pela conquista do trono. Dona Isabel, mãe de Afonso, prometeu ao Espírito Santo um dia de culto em troca de paz dentro da família e do reino, o que acabou por acontecer. Tendo a rainha pago a promessa no dia de Pentecostes de 1296, na Igreja do Espírito Santo em Alenquer, o ritual passou-se a realizar todos os anos, na mesma data incorporando-se no calendário das comemorações de Pentecostes com suas insígnias rituais.

Barbosa e Oliveira (2017) afirmam que, nessa versão, a contribuição da Rainha Isabel faz-se notar ainda hoje, do ponto de vista da oficialização da festa promovida pelo Estado, como fator fundamental para a difusão das festas “além-mar de Portugal” pelos portugueses que saíram mundo ao longo dos séculos. No entanto, a contribuição da rainha na origem, da celebração ganhou destaque somente após a sua canonização, no século XVII. Muito embora, esses autores afirmem essa narrativa de origem, ela é contestada pelo pesquisador Aurélio Lopes, em seu livro *Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo*, que apresenta documentos mais antigos relativos à existência de modelos culturais dessa natureza anteriores, ligados intimamente às confrarias do Espírito Santo e cujos dados, apesar de escassos, parecem, se tomados em termos globais, irrefutáveis (BARBOSA e OLIVEIRA, 2017).

Com o correr dos séculos, a festa do Divino Espírito Santo embarcou rumo a outros continentes e estabeleceu-se em muitas terras, além de Portugal, principalmente, no contexto da colonização. No Brasil, a festa existe em alguns estados como: Rio de Janeiro, Goiás, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Sul e outros. No Maranhão, o pesquisador João Leal (2017, p.235) escreveu que: “a importância das festas do Divino no Maranhão tende hoje a ser vista como uma consequência da colonização açoriana do estado, iniciada nas primeiras décadas do século XVII e relativamente à qual estão documentadas pelo menos três vagas”. O

autor discorre sobre esse processo de inserção açoriana por meio da colonização no Maranhão e observa que somente nos últimos anos do século XX essa temática tornou-se interesse de alguns estudiosos, como Sérgio Ferretti e outros. Vale lembrar que outras narrativas complementam a origem da festa no Maranhão, como é o caso de Alcântara que realiza a festa em honra a visita do imperador do Brasil à cidade. A visita nunca aconteceu, mas a festa foi realizada e continua até os dias atuais, como uma das mais conhecidas e mais prestigiadas festas do Maranhão. “Festa do Divino é em Alcântara”!

O antropólogo João Leal (2017) percebeu também que: “sob o ponto de vista das festas do Divino no Brasil: só no Maranhão elas surgem articuladas com religiões de matriz afro-brasileira”. Em São Luís, essa festa faz parte do calendário de atividades religiosas de muitos terreiros de tambor de Mina, associada a algum santo de devoção do pai ou mãe de santo e também, a pedido de entidades espirituais cultuadas no sistema de crença. No Terreiro Fé em Deus, a celebração anual da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo é parte importante da história da fundação dessa casa e consiste em uma festa popular realizada em fases, com rezas de ladainhas, missa, procissões, almoços, jantares, distribuição de bolos, doces e lembranças, toques de tambor de Mina e brincadeira de Boi de encantado. Dessa forma, descrevo nesse capítulo a observação etnográfica que inclui as fases de realização e encerramento da festa realizada nos últimos anos de pesquisa e apresento um conjunto de símbolos e rituais inseridos no comportamento dos organizadores da festa, Dina, dona Roxa e o Grupo dos Nove, assim como, os padrinhos, madrinhas, colaboradores e devotos da festa, além da vizinhança.

O Terreiro Fé em Deus e seu grupo religioso de tambor de Mina possuem estreitas relações com a comunidade do bairro Sacavém e a festa é o resultado dessa rede de relações, pois a maior movimentação nessa ocasião concentra-se dentro do bairro, onde acontecem os principais rituais. Para sair do barracão e ocupar as ruas do Sacavém e adjacências, os organizadores da festa procuram os órgãos do estado e solicitam autorizações para que a festa seja considerada dentro das normas e critérios da lei. Segundo Geceanderson, neto de Mãe Elzita, a festa tem toda documentação que a lei exige:

A gente todo ano tira licença pra fazer a festa na rua. A gente tira a licença na SMTT pra gente usar as vias, as ruas, pra fechar a rua. Até pra não atrapalhar o trânsito. Ai, a gente tira a licença da Secretaria do meio

Ambiente que é justamente devido ao som¹¹⁴ que é usado. Ai a gente tira a licença da Delegacia de Costumes que é pra fazer todo evento. A licença do Corpo de Bombeiro e a licença da Blitz Urbana. Essas são as licenças que a gente tira para quando a polícia chegar já encontrar tudo documentado. Mas, assim! Se não fosse fazer o evento na rua, a gente podia fazer normal dentro do terreiro, pois o terreiro é cadastrado na Federação de Umbanda do Maranhão. (ENTREVISTA EM: 02/08/2022).

4.1 Observando movimentos: O buscamento, batizado e o levantamento do mastro do Divino e Senhora Sant’Ana



Figura 30 – Mastro de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

O mastro é um dos símbolos mais notáveis da festa do Divino Espírito Santo. Ele sinaliza o tempo e o lugar da festa e tem várias representações, sendo a mais importante relacionada ao Divino Espírito Santo, pois é onde os devotos também fazem louvações, pedidos a Deus, aos santos e depositam toda a sua fé. No Terreiro Fé em Deus, ele é representado por um longo tronco de árvore, medindo aproximadamente uns seis metros, porque um dos critérios que o mastro exige é que não pode ser menor do que a “cumieira”¹¹⁵ da casa. A responsabilidade de

¹¹⁴ Durante o ciclo festivo, a música é uma das estratégias para movimentar recursos com a venda de cerveja, lanches e, para isso, os organizadores da festa contratam cantores populares para fazer shows e tocam uma radiola de reggae.

¹¹⁵ Cumieira é a parte mais alta do telhado da casa.

oferecer o mastro é de um grupo de homens ligados ao terreiro que se autodenominam Grupo dos Nove. É tradição do terreiro, todo ano, o Grupo dos Nove fazer a retirada de uma árvore na mata para entregar o mastro da festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo. Na fase preparatória da festa, o grupo organiza-se e vai explorar a mata na zona rural de São Luís, em busca da árvore ideal para se transformar em mastro.

Dessa forma, o grupo escolhe a árvore e a deixa sinalizada na mata, fazendo a retirada somente no início do mês de julho, quando ele será entregue ao padrinho para que o prepare com folhas de murta e o deixe enfeitado para a realização do buscamto. Segundo o estudo de Sérgio Ferretti (1996, p.167), dona Celeste da Casa das Minas, “considera o mastro como um símbolo da árvore onde pousou a pomba do Divino no dilúvio”. No Terreiro Fé em Deus, o mastro é considerado “a morada do Divino” durante o ciclo festivo e o momento de buscá-lo é aguardado por todos com muita ansiedade. A realização do buscamto é uma atividade masculina e o comando dessa parte da festa é do padrinho que é escolhido por sorteio, entre os participantes do Grupo dos Nove. O padrinho sorteado assume a liderança do buscamto simbolicamente, pois são muitas atividades relativas e esse momento e a colaboração e apoio dos outros membros do grupo é muito importante, para o bom desempenho desse ritual. Santos e Santos Neto (1989, p. 97) pontuam que:

A doação do mastro, via de regra, é de inteira responsabilidade dos padrinhos, podendo estes arcar com as despesas desde o abatimento da árvore, na mata, até a sua condução festiva para o terreiro da festa e seu solene levantamento. Antes de tudo isso, o mastro já deve ter sido lavrado, ou seja, descascado, para facilitar sua condução nos ombros dos carregadores. A árvore deve ser grande, medindo 6 a 7 metros, e também resistente, para evitar a queda no ato do levantamento.

Se a natureza condiciona as operações intelectuais é interessante pensar sobre o buscamto do mastro na fase preparatória da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo para além da experiência de simples retirada de uma árvore em determinada área de mata, nos arredores da cidade. A escolha da árvore para transformá-la em mastro, tem uma “lógica” subjacente que mobiliza as pessoas envolvidas com o festejo, pois ainda na mata, antes da derrubada, a árvore passa por um processo de sacralização que prossegue com o batismo antes do levantamento, no Terreiro Fé em Deus. Para ser mastro da festa não pode ser

qualquer árvore, pois essa árvore é a futura *morada de Deus* durante a festa e as regras estabelecidas para a sua escolha e retirada dizem respeito aos princípios e valores de uma simbologia sagrada desse momento ritual.

O mastro, em sua simbologia, entre muitas qualidades inerentes a sua ação, tem a função de comunicar e marcar o início e o final do tempo da celebração da festa de Senhora Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo, renovando os sentimentos de fé e esperança. Por isso, o Grupo dos Nove diz que é preciso ter: "ciência" para escolher uma árvore que "cresceu para o céu", com o tronco comprido e sem muitos galhos para que seja: "um mastro bonito e bem vistoso". O mastro, também sinaliza o lugar da festa, expressa o agradecimento dos devotos pelas bênçãos concedidas, pela saúde e força para viver a dureza da vida e uma de suas qualidades é estabelecer a conexão entre Deus e os homens. É Deus à vista de todos e para todos, pois no meio da rua ele torna-se foco de interação, porque promove as relações entre os festeiros, devotos, crianças, vizinhança, homens e mulheres, vinculados e ao Terreiro Fé em Deus, ao bairro Sacavém, à cidade de São Luís. Ele destaca a participação das caixeiros enquanto categoria social e demonstra à sua importância e das toadas de caixa em louvor a Senhora Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo. É uma árvore generosa ao oferecer diversas frutas como alimento: banana, côco e cana-de-açúcar e carrega em sua parte superior o Mastaréu¹¹⁶ onde é fixada a bandeira com o a imagem de um santo homenageado¹¹⁷, juntamente com um Pombo Branco que é a representação de Deus (LEAL, 2017). No caso do Terreiro Fé em Deus, o Mastaréu possui a imagem de Senhora Sant'Ana e o Pombo branco que representa o Divino Espírito Santo.

Todo ano é feita a retirada uma árvore da mata para fazer o mastro da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo do Terreiro Fé em Deus. No entanto, a retirada da árvore possui alguns critérios, pois há uma preocupação com a preservação do meio ambiente diante da consciência de que as entidades espirituais cultuadas no sistema de crença do terreiro dependem da existência da natureza, já que são energias que existem: nos rios, nas matas, no ar e no mar. Quando essas entidades espirituais incorporam as dançantes nos toques de Mina, elas fazem menção a esses domínios naturais, através de suas doutrinas ou cânticos. O guia do

¹¹⁶ Uma pequena bandeira com imagem do santo ou santa homenageado juntamente com o Divino Espírito Santo.

¹¹⁷ Na festa do Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus, o Mastaréu tem Senhora Sant'Ana como santa homenageada ao lado do Divino que é representado pelo Pombo.

terreiro, o caboclo Surrupirinha, quando se manifesta em transe espiritual, incorporado na mãe de santo em toque de tambor de Mina, sempre faz referência à natureza:

*Ê mata, ê mata,
Ê mata Gangá,
Ê mata Zombana,
Ê matalinheira.*

As entidades espirituais exaltam o lugar onde são chefes de “*aldeia*” dentro da mata e com isso, há a preocupação do Grupo dos Nove com a escolha da localização para fazer a retirada da árvore dentro da mata. O grupo tem consciência da importância da conservação da natureza para a continuidade do mastro da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo realizada no Terreiro Fé em Deus, como tradição cultural do bairro Sacavém e de São Luís. Marise Barbosa (2006, p. 35) ao estudar a festa do Divino em mais de dezesseis municípios do Maranhão, enfatizou que: o “mastro, por sua grande altura ele poderá ser visto de longe, e guiará a todos aqueles que procuram pela festa”.

O Grupo dos Nove mobiliza, junto às suas redes de relações, os recursos necessários para fazer desse momento algo muito divertido e animado. Para tanto, organiza-se com antecedência e realiza reuniões mensais para discutir sobre a função de cada participante, principalmente, no aspecto financeiro, porque, no dia do buscameto é de reponsabilidade do grupo oferecer bebida e comida à todos os convidados e presentes no terreiro. Para manter essas despesas, o grupo faz depósitos mensais em uma conta bancária onde cada membro deposita o valor mínimo de cinquenta reais. Mas, esse valor do depósito pode variar conforme a condição de cada um e começa a ser feito a partir do encerramento da festa de cada ano, no início do mês de agosto. Desse modo, a partir do mês de setembro até o mês de junho do próximo ano, o grupo guarda um montante economizado para custear a despesa inerente ao mastro da festa e essa estratégia possibilita a compra de todos os produtos e serviços a esse momento.

Durante os anos em que acompanhei essa etapa da festa, até o ano de 2012, o mastro era preparado em um pequeno terreiro de Mina localizado no bairro Santo Antônio onde mora o senhor José de Ribamar Martinho, compadre de dona Elzita, e conforme nos contou esse senhor, ele preparava o mastro para a festa do terreiro de mãe Elzita, por amizade a ela e devoção ao Divino, mas “as coisas de

terreiro” são todas de sua mulher. Seu José oferecia feijoada, água e vinho para as pessoas que chegavam à sua casa, acompanhando o cortejo do buscamento. No entanto, em 2013, houve algumas mudanças no itinerário do cortejo e a partir desse ano, a preparação do mastro foi realizada em casa de dona Celeste que mora no bairro Radional.



Figura 31 – Dona Celeste madrinha do Mastaréu).
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Dona Celeste é madrinha do mastaréu e, por isso, pediu ao Grupo dos Nove para que o mastro fosse “vestido” com murta em sua casa, pois tinha interesse em resgatar uma “obrigação” de sua falecida mãe, dona Filomena, e assim, foi atendida pelo grupo. No dia do buscamento do mastro, que é feito no período da tarde, ela recepciona em sua casa a Corte com as caixeiras e todos que acompanham o cortejo, com muitos foguetes. Quando a Corte chega à sua casa manda servir aos presentes água mineral gelada, caldo de feijão, mocotó e refrigerantes. Em seguida, as caixeiras iniciam as de toadas de caixas, enquanto dona Celeste faz a purificação do mastro com fogareiro de incenso, antes de ele ser levado ao bairro Sacavém. Enquanto isso, muitas pessoas observam o movimento com respeito e aguardam o momento de começar o cortejo que não demora muito. O cortejo começa quando muitos homens, de preferência jovens, levantam o mastro e as caixeiras dão início

ao ritual. Mas, em determinado momento, ocorre uma mudança¹¹⁸ de contexto e as toadas de caixas são suprimidas pela banda de música que toca marchinhas de Carnaval e a folia e as brincadeiras tomam conta do cortejo, que por onde passa vai arrebatando mais gente que segue o mastro e aproveita para beber, brincar e dançar. De modo geral, o buscamento é muito interativo e regado a brincadeiras relativas às representações associadas ao aspecto erótico do mastro que é chamado de “pau” por quase todos os participantes do cortejo.

Os homens que o carregam muitas vezes gritam: “vamos levantar esse pau”! Eles o suspendem por alguns instantes bem acima de suas cabeças e as pessoas gritam, incentivam as brincadeiras. Durante o percurso, os carregadores do mastro recebem assistência dos membros do Grupo dos Nove que servem água, refrigerante, cerveja e vinho para animar a folia que faz os carregadores do mastro ganharem força. A maioria das pessoas que segue o cortejo é de jovens que gritam, cantam músicas populares e marchinhas de Carnaval. É um cortejo bem frequentado e muito conhecido pela animação e popularidade no universo dos terreiros de tambor de Mina. Porém, por questões pessoais dona Celeste decidiu não preparar mais o mastro em sua casa e no ano de 2017, houve nova mudança de itinerário e o mastro passou a ser preparado no bairro Sacavém na casa de dona Cotinha¹¹⁹, que é festeira ligada ao grupo do terreiro. Dona Cotinha é amiga de mãe Elzita e aceitou receber o mastro em sua casa para que o Grupo dos Nove pudesse vesti-lo com murta, antes do buscamento.

¹¹⁸ No ano de 2022, a caixeira-régia, dona Luzia estava operada e não pôde acompanhar a festa e por isso, mandou um caixeiro-régio para auxiliar a caixeira-mór, dona Jaci. No entanto, dona Jaci está com idade avançada e não conseguiu acompanhar o cortejo. Ela até tentou e eu pude ver quando ela foi conduzida de volta ao terreiro, por pessoas amigas. Desse modo, o caixeiro-régio assumiu o cortejo e seguiu tocando caixa até o lugar onde o mastro aguardava para ser retirado. Foi a primeira vez que a festa foi conduzida por um caixeiro-régio, pois é uma casa matriarcal e não aceita homens no comando de seus rituais, mas pela falta cada vez maior de caixeiros com conhecimento das etapas da festa que envolvem as suas práticas, os homens estão ocupando espaço e esse ano houve mais homens tocando caixas do que mulheres.

¹¹⁹ Maria Benedita era o nome de dona Cotinha que faleceu em 2019, após a Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Mas, no ano 2022 o seu filho chamado Jorge assumiu o compromisso e cedeu o espaço de sua casa, no bairro Outeiro da Cruz e deu continuidade ao que sua mãe gostava de fazer. Do mesmo modo, a sua filha Líbânia colocou o neto para ser o Juiz da Corte e manifestou o desejo de mantê-lo no cargo na próxima festa. O legado de Dona Cotinha permanece em seus filhos, netos e bisnetos que dão continuidade a festa.



Figura 32 – Dona Cotinha ao lado do mastro em 2019.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (Socorro, 2019).

Assim, dona Celeste continua com a responsabilidade de receber e entregar o mastro para o Terreiro Fé em Deus, mas agora ela faz isso fora do seu bairro. É importante lembrar que há uma diferença entre preparar o mastro para ser levado ao terreiro e realizar o buscamento. Dona Celeste é a “anfitriã” do mastro, ela recebe todo o grupo do terreiro e colaboradores que apoiam o Grupo dos Nove, juntamente com Corte, as caixeiras, os devotos do Divino, uma banda de música e as pessoas da comunidade que chegam para receber e levar o mastro ao Terreiro Fé em Deus. Em contrapartida, ela oferece produtos alimentícios para que seja feito o jantar para servir aos carregadores do mastro.

O retorno ao Terreiro Fé em Deus, em cortejo pelas ruas do bairro, geralmente tem a duração de mais de uma hora e não é interessante que o mastro chegue ao terreiro no escuro, para não atrasar a programação do batizado e levantamento. Assim é comum ouvir de alguém Grupo dos Nove para não atrasar a saída do cortejo, por que: “é preciso chegar antes da “boca da noite”¹²⁰”. Mas, nem sempre o horário é seguido e o mastro geralmente chega ao terreiro no escuro. Enquanto isso, as caixeiras ficam misturadas entre as pessoas, mas poucas permanecem tocando as caixas e algumas até experimentam uns goles de vinho. É o costume! As caixeiras têm o seu momento dentro do cortejo do buscamento e

¹²⁰ “Boca da noite” é como muita gente, principalmente no interior do estado, refere-se ao fim de tarde e começo da noite.

fazem intervenções pontuais que são atribuições exclusivas de suas baquetas com seus toques de toadas de caixas, em louvação a Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo. Mas, quando o cortejo aproxima-se do terreiro, elas novamente retomam o comando e fazem a entrega do mastro.



Figura 33 – Buscamento do mastro.
Fonte: arquivo pessoal (Socorro Aires, 2019).

Quando o cortejo chega ao terreiro, o mastro é estendido sobre cavaletes de madeira para ser enfeitado com frutas como: côco d'água, cana-de açúcar, banana, abacaxi e garrafinhas de refrigerante e tem o mastaréu fixado em sua parte superior. Em seguida é feita a sua purificação com incenso, antes do batizado e o padrinho e a madrinha de batismo são todos membros do *Grupo dos Nove*. Desde quando comecei a frequentar o terreiro, observei que o padrinho de batismo do mastro é alternado a cada ano entre os homens do grupo. No entanto, há duas mulheres que são madrinhas e ocupam esse cargo ininterruptamente, porque assumiram essa responsabilidade desde que entraram para o grupo. Elas são a dona Maria Borges¹²¹ e a dona Mary dos Santos, moradoras do bairro João Paulo, que são vizinhas de rua e amigas. Como madrinhas, depois do batismo elas também

¹²¹ Dona Maria Borges é moradora do bairro João Paulo. Conforme o seu relato ela é madrinha do mastro desde o surgimento do Grupo dos Nove, há vinte anos. No entanto, no ano de 2022, ela não participou do batizado do mastro, segundo fui informada ela não está bem de saúde. Mas, também ouvi dizer que ela converteu-se a religião evangélica. Dona Mary também não se fez presente e o mastro foi batizado por Lélia e Conceição.

oferecem alimentos para o preparo do jantar¹²² que é servido à Corte e pessoas que fazem o levantamento do mastro. Segundo disse-me, dona Maria Borges, os alimentos para preparar o jantar são levados com um dia de antecedência do buscammento e quando chegam ao terreiro, elas são recebidas pelas caixeiras com toadas de caixa e muitos foguetes. As caixeiras alegram-se com “joia”, bendizem o alimento recebido com toadas de caixas e a pessoa que doou:

Senhora que deu joia
Essa vai ao seu louvor
Não há ouro e nem há prata
Que mereça o seu valor.

No dia seguinte, quando retornam ao terreiro para participarem do batizado do mastro, as madrinhas ainda levam bolinhos de tapioca, bombons e pipocas, tudo “junto e misturado” dentro de saquinhos de plástico que são jogados para o céu, assim que o mastro é levantado, após o batismo.

O ritual do batismo acontece quando de um lado fica o padrinho eleito pelo Grupo dos Nove e do outro, as duas madrinhas e tem início quando dona Maria Borges recebe uma vasilha com água retirada do Peji e começa a sacudir um ramo de folhas verdes e molhar o mastaréu. Enquanto isso, a dona Mary dos Santos segura uma vela acesa em uma das mãos e com a outra mão, segura a ponta de uma toalha branca e juntamente com o padrinho, caminham cada um de um lado, passando a toalha por cima do mastro. No batismo, as madrinhas e o padrinho são acompanhados pelas caixeiras e pela Corte e dão algumas voltas ao redor do mastro que adquiriu um novo status e passa ser árvore sagrada, a “morada do Divino”, a “Oliveira”. Durante o ritual de batismos há falas que os padrinhos precisam proferir, tipo:

Eu te batizo Oliveira
Pela sua formosura
Não te dou os santos óleos
Porque não és criatura.

O batizado é bem parecido com os demais, conforme observou Sérgio Ferretti (1996, p.178) na Casa das Minas: “durante o batismo, o cortejo dá algumas

¹²² Segundo dona Maria Borges ela e dona Mary gastam mais de mil reais com as despesas com o alimento comprado para fazer o jantar.

voltas em torno do mastro ainda deitado”. Derrama-se uma garrafa de vinho e outra de aguardente ao longo do tronco e também água com ramo de folhas para benzer.



Figura 34 – Batismo e Levantamento do mastro do Terreiro Fé em Deus.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2019)

Um buraco de mais de um metro de profundidade é cavado em frente ao terreiro para receber a “Oliveira”. Antes disso, é feita a purificação do lugar com fogareiro de incenso e uma “cuia” de vinho é despejada no local. O levantamento é um momento muito tenso, porque o risco de acidente é uma possibilidade e todo cuidado é muito importante para que a segurança das pessoas que estão presentes, assistindo a esse ritual seja preservada. Por exemplo, o mastro não deve escorregar dos cavaletes improvisados para suspendê-lo ou as cordas amarradas para puxá-lo desatarem o nó e os homens que ajudam a fazer força para levantá-lo quase todos estão mais que animados, pois a maioria costuma exagerar no vinho e na cerveja

durante o cortejo. Por isso, nesse momento é preciso muito cuidado, pois comentam que se o mastro cair enquanto estiver sendo levantado, pode atrair maus presságios para o terreiro e, para evitar qualquer contratempo, o *Grupo dos Nove* não permite que homens com sinais de embriaguez cheguem perto do mastro durante o levantamento. É um momento que acontece entre fogos e palmas, com as caixeiras cantando toadas a Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, demonstrando gratidão pela participação de todos os festeiros, por tudo ter ocorrido sem problemas e a satisfação por mais uma missão cumprida.

Após o levantamento da "Oliveira", as caixeiras conduzem a Corte para o barracão e cantam a ladainha em frente ao altar, acompanhadas de uma banda de música e em seguida, o jantar é servido para a Corte na copa do terreiro. Do lado de fora da casa, uma vela é acesa aos "pés" da "Oliveira" e logo as caixeiras cantam, dançam e tocam toadas de caixas para Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo. No dia seguinte, os toques de Mina são abertos e as entidades espirituais comparecem nas dançantes em transe espiritual. O buscamento é de total responsabilidade do Grupo dos Nove, assim como batizado, levantamento e derrubamento do mastro. Nos dias que sucedem o levantamento até o dia da festa é feita a Alvorada, que são os toques de caixas realizados em horários específicos e começam pela manhã. Marise Barbosa (2006, p.114) escreveu que:

O cantar da *Alvorada* nos festejos do Espírito Santo, inicia-se antes do nascer do sol, por volta das 04h30minh. Antes das primeiras rachaduras na noite, provocadas pela luz da Alvorada que coroa a terra, as Caixeiras já estão cantando e tocando ao redor do Mastro ou diante do altar. E continuam enquanto o dia clareia, até que o sol termine de nascer. No pino das 12 horas, nova Alvorada para o Mastro ou para o Altar. O repertório continua a destacar a hora do sol. O cantar diário nas horas fortes sacraliza-as por sua "capacidade de invocação da ordem" que também se mantém pelo toque ritmado, construído coletivamente. Às 18:00 há outra Alvorada para o Mastro ou para o Altar.

As caixeiras participam do levantamento do mastro, comparecem no dia da festa e no derrubamento. No entanto, Alvoradas são realizadas pelas filhas de santo de Mãe Elzita em louvação a "Oliveira", pois elas conhecem as toadas de caixas e podem realizar esse ritual, porque moram ao lado do terreiro e desse modo, não há necessidade das caixeiras permanecerem no lugar durante o ciclo festivo. Lélia é uma das "caixeiras" filhas de santo que toca Alvorada com outras mulheres ao redor da "Oliveira" e, no ano de 2022, quando cheguei ao terreiro para acompanhar a

visita da Corte, elas estavam tocando em frente ao altar e pude ouvir alguns versos da Alvorada:

Deus salve a Oliveira
Que “panhou” sol e sereno
Onde foi crucificado
O Jesus de Nazareno

Que Pombo branco é aquele
Que vem descendo do céu
É o Divino Espírito Santo
Que vem descendo do céu

Senhora Sant’Ana
Preparou um cueiro
Que hoje é nascido
Jesus verdadeiro

Sant’Ana teve Maria
Maria teve Jesus
Que nome deu a ele
Manoel da Vera Cruz

Manoel, Manoelzinho
É o nome do Senhor
Se Manoel fosse padre
Seria meu confessor

4.2 Visita da Corte e abertura dos toques de Mina em: 24 de julho



Figura 35 – Visita da Corte ao Terreiro Fé em Deus.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Sabes isto, se tens um amigo
em quem confias
e se queres obter um bom resultado,
convém misturar a tua alma à dele
e trocar presentes
e visita-lo com frequência.

(Estrofe 43, parte da epígrafe do Ensaio sobre Dádiva, de Marcel Mauss, 2003).

A Corte visita o Terreiro Fé em Deus sempre depois do levantamento do mastro, pelo menos dois dias antes da data da festa, geralmente no dia 24 de julho. Mãe Elzita, contou-me em conversas que tivemos ao longo dos anos de contato e bem antes do seu adoecimento que antigamente cada membro da Corte recebia a visita em sua própria casa e segundo ela: “era bonito, mas muito sacrificante para todos, pois era muita despesa e muito cansativo”. Cada participante da Corte tornava-se um anfitrião e recebia em sua casa a Corte da festa, acompanhado das caixeiras, oferecia almoço ou lanche e confraternizavam. No entanto, nos últimos anos, houve muitas mudanças na forma de fazer a festa e atualmente, a visita acontece dentro do terreiro. Essas mudanças têm relação com várias situações vivenciadas pelas pessoas que participam da festa, envolvem estratégias para conseguir proporcionar melhores condições às pessoas que estão envolvidas com o seu desempenho, facilitando o deslocamento e transporte de todos para o mesmo endereço, o terreiro. Com isso, diminuem as despesas materiais, pois receber visita em casa é mais oneroso e, para muitos, faltam recursos materiais para promover uma boa recepção. Além disso, as condições físicas das caixeiras também contribuem, pois visitar cada membro da Corte exige muito delas e por essa ocasião, estão todas cansadas. Assim, no Terreiro Fé em Deus a visita da Corte é coletiva e todos colaboram com as despesas necessárias ao bom desenvolvimento da confraternização.

A visita é feita no período da manhã e logo cedo, as pessoas da casa e algumas filhas de santo providenciam a arrumação do espaço, para que tudo esteja bonito para receber a Corte. As caixeiras são as primeiras a chegarem ao terreiro, formam uma roda no meio do barracão e começam a tocar toadas de caixas para Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. No dia da visita, cada membro da Corte, leva ao terreiro os alimentos solicitados que são a sua “joia” para a festa e o

valor da cota¹²³ para colaborar com o pagamento das contas¹²⁴ inerentes ao ciclo festivo. Por exemplo, a rainha de promessa em 2019 colaborou com uma caixa de frango, um fardo de arroz, um fardo de refrigerante e uma grade de cerveja. Além dos alimentos, bebidas e dinheiro da cota, cada participante usa no mínimo três vestimentas e oferece uma mesa de bolo com lembranças, além do transporte, pois a maioria mora em outros bairros da cidade. Nesse dia também são levados os animais vivos que serão mortos para alimentar a todos os participantes da festa e geralmente, são entregues ao terreiro no período da tarde, depois da visita da Corte. Mas, no ano de 2019, isso foi feito pela manhã, enquanto as caixeiras aguardavam a chegada do Império.

Nesse dia às dez horas da manhã, o carro parou em frente ao terreiro e as caixeiras foram à porta do barracão, juntamente com Mãe Elzita para tocarem toadas de caixas para saudar os animais. Eram um boi de porte médio e três porcos, um deles era bem grande. Toda a movimentação do desembarque dos animais é acompanhada pelas caixeiras. Depois da saudação, alguns homens levaram os bichos para o quintal do terreiro, passando por uma abertura estreita, entre a casa de Mãe Elzita e o barracão. O boi estava apático e parecia aceitar o seu destino. Ele foi retirado do carro com muita dificuldade e mal conseguia ficar de pé. Em certo momento, o boi “desmaiou” e nessa hora, o genro de Mãe Dina foi até ao tanque para retirar uma bacia d’água e despejar sobre ele e ver se reagia. No entanto, o boi teve que ser arrastado até ao quintal do terreiro e não andou mais até a sua morte. Por sua vez, o porco era forte e gordo. Dona Assunção sacudiu a Bandeira vermelha do caboclo Surrupirinha em direção aos animais e cantou uma doutrina para o boi e foi acompanhada por todos:

Na mata, na mata, na mata
Onde eu faço minha oração
Onde eu boto minha boiada
Onde eu boto o meu Touro no mourão

¹²³ Em 2021, o valor da cota para a compra do foi de 150,00. Para as pessoas da casa e para quem tem criança no Império é obrigatório.

¹²⁴ A cota serve para pagar as cozinheiras que preparam alimentos, a banda de música que acompanha as procissões e Corte, as ladainhas e também comprar algum produto que possa faltar nesse período.

Os animais foram entregues por Geceanderson neto do coração de Mãe Elzita, que tem uma promessa com a Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo e participação na organização da festa.



Figura 36 – Recebimento dos animais entregues ao Terreiro Fé em Deus por Geceanderson e recebidos por dona Elzita, as caixeiras, dona Assunção e Lélia.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

E terminado esse momento, as caixeiras retornaram ao barracão para receber os visitantes que estavam a chegar ao terreiro. O horário oficial da visita é ao meio-dia e quando chega um membro da Corte, as caixeiras vão até a porta para recebê-lo com “toadas de caixas” e este é conduzido pela caixeira-régia até a tribuna preparada em frente ao altar do barracão. Quando todas as crianças chegam ao terreiro, a Corte está formada e elas passam a tocar mais “toadas de caixa” para Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo.

No dia da visita, a Corte usa roupas comuns, que de certo, são as melhores e mais apresentáveis que cada membro possui. Muito diferente do dia da festa

quando usam roupas luxuosas que fazem referências aos nobres europeus¹²⁵ de uma época histórica de séculos passados. O que chama muito atenção é o comportamento das crianças, que ficam privadas de algumas coisas e obedecem a um conjunto de regras exigidas aos cargos que cada uma desempenha dentro da Corte. Durante o ciclo festivo, elas são orientadas a conter as brincadeiras, as conversas e a comerem de forma contida tudo que é servido. Há uma pausa na rotina de cada criança e cada uma vive uma “experiência estética” e todas são envolvidas por outra realidade e esquecem-se daquela que vivem diariamente (DUARTE, JR., 1991). O menino virou um rei ao sentar-se à cabeceira da mesa e o seu desempenho põe em evidencia à sua posição junto ao altar, no cortejo do mastro, dentro da Igreja no dia da missa, assim como as outras crianças, em todas as fases da festa. No entanto, é notório, em determinado momento, observar nos rostos de algumas crianças expressões de cansaço, calor e vontade de sair da tribuna, mas todas elas resistem e cumprem o seu papel até o final.

As posições das crianças dentro da Corte são definidas hierarquicamente de forma a destacar a participação de cada membro. Porém, o rei e a rainha estão lado a lado e são eles que estão no comando da Corte, reproduzindo as relações entre as entidades espirituais que ocupam o sistema de crença cultuado dentro terreiro e são considerados os donos da casa que são: o Caboclo Velho e a Princesa Doralice. Apesar da distinção entre as entidades espirituais, cada um, com o seu desempenho, ocupa o poder dentro da Corte e o compartilha com os outros participantes. A rainha reina da mesma forma que o rei, assim como as entidades espirituais, princesa Doralice e Caboclo Velho comandam as práticas religiosas do terreiro. As posições dessas entidades espirituais na tribuna, têm forte relação com as suas trajetória rituais no tempo e no espaço do sistema religioso do terreiro apresentado na realização da festa.

Durante a visita, o barracão é purificado com fogareiro de incenso pela assistente do terreiro, Concita, e, após a chegada de todos, o Mestre-Sala conduz a Corte em direção a copa do terreiro sob o comando do Bandeiroiro, onde o almoço é servido. Por sua vez, a rainha da festa leva a imagem de Sant’Ana enquanto o rei recebe o Pombo branco do Divino e esses objetos são postos sobre o centro da mesa, ao lado de uma vela acesa e permanecem ali durante o almoço. A comida é

¹²⁵ Há controvérsias!

servida, primeiro à Corte que recebe pratos feitos, diferente do dia da festa que a comida é muito farta e a mesa expõem muitas opções de pratos para todos que estão presentes no terreiro. De modo geral, não há restrições a alimentos servidos à Corte e os pratos são compostos por alimentos feitos a base de frango, carne de boi, de porco e tortas variadas acompanhadas de saladas diversas, macarrão e farofa.



Figura 37 – Almoço da Corte no terreiro.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019)

Enquanto isso, as caixeiras permaneceram dentro do barracão e, assim que a Corte termina de almoçar elas vão até a porta da copa e tocam as toadas de caixas, para que a Corte volte ao barracão e devolva os objetos ao altar, a imagem de Sant'Ana e o Pombo do Divino Espírito Santo. Assim, a visita é encerrada após o almoço e todos saem do barracão, enquanto as caixeiras permanecem e cantam em frente ao altar:

Até logo meu Império
Até o dia da festa.

No período da tarde começaram os preparativos para fazer a abertura dos toques de Mina no dia 24/07/2019, dois dias antes da data da festa. Nesse dia, um pouco antes de começar esse ritual, sempre a partir das 21 horas é realizada a

*ladainha*¹²⁶ em latim, em frente ao altar sob o comando de dona Roxa e algumas pessoas presentes no terreiro que participam, cantando e rezando. Após a ladainha, não demora muito, a neta¹²⁷ de Mãe Elzita, faz a purificação¹²⁸ do barracão com um fogareiro de incenso e também de todo o ambiente do terreiro. Enquanto isso, Mãe Elzita, acompanhada por sete¹²⁹ filhas de santo, já estava preparada para fazer à abertura dos toques de Mina, com o cântico do *Imbarabô* que segundo o antropólogo Sérgio Ferretti (1996, p.298) é a “primeira palavra do cântico para afastar Exu, nos ritos Nagôs no Maranhão”. No barracão do terreiro, os *abatazeiros*¹³⁰ aguardam Mãe Elzita com as suas filhas de santo que estavam organizadas em fila por ordem hierárquica, ao lado do Péji, tendo como princípio, a antiguidade de cada uma dentro do terreiro.

Mãe Elzita vem à frente da fila e logo atrás dela, a guia do terreiro, dona Assunção e a seguir, as outras dançantes sendo que as iniciadas mais recentes ocupam as últimas posições. A forma como as dançantes organizam-se em fila reflete ainda os lugares que elas ocupam dentro do barracão, durante os toques de Mina. Assim, Mãe Elzita posiciona-se em frente ao tambor chamado Caboclo Velho que também é o nome da entidade espiritual dona do terreiro e dona Assunção fica próxima ao tambor com o nome Terreiro Fé em Deus e as outras dançantes espalham-se pelo barracão. Elas cantam por mais de meia hora vários cânticos que também chamam de “doutrinas”, ao mesmo tempo em que dançam em círculos com coreografias de roda e, passados alguns minutos, começam a incorporar os seus caboclos ou entidades espirituais. Mãe Elzita, em transe com a dona de sua cabeça na Mina, a entidade espiritual, a princesa Doralice, cantou:

Leva eu gente, vou pro mar.
Na minha terra eu danço Mina.
Mas, no mar vou tocar meu maracá.

¹²⁶ A ladainha e rezada em latim e precede a todas as atividades religiosas que são realizadas dentro do terreiro. Mãe Roxa cedeu-me o seu caderno, onde ela registra essa reza, para que eu copiasse a letra. Ver em anexo.

¹²⁷ Ângela é técnica em enfermagem, casada, sem filhos e filha de Mãe Dina, a primogênita de mãe Elzita.

¹²⁸ A purificação é feita com o incenso que contém uma mistura de ervas, sendo a mais notável, a erva-doce.

¹²⁹ Quando iniciamos a pesquisa em casa de Mãe Elzita em 2004, ainda na graduação havia mais de quinze filhas de santo.

¹³⁰ São chamados de abatazeiros os tocadores dos tambores de Mina e no Terreiro Fé em Deus. Essa função é dos netos de Mãe Elzita com destaque para Emanuel, filho de Dina. Emanuel o abatazeiro “guia” é sempre solicitado para tocar os tambores, tendo em vista que nasceu no terreiro e conhece todas as batidas e ritmos.



Figura 38 – Abertura dos toques de Mina
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Em conversas com Mãe Elzita, ela nos disse que no começo de sua casa, os toques de Mina tinham duração de sete dias e que: “fazia do jeito que minha mãe de santo me ensinou”. No entanto, atualmente, as condições de saúde da maioria das dançantes não favorecem mais a realização de muitas noites de tambor de Mina e é necessário realizar mudanças para poder manter a festa. Os toques de Mina estão dentro da programação da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo e após a abertura acontecem por mais cinco noites, nesse período.

4.3 O dia da festa: Missa, Procissão, Almoço, Roubo das Posses: 26 de julho

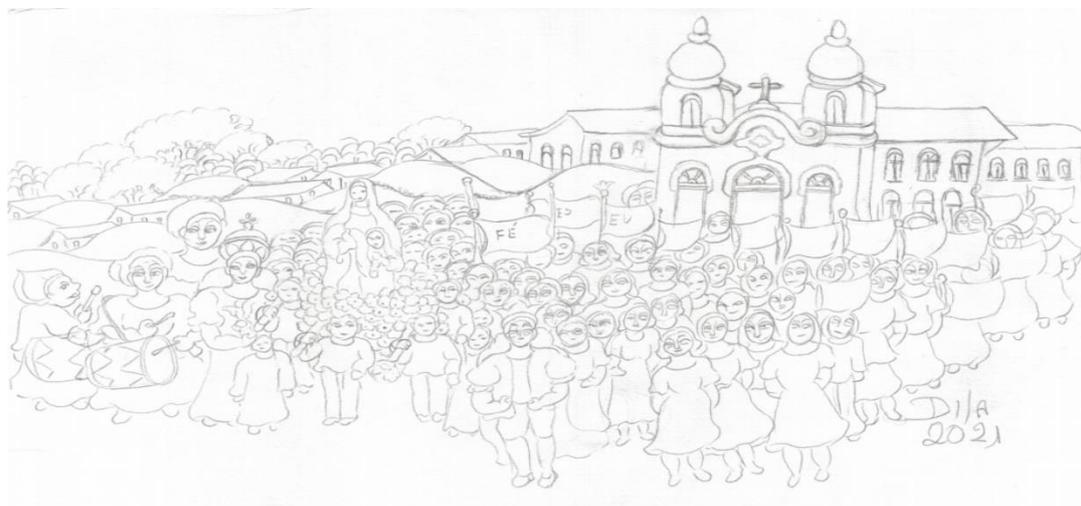


Figura 39 – Desenho de procissão feito por Dila.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021)

A festa tem o seu ápice no dia de Sant'Ana, 26 de julho, quando a Corte vai assistir à missa e retorna ao terreiro em cortejo pelas ruas do bairro Sacavém acompanhado pela caixeiros que tocam as suas toadas de caixas. Desde quando comecei a frequentar o terreiro e observo esse momento, até o ano de 2012, nesse dia, a missa era realizada na Igreja de Sant'Ana que fica localizada no centro da cidade de São Luís. No entanto, por conta das condições financeiras, entre outras situações que envolvem as fases da festa a missa passou a ser realizada no terreiro. Segundo Mãe Dina contou-me:

A gente sempre fez essa missa na Igreja de Sant'Ana. Todas as vezes que a gente foi fazer a missa lá, a gente fez. Mas, foi ficando mais difícil por causa de condução e tinha que conseguir ônibus, aí um pessoal todo para ir e não tinha carro pra todo mundo e era tudo mais difícil, aí a agente começou a fazer a missa campal mesmo aqui na frente como vai ser esse ano, né? E fica melhor pra nós, porque às vezes, o Império chegava tarde, era uma dificuldade, pois sempre era de manhã e os padres reclamavam, porque as pessoas chegavam tarde, as vezes já estava no meio da missa. Era chegando gente, ficava uma confusão, o pessoal nunca chegava na hora. Aqui até que a gente conseguisse fazer as pessoas entrarem no ônibus. Ia chegando um por um, temos que esperar a rainha, tem que esperar rei, aí nós paramos. A gente mesmo quis deixar de fazer a missa lá, por isso. A gente tem que procurar as coisas mais fáceis! Missa a gente faz em qualquer lugar. A gente ia lá porque é a igreja de Sant'Ana, mas não era obrigado (ENTREVISTA EM: 08/07/2021).

Além disso, havia muito cansaço para as crianças da Corte que tinham que suportar o calor e o sol em cortejo depois da missa, quando desciam as ruas transversais que levam até o mercado central, onde estava o ônibus que aguardava para levar todos de volta ao terreiro. Era esse o costume. Não tinha vaga para todos, mas outros carros particulares também ofereciam caronas e ninguém ficava pelo caminho. O destino do ônibus era o bairro Outeiro da Cruz, próximo ao bairro Filipino, onde todos desciam em uma praça para dar continuidade ao cortejo pelas ruas da parte alta do bairro Sacavém e atravessavam a Avenida dos Africanos, até chegar ao terreiro quase meio dia. Era assim desde que comecei observar a festa. Em contrapartida, atualmente o terreiro pode contar com o apoio de um padre¹³¹ que costuma visitar mãe Elzita e participar de muitas festas, realizando missa dentro do barracão ou na capela próxima ao terreiro para a satisfação do grupo. Com a mudança de itinerário da missa, com o passar dos anos, a festa atrai muita gente de outros bairros, mas acontece somente na comunidade do bairro Sacavém.

¹³¹ Padre Cláudio Correia também exerce a função de capelão no Estado e também é militar.

Em 26 de julho de 2021, por causa das restrições causadas pela pandemia, a missa foi realizada pelo padre Cláudio dentro do barracão do terreiro. Logo cedo, a Corte apresentou-se com a melhor roupa para tomar o café feito à base de frutas, sucos, chocolates e bolos variados. Quando todos os presentes foram servidos, deu-se início à missa com o padre lembrando a importância do respeito aos avós idosos e destacou Senhora Sant'Ana e São Joaquim como os avós de Jesus e em seguida, anunciou a coroação do rei e da rainha. Foi a primeira vez que aconteceu a coroação ao som das toadas de caixas das caixeiras que evocavam o Divino Espírito Santo, cantando para a Coroa. A rainha coroada recebeu a imagem de Sant'Ana e o rei o Pombo Branco que representa o Divino e foram juntamente com os demais membros da Corte, saudar a "Oliveira", dando voltas ao seu redor. Quando a Corte retornou ao barracão, ocupou a Tribuna feita no altar enquanto as caixeiras tocaram toadas de caixas até o horário do almoço. Nesse dia, após o almoço, não demorou muito e cada criança participante do Corte deixa sobre a tribuna as vestimentas que usaram durante a missa e almoço para que partes delas sejam "roubadas" e "escondidas" em algumas casas do bairro.

O almoço é um momento solene e é servido de forma hierárquica. Assim, serve primeiro a Corte, em seguida as caixeiras e por último os convidados. Mas, se houver algum visitante especial, às vezes, este é servido ao lado da Corte, mas não na mesma mesa. A mesa é posta com o máximo de zelo, luxo e organização para que comporte a Corte e todos comam os alimentos que são preparados desde o dia anterior. No centro da mesa, são postas as imagens de Nossa Senhora Sant'Ana e o Pombo Branco, velas acesas, uma ou duas garrafas de vinho e flores de plástico para enfeitar o ambiente. Os alimentos servidos são oferecidos por madrinhas e padrinhos, mas sempre há pessoas que apadrinham por promessas, outros por devoção e ainda há quem colabore por consideração à dona Elzita. No final do dia, às 18 horas haverá Alvorada, com as caixeiras cantando toadas de caixas enquanto a Corte vai saudar a "Oliveira". Ao retornarem ao barracão deixam sobre a Tribuna os objetos rituais que serão "roubados" no dia seguinte.



Figura 40 – Almoço da Corte na copa do Terreiro Fé em Deus..
 Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Lá no terreiro, conforme afirma o Mestre-Sala¹³² Ricardo Wiliam Costa Pereira: o “roubo é tirado de madrugada por duas ou três pessoas, ai escolhem as pessoas certas para deixar os pertences da Corte, principalmente quem tem promessa a pagar ou é de confiança. Por isso, vamos às mesmas casas, todo ano”. (ENTREVISTA EM: 05/07/2022). Assim, são levados da tribuna preparada no altar do terreiro: a Bandeira Real do Divino, as bandeirinhas dos anjinhos, o Pombo branco, o capote e a coroa da rainha, a coroa, a espada e o capote do rei, as almofadas dos tronos, o vestido da rainha e as asinhas dos anjos. Os “ladrões” chegam de mansinho nas casas que vão receber os objetos retirados da tribuna e os colocam dentro das casas, por algum buraco na grade do portão ou amarram de alguma maneira, prendendo-os em janelas ou grades. Durante o momento que esses objetos estão sendo inseridos nas residências, os proprietários não podem abrir a porta para ir ver o que está acontecendo, pois ele já sabem que só podem sair somente quando os “ladrões” forem embora. Algumas pessoas que guardam o “roubo”, disseram-me que: “quando abrem à porta de casa, bem cedinho, o “roubo” já está lá”!

São tantos “alcuviteiros” do “roubo”, no dizer de dona Deusa, que guarda a Bandeira Real, também conversei com dona Lúcia, que me falou que: “guardo o roubo a mais de dez anos e comecei por causa da promessa à Sant’Ana por conta

¹³² Pessoa responsável pelo comando do Império em sua movimentação dentro ou fora do terreiro. É o Mestre-Sala quem assenta as crianças na tribuna e acompanha todas as fases da festa.

da doença do meu filho. Eu obtive a graça e ele está curado. Hoje ele já está com dezoito anos e eu vou continuar guardando o roubo, enquanto viva eu for” (ENTREVISTA EM: 27/07/2022). Por sua vez, Antônia dos Santos guarda o “roubo” por: “devoção à Sant’Ana e faço isso há mais de dez anos” (ENTREVISTA EM: 27/07/2022). A pessoa que guarda o “roubo das posses” tem duas motivações: devoção e amizade a Mãe Elzita. Além disso, guardar os objetos roubados causa disputa entre a vizinhança, pois é considerado privilégio receber a visita de Senhora Sant’Ana que vai conduzida dentro do andor¹³³ em procissão para receber a devolução do objeto, juntamente com uma prenda doada pelo fiel.

4.4 Resgate das Posses, Derrubamento do Mastro: 27 de julho



Figura 41 – Recolhimento dos roubos em casa do bairro Sacavém.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

O resgate do roubo faz-se no dia seguinte à festa pela Corte em procissão com andor da santa que é carregado por pessoas do terreiro e tem início no final da tarde, geralmente marcada para as dezessete horas, mas normalmente saem às dezoito horas. Os atrasos são comuns e isso às vezes deixa as caixeiras irritadas e acontece de uma delas começar a tocar o “chama caixeira” que é um toque de

¹³³ Maria de Lurdes, que era cunhada de Assunção, a guia do terreiro, foi por muitos anos madrinha do andor de Sant’Ana. Essa é uma função perpétua e após a sua morte, a filha dela Rosana assumiu a responsabilidade de ser madrinha que consiste em preparar o andor com flores naturais e de plástico para fazer a procissão.

caixa para que todos ouçam que é chegada a hora de começar o ritual. A procissão tem a participação das caixeiras que contam com o auxílio de uma banda de música e percorre algumas casas¹³⁴, pelas ruas do bairro Sacavém. Nesse ritual, a Bandeira Real de Senhora Sant'Ana é o primeiro objeto a ser resgatado, juntamente com as outras bandeirinhas e a maioria das pessoas sabe responder sobre diversos significados a esse objeto que é feito com tecido aveludado, na cor vermelha e tem a imagem de Sant'Ana bordada no centro e flores dourada ao redor. Dona Roxa diz que: “toda a festa está na bandeira”.

Desse modo, a Bandeira Real é o símbolo mais importante da festa, porque carrega em si os anseios dos devotos, madrinhas e padrinhos que investem na realização da festa, como uma forma de alcançar a satisfação de muitas necessidades e desejos. É também chamada de Bandeira “Guia”, porque nela refletem-se os caminhos que levam ao encontro com o sagrado e liberta o fiel das angústias da vida cotidiana. Segundo Victor Turner (2005, p.50), o:

símbolos dominantes são encarados não meramente para o cumprimento dos fins confessos de um dado ritual, mas também com a maior importância, se referem a valores que são considerados fins em si mesmos, quer dizer, valores axiomáticos.

Nesse sentido, a Bandeira Real anuncia a “marcação” da festa que sai do Peji do terreiro e transforma em sagradas as residências por onde ela passa, juntamente com a imagem de Sant'Ana e o Pombo branco do Divino. Para quem está inserido nesse circuito, pode experimentar a emoção de ter o contato direto com Deus, acompanhado da santa avó de Jesus dentro de sua casa. Quando a Corte sai do terreiro em procissão e faz o “resgate das posses” o “receptador” escolhido para esconder o objeto ritual é obrigado a pagar uma “joia” que pode ser em dinheiro, refrigerante ou produto alimentício. É a maneira de inserir a comunidade do bairro no evento e agregar mais colaboradores a festa. Para Mauss (2003, p.199) a contrapartida implica na ação do *hau*, isto é, o espírito da coisa dada de: “seu território, de seu chão; ele realmente acompanha todo detentor. No fundo é o *hau* que quer voltar ao lugar do seu nascimento, ao santuário da floresta e do clã e ao proprietário”. A força das entidades espirituais age em conjunto com o poder da santa e o Divino Espírito Santo, o objeto ritual é devolvido à Corte para que o

¹³⁴ Em 2018, contei 28 casas em várias ruas do bairro Sacavém.

derrubamento do mastro seja realizado e o encerramento da festa aconteça. Em cada casa visitada, as caixeiras improvisam formas de agradecimentos e bênçãos ao fiel, por ter cuidado do objeto ritual, enquanto o bandeireiro acena a Bandeira Real e as caixeiras cantam:

Senhora dona da casa
Sai na porta para ver
É Sant'Ana e o Divino
O roubo veio receber

Senhora dona da casa
Não podemos demorar
Aêee meu Deus
Não podemos demorar
Ando tirando jóia
Não podemos mais ficar
Aêee meu Deus

Senhora dona casa
Eu não posso demorar
Eu tenho uma
Oliveira para derrubar



Figura 42 – Bandeira de Nossa Senhora Sant'Ana.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2019).

O Pombo branco é o último objeto ritual a ser resgatado antes da procissão retornar ao terreiro e muitos foguetes anunciam a chegada da Corte que se dirige em direção a “Oliveira” para saudá-la. Esse momento acontece em frente ao terreiro, quando a Corte conduzida pelas caixeiras rodeia o mastro ao toque das toadas de

caixas. Conforme dizem lá no terreiro, “no tempo”, uma tribuna é preparada ao ar livre para que a Corte possa sentar-se e assistir ao ritual de derrubamento que é feito pelo Grupo dos Nove. As caixeiras tocam toadas de caixas para a nossa Senhora da Guia, enquanto os homens começam a desenterrar a “Oliveira” que logo vai cair sobre alguns cavaletes feitos de madeira. Em seguida, as caixeiras conduzem a Corte e o Bandeiro para darem voltas ao redor ao seu redor e retiram o mastaréu que é utilizado no ritual de “repasso do cargo” de padrinho oficial do mastro do festejo do ano seguinte. A missão do Grupo dos Nove, com o Terreiro fé em Deus, encerrou-se e foi cumprida.

Após o derrubamento do mastro, a Corte é levada para dentro do terreiro e ocupa a tribuna no altar para aguardar a reza da ladainha, antes de servirem o jantar e do lado de fora, as pessoas contemplam a “Oliveira” que repousa sobre os cavaletes. Esse momento é muito esperado por todos, porque é necessário ser “desamarrar” a murta que vestia o mastro e recolher as frutas antes do fechamento da tribuna. Há sempre uma pessoa responsável por esse momento. Segundo ele contou-me: “dona Luzia, a caixeira-régia sempre me disse para nunca deixar fechar tribuna com mastro amarrado. Tem que soltar tudo e retirar as frutas e deixar o mastro limpo”. E assim foi feito! As frutas são desejadas por todos que assistem o ritual, pois são consideradas sagradas e cheias de bênçãos para quem comer. Em seguida, dentro do barracão, os presentes rezam a ladainha em latim enquanto as caixeiras conduzem a Corte para a copa, onde o jantar é servido, antes do “repasso das posses” ou “sobe e desce” da Corte e o fechamento da tribuna.

4.5 O “Sobe e Desce”: fechamento da tribuna e encerramento da festa



Figura 43 – Dando voltas no mastro e assentada na Tribuna do altar do barracão.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Quando a Corte retorna ao barracão depois do jantar, as caixeiras dão início ao ritual de “repasso das posses” que antecede o fechamento da tribuna, conduzido pela caixeira-régia¹³⁵. Dona Luzia que é a responsável por esse momento, mas por conta de sua saúde ela tem o apoio de caixeira-mór que é dona Jaci. Para comandar esse ritual a caixeira precisa ter conhecimento de um conjunto de louvores para a Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, o chamado “Bendito de Hortelã¹³⁶” e somente a caixeira-régia pode conduzir essa parte da festa. No ano de 2021, dona Luzia estava à frente desse ritual, mas teve o apoio de outro caixeiro-régio ao seu lado, o Madson que entoava os cânticos. Mas, em 2022, o caixeiro-régio comandou todas as etapas da festa da abertura ao fechamento da tribuna, por conta da ausência de dona Luzia e da fragilidade de dona Jaci que mesmo presente no terreiro, apenas acompanhou o desempenho de Madson. São poucas as mulheres jovens interessadas em aprender esse conhecimento ancestral, é cada

¹³⁵ Nas últimas festas, havia a presença de homens caixeiros participando do ritual das toadas de caixas. É comum e bem aceito pelas pessoas da casa, tendo em vista o número cada vez menor de caixeiras, eles estão ocupando esse espaço.

¹³⁶ Dizem no terreiro que o “Bendito de Hortelã” não é mais cantado inteiro e muitas partes são deixadas de lado. Trata-se da narrativa da vida de Jesus desde o nascimento, do martírio, da crucificação e morte.

vez mais comum à presença de homens¹³⁷ tocando caixas, nas festas do Divino Espírito Santo, em São Luís do Maranhão



Figura 44 – Caixeiro-régio Madson no comando na festa.
Fonte: (Amorim, 2022).

Conforme eu conversei com o Madson¹³⁸, a sua experiência como caixeiro-régio vem desde a sua infância:

A minha entrada nas festividades do Divino, vem desde criança que eu acompanho festa do Divino. Isso me tocava muito quando eu escutava um toque de caixa do Divino eu ia correndo atrás. Ai fui crescendo acompanhando e fui aprendendo. Desde criança que eu toco. Eu só não sabia era cantar. Ai com o tempo eu fui frequentando com mais frequência, ai fui aprendendo a cantar. Ai com o apoio de dona Luzia que é nossa mestra e caixeira-régia das mais antigas de São Luís, ela foi me passando, né? Por que ela foi vendo que estava perdendo, ficando de idade e ela queria deixar com alguém e ai eu tive o interesse de me aprofundar mais no assunto, nos rituais, porque não é só tocar, não é só cantar, acaba que existe um mistério, né? A gente não vê, mas sente aquela energia nos conduzindo a fazer aquilo. E aí com essa necessidade de que as caixeiros-régias já estavam ficando extintas e os mais novos não têm o interesse em aprender. Ai que veio a entrada do homem na regência da festa. A gente vê muito! Existem muitas mulheres caixeiros, inclusive de idade, né? Mas, ela

¹³⁷ No dia do derrubamento do mastro, quando cheguei ao Sacavém, encontrei dona Elzita sentada na copa do terreiro, em companhia de Concita. Ela fazia perguntas a Concita sobre a hora do “resgate dos roubos”, pois sempre gostou de fazer as coisas dentro da hora marcada e queria saber: “que horas são? Já é hora de sair para buscar o roubo”? Então Concita respondeu-lhe que ainda era cedo e sugeriu que ela ficasse sentada lá na porta junta com os caixeiros. Quando dona Elzita ouviu isso, pareceu que um raio de lucidez iluminou a sua mente e ela espantou-se e questionou: “caixeiro ou caixeira? Aqui é casa de mulher”.

¹³⁸ Madson tem 39 anos, é técnico em segurança do trabalho e funcionário da empresa Vale do Rio Doce.

não tem essa coragem de ir pra frente da tribuna conduzir um ritual, ai a gente tomou de conta. Tem eu , tem o Candinho, tem o Bia também formado por dona Luzia. Então, os homens estão dominando e ocupando esse espaço. Mas é justamente por isso, porque as pessoas não tem a coragem de tomar a frente eu não sei por qual motivo. Algumas acham que não dão conta e é uma responsabilidade muito grande, porque a gente tem que saber abrir a Tribuna e conduzir a festa toda. (ENTREVISTA EM:23/07/202).

A dinâmica de “repasso das posses” no Terreiro Fé em Deus começa quando o caixeiro- régio canta: “o Divino me mandou outro Império eu formar” e mais cânticos para a despedida de todos os festeiros, os padrinhos, madrinhas e colaboradores. As toadas do Divino são acompanhadas pelas outras caixeiras que estão presentes, nesse momento e o “repasso das posses” da Corte na tribuna começa pela destituição do rei que devolve a coroa, o capote, a espada, o santo cetro e o Pombo branco. Esses objetos são entregues ao vassalo que agora “sobe” para reinar na festa do próximo ano. O menino entristecido e destituído, ainda permanece sentado na tribuna e observa o repasse das posses da rainha que do mesmo modo, entrega a coroa, o capote e a imagem de Sant’Ana para a dama que senta ao seu lado e que será a rainha da próxima festa e terá como a sua dama, o anjo caridade que “sobe” ao altar. Após fazer o “repasso das posses” do rei e da rainha da Corte, é a vez do caixeiro-régio “repassar” a Senhora Sant’Ana, a rainha de promessa. Então, ele entoia súplicas a santa que são acompanhadas de toadas de caixas:

Oh minha Senhora Sant’Ana
 Receba essa devota
 Ela veio lhe entregar
 Conforme ela prometeu
 Receba Espírito Santo
 Ela veio lhe entregar
 De joelhos com as mãos postas
 Divino receba à sua promessa
 Coberta de virtude
 Para você dou sua filha
 Vida e saúde
 Oh, minha nobre rainha
 Que a promessa está entregando
 Vós sereis abençoada
 Por Sant’Ana e o Soberano
 E me dê um abraço forte
 Também um aperto de mão
 Abrace sua mãe e sua festeira de coração.

Após o término do “repasso das posses”, o caixeiro-régio roga para as crianças muitas bênçãos a Senhora Sant’Ana e ao Divino Espírito Santo, para uma vida boa em família, futuro de sucesso com saúde e boa profissão. As bênçãos começam para o bem do rei:

Meu nobre menino
 Que do Império desceu
 Você será abençoado
 Pelo Divino nosso Deus
 Ele vai te abençoar
 Vai te dar vida e saúde
 Para os teus pais te criar
 Meu nobre menino
 Sant’Ana mandou dizer
 Que você e toda sua família
 Ela sempre vai proteger
 Me dê um abraço forte
 E também nas suas irmãs
 Abrace a sua mãe
 E suas caixas de coração

As mesmas bênçãos são feitas para a menina rainha:

Oh minha nobre rainha
 Sant’Ana foi quem mandou
 Outro Império se assentar
 Sobe anjo e desce anjo
 Oh, minha nobre menina
 Que desceu reinada
 Você e sua família
 Sempre serão abençoadas
 Oh, minha nobre menina
 Não me faça também chorar¹³⁹
 Essas forças de Sant’Ana
 Sempre irão te acompanhar
 Ela vai te acompanhar
 E também vai abençoar
 Vai te dar boa memória
 Para poder estudar
 E também poder se formar
 Para ser boa menina
 E seus pais poder ajudar
 Me dê um abraço forte
 Também um aperto de mão
 Abrace suas festeiras
 E as caixas de coração

É um momento de muita emoção e um consolo para as crianças que abraçam as mães, as madrinhas, a dona da casa representada por Mãe Dina e Mãe

¹³⁹ A menina começou a chorar copiosamente desde o “repasso das posses” e continuou até descer da Tribuna no altar até sair do barracão.

Roxa e também agradecem as caixeiras. Assim que a caixeiro-régio realiza o ritual do “sobe e desce” e a mudança da Corte todas as outras caixeiras tocam para saudar os organizadores da festa: Mãe Roxa, Mãe Dina e o Grupo dos Nove. Além dos colaboradores padrinhos, madrinhas que deram suporte material e econômico a estrutura da festa no que se refere ao mastro, mastaréu, andor, tribuna, entre fiéis, devotos e promesseiros que participaram. O ritual continua com “despedida das caixeiras” que uma a uma e um a um, cantam versos improvisados para saudar Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo:

Eu vou dar a despedida
Como Cristo em Belém
Digo adeus à Sant’Ana
Até o ano que vem.
(Caixeira)

Eu vou dar a despedida
A despedida eu tô dando
Me despeço do Divino
Até paroano
(Caixeira)

Eu vou dar a despedida
Desejando uma boa noite
Me despeço de Sant’Ana
Do Divino e da Corte
(Caixeira)

Adeus minha rosa branca
Banca divina cor
Adeus até paroano
Se nós todas vivas for
(Caixeira)

Eu vou dar a despedida
Bem no meio desse salão
Aqui deixo enterrado
O meu nobre coração
(Caixeira)

Despedida de caixeira
É despedida decorosa
Eu não sei como é que eu aparto
O cravo do pé de rosa
(Jaci)

O caixeiro-régio foi o último a despedir-se da festa antes de fechar a tribuna e cantou:

Eu vou dar a despedida
Cantando com muito amor

Me despeço dessa tribuna
De Sant'Ana e o Redentor
(Madson)

O fechamento da tribuna tem início com caixeiro-régio fazendo o oferecimento do “Bendito de Hortelã” ao “Manoel de Vera Cruz para sempre amém Jesus” e na presença de todos faz a entrega, da Bandeira Real para as donas da festa na figura de Mãe Dina representando Mãe Elzita e também para Mãe Roxa. O caixeiro-regio canta:

Senhora dona da festa
Esta Bandeira
Estou lhe dando
Vós só podes abrir ela
Na festa de paroano

Em seguida, faz a entrega da imagem da Sant'Ana e do Pombo branco:

Senhora Sant'Ana
E o Pombo celestial
Agora vão subir ao céu
Que a hora chegada está

Uma grande quantidade de bênçãos é rogada a Sant'Ana e ao Divino Espírito Santo, em favor das pessoas presentes, devotos e convidados da festa:

Senhora Sant'Ana e Divino
Abençoe os seu devotos
Com os eu Divino amor
Quando vós subires ao céu
Vós não esqueça de nós
Que ficamos aqui na terra
Pedindo por nós
Receba senhor São Pedro
Vossa chave de ouro
Do Divino e Senhora Sant'Ana
Pra fechar o seu tesouro

E, finalmente todos ouvem que o:

O sacrário está se fechando
O sacrário se fechou
Guardando as santidades
E os divinos sacramentos
Sete cravos e sete rosas
Formam um raminho de flor

Divino e Senhora Sant'Ana
A tribuna se fechou

A Bandeira Real e as demais bandeirinhas são entregues a dona da casa, representada por Mãe Dina e Mãe Roxa e são levadas de volta ao Peji. O Pombo Branco e a coroa ficam no altar do terreiro durante os toques de tambor Mina que continuam por mais três dias alternados e a festa é encerrada com as caixeiras depositando as suas caixas no chão do barracão, aos pés do altar. No barracão, todos esperam o momento de compartilhar os bolos, as lembranças, os refrigerantes e os docinhos.

4.6 Distribuição de bolos e lembranças



Figura 45 – Mesa de bolos e lembranças para Sant'Ana e para o Rei da festa.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

Entre os muitos símbolos que expressam a importância da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo no terreiro de Mãe Elzita, consiste na distribuição de alimentos, desde a Bancada com as frutas e doces que apresenta a temática da festa, a doação de animais e víveres feita pela Corte, durante a “visita” ao terreiro, além dos almoços, os jantares, os lanches e os cafés, Mas, o momento mais esperado é a distribuição dos bolos e das lembranças, no encerramento da festa.

A lembrança da festa é de responsabilidade de cada participante da Corte que através de seus padrinhos, madrinhas e familiares oferecem esse objeto ritual. A sua estética pode ficar a critério do festeiro que escolhe confeccioná-la ou comprá-la pronta no mercado de lojas especializadas em venda de materiais para decoração

de festas, sendo a maioria dessas lojas, localizada na Rua de Sant'Ana no centro de São Luís, onde é possível encontrar uma variedades de modelos já prontos que vão desde os mais simples ao mais luxuoso. No entanto, é necessário obedecer algumas regras que assegurem que as lembranças sejam a materialização das emoções, ideias, pensamentos e fé, pois que, são reflexos das entidades espirituais que estão em evidência no ciclo festivo e que são cultuadas no sistema de crença do terreiro. Mãe Roxa que é responsável pela Corte da festa disse-me que:

Eu chegava lá, aí ela (Mãe Elzita) dizia pra mim assim: “vamos ver quem tá reinando”? Ah, mãe eu não quero ver nada! Vamos ver! Aí nós ia ver quem tava reinando e isso começava em janeiro, fevereiro, por aí assim. Então, mãe agora não pode mais. Mas, eu fiquei com essa ligação entre os encantados e os Impérios. Então a mesa da minha irmã esse ano tava vindo só com umas lembranças de Senhora Sant'Ana e Divino de isopor, não gostei. Assim que eu sou acostumada com festa, eu já fiz muita coisa, muita lembrança, a menina é Dama e como eu sei que tá um monte de princesas no reinado, eu agarrei e fiz bonecas. Além das lembranças que ela comprou, ela foi na loja e encomendou. Só que assim, o estilo da festa esse ano, eu não gostei daquelas lembranças, aí eu tô fazendo bonecas vestidas de EVA (material plástico) tá a coisa mais linda. Eu sei que tem um monte de princesa reinando. Como Célia falava que a nossa festa é muito difícil de trabalhar porque tem negócio de encantado pelo meio. É encantado tal que chega e diz isso! Então, ela diz que a nossa festa é muito difícil. Como ela disse que tem casa aí que ela mesma escolhe a cor. “Por que você não bota essa cor”? Entendeu? Lá em casa, não! Lá em casa é tudo assim. Porque eu acho assim, como nós já sabemos como é a nossa festa, então a gente vê. Então, tem ano que reina só velho, só vodum, tem ano que é só príncipe, esse ano não tem rei, reinando, é só príncipe! São dois príncipes! Então a gente já sabe. Esse ano rainha rosa tá reinando! Tá de frente! Esse ano tem rainha Rosa, Laura Rosa, Rosa Menina, uma tal de Ritinha que apareceu que eu nem conhecia. Tudo princesa! Lá em casa a gente faz as lembranças dentro das regras que tem que ser. Ah, bota lembrança tal! Não! Agora eu falo que só faço lembrança porque é uma tradição, mas eu não gosto de fazer porque você gasta tanto e quando eles recebem, jogam dentro de um saco de bolo e quebra tudo. Mas, sem lembrança fica feio. Mas, eu não gosto de fazer não! (ENTREVISTA EM: 22/07/2022).



Figura 46 – Lembranças das mesas da rainha e do rei.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2022).

O simbolismo da lembrança é multisensorial. Primeiro, por causa da cor que deve fazer referência à “marcação” da corrente da entidade espiritual que “reinou” no ciclo festivo. A cor tem relação com as vestimentas da Corte e, sobretudo, com a decoração do barracão e o espaço do terreiro. Ao analisar a simbologia das cores dos Ndembu, Victor Turner (2005, p.106), registrou que: “as cores são concebidas como rios de poder que tem sua nascente comum em Deus e permeiam todo o universo sensorial com suas qualidades específicas”. Todas as lembranças que compõem as mesas de bolos oferecidas pela a Corte, são objetos rituais religiosos, porque tem como referência as correntes de entidades espirituais que ocupam a tribuna da festa dentro do terreiro. Em sua composição pode-se utilizar todo tipo de material, desde o isopor, o papel, plásticos, glíter, pedrarias, tecido e materiais diversos. As lembranças devem ser luxuosas e, espera-se que as do rei e as da rainha, sejam as mais elaboradas e destacadas das demais, tanto pelo aspecto estético, quanto pela quantidade¹⁴⁰. Segundo, a lembrança é um símbolo que está inserido dentro da temática da festa e carrega em si, todas as intenções dos festeiros, madrinha, padrinhos e devotos que não medem esforços para oferecer o melhor dos seus sentimentos à Senhora Sant’Ana e ao Divino Espírito Santo. E por

¹⁴⁰ Uma mesa de bolo da rainha da festa pode ser acompanhada por oitenta ou mais lembranças.

fim, a lembrança é também, um momento de ostentação, de luxo que contrasta com os desafios de poder realizar a festa, em termos financeiros.

Por sua vez, os bolos oferecidos pela Corte são decorados com objetos que fazem alusão a festa e apresentam imagens de Sant'Ana, o Esplendor do Divino e o Pombo Branco, e alguns são enfeitados com flores, fitas e desenhos feitos com material comestível! A varanda é o espaço da apresentação das mesas de bolos e a sua decoração requer o máximo de cuidado dos padrinhos e madrinhas da Corte que usam cortinas para cobrir as paredes e tapetes de vários tamanhos e cores para no chão. Os bolos podem variar de tamanho e modelos, mas, os mais concorridos são os bolos da rainha e do rei, pois são maiores e luxuosos. No entanto, há uma norma para a ocupação do espaço dentro da varanda do terreiro, no que diz respeito às posições das mesas de bolos que devem ser preparadas, conforme as posições ocupadas pela Corte na tribuna feita no altar. Primeiro, a mesa de Sant'Ana deve ocupar o centro da varanda pois ela deve ser a primeira mesa a ser visualizada por todos que chegam ao terreiro. Segundo, a mesa da rainha da festa deve ser encostada na parede do Peji e acompanhada da mesa da Dama, as duas mesas ficam ao lado do altar das princesas. Terceiro, a mesa do rei é encostada na parede do corredor de entrada da varanda, acompanhada pela mesa do Vassalo e, por conseguinte, a mesa do Juiz. As outras mesas dos anjos considerados os "mistérios da festa", ocupam o espaço ao redor da mesa central que é a mesa de Sant'Ana. O espaço da varanda do barracão é demarcado pela a ocupação da Corte e expressa hierarquia dentro de suas representações e das entidades espirituais.

A distribuição de bolos e lembranças para os que estão envolvidos com a festa, não é um ato simples e desprovido de interesses, pois é a ocasião para renovar as alianças, a fé e o compromisso com a Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo para mais um ano de louvação. Receber uma lembrança equivale a uma benção, pois esta é um objeto impregnado com energia e representa para a Corte a valorização da pessoa e até mesmo, status junto ao grupo religioso. É o reconhecimento da importância da presença de todos os envolvidos com a organização, participação e colaboração em todas as etapas para a realização da festa e não é pouca coisa, porque até mesmo, não receber uma lembrança, causa muita insatisfação.

O compartilhamento dos bolos e das lembranças é feito de forma hierárquico. Mas, também é um ritual de solidariedade e fartura da festa e põe em

evidência o desempenho das caixeiras, pois é o momento de agradecê-las pela presença de todas durante o ciclo festivo que: “mantêm e recriam continuamente, em situações frequentemente adversas, o universo de sua prática devocional, e da organização social particular desse grupo” (BARBOSA 2006, p.127). Elas são as primeiras a receberem os pedaços dos bolos da Corte juntamente com as lembranças da festa e enchem as suas sacolas. Muitas ficam felizes e emocionadas e pedem bênçãos de saúde a Sant’Ana e ao Divino Espírito Santo com o desejo de poder continuar realizando a sua missão. A historiadora Marise Barbosa (2006, p.13) escreveu sobre as caixeiras do Divino e afirma que:

A presença das Caixeiras nos rituais no Maranhão parece ser uma construção local, resultado das confrontações culturais que construíram a história brasileira, e, localmente resultaram na popularidade dessa festa. Um mosaico complexo a sustenta e não parece haver respostas unívocas às questões que ela suscita. Os toques rituais para o Divino ali adquirem grande diversidade e complexidade rítmicas, reveladoras da presença de uma matriz africana nesse mosaico. Mas...qual?

A Corte compartilha bolos e lembranças entre si e em seguida serve aos convidados que assistem as trocas de amabilidades e aguardam o momento de comer, beber e ganhar uma lembrança da festa. A ideia de *fato social total* contida na “dádiva” trabalhada por Marcel Mauss (2003) adquire efetividade de sua representação, pois os alimentos e as lembranças da festa são as “jóias” que funcionam como pagamentos simbólicos das boas graças alcançadas por todos que participaram da festa e carregam uma conexão com o mundo das entidades espirituais, com Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Deste modo é encerrada a Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, no Terreiro Fé em Deus, abrindo-se para a brincadeira dos bois dos encantados Surrupirinha e Caboclo Velho e o encerramento das atividades do festejo com mais quatro dias de toques de tambor de Mina.

4.7 Os bois de Caboclo Velho e Surrupirinha



Figura 47 – Imagens do mourão, boi malhado, São João e Caboclo de Pena Branca.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).

A festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo foi encerrada com o fechamento da tribuna e as correntes de entidades espirituais que ocuparam a Corte foram todas homenageadas nesse período. No entanto, dentro do ciclo festivo realizam a brincadeira de morte dos bois de Caboclo Velho e Surrupirinha que foram batizados no mês de junho, quando celebram os santos apóstolos São João e São Pedro. Os bois são batizados em dias diferentes, por um padrinho e uma madrinha e o primeiro a ser sacralizado é o boi de Caboclo Velho, no dia 24 de junho, dia de São João e o boi de Surrupirinha o ritual de batismo é feito no dia 29 de junho, dia de São Pedro.

No dia do batizado do boi de Caboclo Velho, Mãe Dina oferece almoço, reza ladainha para São João e enfeita o terreiro com fitas coloridas, espalha chapéus de palha na entrada do terreiro. Sem esquecer o altar do barracão que recebe as imagens dos santos homenageados no mês de junho, além da imagem do índio Caboclo Pena Branca, juntamente com alguns bonecos de índios e de boiadeiros. Na varanda, também é preparada um altar para São João e o Caboclo de Pena Branca e os dois bois das entidades espirituais são postos ao lado desse altar. O boi de Caboclo Velho tem o nome de “*Prazer de São João*” e o seu coro é todo bordado com imagem de um índio que segura o Borá¹⁴¹. Segundo Mãe Dina falou que: “hoje é dia de São João e o boi batizado é o de Caboclo Velho. Então vamos começar ao meio-dia, com a ladainha, batismo e depois o almoço” (ENTREVISTA EM 24/06/2022).

Em 2022, o batizado do boi de Caboclo Velho foi feito pelos padrinhos Geceanderson e Socorro Aires e aconteceu à maneira do mastro que é à base de água, ramos de folhas verdes, vela e bênçãos. O ritual começa quando o padrinho molha ramos de folhas verdes dentro da água e passa pelo boi dizendo alguns versos, enquanto a madrinha segura uma vela acesa:

Eu te batizo Prazer de São João
Pela sua formosura
Não te dou os santos óleos
Porque não és criatura

Em seguida, a madrinha faz a repetição dos gestos do padrinho e o batismo foi encerrado. Mas, a brincadeira de boi dentro do ciclo da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo acontece por causa da entidade espiritual Surrupirinha que gosta muito da brincadeira e vem desde quando Mãe Elzita era dançante no terreiro de Mãe Denira, conforme ela declarou ao pesquisador Cleides Amorim (1996, p.23-24):

Teve uma vez que eu saí no Boi de Viana¹⁴². Isso já faz muito tempo. Minha mãe de terreiro ainda era viva, nem sonhava em morrer. Foi aí que um dia eu tava dormindo e Surrupirinha chegou e me levou pro Boi de Viana que tava na Estrada de Ferro. Lá ele brincou até dez horas da manhã do outro

¹⁴¹ Chifre de boi com fitas coloridas que representa a corrente das entidades espirituais indígenas.

¹⁴² O Boi de Viana existe há oitenta anos e foi criado por seu Apolônio. No correr dos anos já passou por vários comandos e atualmente, é dirigido por Katiana que é evangélica da Igreja Mundial, mas que não tem problemas com as relações do boi com o Terreiro Fé em Deus e acredita que nada de mal em dar continuidade a tradição da brincadeira do boi.

dia. Quando eu despertei, eu já estava er na casa de titia Filomena. Ele tinha deixado um recado com ela que no outro ano ele ia sair de Boi de Viana. Ave Maria! Ô tempo ruim pra mim. Esse tempo quase me acovardou, porque eu não queria sai de jeito nenhum. Mas, quando chegou o mês de dezembro, minha tia começou a criar um porquinho, que era pra vender pra comprar as coisas. Eu sempre dizia que não ia sair no Boi. Eu chorava pra não sair nesse boi, porque eu nunca gostei de boi, e a minha família não ia brincar atrás de boi. Elas diziam que não eram "mutuca¹⁴³" de boi. Mas, meu filho quando chegou o mês de maio, quando tinha que comprar as penas, o porco já estava gordo, aí titia disse: "vamos vender o porco que é pra comprar as penas pra Elzita sair no boi". Eu fiquei zangada! Eu disse que não ia sair em boi nenhum, que não precisava nem comprar pena. Aí, meu filho, eu não sei como, o porco fugiu e foi pra rua. Passou o caminhão do seu Tancredo e matou o porco. Ah, tiitia ficou muito enraivecida, disse que a culpa era minha e por isso que Surrupirinha tinha matado o porco. Aí fiquei com medo e saí de caboclo de pena no boi de Viana. Quando foi o dia de sair, eu me arrumei toda, e nada de Surrupirinha chegar. Aí eu fui pra casa do Apolônio (dono do Boi de Viana) e nada de Surrupirinha. Aí eu fiquei com muita raiva, porque era ele que queria brincar boi e me deixou sair pura (sem estar em transe). Ele foi chegar lá pras três horas da manhã e enquanto isso, onde eu chegava o pessoal dizia: "lá vem uma mulher, lá vem uma menina, lá vem uma pequena". Eu morta de vergonha. Quando ele chegou, disse pra titia comprar uma vela branca. Aí, ela comprou, ele mandou ela acender, ela perguntou praquê, se ele não podia deixar isso de lado, porque ela ia ficar com vergonha de acender a vela no meio do Boi. Foi tanto custo que ele esqueceu. Eu só voltei pra casa no outro dia, onze horas da manhã. Aí, antes dele ir embora ir embora, ele disse que no dia 29 de junho, dia de São Pedro, ele ia sair outra vez no Boi e, se eu não quisesse, era só acender a vela que ele vinha me buscar na mesma hora. Quer dizer que ele ia me matar. Ela ficou apavorada e eu fiquei com muito medo. Quando foi no dia de São Pedro eu saí de novo. (Ent, 01-05-96).

Quando comecei a frequentar a casa de Mãe Elzita ela já fazia a brincadeira de boi para o seu guia espiritual, caboclo Surrupirinha e tudo acontecia dentro do terreiro e não mais, pelas ruas, como a entidade espiritual gostava. Nesse dia, o Boi de Viana chegava ao terreiro ainda pela manhã e ia buscar Mãe Elzita em transe com o caboclo Surrupirinha na casa de sua filha carnal Lindinalva¹⁴⁴ que morava bem próximo terreiro. Era sempre um momento muito desagradável para Mãe Elzita, pois ela ficava constrangida por ter que "fantasiar-se de índio" para fazer essa brincadeira. Ela nunca gostou de expor -se aos olhares das pessoas fantasiada de índio, porque sempre foi muito tímida e preferia a discrição. No entanto, ela fazia tudo para cumprir as "obrigações" com o seu guia espiritual. A fantasia era em um tipo de macacão vermelho e por cima deste, na altura da cintura, ela usava uma saia feita de penas coloridas e usava na cabeça, um grande chapéu bordado com o nome de PINDOBA, igual ao que os participantes do Boi de Viana costumam usar.

¹⁴³ Um tipo de mosca.

¹⁴⁴ Falecida aos cinquenta anos

A brincadeira vinha pela rua e quando chegavam ao terreiro Surrupirinha/Elzita, acompanhado do Boi de Viana cantavam toadas e entravam no barracão para dançar por aproximadamente, uns quarenta minutos. Depois desse tempo, espalhavam uma toalha de pano no meio do barracão e Elzita/Surrupirinha devolvia os adereços que compunham a “fantasia de índio”, semelhante ao tambor de Borá, quando ia “virar os tambores” da Mata para a Mina. Depois da devolução da vestimenta, Surrupirinha/Elzita era levada para a varanda e ficava cantando várias toadas e enquanto isso, os participantes do Boi de Viana, espalhavam-se pelo terreiro para esperar a hora do almoço. A entidade espiritual costumava cantar antes de desincorporar Mãe Elzita:

Eu jogo a minha espada no mundo de Tenterém¹⁴⁵
A batalha é forte
Eu não sei de onde vem
Se do mundo de Deus ou do mundo de Tenterém.

Quando retomava a consciência Mãe Elzita era levada ao quarto e começava a chorar, pois ela sentia muita vergonha por sair à rua “fantasiada de índio” e de dançar na brincadeira do boi. Apesar de estar em transe, ela não gostava disso. No entanto, ainda não havia acabado a sua obrigação, porque no final da tarde, lá pelas 17 horas, o Boi de Viana ia em busca dos bois dos encantados que haviam fugidos do terreiro, para não morrerem. Na hora de começar o resgate dos bois “fujões”, o Boi de Viana reunia as pessoas em frente ao terreiro e cantava toadas para dar início ao ritual:

Me faz uma fogueira
Me esquento um pandeiro

Na porta do terreiro, Surrupinha incorporado em Mãe Elzita sacudia um chocalho e cantava para convidar o Boi de Viana a entrar no barracão para que todos pudessem brincar antes de sair em busca dos bois fujões.

Na mata, na mata, na mata
Onde eu faço a minha oração
Onde eu boto a minha boiada

¹⁴⁵ Na obra Desceu na Guma (2000), a antropóloga Mundicarmo Ferretti registra que Tenterém é uma espécie de lugar. Ouvimos por diversas vezes, as doutrinas cantadas no Terreiro Fé em Deus com menção a Tenterém como essas que descrevo agora. “Meu Deus quanto mistério no mundo de Tenterém”.

Onde eu boto meu touro no Mourão

Do lado de fora o Boi de Viana respondia com mais outra toada:

Ô na entrada do salão
Eu vi uma luz acender
Era Surrupira com uma vela
Iluminando o meu caminho
Só pra eu não me perder

Em seguida o Boi de Viana entrava no barracão e cantava algumas toadas antes de sair em busca dos bois dos encantados, para que fossem capturados e mortos no mourão. Durante o percurso pelas ruas, o “matador” dramatizava gestos de bravura com um facão assustando as pessoas e quando chegavam ao local do esconderijo dos bois as pessoas soltavam foguetes e havia muita euforia. O Boi de Viana resgatava os dois bois dos encantados que escondiam-se em casas diferentes e todos retornavam ao terreiro para fazer a matança. No percurso de volta ao terreiro, a multidão que acompanhava os bois chamava atenção das pessoas que saíam à porta de suas casas e iam observar o movimento na rua. Os bois corriam e eram perseguidos por meninos que diziam palavras provocantes, como: “não me pega boi veado”! A brincadeira seguia até a chegada ao terreiro, quando davam o início ao ritual de matança do boi.

Desde que acompanhamos essa brincadeira observamos que só matam um boi e o outro era solto ou foge mais uma vez. O ritual de morte começa quando o Boi de Viana laça o boi que vai morrer e o leva aos pés do Mourão que é todo enfeitado com papel colorido e cheio de guloseimas penduradas e são: frutas, doces, pipocas, refrigerantes, pequenos brinquedos e fitas que deixam o lugar da morte do boi muito bonito. Assim como o mastro que tem padrinhos e madrinhas, do Grupo dos Nove, o Mourão também tem uma madrinha simbólica que conta com a ajuda de outras mulheres da vizinhança para enfeitar e oferecer o lugar para a morte do boi. O Mourão é feminino e delicado nesses momentos finais, da existência do bozinho que vai morrer. A madrinha desempenha essa tarefa e depois, pode passar a missão para outra mulher, pois pode escolher a próxima que vai ficar com essa responsabilidade. Telma Maria Froes exerceu esse cargo por três anos e em 2021, passou essa função à dona Cotinha. Segundo Telma contou-me:

Me chamaram e perguntaram se eu queria ser madrinha do Mourão. Ai eu fiquei pensando, porque ia ser eu e outra pessoa. Só que essa outra pessoa não quis. Aí eu assumi sozinha. Mas, Senhora Sant'Ana me ajudou me ajudou que todos os anos eu fiz sempre bonito. Muita coisa que a gente botou no Mourão ainda sobrou e foi distribuída pras crianças. Mas, eu fiz os três anos muito bonito. Eu me senti abençoada e muito feliz com essa missão porque Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo me ajudou em tudo. (ENTREVISTA EM: 24/07/2022).

A morte do boi é um momento de muita ansiedade para todos os que acompanham, pois o boi morto vai ser repartido entre alguns escolhidos que assiste a matança e não é para todos que tem a sorte de receber um pedaço do boi que foi morto. Comentam-se entre as pessoas que participam da brincadeira, que quem recebe um pedaço do boi morto, pode fazer três pedidos para o encantado dono do boi e que estes, realizam-se antes da próxima brincadeira. Geralmente, os pedidos giram em torno de saúde e trabalho e é comum algumas pessoas assistirem a morte do boi pensando nisso. O Mourão fica arrodado de gente a procura de uma posição próxima ao “magarefe” e ser escolhido para ganhar um pedaço do boi. Logo que terminam a partilha do boi morto, todos vão ao barracão cantar mais algumas toadas e dançar com o Boi de Viana e tocam os tambores de Mina, junto com os pandeirões, as matracas e os apitos. Em seguida, rezavam para Senhora Sant'Ana e um Bendito para São João e Elzita/Surrupirinha agradecia e cantava:

Eu tomo conta da minha boiada
Eu dou conta da minha boiada.

Quando Mãe Elzita desincorporava o caboclo Surrupirinha ela saia do barracão levada inconsciente nos braços de algumas filhas de santo, até um dos quartos que fica dentro do terreiro e a colocavam deitada em uma cama. Lá todos cantavam várias doutrinas que geralmente não cantam em toques de tambor de Mina e logo ela voltava. Segundo nos informou Mãe Dina, esse momento era: “a virada da corrente de boiadeiro de Caboclo Velho para a corrente da mata de Surrupirinha é muito delicado”, porque Mãe Elzita podia não voltar e essas doutrinas eram para chamar Caboclo Velho, pois somente ele podia trazê-la de volta. Um desses cânticos dizia que:

Quando eu venho da cidade nova
Cidade do Mearim
Eu mandei chamar o meu vaqueiro na mata
Para vir celta cavalo pra mim.

Mãe Dina, contou-me que atualmente, “a virada da corrente agora é só entre eles¹⁴⁶” e que Mãe Elzita não tem mais condições de fazer isso por causa de sua idade e doença. A brincadeira do boi dos encantados é realizada como parte da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreio Fé em Deus e o Boi de Viana veio no ano 2022 para fazer o resgate dos bois fujões e o ritual da matança. Os bois foram resgatados nas mesmas casas e conforme eu conversei com a dona Conceição Maria dos Reis¹⁴⁷ sobre essa parte da brincadeira, ela falou-me que:

Quem ficava antes com um dos bois faleceu. Aí ela (Elzita) veio saber se a gente podia ficar com os dois. Em tão eu disse que não tinha problema, pode ficar. Então a minha mãe faleceu, mas eu fiquei com essa coisa. Enquanto eles quiserem trazer o boi pra cá eu aceito. Agora quando eles não quiserem mais, paciência. Aí eles deixam o boi de manhã e vem buscar de tarde, geralmente cinco, seis horas. A gente é que bota as folhas no boi pra dizer que o boi tava no mato, pois é! Eu sou devota de Nossa Senhora da Conceição. Mas, sempre a gente vai na festa. Essa festa de Nossa Senhora Sant’Ana eu bato até caixa lá. Eu só toco, né? Isso é obra de São João, porque a gente só faz aquilo que toca no coração da gente. Então é uma alegria muito grande que eu tenho e me lembro da memória da minha mãe que ela gostava demais, viu? Inclusive, ela frequentava de vez em quando, a casa de dona Elzita. Aí, nós ficamos com essa coisa como se fosse a minha mãe que estivesse recebendo os bois aqui. Ela (Elzita) tem o maior carinho com a gente aqui e ela não deixou de trazer o boi pra cá. (ENTREVISTA EM: 31/07/2022).

A brincadeira de boi de entidades espirituais ou boi de encantados é comum dentro dos terreiros de culto afro em São Luís, conforme observou e escreveu, sobre o tema, o pesquisador Gerson Lindoso (2006, p.14) que aponta aspectos importantes desse ritual: “sobre o boi de encantado é que ele tem uma organização feita de acordo com as demandas das casas de religião afro e da própria vontade e desejos dos encantados (constituintes de domínios sagrados)”. É um ritual que está diretamente ligado à devoção das entidades espirituais, Caboclo Velho e Surrupirinha, a São João e a São Pedro e faz parte do ciclo da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo realizada no Terreio Fé em Deus.

¹⁴⁶ Entre as entidades espirituais, Caboclo Velho e Surrupirinha.

¹⁴⁷ Dona Conceição esconde o boi de Surrupirinha e a sua filha Laurimar que mora ao lado de sua casa, guarda o boi de Caboclo Velho.

4.8 Encerramento da festa com toques de Mina



Figura 48 – Encerramento da festa com toques de tambor de Mina.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2022).

No ciclo da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo são realizados os toques de tambor de Mina, apesar de não serem publicados nos convites distribuídos pelos organizadores da festa. Nesse período, tocam cinco noites de tambor, em dias alternados. Depois da abertura dos toques, no dia da “Visita dos Impérios”, os tambores ficam “encostados” e somente após a brincadeira de matança dos bois de encantados, é que os toques de Mina continuam a até o dia do encerramento, nos primeiros dias de Agosto.

Até o ano de 2017, no dia do encerramento dos toques de Mina era realizada a “virada da corrente” da Mina, para a “corrente da mata” ou corrente do Borá, para anunciar que o próximo ritual a ser realizado dentro do terreiro era para homenagear as entidades indígenas que geralmente não são recebidas nos toques de Mina. As dançantes em transe com as suas entidades espirituais cantavam:

“passarinho canta na Guma iá” (bis). Esse momento era realizado a meia-noite, quando junto aos tambores de Mina eram postos outros instrumentos como: berimbau, pandeiros, tambor onça, e tambores menores acompanhados com o tambor maior, chamado tambor da Mata e em seguida, as dançantes entregavam as toalhas de seus caboclos para assistência, e dançavam descalças em um ritmo acelerado com as suas entidades espirituais indígenas que soltavam gritos de euforia. Mãe Elzita em transe com o seu guia espiritual, o caboclo Surrupirinha cantava:

Vou fazer minha virada
Vou trazer minha balança e
São Miguel vai me guiar

Nesse dia, o barracão do terreiro era muito frequentado e não havia espaço para quem queria presenciar esse momento. Mas, conforme já citamos esse ritual foi extinto no terreiro¹⁴⁸. Sobre o momento da “virada” dos tambores de Mina para o tambor da Mata, Mundicarmo Ferretti (2000, p. 97) afirma que: “hoje em São Luís, quando alguém diz durante um ‘toque’ que o tambor ‘virou para mata’ está querendo dizer que se passou a cantar em homenagem às entidades caboclas (de diversas ‘linhas’)”.

Atualmente, no encerramento da festa com os toques de Mina, as dançantes cantam para homenagear os caboclos e as correntes de entidades que passaram pela tribuna da festa, as “princesas, as meninas” têm o seu dia de “descerem à Guma” para celebrar a Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. Desde o fechamento da tribuna, os objetos rituais da Corte permanecem no altar do barracão, durante as noites de toques de tambor de Mina. Além dos objetos da Corte: vestido da rainha, a coroa, o capote da Dama, as insígnias do rei e do vassalo, também estão no altar. Mas, o que chama a atenção é o mastaréu, o Pombo branco dentro da coroa, a imagem e a Bandeira de Sant’Ana. Esses objetos, cada um ao seu modo, parecem interagir com as pessoas dentro do terreiro e regem à maneira deles, todo um código de conduta, gestual e expressão de ideias e emoções que contribuem para pensar sobre a importância da religião como reflexo da vida social. Clifford Geertz (1989, p, 93), chama a atenção para a potencialidade desses objetos

¹⁴⁸ Em meu trabalho de conclusão da Graduação, apresentei toda a descrição desse ritual. Ver Aires (2008).

que: “parecem resumir de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como se deve comportar-se quem está nele”.

No encerramento dos toques de tambor de Mina, as dançantes permanecem dentro do terreiro e algumas, dormem no chão do barracão e ao acordarem, tomam café juntas, conversam sobre algumas situações ocorridas dentro da casa, durante o ciclo festivo. Sempre há o que conversar, conforme Geceanderson falou-me: “conversar é um passo para manter a união e fortalecer a casa de Mãe Elzita”. Foi durante o café que segundo ele, o grupo decidiu fazer o lava pratos da Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo.



Figura 49 – Convite para o lava pratos depois da festa.
 Fonte: Amorim (2022)

Fazer o “lava pratos” depois de uma grande festa é comum, funciona para que os festeiros possam aproveitar e matar a saudade e divertir-se. No caso do Terreiro Fé em Deus essa prática é recente e conforme Geceanderson falou: “o lava prato tem o intuito de reflexão, de união, gratidão e agradecimento à todas as pessoas que participaram do festejo. Até pra unir mais ainda, né? A nossa ideia é que a festa acabe com todo mundo em paz e o lava prato aproxima as pessoas”. (ENTREVISTA EM: 03/04/2022).

5 CONSIDERAÇÕES

Nesse trabalho, aprendi que a Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, realizada no Terreiro Fé em Deus, pode ser entendida a partir de muitas dimensões que podem ser observadas sobre além das que descrevi nesse estudo. A partir das observações dos rituais, das falas dos padrinhos, madrinhas, colaboradores (as), os moradores do bairro Sacavém, sobretudo, dos organizadores da festa, Mãe Dina, Mãe Roxa e o Grupo dos Nove, foi possível notar a multiplicidade de símbolos que se apresentam dentro do ciclo festivo e fornecem o entendimento das emoções, sentimentos, desejos e ideias contidas no pensamento dos responsáveis pela festa.

Para além do: “como pensam os nativos”, a Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo realizada em um terreiro de tambor de Mina é a soma de diversas modalidades de relações que envolvem Mãe Elzita, suas filhas de santo e recentemente, a Mãe Roxa com os seus filhos de santo e a comunidade do bairro Sacavém, com outros bairros de São Luís, de onde saem muitas pessoas para acompanhar ou participar das fases da festa. Como entender a dinâmica dessas relações para a realização da festa? Como o grupo do Terreiro Fé em Deus organiza as demandas inerentes as etapas de cada fase da festa? É possível dizer que a festa é a celebração de “heranças culturais” investidas do poder que a religião exerce na vida das pessoas que agem motivadas pela fé e preservam suas práticas culturais. Para tanto, os organizadores contam com o apoio das madrinhas, dos padrinhos que são filhos ou filhas de dançantes, sobrinhos ou sobrinhas de antigos amigos de Mãe Elzita que facilitam as condições necessárias para a cumprimento dessa “obrigação” do terreiro.

Trilhando os caminhos que foram vivenciados pelos organizadores da festa Mãe Dina, Mãe Roxa e Grupo dos Nove, foi possível entender como eles se inserem em redes e ocupam determinados espaços, elaboram estratégias para gerar condições econômicas e sociais para garantir e fortalecer o desempenho de todas as etapas da realização da festa. Nesse movimento, eles reinventam-se e reinterpretam as suas práticas e buscam explicações sobre o mundo ao seu redor. A partir de algumas falas de madrinhas, padrinhos e organizadores da festa, foi possível perceber apesar do adoecimento de mãe de santo Elzita é ela como sacerdotisa do tambor de Mina, em seu terreiro, quem aglutina as pessoas, as

coisas, os sentimentos e as ideias que surgem dessa junção e torna o repertório da festa em seu terreiro, compreensível. Isso acontece porque como mãe de santo, ela detém um conjunto de qualidades que faz dela uma verdadeira líder, há cinquenta e seis anos, dentro de seu terreiro e no bairro Sacavém. Essas qualidades também derivam de suas entidades espirituais e da própria necessidade de atender às demandas da religião.

A descrição e análise da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo em meandros simbólicos como uma “festa de correntes” de entidades espirituais, possibilitou-me a percepção de resquícios de mecanismos históricos-sociais de controle e intervenção em sua forma de existir e socializar suas práticas. Quando observei os convites elaborados e distribuídos aos convidados, para assistir a parte pública da festa, percebi que ainda há restrições e ausências em relação aos toques de Mina realizados dentro do ciclo festivo e que não são divulgados no cronograma de atividades do terreiro. O convite é para uma festa católica. Quando questionei Mãe Roxa sobre a forma como eles elaboram os convites da festa, sem anunciar os toques de tambor de Mina, ela respondeu-me que: “sempre foi assim”! Essa naturalização das ausências em relação às práticas sociais dos adeptos dos cultos afro brasileiros parece-me, caber questões mais complexas sobre esse assunto que tem as suas raízes, na história do preconceito e intolerância (SILVA, 1994).

A festa estabelece um cronograma de atividades que exige a divisão do grupo para o desempenho de tarefas e funções que envolvem a projeção do terreiro, para a sociedade mais ampla. Essa divisão do grupo faz-se necessária, justamente por questões econômicas, tendo em vista que, a distribuição de responsabilidades facilita a mobilização de recursos, pois cada grupo deseja cumprir com a sua tarefa e não “desapontar” a Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo. Além disso, fica estabelecido calendário com datas definidas e um roteiro com datas, horários e tarefas que envolvem a participação de todos ligados ao terreiro e também, de cada colaborador. Esses colaboradores, têm devoção ou promessa feita ao Divino Espírito Santo ou a Senhora Sant'Ana e por isso, assim que encerra um ciclo festivo, logo começam a organizar os preparativos para o festejo do próximo ano.

Uma das dificuldades que encontrei nesse trabalho, diz respeito às informações junto às caixeiras mais antigas, que não são abertas as conversas sobre a festa. Quando eu encontrava a caixeira-régia Luzia nas dependências do terreiro, ela estava sempre com um sorriso no rosto e era muito atenciosa para

conversas banais ou alguma situação relativa do momento, mas bastava eu investir em questões da festa que ela dizia que: “isso é mistério”. Do mesmo modo, a caixeira-mór Jaci não gostava muito de “fuxicar” comigo sobre as toadas de caixas da festa e dizia que: “eu precisava era aprender a tocar, daí eu ia saber melhor”. Eu gostaria de ter mais elementos da história da festa, sob o ponto de vista das caixeiros, mas não consegui muita coisa com as mais antigas, talvez por minha falta de habilidade ou incompetência. Perguntas feitas sobre como as caixeiros surgiram no comando da festa elas simplesmente não sabem responder, pois quase todas dizem que “herdaram a caixa da mãe, da avó e continuam com a missão”. A historiadora Marise Barbosa (2006, p. 60) chamou atenção para o que é ser caixeira do Divino, no Maranhão, pois elas são:

Uma irmandade de Caixeiros. Este é um grupo restrito, tem regras próprias, para reconhecimento, desafios, inclusão e rejeição de suas participantes. Nessa irmandade, informalmente construída, há um código de conduta e exigências do conhecimento que, para elas, é claro difundido e respeitado.

No entanto, entre os homens que atualmente, estão substituindo as caixeiros mais antigas, eu senti muito mais abertura para conversar e entender melhor a ritualística da festa e quem sabe, “aprender” alguma coisa, como dona Jaci sugeriu-me. Dos homens que no ano 2022, comandaram a festa, dois são caixeiros-régios e fazem suas festas do Divino. O Madson que esteve à frente do grupo de caixeiros (os) tem vocação para a função e faz isso, desde criança, quando segundo ele contou-me: “ia atrás das caixeiros e ficava espiando aquelas batidas nas caixas e depois, montei uma festa do Divino para mim, junto com os colegas e as minhas caixas eram de papelão”. (ENTREVISTA EM; 26/07/2022). Quanto ao José também ele diz que teve envolvimento com as caixeiros desde jovem e relatou que: “andei muito com dona Luzia e aprendi tudo com ela. Comigo coro de bode apanha, sabe”! (ENTREVISTA EM: 26/07/2022). Quando perguntei sobre o que pensam em relação ao aumento da presença de homens dentro das festas do Divino, ambos responderam que: “as novinhas não têm mais interesse nisso e as velhas estão morrendo”. Outra dificuldade nesse trabalho foi encontrar pessoas pertencentes ao Boi de Viana que conhecesse a estreita relação desse Boi, com as entidades espirituais cultuadas no terreiro. A atual presidente do Boi é jovem, pertence à religião evangélica e desconhece a origem das relações do Boi com as entidades espirituais Caboclo Velho e Surrupirinha. Salvo, a memória de Mãe Elzita, registrada

pelo pesquisador Cleides Amorim (1996), no terreiro, ninguém sabe falar sobre a trajetória dessa relação.

Do ponto de vista das crianças que ocupam a Corte, o cargo de rainha vem da progressão do anjo Fé, Esperança e Caridade e é antecedido pelo cargo de Dama, quando a menina “sobe” à tribuna feita no altar do terreiro. A rainha da festa, em 2022, a menina Y. contou-me que:

Eu me sinto com o desejo realizado, porque desde quando comecei eu sempre quis e pensava será que vai passar rápido? Como eu queria tá lá “encima” desde quando eu comecei pelo anjo branco, eu olhava as meninas “subindo”, a rainha e achava muito bonito e eu também tinha a maior vontade e falava, será que vai demorar? Será que quando eu “subir” vai demorar muito? Aí até que eu fui ser o anjo rosa! E quando eu fui ser Dama, passou dois anos de pandemia, aí eu fiquei com ansiedade, porque eu não sabia se ia voltar a ter a festa. Aí voltou em 2021, uma festa não como essa desse ano, mas uma festa um pouco pequena, eu era Dama e agora eu sou a rainha. Eu me sinto muito feliz como rainha! Isso é por causa de uma promessa do meu avô¹⁴⁹ que tem problema no joelho e fez uma promessa para Senhora Sant’Ana. (ENTREVISTA EM: 17/07/2022).

A Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo, em sua multiplicidade de símbolos, possui elementos particulares relacionados a história de vida de dona Denira que foi a fundadora do festejo em seu terreiro, reflete a coragem de Mãe Elzita que deu continuidade aos ensinamentos herdados de sua “mãe de terreiro” e de suas filhas de santo Mãe Dina e Mãe Roxa, bem como, o Grupo dos Nove. A festa é um fenômeno com a dinâmica de suas espontaneidades, conhecimentos, artes, músicas e artesanatos e relações de gênero. Assim, é o reflexo de seus organizadores, porque cada um ao seu modo expressa a fé e devoção nos diversos contextos do ciclo festivo. Seja no movimento do buscamento do mastro, onde o Grupo dos Nove promove a folia, dando expressão ao papel dos homens e à sua função de prover, nutrir, através do mastro repleto de frutas. Assim, como o mourão é de responsabilidade das mulheres que o enfeitam com papéis coloridos, pequenos objetos feitos à mão, produzidos um a um para adornar o lugar da morte do boi de encantado. É das mulheres a responsabilidade de oferecer um mourão que torne agradável o momento da morte do boi. Por outro lado, a tribuna feita no altar do barracão, representa todo o conhecimento de Mãe Dina e Mãe Roxa sobre o mundo das entidades espirituais. Além de ser um espaço de produção de arte religiosa, revela aspectos da cultura popular do Maranhão e de suas criadoras.

¹⁴⁹ William Fernandes é membro do Grupo dos Nove e filho de criação de Diquinha.

Nesta tese, compreendi que os símbolos são instrumentos que materializam os valores e operam as “verdades” da moral de um grupo social. Além disso, como bem afirma Victor Turner (2005) eles são essencialmente envolvidos no processo social, levando em consideração que são: objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual. Nesse sentido, destaco que a manipulação dos objetos rituais: o pombo branco, a imagem da santa, a coroa, a bandeira de Sant’Ana evidenciam o poder da corte nos mais variados contextos em que a festa é realizada. Os organizadores da festa são meros coadjuvantes no reino de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo dentro do Terreiro Fé em Deus!

Com a confusão das ideias aqui contidas e que impedem finalizar a proposta dessa pesquisa, considero que a festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo é a celebração da cultura e religião popular, é a vivência da história do tambor de Mina mais autêntico do Maranhão que faz dessa festa, uma multiplicidade de significados. Desse modo, no dizer de Clifford Geertz (1997, p.107) entender “como pensam os nativos” é como: “compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada - ou como sugeri acima interpretar um poema do que conseguir uma comunhão de espíritos”.

Finalizo esse trabalho, com sensação de ter entendido a “piada” que me contaram ao longo dos anos de convivência com Mãe Elzita e consciente das limitações e erros cometidos no decorrer dessa jornada. De fato, como aponta Pierre Bourdieu (2003, p.18) sobre a pesquisa: “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”. Assim, abro a janela para outros olhares sobre esse fenômeno da religião e da cultura popular no Maranhão e parafraseando Geertz, nos defeitos desse trabalho estão cá, estão as minhas “minhas virtudes”.

REFERÊNCIAS

AIRES, Maria do Socorro, R, S. *Festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus: as relações do pesquisador no campo*. 2011. 101 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, 2014.

AIRES, Maria do Socorro, R, S. *Terreiro Fé em Deus: um estudo de rituais não africanos no tambor de Mina*. 90 fls. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, 2008.

AMORIM, Cleides. *Surrupirinha dos Espinhos: A Representação Social de Uma Entidade Cabocla no Tambor de Mina*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, 1996.

ARON, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, Marise. *Um as mulheres que dão no coro*; (Cláudia Marinho, ilustrações). São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006.

BASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. (II – A origem das belas-artes e a Sociologia pp.39-45).

BEAUD, S. e WEBER, F. *Guia para pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOAS, Frans. *Antropologia Cultural*. Organização e tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOAS, Frans. *A Formação da Antropologia Americana*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Introdução a uma sociologia reflexiva*. Cap.II. In: O Poder Simbólico. Tradução Fernando Tomaz 6ª (português de Portugal) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (1. Gênese social da palavra e da ideia de cultura, pp. 17-31).

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Conhecimento, cultura e "cultura"*. In: *Cultura com aspas*. São Paulo; Cosac Naify, 2009, pp.277 – 377.

DANTAS, Beatriz, G. *Vovó Nagô e Papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DE SOUZA AIRES, Maria do Socorro Rodrigues. A festa do Espírito Santo: rituais e movimentos além-mar de Portugal. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 15, n. 30, p. 113–118, 12 Set 2018 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/9685>. Acesso em: 26 nov. 2024.

DESCOLA, Philippe. “*As duas naturezas de Lévi-Strauss*”. In *Revista de Sociologia e Antropologia*, Vol. 01 – 02: 35-15, 2011, pp. – 51.

DUARTE, Jr, João Francisco. *O QUE É BELEZA: Experiência Estética*. 3ª edição. Editora Brasiliense, 1991.

DURKHEIM, Émile. MAUSS, Marcel. *Algumas Formas Primitivas de Classificação: Contribuições para Estudo das Representações Coletivas* (1903). Cap.10. In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo. Editora Perspectiva S. A. 2001.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Tradução. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EGLATON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuers*. A descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilótico. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Oráculos, Bruxaria e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zhar, 1978.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebentã de Zômadonu: Etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. 2ª ed. rev. atual, - São Luís, EDUFMA, 1996.

_____. *Repensando o Sincretismo*. Estudo sobre à Casa das Minas, São Paulo, EDUSP FAPEMA, 1995.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Desceu na Guma: o caboclo no tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*. 2ª ed. e atual. – São Luís, EDUFMA, 2000.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2003. (Cap.5. A arte como sistema cultural, pp.142-181).

GEERTZ, Clifford *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989. (4. A Religião como sistema cultural, pp. 65-91).

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÉ, A. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da FGV, 1999. (5. A dádiva e a mercadoria – O mercado da arte: - uma estranha mercadoria, O artista e o sistema de produção, pp. 100 – 106).

GOUVEIA, Cláudia R. Martins. *‘O Reinado de Vó Missã’*. Estudo da Festa do Divino em um Terreiro de Mina, São Luís, UFMA (monografia de licenciatura), 1997.

GOUVEIA, Cláudia R. Martins. *AS ESPOSAS DO DIVINO: Poder e prestígio feminino na Festa do Divino Espírito Santo realizada em terreiro de tambor de Mina de São Luís – Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Centro de Ciências Humanas. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

GOUVEIA, Cláudia R. Martins. *Personalidades de um rito festivo: as caixeiras do Divino Espírito Santo*. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo (Org.). *Olhar, memória e reflexão sobre a gente do Maranhão*. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve?* Tradução Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

JOAQUIM, Maria Salete. *O Papel da Liderança Feminina na Construção da Identidade Negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia Social*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1994.

_____. *O CULTO DO DIVINO: Migrações e Transformações*. Portugal. Edições 70, 20117.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

LINDOSO, Gerson. Pluralismos e Diversidade Afro-Religiosa em Terreiros de Mina no Maranhão: *Um Estudo Etnográfico do Modelo Ritual do Ilê Ashé Ogum Sogbô*, São Luís, UFMA (dissertação de mestrado), 2007.

LINDOSO, Gerson. "NOVOS PERSONAGENS, OUTROS SIGNIFICADOS: o Bumba-meu Boi de Encantados em Terreiros de Mina de São Luís. Comissão Maranhense de Folclore. Boletim 35/agosto de 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo. Abril, 1976.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 536p.

MELUCCI, Alberto. *A INVENÇÃO DO PRESENTE: movimentos sociais nas sociedades complexas* / Alberto Melucci; tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, Editores, 1975.

_____. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios; seleção e introdução Celso Castro; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. *Orixás e Voduns nos Terreiros de Mina*, São Luís, Secretaria Estadual da Cultura, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2006.

OLSON, Mancur. *A Lógica da Ação Coletiva: Os Benefícios Públicos e uma Teoria dos Grupos Sociais* / Mancur Olson; tradução Fábio Fernandez. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

PAVÃO, da Silva, Jacira. *Tambor de Borá. A Representação do Índio na Mina Maranhense*, São Luís, UFMA (monografia de licenciatura), 1999.

PAVÃO, da Silva, Jacira "Festa do Divino no Terreiro das Portas Verdes", Nunes, Izaurina (ed.), *Olhar, Memória e Reflexões sobre a Gente do Maranhão*, São Luís, Comissão Maranhense de Folclore, (171-174), 2003.

SANTOS, Maria do Rosário; SANTOS NETO, Manoel dos. *Boboromina, terreiros de São Luís: uma interpretação sócio-cultural*. São Luís: SECMA/SIOGE, 1989.

SANSTROM, Kent L. MARTIN, Daniel D. FINE, Gary Alan. *Símbolos, Selvas e realidade social: uma abordagem interacionista simbólica à psicologia social e à*

sociologia; tradução de Denise Jardim Duarte. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (Coleção Sociologia).

SHALLINS, Marshall. *Como pensam os nativos*. São Paulo: EDUSP, 2001.

SILVA, Gonçalves, Vagner. *ARTE RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA: AS MÚLTIPLAS ESTÁTICAS DA DEVOÇÃO BRASILEIRA*. DEBATE DO NER, Porto Alegre, Ano 9, N.13, P.97-113, Jan/Jun. 2008.

SILVA, Gonçalves, Vagner *Candomblé e Umbanda*. São Paulo: Ática, 1994. (Caminhos da devoção brasileira).

SILVA, Gonçalves, Vagner *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo: Edusp, 2000.

STRATHERN, Ann, Marilyn. *O efeito entnográfico e outros ensaios*. Tradução: Iracema Dulley, Jamile Pinheiro e Luísa Valentine. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 544 pp., ils.

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON. Edward, P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular Tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TURNER, Victor. *FLORESTA DE SÍMBOLOS: Aspectos do Ritual Ndembu*. Tradução Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói: RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. *O Processo Ritual*. Estrutura e Antiestrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. parte I; tradução de Augustin Werner, introdução a edição brasileira de Maurício Tagrenberg. - 2. ed. - São Paulo: Cortez; Campinas, SP; Editora da Universidade Estadual Campinas, 1993.

ZALUAR, Alba. *Teoria e Prática do trabalho de campo: alguns problemas*. In: CARDOSO, Ruth. (Org.). *A aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZOLBERG, Vera L. *Para uma Sociologia das Artes*. São Paulo: SENAC, 2006. (Cap. 1. O que é arte? O que é sociologia da arte? pp. 27-62).

ENTREVISTAS

- ANTÔNIA DOS SANTOS (Guarda roubo por devoção Em: 27/07/2022).
- ASSUNÇÃO (Em: 22/05/2022).
- CONCEIÇÃO MARIA DOS REIS (Em: 31/07/2022).
- DEUSALINA ANDRADE CHAGAS (EM: 08/12/2021).
- DINALVA COELHO (EM: 08/05/2021; 08/07/2022; 24/06/2022).
- DIQUINHA (EM: 27/10/2015).
- ELZITA/SURRUPIRINHA (EM: 11/02/2022).
- EUZENIRA (Mãe da Rainha de Promessa no ano de 2021. EM: 24/07/2021).
- FRANCISCA DAS CHAGAS MARQUES LIMA (EM: 08/12/2021).
- GECEANDERSON AMORIM (Em: 02/08/2022; 03/08/2022).
- IULA PIRES RODRIGUES (Promessa do mastro. EM: 10/07/2021).
- JORNANDES PAIXÃO VIANA (Pai da rainha da festa no ano de 2021. EM: 27/07/2021).
- JOSÉ PINTO (Caixeiro-régio que acompanha a festa. EM: 17/07/2022).
- Y. (Rainha da festa em 2022). Em: 17/07/2022).
- LÉLIA MARIA DOS SANTOS (Filha de santo de mãe Elzita. EM: 15/02/2022).
- LÚCIA (Guarda o roubo por promessa. EM: 27/07/2022).
- MADSON (26/07/2022).
- MEMÓRIAS DE DIQUINHA (EM: 27/10/2015).
- MARIA AUXILIADORA AMARAL PINTO (MÃE RÔXA EM: 28/04/2021; 08/06/2022; 29/06/2022; 17/07/2022; 22/07/2022).
- MARIA ROSA (Miúda EM: 13/01/2022).
- MARIA ROSA/ITAITÉ (17/07/2022).
- RICARDO WILLIAM COSTA PEREIRA (Em: 05/07/2022).
- TEREZINHA COSTA PEREIRA (GRUPO DOS NOVE EM: 08/12/2021).
- TELMA MARIA FROES (EM: 24/06/2022).
- WILLIAM FERNADES DO NASCIMENTO (EM: 27/07/2022)

ANEXOS



Toalhas das entidades espirituais.



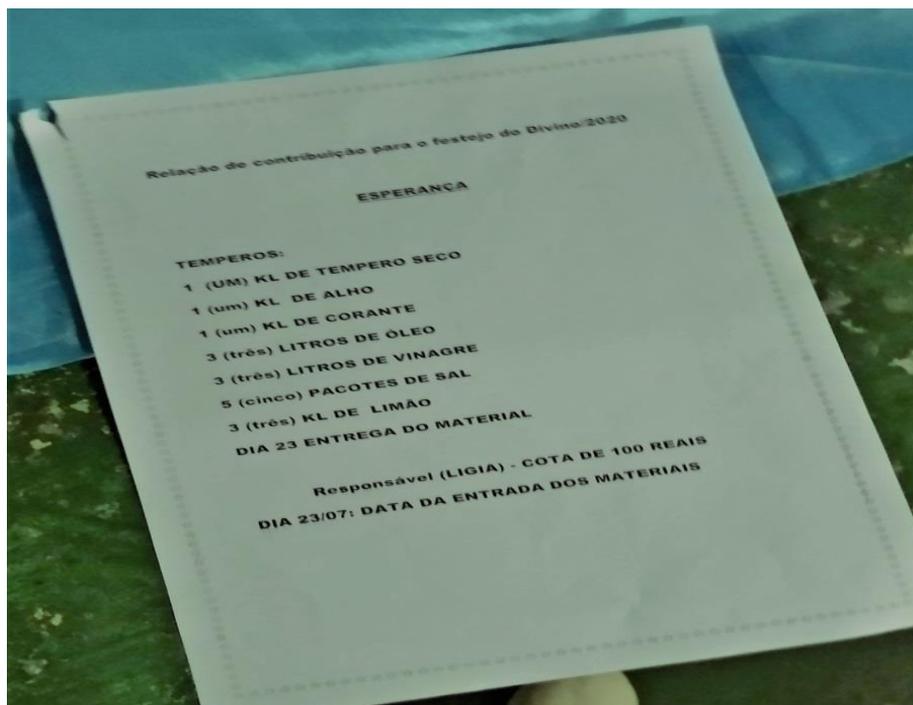
Abertura dos toques de Mina.



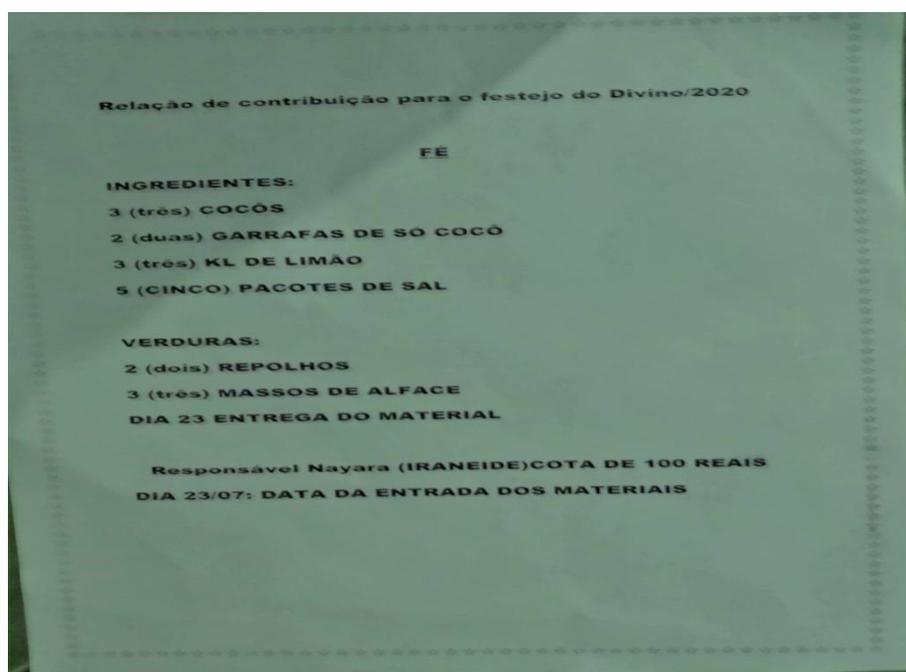
Assento das Princesas



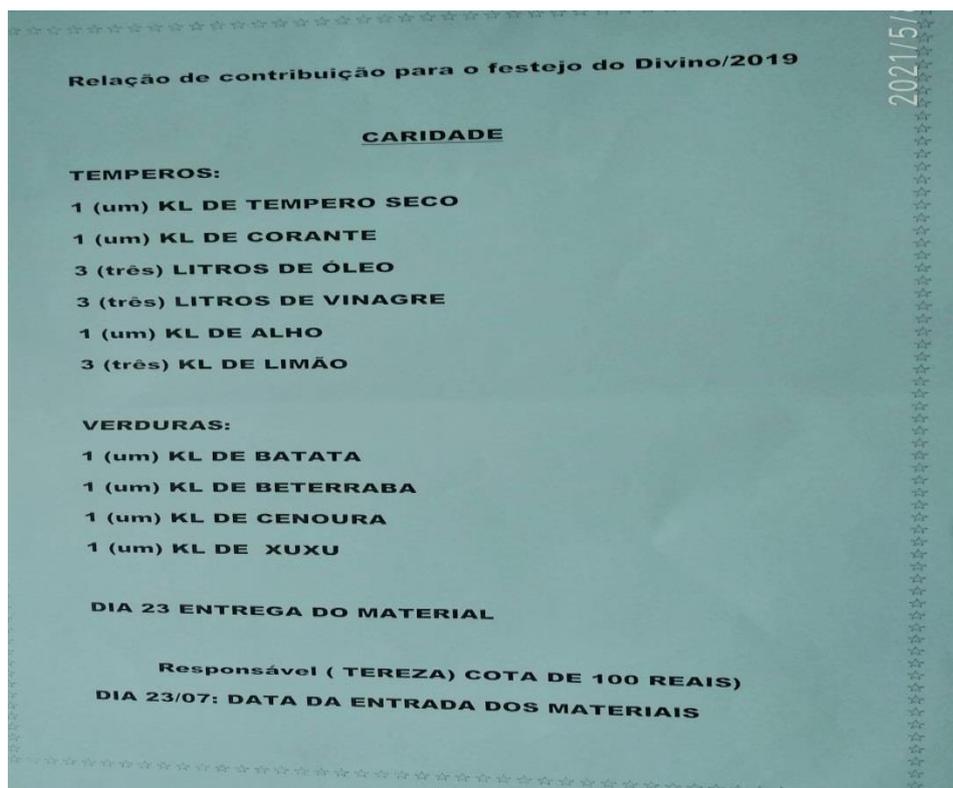
Assento das Princesas



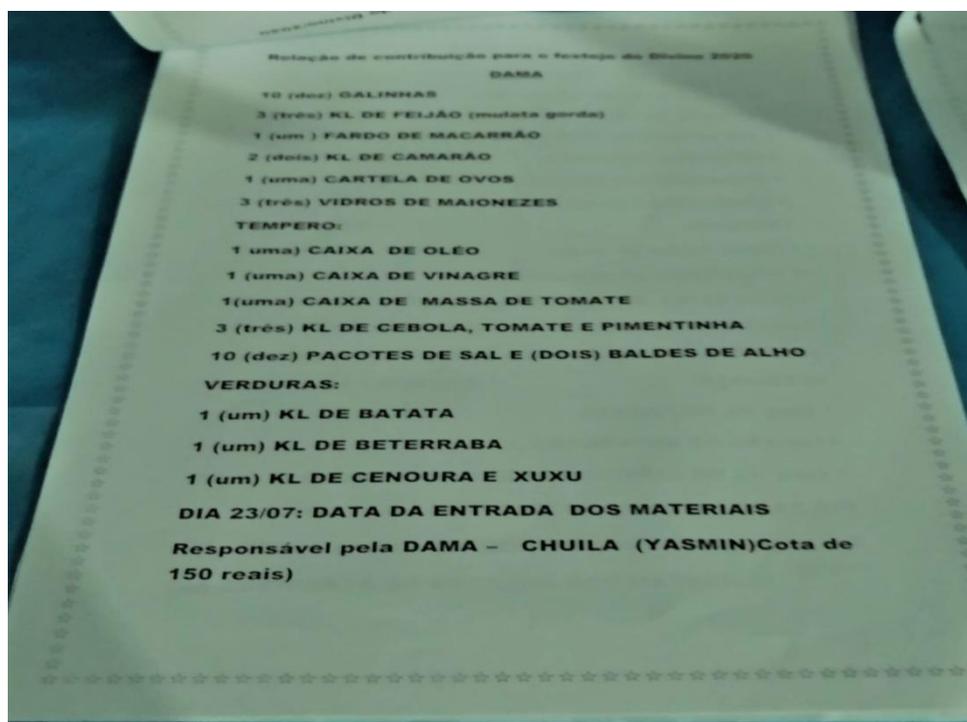
Lista de produtos para os membros da Corte.



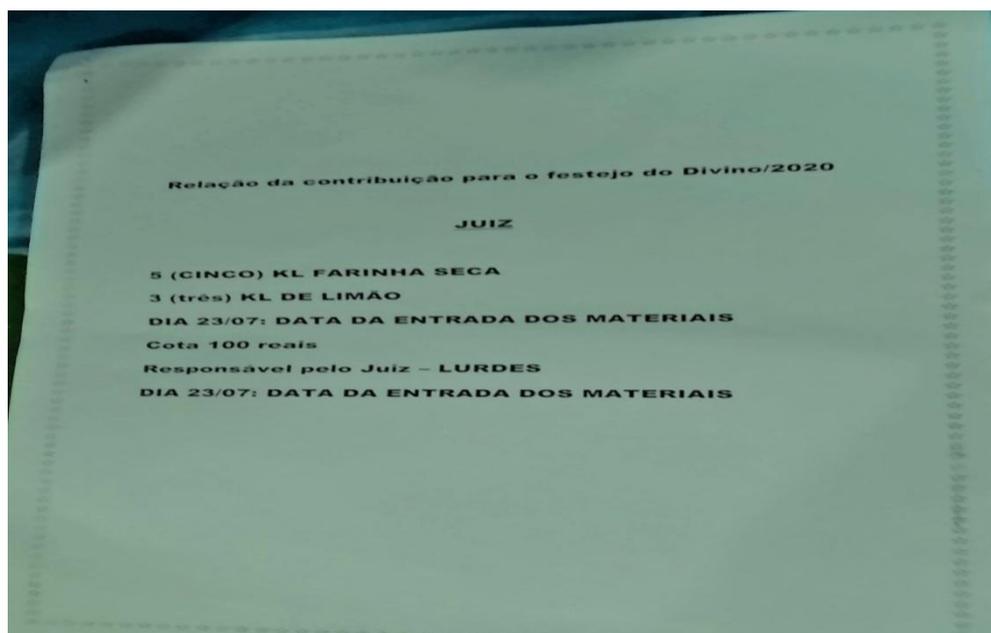
Lista de produtos para os membros da Corte.



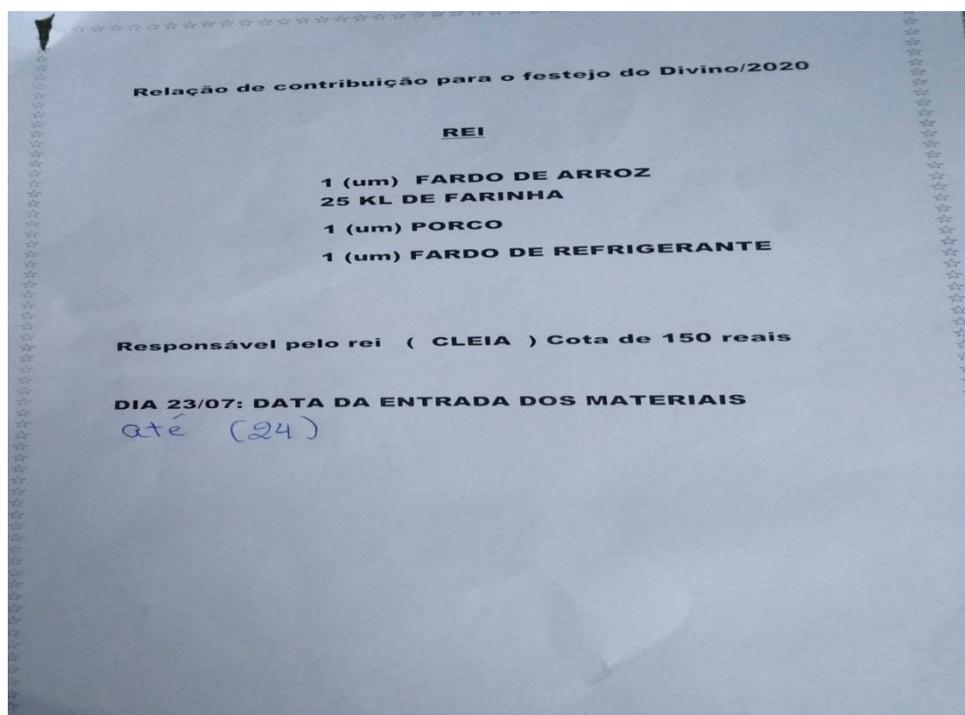
Lista de produtos para os membros da Corte Imperial



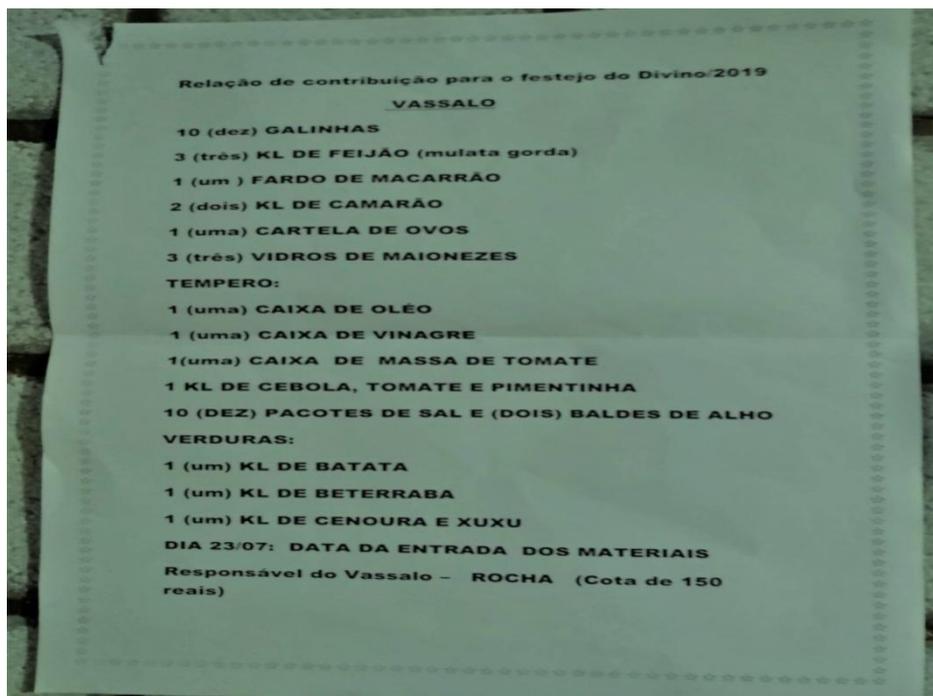
Lista de produtos para os membros da Corte.



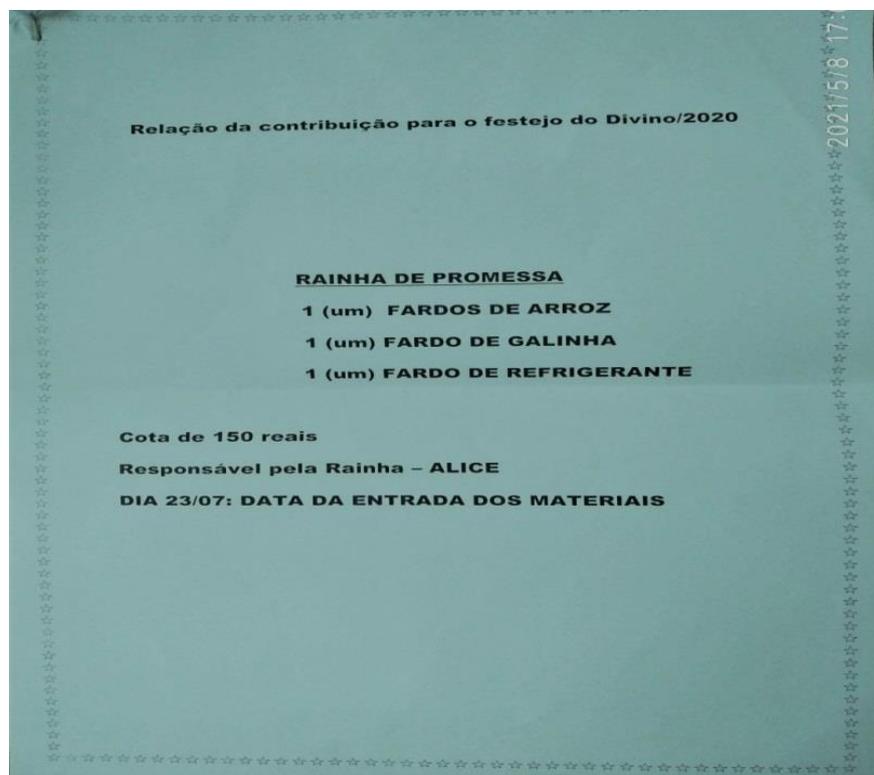
Lista de produtos para os membros da Corte.



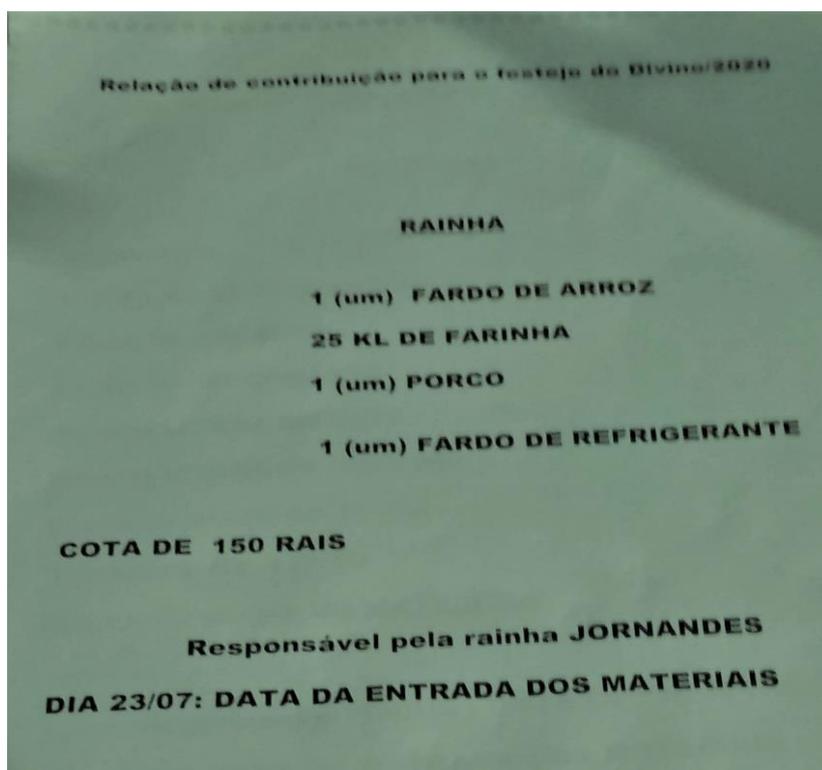
Lista de produtos para os membros da Corte.



Lista de produtos para os membros da Corte.



Lista de produtos para os membros da Corte.



Lista de produtos para os membros da Corte.



Anjos: Fé, Caridade e Esperança.



Desenhos feitos por Dila (2021).



Desenhos feitos por Dila (2021).



Altar com imagens de santos. Fonte: arquivo pessoal da autora.
Fonte: (Socorro, 2019).



Comida de obrigação para o tambor de Surrupiras ou tambor de Aleluia.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2018).



Batizado do mastro.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro, 2018).



Dama e Rainha do Império (2019).
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).



Rei e Vassalo do Império.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2019).



Sant'Ana de dona Denira na casa de Ana Maria.
Fonte: arquivo pessoal da autora (Socorro Aires, 2021).



Mãe Elzita e Professor Carlos Benedito em homenagem no Palácio dos Leões (2021).



Festa de aniversário de 87 anos de Mãe Elzita em 2021, com Diquinha ao seu lado.

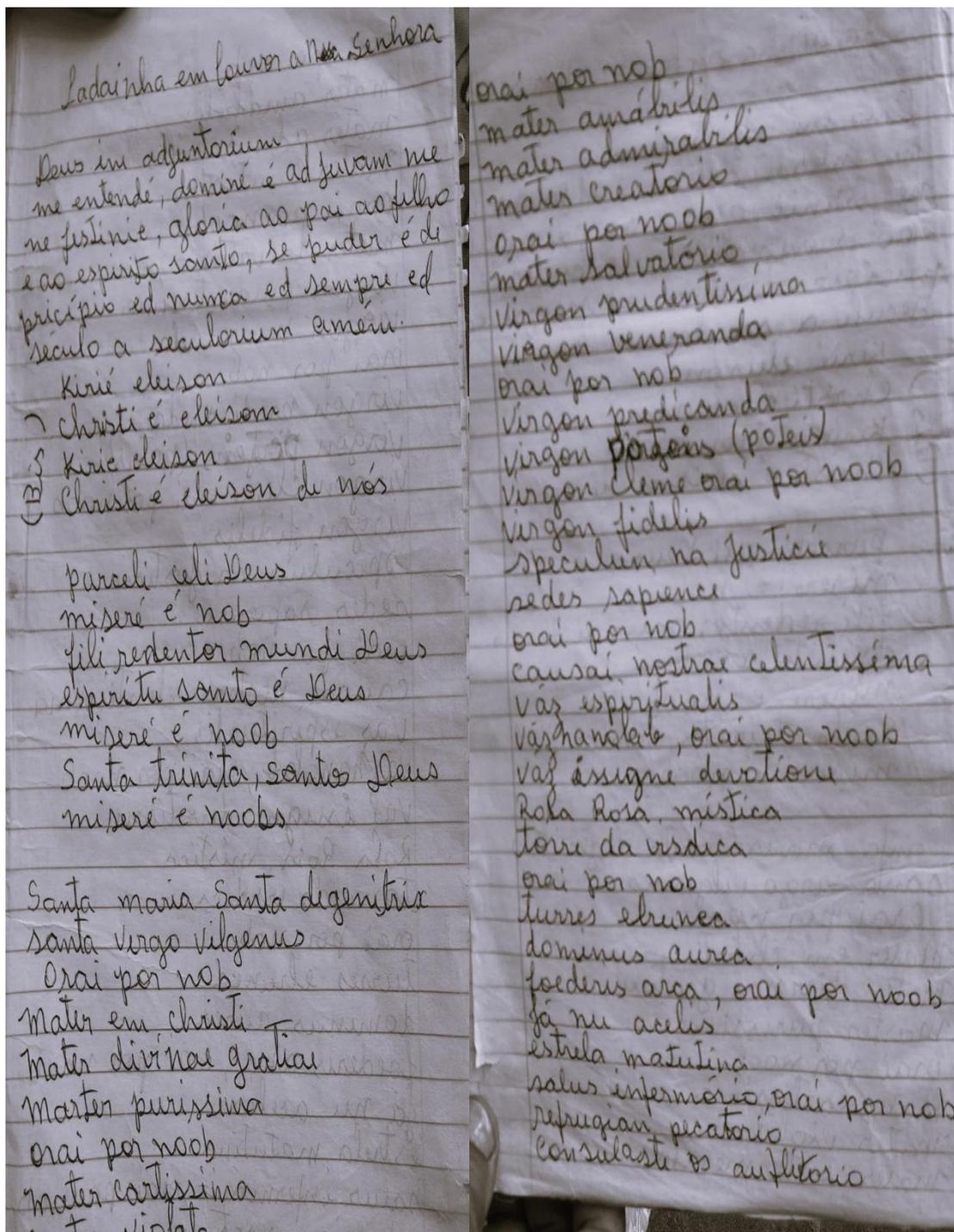


Imagem retirada do caderno de dona Roxa com a ladainha, segundo ela aprendeu.
Fonte: (Socorro Aires, 2022).

auxilian cristianis
 orai per noob
 Regina angelora
 Regina patriarcharum
 Regina prophetarum
 orai per nob
 Regina apostolorum
 Regina martirum
 Regina confessorum
 orai per noob
 Regina virginum
 Regina sanctorum
 Regina sinelab
 orai per nob
 sinelab me confessorum
 sacratissimu rosario
 Regina pace, orai per noob

 Agnus Deus qui tollis
 peccata aux mundi
 parce do mi domine
 parce do me do me ne ei

 Agnus Deus qui tollis
 peccata aux mundi
 exaudix nos domine
 exaudix nos do mi ne e e i

 Agnus Deus qui tollis
 peccata aux mundi
 misere re noob

Parte final da ladainha.
 Fonte: (Socorro Aires, 2022).

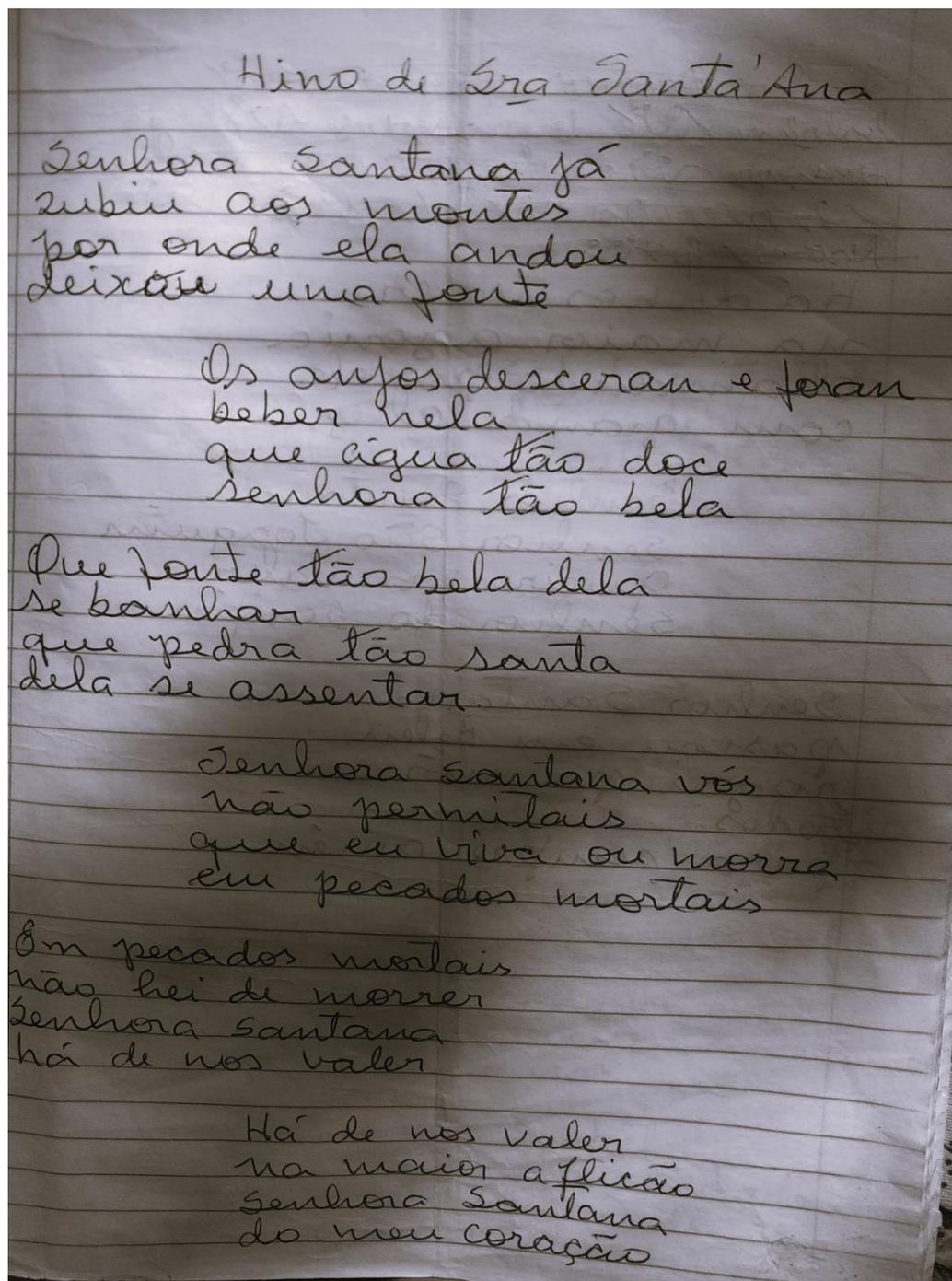


Imagem retirada do caderno de dona Roxa com hino de Senhora Sant'Ana.
 Fonte: (Socorro Aires, 2022).



Altar para São João e São Pedro feito na varanda do barracão.



Boi de Surrupirinha escondido na casa de dona Conceição.



Boi de Viana dançando ao redor do Mourão antes de sair para fazer o resgate dos bois “fujões”.



Figura do Boi de Viana dançando dentro do barracão do terreiro.

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL FOLCLORICA DE AMPARO SOCIO ASSISTENCIAL CASA FE
EM DEUS
CNPJ: 14.708.239/0001-25
Rua Nossa Senhora da Conceição n° 180 – Coheb Sacavém
FESTEJO DO DIVINO ESPIRITO SANTO E SENHORA SANTANA 2022**

Ofício 07/2022

Ilmo. Sr. Major Frazão – Comandante do 40 Bpm

Solicitamos a colaboração da Brilhosa Polícia Militar do Maranhão, em especial o batalhão comandado por V.S^a, para garantir a segurança do tradicional Festejo do Divino Espírito Santo e Senhora Santana promovido por nossa casa religiosa, disponibilizando a permanência de uma viatura nos principais dias do festejo onde acontece apresentações culturais 17, 26, 27 e 31 de julho. Trata-se de um evento anual que reúne centenas de pessoas em local aberto, necessitando da garantia da ordem. Desde já agradecemos a sua colaboração.

Programação:

17/07 – Missa Campal e Abertura da Tribuna 09:00 hrs

17/07 – Levantamento do Mastro 17:00 hrs

23/07 – Visita dos impérios 12:00 hrs

26/07 – Missa campal e cerimoniais (grande dia do Festejo) 09:00 hrs

27/07 – Procissão, Derrubamento do Mastro e Fechamento da Tribuna 17:00 hrs

31/07 – Cortejo e Ritual da Matança do Boi de encantado 17:00 hrs

Local: Rua Nossa Senhora da Conceição n° 180 – Coheb Sacavém

Responsável: Elzita Vieira Martins Coelho

Tel: 98567-7909 (SD Amorim)

São Luís, 27 de junho de 2022.

SD PM 870/16 Amorim

Id. 794714.

Figura do Ofício que a casa solicita segurança ao Batalhão de Polícia Militar.
Fonte: Geceanderson (2022).